



**“BEM-HUMORADO  
E PERSPICAZ.”**

**MTV.COM**

**LEILA  
SALES**

**A PLAYLIST  
DA MINHA  
VIDA**

**COBOLIVROS**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# A playlist da minha vida

Leila Sales

Tradução  
Amanda Orlando

**GOBOLIVROS**

Copyright © 2013 Leila Sales  
Copyright da tradução © 2014 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a Foundry Literary+Media, Nova York (EUA).

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

**Título original:** *This song will save your life*

Editor responsável **Camila Saraiva**  
Editor assistente **Lucas de Sena Lima**  
Edição de arte **Adriana Bertolla Silveira**  
Edição digital **Erick Santos Cardoso**  
Diagramação **Diego de Souza Lima**  
Tradução **Amanda Orlando**  
Preparação **Silvia Massimini Felix**  
Revisão **Erika Nakahata e Andressa Bezerra Corrêa**  
Projeto gráfico do miolo **Marcelo Martinez / Laboratório Secreto**  
Capa **Adriana Bertolla Silveira**  
Foto do fone da capa **Lateci / iStock / Thinkstock**

**Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S155e

Sales, Leila

A playlist da minha vida / Leila Sales; tradução Amanda Orlando. – [1a ed.] – São Paulo: Globo, 2014.

il.

Tradução de: *This song will save your life*

ISBN 978-85-250-5801-0

1. Ficção americana. I. Orlando, Amanda. II. Título.

14-11020 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1a edição, 2014

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 — 05346-902 — São Paulo — Brasil  
[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

# Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[Notas](#)

*Para Katherine Deutch Tatlock: amiga de todas as horas, artista  
brilhante e a melhor madrinha do mundo*

*We go down to the indie disco every Thursday night.  
Dance to our favorite indie hits until the morning light.*  
"At the indie disco", The Divine Comedy

By now you should've somehow  
realized what you're not to do.

"Wonderwall", Oasis

1

Você acha que é fácil mudar seu jeito de ser.

Você acha que é fácil, mas não é.

O que você acha que é preciso fazer para se reinventar como uma pessoa totalmente nova, uma pessoa coerente, que pertence a algum lugar? Você mudaria as suas roupas, o seu cabelo, o seu rosto? Vá em frente, então. Faça isso. Fure as orelhas, corte o cabelo, compre uma bolsa nova. Mesmo assim eles verão quem você é. Eles verão *você*, a menina que continua assustada, que continua se fingindo de esperta, que está sempre um passo atrás, que continua sendo — sempre — a errada. Mude o que quiser, mas isso você não pode mudar.

Eu sei disso porque tentei.

Não nasci para ser popular. As coisas não tinham como acontecer de outro jeito. Se eu soubesse o momento exato em que tudo começou a dar errado, poderia voltar no tempo, olhar para mim mesma e dizer: "Escuta só, Elise de dez anos, dá pra tirar esse suéter vermelho enorme com pompons de lã pendurados? Sei que é o seu preferido porque parece ser muito especial, só que não é. Não queira ser especial".

É isso o que eu diria para o meu eu mais jovem se pudesse apontar o momento em que me perdi. Só que esse momento nunca aconteceu. Sempre fui perdida.

Eu tinha os mesmos colegas desde a pré-escola. E eles já sabiam o que eu era muito antes que eu mesma me desse conta. No *quarto ano*, eu já não era nada popular. Como é possível alguém já ser esquisita no quarto ano? Naquela época, tudo não se resumia a usar pulseirinhas da amizade, sonhar acordada com cavalos e fingir que solucionávamos mistérios?

Mas, de alguma forma, mesmo no quarto ano, eles sabiam. Uma garota nova se mudou do Michigan para a nossa cidade naquele ano. Nós duas costumávamos nos sentar no pátio durante o recreio, enquanto as outras meninas brincavam de pega-pega, e conversávamos sobre o *coven* de bruxas que eu queria formar. Eu tinha acabado de ler um livro sobre bruxaria e o meu pai me deu alguns incensos que eu achava que poderíamos usar. E então, certo dia, no parquinho, Lizzie Reardon chegou para a minha nova amiga e disse, com a maior naturalidade:

— Não passe tanto tempo com a Elise. Você pode acabar ficando parecida com ela.

E eu estava bem ali do lado delas. Aquilo não era nenhum segredo. Eu era um peso na vida das pessoas.

Isso aconteceu no *quarto ano*.

Mudamos de escola no sexto ano. A escola nova tinha o dobro do tamanho do colégio antigo. Depois, fomos para uma escola de ensino médio que era o dobro do nosso colégio de ensino fundamental ii. Mas de alguma forma todos os novos alunos imediatamente percebiam como eu era estranha. Era uma coisa óbvia.

Quando eu era criança, a minha mãe costumava me levar para brincar com outras meninas: Kelly, Raquel, Bernadette. Então, no quinto ano, Kelly se mudou para Delaware, Raquel convidou todas as garotas, exceto eu, para a festa de aniversário dela num ringue de patinação e Bernadette me mandou um bilhete para me informar de que ela só brincava comigo porque os pais a obrigavam.

Eu também costumava brincar com os garotos da vizinhança quando era pequena. Construíamos castelos no verão e fazíamos bonecos de neve no inverno. Mas, quando estávamos no ensino fundamental ii, todos começaram a pensar em *namorar*, o que

significava que nenhum menino queria ser flagrado brincando na neve comigo, ainda mais se a pessoa em questão pensasse que ele poderia estar *a fim* de mim. Porque, obviamente, estar a fim da Elise Dembowski era a coisa mais estúpida que um garoto de onze anos poderia fazer.

Assim, no final do sétimo ano, eu estava sozinha. Tudo bem, ainda tinha o pessoal com quem eu nadava durante os verões que passávamos na casa da minha mãe, à beira do lago. E também os filhos dos “amigos” dos meus pais que às vezes iam lá em casa para jantares em família, embora nenhum deles fosse exatamente da minha idade. Mesmo assim, eu não tinha ninguém que fosse *meu* de verdade.

No último verão, depois do final do primeiro ano do ensino médio, decidi que as coisas não podiam continuar daquele jeito. Eu simplesmente não suportaria. Não que eu quisesse ser Lizzie Reardon, a capitã do time de futebol; ou Emily Wallace, que fazia alguns trabalhos como modelo adolescente; ou Brooke Feldstein, que poderia ficar com qualquer garoto da escola (e era exatamente isso o que ela fazia). Eu não precisava ser a garota mais interessante do mundo, nem a mais bonita ou querida. Apenas não queria mais ser quem eu era.

Você acha que é fácil mudar. Que é como num filme, aquela sequência com música pop ao fundo em que a menina horrenda se transforma de patinho feio com óculos fundo de garrafa num cisne líder de torcida. Você acha que é fácil, mas aquela foi uma missão que tomou todo o verão. Eu assistia à tv como se estivesse fazendo o dever de casa, anotando quem eram aqueles personagens e desenhando esquemas a respeito dos programas de que cada um deles viera. Toda semana eu lia revistas femininas e de fofocas, testando os meus conhecimentos enquanto estava na fila do caixa na farmácia. “Quem é aquela mulher na capa da *Marie Claire*? De que *reality show* ela participou?” Todos os dias eu abria mão de horas de sol para ficar curvada sobre um computador, lendo blogs de moda, de celebridades e de perfumes. Você sabia que existem sites sobre perfumes? Qual é o sentido disso?

A única coisa que não consegui fazer foi ouvir música pop. Tentei durante quase uma hora e por fim desisti. Aquilo era *ruim*. E nem era o tipo de ruim-interessante, como os filmes a que eu assistia sozinha, anotando quais falas de uma comédia romântica faziam com que a plateia risse. Música pop não era ruim-interessante, era ruim-*ruim*. Vocalistas que abusavam do Auto-Tune e que, na verdade, nem sabiam cantar; orquestrações tão simplistas que chegavam a ser uma ofensa; melodias irritantes. Como assim, eles achavam que eu era idiota?

Eu teria dado praticamente qualquer coisa para mudar, mas não ia engolir aquilo. Eu odiava aquele som mais do que eu odiava ser eu mesma todos os dias. Assim, me dei por satisfeita ao ler sobre os artistas pop na internet e fiz uns cartões que me ajudaram a memorizar quem era quem até que eu me sentisse pronta para conversar sobre eles. E não ouvi mais nenhuma música sequer.

Passei todo o verão nisso. Dez semanas, sem parar, exceto pelo tempo que eu estava comprando discos, o final de semana em que tentei consertar o computador do meu pai e a semana que fui obrigada a passar na casa do lago, onde não há televisão nem internet. Tudo bem, rolaram algumas interrupções, mas, mesmo assim, acredite em mim quando digo que passei o resto do tempo do verão dando o maior duro para me tornar descolada.

Pensando bem, aquele deveria ter sido um sinal de alerta. Dar duro no que quer que seja, por definição, não é nada descolado.

Na semana que antecedeu o início das aulas, saí para comprar algumas coisas. E não fui simplesmente às compras, fui ao shopping. Eu estava pronta. Sabia o que deveria vestir — já tinha lido tantas *Seventeens* àquela altura que podia dizer de cor as cinco melhores marcas de rímel sem parar para pensar.

Eu sabia exatamente o que fazer, mas não consegui cumprir a missão. Eu não ia gastar cento e cinquenta dólares num jeans. Nem dar trezentos numa bolsa. Qual é, Kate Spade, você não vai tirar uma com a minha cara. É só uma *bolsa*. O Greenpeace me manda bolsas pelo correio o tempo todo — e *de graça*. Bem, está certo que elas são enviadas em troca de uma doação de vinte e cinco dólares, mas, fala sério, esse dinheiro vai para salvar as baleias, não para

pagar por *ecobags* cujo preço de custo não deve ser mais que um ou dois dólares.

Os meus pais me deram algum dinheiro para comprar roupas para o início das aulas. Eu também tinha as minhas economias, mas me senti culpada por gastar tudo em roupas que eu nem mesmo *queria*. Quer dizer, eu ainda tinha vontade de parecer uma pessoa descolada, só que não estava nem um pouco a fim de ir à falência durante o processo.

A situação deve ser bem diferente para as meninas que sempre foram populares. Provavelmente, quando elas vão às compras, precisam apenas de um tênis novo ou um cintinho. Mas eu estava me reinventando do zero.

Conferi cada uma das peças no meu armário. Quais delas eu poderia levar comigo na minha nova vida? Os conjuntos de moletom estavam fora de cogitação. Aquele jeans, quem sabe? Embora as bainhas estivessem fora de moda. O suéter, talvez, se eu trocasse o decote.

Eu achava que não havia nada de errado com as minhas roupas. Eu até mesmo gostava delas. Tinham uma história para contar. O sári indiano que transformei num vestido de verão. A camiseta dos Ramones que comprei num brechó na rua Thayer, tão detonada que só podia ser uma autêntica relíquia dos anos 1970. As botas brancas com estampa de unicórnios porque, apesar de eu já ter quinze anos, ainda achava que, se os unicórnios existissem, eles seriam os animais mais legais do mundo.

Mas é esse o problema comigo. Exatamente esse. Eu não apenas tinha aquelas roupas, como *gostava* delas. Depois de dez semanas aprendendo o que as pessoas de verdade faziam, eu ainda gostava das minhas roupas totalmente inadequadas.

Assim, joguei todas as minhas roupas totalmente inadequadas em sacos de lixo, que fechei com o nó mais apertado que consegui dar, como se as botas de unicórnio pudessem tentar arquitetar uma fuga. Escondi os sacos no sótão da casa da minha mãe. Depois, fui até uma loja de departamentos em busca de todas as peças modernas que eu conseguisse encontrar. Mesmo em uma loja dessas, o preço total acabou sendo maior que tudo que eu já tinha

gastado em qualquer uma das minhas visitas a brechós. Senti até enjojo quando olhei a nota.

Mas a felicidade por acaso tem preço? Sério, se esse é o preço de estar feliz por ser você mesma, então não vale a pena?

No primeiro dia do segundo ano, uma quinta-feira, pulei da cama às seis da manhã. Era hora de parecer uma pessoa descolada. Essa coisa de já acordar com uma aparência fabulosa não existe. Pelo menos, não para mim.

Por isso, acordei, tomei um banho e hidratei o cabelo. Raspei as pernas, algo que eu não sabia que deveria fazer até o dia da fatídica festa na piscina no final do oitavo ano, com toda a galera da minha turma. Vesti a minha produção de primeiro dia de aula, que eu já tinha provado um zilhão de vezes: mocassins, jeans justo, uma camiseta sem qualquer inscrição ou estampa e uma bandana. As bandanas voltaram à moda, sabe? Li numa revista.

— Vou pra escola — disse para o meu pai.

Ele piscou para mim, levantando os olhos do jornal.

— Sem tomar café?

— Não quero café.

O meu estômago revirava. Café da manhã era a última coisa que eu queria.

Os olhos do meu pai percorreram a mesa coberta por uma pilha gigante de pães, geleia, bananas, leite, uma jarra de suco de laranja e caixas de cereais que ele havia obviamente posto para mim.

— Você vai querer o café da manhã do macaco?

— Pai, dá um tempo.

Eu nunca passava por isso na casa da minha mãe.

Ele pegou uma banana.

— O que os macacos falam?

Quando eu era criança, era louca por bananas. Ainda gosto, mas quando eu estava no ensino fundamental, praticamente *sobrevivia* à base de bananas. E o meu pai achava hilário me fazer suplicar por elas. Em troca da fruta, eu tinha que coçar as axilas, pular e dizer “Ooh, ooh, ahh, ahh”. Sabe como é. Como um macaco. Na época,

eu também achava isso a coisa mais engraçada do mundo. Qualquer coisa que fazia o meu pai rir me deixava feliz.

Em algum momento durante o ensino fundamental ii, me ocorreu que a imitação de macaco podia ser um lance idiota. Mas o meu pai jamais superou isso.

— Ooh, ooh, ahh, ahh? — Ele começou a jogar a banana de uma mão para a outra.

— Tenho que ir, pai. — Abri a porta.

— Tudo bem, filhota. Arrase. — Ele largou a banana e se levantou para me dar um abraço. — Você está linda.

Acho que esse também deveria ter sido um sinal de alerta, porque os pais não têm a mesma opinião que os adolescentes sobre o que é bonito.

Fui andando até a esquina para esperar pelo ônibus da escola. Normalmente tenho que correr para pegá-lo, porque aproveito cada segundo que posso para ficar em casa, onde é seguro comparado ao que vou encarar nas oito horas seguintes.

Porém, aquele dia, fui para o ponto com vários minutos de antecedência. Nunca chego cedo para nada, por isso não sabia o que fazer enquanto observava os carros passarem por mim e as pessoas de terno que saíam dos seus apartamentos rumo ao trabalho. Lutei contra um desejo gigante de pôr os fones de ouvido. Tudo que eu queria era ouvir música, mas os fones de ouvido fazem com que você pareça fora do mundo, antissocial. Eu não ia ser antissocial naquele ano. Eu estava decididamente pró-social.

Uma galera chegou ao ponto, mas ninguém falou comigo. Era muito cedo, pensei. Quem ia querer conversar àquela hora da manhã?

O ônibus da escola finalmente apareceu e todos nós entramos. Não sentei na frente. O primeiro banco era o lugar dos perdedores e eu não pertencia mais àquele grupo. Em vez disso, sentei no meio do ônibus, que é uma área relativamente legal, apesar de eu não ficar nada confortável ali. Eu estava em pânico e sentia náuseas, mas mesmo assim segui em frente. O ônibus arrancou enquanto eu sentava no banco de estofamento verde-oliva, todo descascado. Eu

respirava fundo e tentava não pensar no que tinha acontecido da outra vez em que me sentei no meio do ônibus.

Naquela ocasião, começo de abril, por uma razão qualquer eu não tinha me sentado logo na primeira fileira, como de hábito. De repente, Chuck Boening e Jordan DiCecca se sentaram do meu lado e eu fiquei toda empolgada, mesmo tendo que me espremer contra a janela para abrir espaço para eles.

E não é que tenha sido empolgante porque os dois eram gatos, o que eles realmente são, mas sim porque eles estavam falando comigo, olhando para mim, como se eu fosse uma pessoa de verdade. Eles me perguntaram o que eu estava ouvindo no meu iPod. Pareciam interessados de fato. Quase surtei.

— Sempre te vejo de fone de ouvido. — Jordan se inclinou para mais perto de mim e era um elogio saber que alguém se importava tanto comigo a ponto de saber que eu *sempre* fazia alguma coisa.

— É. — E não completei com a informação de que eu estava sempre com os fones nos ouvidos porque não queria ouvir o mundo ao meu redor.

— O que você está ouvindo? — Chuck perguntou.

— The Cure.

— Ah, legal. — Jordan balançou a cabeça. — Gosto deles.

E também foi muito empolgante saber que eu e aquele garoto bronzeado, campeão do time de futebol, gostávamos da mesma banda gótica dos anos 80. Acredito que o gosto musical das pessoas diz muito sobre elas. Em alguns casos, diz tudo que é preciso saber. Pensei, naquele momento, que se Jordan gostava do Cure, talvez ele não fosse o playboyzinho maria vai com as outras que eu sempre o considerei. E imaginei que, naquele momento, Jordan também tivesse pensado que, se eu gostava do Cure, talvez não fosse a derrotada sem salvação que ele sempre me considerou. Nós dois éramos mais que os nossos estereótipos e talvez pudéssemos ser amigos e ir a shows juntos.

Foi então que Jordan me perguntou:

— Posso ver?

Passei o meu iPod para ele.

Por quê? Por que eu acreditei que ele queria *ver* o meu iPod para saber o que eu ouvia? Eu já tinha dito que era The Cure! Ele queria saber mais? Eu podia dizer o nome da música! E se ele ainda não estivesse satisfeito? Eu falaria qual minuto e segundo da música eu estava ouvindo! Mas será que eu não imaginei o motivo de ele querer *pegar* o meu iPod?

Passei o iPod para Jordan e o idiota correu para o fundo do ônibus, enquanto Chuck e todos os outros alunos torciam para que ele se desse bem.

Será que foram mesmo *todos* os outros alunos? Ou isso era apenas o que eu me lembrava naquele momento, cinco meses depois? Algumas pessoas não devem ter feito nada além de cuidar da própria vida. Alguma garota devia ter terminado com o namorado havia pouco tempo. Alguém provavelmente estava preocupado com a prova de biologia. Seria mesmo possível que todas as pessoas naquele ônibus tivessem sido conquistadas pela emoção de ver o meu iPod ser roubado? Sério mesmo?

Mas parece que o ônibus inteiro se divertia com a situação.

E o que vocês acham que eu fiz? Que disparei pelo corredor, com os olhos faiscando de raiva, e *ordenei* que Jordan e Chuck devolvessem o meu iPod porque não pertencia a eles, porque eles não mereciam ouvir The Cure sob circunstância alguma, ainda mais naquela? Que usei a minha indignação mais que justa para reivindicar o meu iPod e sair da luta triunfante, com todo mundo no ônibus torcendo por *mim*?

Não. Em vez disso, deixei que eles corressem para o fundo do ônibus com o meu iPod. Deixei que fugissem. E, então, apoiei a cabeça na janela e chorei.

Isso parece um sinal de fraqueza? Você faria melhor? Ótimo. Vai nessa. Manda ver. Mas o que você não entende é o seguinte: quando você é detonada sem dó nem piedade, dia após dia, sem descanso, ano após ano, às vezes a única coisa que resta é a capacidade de chorar.

No fim, acabei recuperando o iPod. Contei o que aconteceu para uma das minhas professoras, que reportou o caso para o vice-diretor, o senhor Witt, o qual, por sua vez, obrigou os garotos a

devolverem o meu iPod junto com uma carta de desculpas. O senhor Witt também conversou com o motorista do ônibus, que de alguma forma não sabia — ou agiu como se não soubesse — o que tinha acontecido bem diante do espelho retrovisor dele. O motorista ficou louco da vida comigo, pois por minha causa ele havia se metido em encrenca, e latiu para mim:

— De agora em diante, você senta aqui na frente, onde eu posso ficar te vigiando.

E foi o que eu fiz durante o último mês e meio do primeiro ano.

Então, naquele momento, no primeiro dia do segundo ano, quando me sentei no meio do ônibus — entre a frente e o meio, mas isso não fazia muita diferença —, todo o meu corpo tremia, porque eu tinha noção de que corria um grande perigo. O nó no meu estômago tinha apertado ainda mais e, quando o ônibus virou numa rua, me preocupei seriamente com a possibilidade de vomitar. Por sorte, consegui engolir a ânsia, o que foi bom, porque vomitar no primeiro dia de aula não seria nada legal. Também não era legal ficar balançando para a frente e para trás no banco do ônibus, fazendo o maior barulho para respirar e secando as mãos suadas no seu jeans novo de marca que era a última moda. Mesmo assim, isso ainda era mais legal que vomitar.

O meu ponto é um dos primeiros, por isso quase todos os lugares estavam vazios quando entrei, embora eles tenham se enchido depressa. Mais gente subia a cada parada, dando risadinhas empolgadas diante dos novos cortes de cabelo, mochilas e desenhos nas unhas. Chuck, Jordan e o resto da galera deles não estavam à vista, graças a Deus, o que me fez sonhar que todos eles tinham sido expulsos ou que suas famílias haviam ido para a cadeia. Ou eles simplesmente conheceram alguém que tinha carteira de motorista e um carro.

Você pode achar que a ausência dos ladrões de iPod tornaria aquela viagem agradável, mas isso não era suficiente. A minha meta naquele ano não era “ver se eu conseguia passar ao menos uma única hora sem ser torturada”. O meu objetivo era “ser normal. Fazer alguns amigos. Ser feliz”.

Queria que alguém sentasse comigo. Podia até imaginar a situação. Seria uma garota descolada, mas de um jeito casual. Do tipo artista, com uma bolsa bordada e cabelo comprido e bagunçado. Talvez ela usasse óculos. E veria além de todo esse enigma terrível que é o ensino médio.

Só que essa garota imaginária não sentou ao meu lado. Ninguém se sentou ao meu lado. Ponto após ponto, o ônibus foi se enchendo, até que por fim todos os assentos estavam ocupados e três garotas se espremiavam num único banco do lado oposto ao meu no corredor, enquanto eu continuava sozinha. Eu torcia para que o motorista berrasse para que uma delas fosse para o lugar vazio ao meu lado. Ele costumava fazer isso. Só que ele não berrou e ninguém mudou de lugar. E, assim, continuei sozinha durante todo o percurso até a escola.

Mas estava tudo certo, não é mesmo? Eu me agarrava à ideia de que ainda era de manhã cedo. Era praticamente madrugada. Quem iria querer ter uma conversa longa e envolvente com novos amigos àquela hora? Ninguém.

O ônibus estacionou em frente à Escola Glendale de Ensino Médio e imediatamente todos começaram a empurrar quem quer que estivesse na frente para saírem o mais rápido possível. Sabe como é, eles acham a escola a coisa mais maneira do mundo e mal podem esperar para sair do ônibus e começar a trocar bilhetinhos, planejar festas e transar uns com os outros.

Desci sozinha e sozinha fui para a minha sala, peguei a grade de horários e não a comparei com a de ninguém. O sinal tocou e fui para a aula de espanhol sozinha. Quando tocou de novo, fui para a aula de geometria sozinha. De qualquer forma, era melhor "sozinha" que "zoada", só que naquele ano eu queria mais. Passei todo o verão me preparando para aquilo e *eu queria mais*.

Na aula de literatura, Amelia Kindl me pediu uma caneta emprestada. E também disse o meu nome. Ela se apoiou numa carteira próxima à minha e sussurrou:

— Ei, Elise, pode me emprestar uma caneta?

— Claro. — E sorri para ela porque li num estudo de psicologia que as pessoas gostam mais de você quando sorri para elas.

— Obrigada — ela disse. E sorriu de volta. E então voltamos a nossa atenção para a professora, de forma que aquele não foi o início de uma conversa longa e gratificante, mas já era alguma coisa. Era uma comprovação de que eu existia. Se não existisse, como eu poderia ter canetas?

Eu gostava da Amelia. Sempre gostei, desde que a conheci, no ensino fundamental ii. Ela era inteligente sem ser nerd; artística sem ser esquisita; e era legal com todo mundo. Amelia não era popular do mesmo jeito que Lizzie Reardon, mas tinha um grupo fixo de amigas e eu as imaginava dormindo na casa umas das outras nos finais de semana, fazendo pipoca e assistindo a filmes. Eu gostaria de ser alguém como Amelia.

Depois da aula de literatura, cometi o erro de cruzar com Lizzie Reardon no corredor. No último ano, eu tinha decorado todo o horário de aulas da Lizzie e seguia rotas inacreditavelmente bizarras ou me escondia no banheiro até que estivesse atrasada para a aula seguinte só para evitá-la. Aquele era um novo ano, com novos horários, portanto eu ainda não sabia quais eram os trajetos da Lizzie. Ela poderia estar em qualquer lugar. Como no corredor entre a sala de literatura e o laboratório de química.

Olhei fixamente para a frente, usando a estratégia da ostra: *se você não consegue vê-la, ela também não consegue te ver*. Só que Lizzie é bem mais ardilosa que uma ostra.

— Elise! — Ela ficou bem na minha cara. Tentei ignorá-la e continuei a andar. — *Elise!* — Ela cantarolou. — Não seja grossa. Estou *falando* com você.

Parei de andar e fiquei imóvel. Essa é a estratégia do coelho: *se você não se mover, ela não poderá vê-la*.

Lizzie me olhou de cima a baixo até fixar os olhos nos meus.

— Uau, você está parecendo um fantasma. Você passou o verão *inteiro* trancafiada dentro de casa?

Esse não foi, de forma alguma, o pior insulto que Lizzie já me dirigira. Parando para pensar, era até a coisa mais gentil que ela já me dissera na vida.

Mesmo assim, aquilo me machucou exatamente como das outras vezes. Lizzie sempre soube como me machucar. Só ali me dei conta

de que em vez de ter passado o tempo todo dentro de casa assistindo aos últimos sucessos de bilheteria e lendo blogs de fofocas sobre celebridades, eu deveria estar do lado de fora, me bronzeando. De todas as coisas que eu tinha feito, havia uma que era tão importante que eu nem mesmo pensei nela.

Só que não falei nada disso. Permaneci calada e, num ataque de compaixão e tédio, Lizzie me deixou ir para a minha sala.

Logo, era hora do intervalo. Até aquele momento, ninguém ainda tinha se dirigido diretamente a mim além da Lizzie e da Amelia. Talvez as minhas roupas estivessem erradas. Talvez fosse o meu corte de cabelo ou a bandana.

Ou, eu pensei, podia ser que todos ainda estivessem colocando o papo em dia depois do verão que passaram separados. Talvez ninguém estivesse pensando em fazer novos amigos ainda.

Fui para o refeitório, que ganha de longe como o pior lugar do mundo inteiro. Como o resto da Escola Glendale, o refeitório era sujo, barulhento, com o pé-direito baixo. Não havia quase nenhuma janela. Possivelmente porque não queriam que as pessoas olhassem para fora e lembrassem que existe um mundo real que não é sempre como aquilo ali.

Entrei no refeitório apertando com tanta força o saco marrom que continha o meu lanche que os nós dos meus dedos ficaram brancos. Encarei o salão lotado de pessoas que me odiavam ou não sabiam quem eu era. Aquelas eram as minhas duas únicas opções. Se me conheciam, me odiavam.

Vi Amelia sentada na mesma mesa do ano anterior. Ela era uma entre dez meninas de cabelo brilhante. Todas usavam suéteres e nenhum pingo de maquiagem. Uma delas tirava fotos para o jornal da escola. Algumas eram do coral. Outra havia sido dispensada das aulas de educação física porque levou um bilhete para a professora que dizia que ela praticava ioga três tardes por semana. Eu sentia que, se pudesse ter um grupo de amigos para chamar de meu, seria o delas.

Assim, pus um pé na frente do outro e, passo a passo, me aproximei da mesa da Amelia. Fiquei ali parada por um momento, me destacando entre as meninas sentadas. Fiz um esforço para falar alguma coisa, uma das primeiras vezes que pronunciava alguma palavra desde que botara os pés para fora de casa naquela manhã. A minha voz saiu num guincho, como uma roda que precisava de óleo.

— Tudo bem se eu sentar aqui?

Todas as garotas pararam o que estavam fazendo — pararam de falar, de mascar chiclete, de enxugar algumas gotas de Coca Diet derramadas sobre a mesa. Todas ficaram caladas por um longo momento.

— Claro — Amelia disse por fim.

Se ela tivesse demorado mais um único segundo, eu teria pegado o meu lanche e dado o fora dali. Em vez disso, ela e mais quatro amigas chegaram para o lado e eu me sentei na ponta do banco, ao lado delas.

“Então quer dizer que é assim tão fácil?”, pensei, olhando ao redor da mesa. “É assim tão fácil fazer amigos?”

É claro que não é assim tão fácil, sua idiota. Nada é assim tão fácil para você.

Imediatamente as meninas voltaram a conversar, me ignorando.

— Lisa jurou que nunca mais iria lá — disse uma delas.

— Bem, ela mentiu — comentou outra. — Ela esteve lá *comigo*.

— Mas por que então ela diria uma coisa dessas? — a primeira menina rebateu.

— Porque é a *Lisa* — explicou uma terceira garota.

— Lembra aquela vez em que ela contou que tinha ficado com o filho do padrasto dela naquela festa? — disse uma das meninas. — Na... hum...

— Na festa de formatura do Casey — lembrou outra.

— Espera aí. Quer dizer que ela não ficou com ele? — a primeira menina quis saber.

— *Não!* — todas elas miaram ao mesmo tempo.

E prestei toda a atenção do mundo na conversa. Dava risadinhas depois que elas riam e revirava os olhos assim que elas reviravam os

delas, mas percebi que, de alguma forma, eu não estava preparada para aquela situação. Em todos os meus estudos sobre celebridades, moda e estrelas do mundo pop, nunca me ocorreu que amigos em potencial poderiam simplesmente falar sobre gente que eu não conhecia ou coisas que eu nunca tinha feito. E não era possível pesquisar essas coisas. Isso era a vida daquelas pessoas.

O peso dessa descoberta caiu sobre mim com tanta força que quase me sufocou. Como é possível fazer amizades do nada? Isso é ridículo. Elas têm anos e mais anos de memórias e experiências compartilhadas. Não dá para brotar no meio do caminho e já querer saber o que está rolando. Elas não seriam capazes de me explicar nem se tentassem. E não estavam tentando.

A garota sentada diante de mim tirou um broto de feijão do dente e disse algo que soou como:

— Enviamos as fachadas para o galo na sexta.

Soltei uma risadinha, mas logo me contive quando ela fez uma careta e ergueu uma das sobrancelhas na minha direção.

— Desculpe — eu disse. — Você falou que... quero dizer, o que é esse lance de galo?

A propósito, as pessoas também gostam mais de você quando faz perguntas sobre elas.

— O prêmio Gallos de melhor documentário estudantil!

— Ah, sim. Legal. E as fachadas?

— *Enfaixados* — ela corrigiu. — É o meu filme sobre pessoas que frequentam convenções de múmias.

Eram tantas as coisas que eu não sabia sobre aquelas meninas e que elas nunca iriam me contar que chegava a ser irritante. Foi como a vez em que a minha mãe e eu viajamos para a Espanha e achei que conseguiria me comunicar em espanhol porque tinha estudado a língua durante três anos na escola, mas eu não sabia nada. Não fazia a menor ideia de como falar espanhol.

Mas dá para perceber por que elas eram o tipo de garotas com quem eu gostaria de fazer amizade? Se é que algum dia isso seria possível. Elas faziam coisas como documentários sobre convenções de múmias! Eu também queria fazer aquilo!

Bem, não exatamente *aquilo*. Eu não sabia nada sobre como fazer filmes e a ideia de convenções sobre múmias era, com toda a sinceridade, um pouco sinistra demais para mim. Mas eu queria fazer coisas *como* aquela.

Eu estava tão concentrada tentando acompanhar a conversa em vez de tentar parecer que eu pertencia ao grupo que nem mesmo notei que o intervalo se aproximava do fim e todas na mesas tocaram o nariz com um dos dedos.

— Você. — Uma garota que usava uma echarpe florida apontou para mim.

— Sim? — Sorri para ela. *Lembre-se, sorrir faz com que as pessoas gostem mais de você.*

Ela me olhou bem nos olhos e senti a mesma empolgação de quando Jordan e Chuck me perguntaram que música eu estava ouvindo. Um lance tipo: *Olha só, ela está olhando pra mim! Ela está me vendo!*

Quando vou aprender que essa empolgação não é um bom sinal? Que ninguém nunca me vê?

— Você — ela repetiu. — Limpe a mesa.

E então o primeiro sinal tocou e todas na mesa se levantaram ao mesmo tempo e deram o fora juntas, me deixando com as suas latas de refrigerante, sacolas de plástico e restos de salada de ovos que emporcalhavam a mesa.

Permaneci sentada enquanto o refeitório se esvaziava ao meu redor. Amelia hesitou por um momento, deixando que as amigas tomassem certa distância.

— Sempre fazemos isso — ela me disse, apertando as sobancelhas e demonstrando uma sombra de preocupação. — Sabe como é, a última a tocar o nariz faz a limpeza. É a nossa regra. Então, hoje você é a responsável.

Amelia abriu um sorriso como se me pedisse desculpas, o que me fez gostar dela ainda mais. Eu deveria ter dito: *Essa é uma regra de merda. Ou: Sério mesmo que vocês sempre fazem essa parada? Ou será que estão fazendo isso só comigo? Ou ainda: Por que você não fica e me ajuda?*

Eu poderia ter dito qualquer coisa em vez de:

— Tudo bem.

E, assim, Amelia foi embora e eu comecei a jogar na lata de lixo os restos deixados por onze meninas.

Conforme eu juntava migalhas de batata chips com uma das mãos fechada como uma concha, me dei conta da mais importante das verdades: havia milhares, milhões, inúmeras regras como aquela que Amelia havia acabado de me explicar. Você tem que tocar o nariz no final do intervalo. Tem que usar um determinado tipo de salto. Precisa fazer o dever de casa num tipo específico de papel. Tem que ouvir uma certa banda. Você tem que sentar naquele lugar. Eram tantas regras que eu desconhecia e, não importava o quanto estudasse, seria impossível aprender todas elas. A ignorância sempre acaba nos traindo.

Enquanto eu catava guardanapos de papel empapados de leite, também me dei conta de outra coisa: aquele ano não seria diferente. Eu tinha me esforçado tanto, desejado com todas as forças que as coisas melhorassem, só que nada aconteceu nem iria acontecer. Eu podia comprar jeans novos, pôr ou tirar a bandana. Isso não mudaria quem eu era. Você acha que é fácil mudar quem você é, mas essa porra é impossível.

Foi então que decidi seguir o próximo passo lógico: me matar.

I'd rather be no one than someone with no one.

"Here it comes", The Stone Roses

2

Por acaso soa ridículo ou dramático demais decidir no meio de um dia de aula totalmente normal que já basta dessa vida? Será que não era exagero? Bem, desculpe, mas foi isso que eu decidi. E nem venha dizer que os meus sentimentos eram exagerados ou absurdos. Você não sabe. Eram os meus sentimentos.

Eu já tinha pensado em suicídio antes, mas a ideia me pareceu tão antiquada, tão como a atitude clássica da adolescente angustiada em busca de atenção que nunca levei o plano adiante. Naquele dia, eu daria um jeito nisso.

Mas quero que você saiba que não decidi que a minha vida não valia mais a pena porque tive que recolher o lixo dos outros. Não foi por causa disso. Foi por causa de tudo.

Dei o fora da escola naquele exato momento e andei oito quilômetros até minha casa, já que não havia nenhum outro meio de transporte disponível. Era um dia quente, havia uma brisa agradável e o sol brilhava. Ouvia o meu iPod e pensava sobre as coisas boas que existem na vida, como ar fresco, sol e música. Basicamente qualquer coisa que não envolvesse outras pessoas. E seria triste deixar tudo aquilo para trás. Para sempre. Nunca mais ver uma nuvem no céu. Nunca mais ouvir Stone Roses no meu iPod enquanto caminhava sob o sol. Mas, naquele momento, depois de ter matado metade do meu primeiro dia de aula do segundo ano, sentia como se estivesse comprometida com esse lance de suicídio.

Encontrei a casa vazia quando cheguei. O meu pai trabalhava numa loja de música e não voltaria antes das seis da tarde. Isso me dava algumas horas para lidar com questões logísticas.

Primeiro, como morrer? O meu pai não tinha uma arma. Mesmo que tivesse, eu não sabia atirar e, ainda que soubesse, não faria isso, pois sou uma defensora ferrenha da restrição ao uso de armas de fogo. Não iria me enforçar porque o ato parecia requerer uma série de habilidades relacionadas com engenharia que eu não possuía. Talvez eu pudesse pesquisar na internet sobre como fazer uma forca, mas a ideia me apavorou. Imaginei que, se essa parada me apavorava tanto assim, provavelmente eu não ia querer fazer nada do tipo.

Eu podia ter uma overdose de remédios, mas me lembrei, enquanto ia até o armário do banheiro, de que o meu pai não tinha muitos comprimidos em casa. Ele é fã de medicina holística e não acho que seja possível ter uma overdose de equinácea ou cânfora. Eu podia ir até a farmácia e comprar mais remédios, mas isso levaria no mínimo meia hora e eu queria começar logo. Além disso, se eu tentasse uma overdose e não fosse bem-sucedida, correria o risco de continuar viva, só que com algum dano cerebral bem sério. Eu já tinha uma deficiência social, não precisava me tornar também uma deficiente mental para completar o quadro.

Assim, decidi me cortar para sangrar até a morte. Andei pela casa, procurando por algo afiado o suficiente para me matar. Eu sei, eu sei: giletes. Mas sério mesmo que você tem giletes de bobeira em casa? Por quê? Por acaso o seu hobby é entalhar madeira?

Encontrei o estilete do meu pai na cozinha, enterrado debaixo do primeiro caderno do jornal do dia anterior. Ele usava o estilete para cortar artigos interessantes sem bagunçar o resto do jornal durante o processo. Peguei o estilete e, por algum motivo, isso me encheu de tristeza e eu não sabia se era por causa da obsessão patética e inútil do meu pai por manter o jornal em boas condições ou se era porque eu pensava que, quando estivesse morta, ele nunca mais iria querer cortar artigos novamente.

Levei o estilete para o meu quarto, no andar de cima, onde me sentei diante do computador para montar uma playlist de suicídio.

Na verdade, eu não queria morrer ao som de mp3s. Queria morrer ao som de discos. A qualidade do som é melhor. Mas cada um dos lados de um vinil dura apenas cerca de vinte minutos e eu não conseguiria lidar com a ideia de perder a consciência pela última vez ao som dos cliques de um disco que chegou ao fim e precisa ser virado.

Assim, fiz uma longa lista. O meu critério de escolha foi incluir todas as músicas que eu imaginava que não me importaria em ouvir na hora da minha morte. Aquilo não era como fazer uma playlist para uma viagem de carro ou para correr — eu nunca tinha me matado antes, por isso não fazia a menor ideia do que gostaria de ouvir quando fosse tarde demais para pular para a próxima música. Tipo, talvez, quando se está morrendo, a gente queira ouvir alguma coisa bem calma. Ou, talvez, quando o momento chegasse, eu sentisse vontade de ouvir abba.

Passei um tempão ajeitando a playlist, às vezes ouvindo músicas inteiras porque sabia que nunca mais faria isso de novo e não queria terminar com a minha vida sem ouvir o final de “The boy with the Arab strap” uma última vez. A minha lista acabou tendo duas horas porque eu não sabia quanto tempo todo o processo levaria e não queria que a música acabasse e eu morresse em silêncio.

Mais uma vez, eu sabia que poderia pesquisar. *Quanto tempo leva desde o momento em que você se corta até a hora da morte?* A internet deveria saber. Mas eu não perguntaria nada disso porque faria com que tudo parecesse muito clichê. Outra tentativa de suicídio adolescente, outra forma de chamar atenção. Tudo aquilo já havia sido feito antes.

Apenas o meu suicídio não seria uma tentativa de chamar atenção. O meu seria uma punição. Uma punição para Jordan DiCecca, Lizzie Reardon, todas aquelas garotas do intervalo e todos que já me torturaram ou viraram as costas enquanto alguém tirava onda com a minha cara. E também uma punição para mim mesma, é claro. Uma punição por ser tão errada.

Só que, quando comecei a pensar em punição, percebi que queria muito deixar uma carta que explicasse por que eu tinha feito aquilo. E se o meu pai me encontrasse morta, ninguém soubesse o

motivo e nenhuma das pessoas certas se culpasse? Então qual seria o sentido de tudo aquilo?

Mas eu levaria algum tempo para escrever a carta. Eu não podia simplesmente garranchar alguma coisa do tipo "Adeus, mundo cruel" e enfiar o estilete no coração. Eu queria explicar tudo direitinho, para que todos entendessem que eu não estava maluca nem estava sendo melodramática. Queria começar do início, para que compreendessem por que fiz aquilo. Eu queria dar nome aos bois.

E enquanto eu pensava no meu pai encontrando o meu corpo e a carta de suicídio, me dei conta de que isso deixaria as coisas entre ele e a minha mãe ainda piores. Eu sabia muito bem como ela era e sabia que iria culpar o meu pai pela minha morte, mesmo que isso não tivesse o menor fundamento. Ela o culparia por eu estar na casa dele. Ela culpava o meu pai por tudo que acontecia comigo quando eu estava com ele, até mesmo por aquilo que ele não era capaz de controlar, como a vez em que eu tive laringite.

Olha só, aquilo estava ficando complicado. Eu queria morrer, mas também queria garantir que aquilo não iria deixar o meu pai encrencado, ao mesmo tempo que queria ter certeza de que eu criaria *grandes* problemas para aquelas vacas da escola. Para isso, eu teria que deixar uma carta de suicídio bastante detalhada e também, provavelmente, arranjar um lugar que não fosse a casa do meu pai. Para completar, eu tinha gastado tanto tempo com a minha playlist que já eram quase cinco horas.

Parei de viajar e me dei conta de que aquele não parecia ser um bom dia para morrer. Por um lado, isso me deixou desapontada, mas, por outro, foi um alívio.

Já que eu tinha um estilete e uma playlist, decidi ir para o banheiro e praticar um pouco. Ou seja, eu ia fazer alguns cortes no braço para me preparar. Assim, quando a hora chegasse, eu não me sentiria tão assustada. Aquele seria o próximo passo lógico.

Levei o laptop para o banheiro. Sentei no chão e coloquei a versão de "Hallelujah" do Jeff Buckley para tocar. Peguei uma garrafa de álcool no armário e joguei sobre o estilete para esterilizar a lâmina. Sim, eu queria me machucar, mas não queria ganhar uma infecção por causa disso.

Sentei sobre o tampo da privada e ergui a lâmina até o braço esquerdo. Mas aí me levantei, saí do banheiro, fui até o meu quarto e peguei meu ursinho de pelúcia sobre a cama desfeita. Eu o carreguei pelo corredor até o banheiro, tranquei a porta atrás de mim e me sentei novamente no tampo. Pus o ursinho no colo e comecei a música de novo.

Posicionei mais uma vez o estilete sobre a parte interna do meu antebraço, mas, dessa vez, fiz força e tracei uma linha reta.

Não doeu. Eu me sentia anestesiada.

Então cortei uma segunda linha, apenas um pouco mais próxima ao pulso. Aquilo também não doeu. Por isso, pressionei o estilete com mais intensidade na terceira vez e apertei a lâmina por algum tempo.

Aquilo doeu.

Por um momento, observei o sangue brotar daquelas incisões finas no meu braço. Nas aulas de biologia do ano anterior, eu tinha aprendido que, na verdade, o sangue tem uma coloração marrom-escura quando está dentro do nosso corpo. É o contato com o oxigênio que o torna vermelho. E deveria haver um monte de oxigênio naquele banheiro, pois o sangue era de um vermelho tão vivo que chegava a brilhar.

Eu me levantei e abri a torneira da pia. Enfiei o braço ali embaixo para limpar o sangue, mas não parava de escorrer. Sempre que eu tentava tirar o braço da pia, o sangue começava a jorrar ainda mais intensamente.

É preciso pressionar o machucado nesse tipo de situação. Todo mundo sabe disso. Então, mantive o braço esquerdo parado sob a água por mais algum tempo enquanto com o direito procurava no armário de remédios por um curativo que fosse grande o suficiente para cobrir o meu antebraço. Finalmente encontrei uma gaze escondida entre uma garrafinha de rosa mosqueta e um pote de cápsulas de alho.

Tirei o braço da água e pressionei imediatamente a gaze sobre os cortes. E logo ficou tudo bem. Eles não estavam feios. Eu teria apenas que usar camisetas de manga comprida por algum tempo e ninguém jamais descobriria.

Agarrei o laptop com a mão direita e o ursinho com a esquerda, destranquei a porta do banheiro e fui para o meu quarto. “Hallelujah” já estava no final. Não havia passado muito tempo, apesar de eu ter a impressão de que ficara uma eternidade dentro do banheiro. “Hallelujah” não é uma música assim tão longa.

Sentei diante da escrivaninha e peguei um livrinho que a minha escola costumava distribuir com os telefones dos meus colegas de classe. Estava novo em folha, já que eu nunca telefonava para ninguém. Para quem eu ligaria?

Olhei para os meus braços apoiados sobre a mesa. As minhas mãos tremiam. E o sangue começava a passar pela gaze, tingindo de marrom a superfície branca.

Desliguei a minha playlist de suicídio. De repente, a casa pareceu silenciosa demais. Eu me levantei e carreguei o ursinho e o livro de telefones para um canto. Sentei no chão e pressionei a coluna inteira, da cabeça até o quadril, contra a parede com tanta força que minha pele ficou vermelha.

Era óbvio que eu havia mentido. Eu não achei que mentia, mas era exatamente isso o que eu tinha feito. Quando disse que queria morrer, que eu não era um clichê adolescente, que não fazia aquilo para chamar atenção, que eu, em especial, *tinha os meus motivos para fazer aquilo*. Eu não sabia, mas tudo o que fazia era mentir, mentir e mentir. Porque a próxima coisa que fiz foi pegar o telefone, ligar para Amelia Kindl e contar que eu tinha acabado de me cortar. De propósito.

E foi isso o que descobri sobre mim mesma no primeiro dia do segundo ano do ensino médio: na verdade, eu não queria morrer. Nunca quis. Tudo o que eu queria era um pouco de atenção.

I know I'm unloveable, you don't have to tell me.

"Unloveable", The Smiths

### 3

E cá estamos nós, na primeira quinta à noite de abril, sete longos meses depois de eu cortar o braço e ligar para Amelia Kindl contando o que tinha feito. O sol havia acabado de se pôr e era hora do jantar na casa da família Myers.

Os membros da família Myers eram minha mãe; Steve, o marido dela; e os dois filhos deles: Neil, de cinco anos, e Alex, uma menina de sete anos; os cachorros Osso e Mordedor; e, às vezes, eu.

Eu fazia parte da família Myers de sábado à quarta-feira, durante um mês inteiro no verão, no Natal e na noite de Ação de Graças. O resto do tempo eu passava na casa do meu pai, do outro lado da cidade. A não ser quando havia alguma exceção, como naquela quinta, quando tivemos que mudar o combinado porque o meu pai estava viajando. Acho que ele tinha ido tocar com a banda dele num dos parques de diversão do grupo Six Flags, na Flórida. Se eu ainda fosse criança, teria implorado para matar alguns dias de aula e viajar com ele, mas, a essa altura da vida, eu já tinha ido a tantos Six Flags e Bush Gardens com o meu pai e a banda dele que essas viagens não me empolgavam tanto quanto antigamente.

A minha rotina com os meus pais podia parecer complicada, mas não era. Eles compartilhavam a minha custódia desde que eu tinha seis anos. Já estávamos mais que adaptados a essa situação. Todos da família tinham *smartphones* com uma Agenda da Elise

sincronizada, de forma que tudo que precisávamos fazer era ir para onde os nossos telefones nos mandavam.

Na hora do jantar na casa dos Myers, todos tinham que se sentar à mesa juntos, comer dois pratos diferentes (macarrão com queijo ou nuggets para Alex e Neil e comida de verdade para os outros) e participar da Conversa da Hora do Jantar. A minha mãe e Steve são fundadores e presidentes de uma ong que defende o meio ambiente, conhecida como Corajosa Oposição contra o Petróleo em Fronteiras Internacionais, chamada de cocopefi pelos íntimos. A ideia é que durante as Conversas da Hora do Jantar nós três e as crianças desenvolvamos uma compreensão mais multifacetada do mundo ao nosso redor e crescamos como membros cultos de uma democracia funcional.

Eu diria que, se eu não tivesse sido criada para ser um membro culto de uma democracia funcional, haveria quinze por cento de chance de eu ter me tornado uma garota descolada. Não é que eu esteja culpando a minha mãe pelos meus problemas sociais nem nada do gênero, só estou dizendo que Lizzie Reardon claramente não tem o menor interesse em ser um membro culto de uma democracia funcional e, pelo menos até agora, ela parece estar se dando muito bem, obrigada.

Eis como foi a Conversa da Hora do Jantar na casa da família Myers naquela quinta-feira em particular.

Minha mãe: Tenho boas notícias. Finalmente decidimos que sofá vamos comprar.

Alex: o quê? A gente vai *trocar* o sofá?

Neil: Por quêêêêêê?

Deu para sentir? Aí estão os membros de uma democracia funcional em ação. Todos participam do processo democrático. Todas as vozes são ouvidas.

Minha mãe: Porque o sofá velho está nojento.

Steve: Os cachorros vomitaram em cima dele tantas vezes que o estofamento está com cor de vômito.

Alex: Eu *gosto* de cor de vômito.

Neil: Eu também.

Minha mãe: Tudo bem. Então a gente pode comprar um sofá novo da mesma cor que o antigo, já que vocês gostam tanto dele.

Alex: Mas se é da mesma cor, por que não ficamos com o velho?

Minha mãe: Porque, eu já disse, está nojento.

Neil: (*comentário inaudível*)

Steve: Qual é o problema, campeão?

Neil: (*com lágrimas nos olhos*) Eu amo o nosso sofá.

Alex: Tudo bem, Neil. Vamos ficar com ele.

Neil: (*fungando*) Co-co-co-mo?

Steve: É, como?

Alex: Elise, como vamos ficar com o sofá?

Eu: Vamos fazer uma ocupação.

Alex: É, uma ocupação.

Neil: O que é uma ocupação?

Alex: *Dã.*

Neil: O que é uma ocupação, Alex?

Alex: É uma... É, assim, uma coisa que não dá pra *descrever*.

Minha mãe: É quando um grupo de pessoas decide que quer que uma certa coisa aconteça e, pra isso, acampam num lugar e se recusam a sair até que as suas reivindicações sejam atendidas.

A minha mãe nunca conseguia se conter: se alguém fazia uma pergunta sobre desobediência civil, ela se sentia obrigada a responder.

Alex: É isso que vamos fazer. Quem vai participar da nossa ocupação?

(*Alex, Neil e eu erguemos as mãos.*)

Minha mãe: Sério, Elise?

Eu: Apoio os jovens ativistas.

Neil: Vamos, agora! Vamos logo ocupar o sofá!

Alex: Rápido, antes que o sofá novo seja entregue!

(*Os dois me puxaram pelos braços e tentaram me tirar da cadeira.*)

Eu: Depois do jantar, o.k.? Vou ocupar a mesa de jantar por mais um tempinho e depois me junto a vocês na ocupação da sala de estar.

Depois que Alex e Neil deram o fora para protestar contra as injustiças dos nossos pais, a Conversa da Hora do Jantar mudou de rumo para o noticiário internacional. Tecnicamente, a Conversa da Hora do Jantar deveria ser sobre o que está acontecendo ao redor do mundo, mas às vezes outros assuntos desviam a nossa atenção, como o quanto amamos sofás ou se Steve tentou esconder tofu no macarrão da Alex novamente.

A manchete de todos os jornais naquele dia era um garoto do Arizona que levou uma arma para a escola e abriu fogo na sala de aula, matando três alunos e ferindo mais oito antes de atirar em si mesmo.

— É uma tragédia — a minha mãe comentou, o que foi a frase mais obviamente verdadeira que ela já pronunciou na vida, embora eu ache que essa seja uma daquelas paradas que a gente fala quando não consegue pensar em mais nenhuma outra coisa a dizer.

— É por isso que precisamos de um controle de armas de fogo mais rígido. — Arranquei um pedaço de uma baguete. — Sempre falo isso. Mas por acaso alguém me ouve? Claro que não.

— Você pode organizar uma ocupação — sugeriu Steve. — Ouvi dizer que você ama ocupações.

— Adoro. Não posso viver sem elas.

— Você não faria nada do tipo, não é, Elise? — a minha mãe perguntou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Eu sabia o que a minha mãe queria saber. O que não significava que eu tornaria as coisas fáceis para ela.

— Tipo o quê? Uma ocupação em nome de restrições mais rigorosas para o porte de armas de fogo? Talvez.

Ela franziu a testa e olhou para o copo d'água diante de si.

— Quero dizer... Você não faria... nada parecido com o que esse menino fez hoje, certo?

Diga-se de passagem, isso é o que acontece quando você se corta e depois conta para uma garota ultrasensível que resolve ter a ultrasensível ideia de ligar para a emergência: mais de meio ano depois, a sua mãe ainda te pergunta, com a maior seriedade do mundo, se você seria capaz de levar uma arma para a escola e atirar

em todo mundo. Porque você se tornou uma pessoa suspeita. Os meus atos eram imprevisíveis.

A minha mãe e Steve ficaram em silêncio, esperando pela minha resposta. Finquei o garfo na salada de quinoa só para logo me dar conta de que esse gesto me fez parecer ainda mais violenta.

— Não — eu disse. — Eu não mataria ninguém.

Já tínhamos passado por aquilo antes. Quer dizer, eles já tinham me feito esse interrogatório sobre se eu seria ou não capaz de matar alguém. E não, eu não pensava em fazer nada parecido.

De qualquer forma, acho que essa é uma coisa de garoto. Ou, sei lá, não necessariamente apenas de meninos, mas de pessoas que não são como eu. Eu podia *odiar* Lizzie Reardon, Chuck Boening e, recentemente, Amelia Kindl mais que todo o resto, mas eu nunca tentaria feri-los de forma direta. Eu queria ferir a mim mesma. Sim, eu os culpava; porém, a pessoa que mais tinha culpa, acima de qualquer outra, era eu.

Depois do jantar, me juntei a Alex e Neil na sala de estar. Nos sentamos no sofá e nos revezamos ao dizer os motivos pelos quais o amávamos.

— Amo as almofadas, que meio que se parecem com rostos e por isso você pode pegá-las e colocá-las para conversar. — Neil tirou duas almofadas do lugar e fez uma demonstração.

— A-hã. — Olhei para as almofadas. Elas tinham algumas pregas e umas partes amassadas que se pareciam mesmo com olhos e uma boca. — É um bom ponto, Neil.

— *Eu* amo esse buraco entre os assentos que é perfeito para enfiar as minhas Barbies quando elas são capturadas pela Bruxa Má do Mar, que faz com que todas elas fiquem do mal também. Porque a bruxa entra na cabeça delas e elas perdem o controle dos pensamentos e tudo que podem fazer é seguir as ordens malignas da bruxa.

Observei Alex em silêncio enquanto ela enfiava um dos braços no vão entre os assentos. Eu costumava brincar de faz de conta daquele mesmo jeito quando tinha a idade dela, usando o mesmo buraco daquele mesmo sofá.

— Você não devia brincar disso, Alex — eu finalmente disse.

— De quê? De Prisioneiras do Fundo do Mar? — ela perguntou.

— É. As outras crianças não brincam dessas coisas.

— Claro que brincam — a minha irmã insistiu e até mesmo os olhos dela fizeram com que eu me recordasse de mim mesma: azul-acinzentados e grandes demais para o rosto dela.

— Brincam nada. Elas brincam com as outras crianças. De escolinha, de casinha. Ou jogam futebol.

— Odeio futebol — disse Alex.

— Eu sei. Também odeio. Mas mesmo assim você deveria jogar.

— Elise? — Neil deitou no sofá com a cabeça no meu colo. Já havia passado da hora em que ele costumava dormir nos dias de semana, mas a minha mãe e Steve seriam as últimas pessoas do mundo a interromper uma ocupação. — Elise, é a sua vez de dizer o que você ama no sofá.

— Eu amo... — Perdida nos meus pensamentos, passei uma das mãos pelo tecido puído e manchado. Eu apoiava os jovens ativistas, mas a minha mãe tinha razão. Aquele sofá estava uma bela merda.

— Eu amo esse sofá porque ele nunca me julgou.

— É — Neil concordou, sonolento.

— É mesmo — Alex completou. — Bons sofás não fazem essas coisas.

Eu fiquei ali sentada lendo o meu livro para a aula de literatura até que os meus irmãos caíram no sono e a minha mãe e Steve levaram os dois para os quartos deles, no andar de cima.

— Vocês sabem que isso aqui é uma ocupação, né? — perguntei.

— O que quer dizer que vocês dois estão enfraquecendo o movimento.

— Isso *foi* uma ocupação. — A minha mãe passou os braços ao redor do Neil. — A maior parte dos protestantes já caiu no sono. — Ela beijou a minha cabeça. — Boa noite, Elise. Não fique acordada até tarde.

Esprei um pouco até que o resto da família fosse para o terceiro andar. Assim que tudo ficou silencioso e escuro, calcei os meus tênis e escapuli para fora da casa.

Esse era um lance que eu tinha começado a fazer depois que me cortei. Não logo depois, porque nos primeiros meses os meus pais

surtaram tanto que fiquei praticamente em prisão domiciliar. Só que, passado meio ano, eles já tinham voltado ao normal. Não que eles tivessem *esquecido* que a filha deles cortara o pulso com um estilete. Não acredito que seja possível esquecer uma coisa dessas. Só não acho que seja possível pensar nessa parada todos os dias sem ficar maluco.

Assim, em março, quando a primavera começava a abrir caminho por entre os dias frios, comecei a sair à noite para caminhar. Eu esperava até mais ou menos a meia-noite e, assim que todos na casa caíam no sono, eu calçava os tênis, pegava o meu iPod e saía noite afora.

Era surpreendentemente fácil escapular da minha casa. É uma construção antiga, erguida por uma rica família de comerciantes no século XIX e, por isso, não tem uma planta muito comum. O quarto da minha mãe e do Steve fica no terceiro andar, o do Neil e o da Alex, no segundo, e eu vivo sozinha no primeiro, no que um dia fora o quarto de empregada. Se eu fosse uma pessoa diferente, me aproveitaria da situação e fugiria para fazer alguma coisa descolada. Como ir a uma festa (eu achava que alguns adolescentes da minha cidade organizavam bebedeiras nas suas casas, mas também pode ser que eu tenha tirado essa ideia de algum filme). Mas como eu era apenas a Elise, tudo que eu fazia quando conseguia sair sem ser percebida era caminhar sozinha.

Nunca soube quantos quilômetros eu costumava caminhar. Alguma coisa naquele primeiro dia, quando andei oito quilômetros da escola até em casa, fez com que eu percebesse uma coisa: oito quilômetros não são nada. Assim, passei a vagar pela cidade, às vezes só por meia hora, em outros dias até que o sol começasse a nascer. Eu andava até que me sentisse cansada. Ninguém me via nem fazia a menor ideia disso e, por esse motivo, essas caminhadas noturnas eram o único momento em que eu não me sentia como uma prisioneira na minha própria vida.

Caminhar à noite é como caminhar num sonho. Está escuro, portanto é impossível prestar muita atenção no cenário. Eu não usava relógio, então o tempo perdia o sentido. Não carregava nenhum tipo de sacola, mochila ou o que quer que pesasse sobre o

meu corpo durante o dia. Por isso, me sentia leve e bem-disposta. Eu ouvia música no volume máximo e não pensava em nada.

Conheço algumas pessoas que teriam medo de caminhar sozinhas tão tarde, mas não sou uma delas. Não vejo o menor motivo para me assustar. Uma das causas é porque desde que eu era criança a revista *Forbes* considerava Glendale como a cidade mais segura dos Estados Unidos. (Exceto num determinado ano, quando houve uma pequena onda de furtos a carros e, depois, de protestos para que “recuperássemos a nossa fama”.)

Outra razão era que nunca tive medo do escuro ou do silêncio. Quando eu era mais nova, o meu pai e eu costumávamos fazer uma caminhada pela vizinhança antes de eu ir para a cama. Ele dizia que gostava de olhar para as estrelas porque isso clareava os pensamentos. Concordo com ele.

Naquela noite, andei a esmo na direção da minha escola, saí da área residencial com os seus parques e casarões e fui até o bairro vizinho, que era basicamente dominado pelas residências e pelos bares dos estudantes universitários. Passei pelos prédios de quatro andares e subi uma ladeira, circulando por cafés cujas janelas eram cobertas por persianas, lojas de roupa e restaurantes. Alguns carros cruzavam as ruas. Vi uma mulher entrar num apartamento e um casal que passeava, parando ocasionalmente para dar uma espiada em alguma vitrine. Ninguém era da minha idade, é claro.

No topo da ladeira, virei à esquerda numa rua mais larga e cinzenta, que abrigava em sua maioria galpões e depósitos. O ônibus da escola pegava aquele caminho todas as manhãs. Não havia uma única árvore à vista, apenas alguns postes escassos e duas garotas do outro lado da rua. Elas estavam paradas. Me observando.

De repente, meu coração se acelerou e pus uma das mãos no bolso para desligar o iPod e ouvir tudo que rolava ao redor.

— Ei, você! — uma delas gritou do outro lado da rua.

“Continue a andar. Só isso”, eu disse a mim mesma. “É como quando Lizzie Reardon chama o seu nome no corredor. Não pare. Imagine que é invisível e, se tiver sorte, talvez você desapareça de verdade.”

— Ei, garota! — ela berrou de novo. — Você está indo pro lado errado.

Parei quando ela disse isso. Por algum motivo, essa declaração me surpreendeu. Eu não estava indo para lugar *nenhum*, então, como podia ir na direção errada?

— Vem cá — ela insistiu.

Sempre obedeco a ordens diretas. Foi por isso que limpei a mesa daquelas garotas na hora do recreio, dei o meu iPod para Jordan e atravessei a rua naquele dia. Porque alguém me disse para fazer essas coisas.

As duas garotas estavam encostadas numa parede grafitada. A que gritou era um pouco mais alta que eu, corpulenta, e fumava um cigarro. Usava um vestido de bolinhas preto e branco com um cardigã amarelo vivo, e tinha penas no cabelo.

— A Start fica pra lá. — Ela apontou para o edifício atrás dela.

Isso foi como ouvir “Vou enviar *Enfaixados* para o Gallos” de novo. “A Start fica pra lá.” Por que as pessoas têm sempre que falar em código?

— Tudo bem — eu disse.

— Você já veio aqui antes? — ela me perguntou.

Dei de ombros de um jeito que provavelmente queria dizer que sim, mas também podia significar um não.

— Não vamos lá desde que rolou uma edição em Pawtucket — a garota de vestido de bolinhas continuou, apontando para o oeste com o cigarro, embora Pawtucket ficasse a pelo menos uns catorze quilômetros ao norte. E também como essa tal de Start podia ser em Pawtucket se ela tinha me dito que ficava ali do lado? Tudo aquilo parecia ter saído das páginas de *Alice no País das Maravilhas*.

— Quer um cigarro? — ela me ofereceu.

— Não, obrigada. — E então acrescentei: — Eu não fumo.

Ela balançou a cabeça, concordando comigo.

— Isso é bom. Essa coisa pode matar. — Ela deu uma longa tragada no cigarro para provar o seu ponto de vista.

A amiga dela falou pela primeira vez. Ela era mignon e tinha um cabelo loiro e curto. Ela me lembrava um pouco um potro, com as

pernas desengonçadas e os olhos redondos. E tinha um sotaque que entender o que ela falava se transformava numa tarefa complicada.

— Vicks, falando assim parece até que você está oferecendo os seus cigarros porque quer matar a menina.

O queixo da primeira garota caiu, num falso horror. Os lábios cobertos por um batom vermelho vivo formaram um grande *O*.

— Eu estava sendo *generosa*.

A amiga deu de ombros, que por sinal eram bem ossudos.

— Bem, ela não conhece a gente. Até agora, tudo que ela sabe foi que você quis contaminá-la com um câncer. — Ela ajeitou a jaqueta com franjas e de couro sobre o vestido de lantejoulas douradas.

— Você é inglesa? — perguntei à amiga magrela, examinando o seu sotaque.

— Eu nasci na Inglaterra, fui criada em Manchester.

— Manchester! — exclamei.

— Você já foi lá? — ela pareceu surpresa.

— Não, mas sempre quis ir.

— Não faça isso. Manchester é uma merda — ela afirmou, decidida. — A cidade inteira parece com isso aqui. — Ela abriu os braços para englobar toda a rua deserta, tomada apenas por galpões.

— Mas os Smiths são de Manchester — eu disse.

— E o New Order — ela acrescentou, cheia de orgulho. — E o Oasis.

— Ah, chega desse blá-blá-blá. Todo mundo já entendeu. Todas as bandas legais vieram da sua cidade natal. — A garota de vestido de bolinhas voltou para a conversa. — Obrigada por esfregar na nossa cara.

— Só porque aquele lugar é uma merda — a menina inglesa explicou. — As pessoas precisam criar algum tipo de arte pra ter no que pensar enquanto os outros vivem as suas vidinhas desprezíveis.

— É, mas Glendale também é uma merda. E quantos músicos de categoria internacional saíram *daqui*? — a amiga retrucou.

— Você, por exemplo.

A garota de vestido de bolinhas bufou e apagou o cigarro no muro.

— Está certo. Vamos voltar lá pra dentro antes que eu fume outro cigarro e faça todo mundo ficar com câncer.

Elas andaram alguns metros na minha frente e se viraram para trás quando perceberam que eu não as seguia.

— Você vem ou não? — quis saber a menina de vestido de bolinhas.

E só porque eu estava me sentindo num sonho ou por causa de alguma alucinação no melhor estilo Lewis Carroll, senti que não havia problema em responder:

— Estou indo.

Corri atrás das meninas enquanto elas viravam a esquina, entrando num pequeno beco entre galpões. Provavelmente eu iria ser sequestrada. Mas, com toda a sinceridade, eu preferia ser sequestrada por aquelas meninas que continuar livre entre os meus colegas de escola. Se ser sequestrada significava viajar para Manchester, eu era totalmente a favor da ideia.

— E qual é mesmo o seu nome? — a garota mais alta perguntou por cima do ombro.

— Elise.

Ela se virou e me olhou de cima a baixo.

— Como na música do Cure?

— É — respondi.

Ela assentiu, em aprovação.

— Aquela vaca magrela ali é a Pippa. Eu sou a Vicky, apelido de Victoria.

— Como na música do Kinks? — falei sem pensar e logo fiquei com a cara toda vermelha. Aquilo soou bem idiota dito por mim. Eu passava a impressão de estar muito ansiosa e de ser infantil.

Mas ela me deu um franco e radiante sorriso:

— É. Como na música do Kinks.

No final do beco, havia uma porta fechada e, diante dela, um homem negro com a cabeça raspada e brincos nas orelhas que mais parecia um armário.

— E aí, Mel? — Vicky o cumprimentou com uma voz toda melosa.

— Fala, Mel! — Pippa ficou na ponta dos pés para dar dois beijinhos nas bochechas do homem.

— Quem é essa? — ele quis saber, soando um tanto grosseiro, e apertou os olhos para me examinar melhor.

— Elise — respondi. Estiquei uma das mãos para apertar a dele, mas ele não deu o menor sinal de que iria mover os braços cruzados.

— Cadê a sua identidade? — ele pediu.

Tudo que eu tinha era o meu iPod.

— Não está aqui comigo. Mas juro que o meu nome é Elise.

— Ela está fazendo vinte e um anos hoje. — Vicky se meteu na conversa. — Isso não é o máximo? Parabéns pra Elise, nessa data querida, muitas felicidades...

— Se essa garota tem vinte e um, então eu também tenho. — Mel revirou os olhos.

— Quer dizer que você *não* tem vinte e um? — Vicky fingiu surpresa. — Sério, Mel, eu jurava que você tinha no máximo vinte e um. Com essa pele de bebê, quem poderia dizer que você é mais velho?

Os cantos da boca do Mel se contraíram como se ele estivesse lutando contra um sorriso.

— Sou velho o suficiente pra ser seu pai, Vicks.

— Como assim? — Vicky continuou. — O meu pai é *velho*. Sabe aquela revista que as pessoas velhas leem?

— Não — Mel respondeu.

— Bom, tem essa revista que é feita só pra gente velha e o meu pai compra desde que eu tinha seis anos. Além disso, ele vai dormir todos os dias às nove da noite. Mel, você *nunca* vai pra cama às nove.

Mel ergueu os ombros largos.

— A idade é mais que um número. É um estilo de vida.

— Então, o que você está me falando é que a Elise tem *mesmo* vinte e um, ainda que ela não tenha uma carteira de identidade pra provar isso.

Mel resmungou alguma coisa e começou a responder, mas Pippa deu um passo à frente.

— Qual é, Mel! — ela sussurrou. E não sei dizer se foi a postura, a expressão no rosto dela, a voz ou o jeito hesitante com que ela passava os dedos finos pelo cabelo, mas não conseguia imaginar ninguém nesse mundo negando o que quer que fosse para ela. — Seja cavalheiro. A Elise está com a gente.

E Mel deu um passo para trás e abriu a porta para nós.

E enquanto passávamos por ele para entrar no lugar, fiquei maravilhada com aquilo. Não com as gracinhas da Vicky ou as artimanhas femininas da Pippa, mas com a boa vontade que elas tiveram ao dizer, do jeito mais espontâneo do mundo: “A Elise está com a gente”.

“Por que vocês estão sendo legais comigo?”, eu queria saber. Mas não perguntei nada. Se eu perguntasse alguma coisa assim, elas poderiam perceber o erro que cometeram. Em vez disso, simplesmente pressionei o pulso esquerdo como se estivesse conferindo a minha pulsação e entrei.

You can't start a fire worrying about your little world falling apart.

This gun's for hire, even if WE'RE just dancing in the dark.

"Dancing in the dark", Bruce Springsteen

## 4

A porta se abriu para revelar uma pista de dança cheia de corpos suados em movimento, iluminados por luzes piscantes que quebravam a penumbra do salão de pé-direito alto. "Dancing in the dark" explodia em caixas de som que tinham duas vezes o meu tamanho e a maior parte da multidão cantava junto como se a sua vida dependesse daquilo. Bem, todos exceto um cara que tirava fotos com uma câmera que parecia ter custado uma fortuna, algumas meninas que esperavam na fila do banheiro e dois garotos que estavam literalmente se agarrando, com direito a beijos molhados e passadas de mãos.

— Isso aqui é uma balada? — Tive que repetir a pergunta mais alto quando percebi que ninguém me ouviu.

— É a Start! — O tom normal de voz da Vicky era tão alto que ela nem precisava projetá-la sobre a música. — O melhor clube underground do mundo!

Pippa balançou a cabeça e pude ver os lábios dela se moverem.

— A Pippa sempre diz que uma vez ela foi a um clube underground muito melhor em Sheffield. Mas ela se acha. A Start é

o point, Elise. Pelo menos é o melhor clube que temos na cidade. Sério que você nunca veio aqui antes?

Balancei a cabeça, fazendo que não, e admiti:

— Na verdade, eu não tenho vinte e um.

Vicky teve um acesso de riso. Até mesmo Pippa esboçou um sorriso e, desde aquela primeira noite, eu já pude perceber que ela não era muito de rir.

— Querida, nenhuma de nós tem vinte e um — explicou Vicky. — Nós duas temos dezoito.

— As leis pro consumo de álcool neste país são ridículas — Pippa acrescentou.

— Eu não ligo pra bebida — disse Vicky. — Mas não consigo entender por que é preciso ter vinte e um pra se divertir.

Mesmo tendo só dezoito anos, tanto Pippa quanto Vicky eram pelo menos dois anos mais velhas que eu. Eu tinha acabado de completar dezesseis em janeiro. Elas provavelmente já tinham terminado o ensino médio. Talvez estivessem na faculdade. Isso explicaria por que usavam vestidos de lantejoulas e se enfeitavam com penas, além de irem para um clube à uma da manhã de um dia de semana.

— Falando em bebida — Pippa lembrou —, vou pegar uma.

Eu a observei caminhar com passos largos. As pernas longas e finas balançavam sobre as botas de salto alto.

No caminho para o bar, Pippa parou na cabine do dj. Ela subiu os degraus até uma plataforma onde um cara com fones de ouvido no pescoço dançava, todo empolgado, diante de um computador, dois toca-discos e outros equipamentos eletrônicos. A plataforma era tão pequena que ela estava praticamente em cima do cara, com o cotovelo roçando no dele. Eu podia vê-la falar, mas não conseguia dizer se o rapaz estava escutando, já que mantinha os olhos pregados no equipamento diante dele enquanto ajustava os botões.

— O nome do dj é Char — Vicky falou na minha orelha. — A Pippa *aaaama* esse cara.

Olhei para os dois de uma forma diferente depois que Vicky me disse isso. Tentei ver amor nas atitudes da Pippa. Tentei descobrir se ele também a amava.

— Eles ficam bem juntos — comentei. — Como um casal de verdade. — Ele era alguns centímetros mais alto que Pippa, mesmo com ela de salto, e o cabelo escuro do cara complementava com perfeição as mechas platinadas da Pippa. Até mesmo as jaquetas de couro que ambos vestiam davam a impressão de que haviam sido compradas juntas, como uma caixa especial da Barbie. Algo como “Barbie e Ken vão à discoteca”.

Vicky riu.

— Vou contar à Pippa que você disse isso. Ela vai amar.

Char ergueu um dos dedos para Pippa, como quem dizia “espere um minuto”, e pôs os fones nos ouvidos. Pippa rondou a cabine por mais um tempo mas, como ele não tirou os olhos do computador, ela desceu e seguiu o caminho até o bar.

A música mudou para “Girls and boys” e a multidão foi à loucura.

— Vamos dançar! — Vicky gritou para mim. Mas, na verdade, só *ela* dançou.

Eis as minhas experiências na pista de dança:

1. Arruinar a apresentação de final de ano dos Pequenos Bailarinos da acm quando eu tinha seis anos porque não sabia fazer os saltos.

2. Ir ao baile da escola do sétimo ano, no qual tocaram músicas como “Shake your ass”, e sempre que mencionavam a palavra “bunda” rolava um “biiip”. Todo mundo dava em cima de todo mundo. Todo mundo menos eu.

Por isso, acho que tenho bons motivos para não dançar.

Os dois garotos perto da gente pararam de se beijar por tempo suficiente para berrar o refrão junto com todo o resto das pessoas.

—“*Looking for girls who are boys who like boys to be girls who do boys like they’re girls who do girls like they’re boys!*”<sup>[1]</sup>

Joguei o peso do corpo de um pé para o outro e cantei a letra enquanto tentava mexer os braços como Vicky. Pouco tempo depois, me dei conta de que eu devia estar parecendo uma idiota e abaixei os braços, deixando-os colados ao meu tronco.

Pippa correu de volta para a pista de dança com uma cerveja na mão.

— Elise! — Pippa gritou e empurrou a cerveja dela para mim.

— Obrigada — comecei a falar porque, por um momento, achei que Pippa tentava, ainda que de uma forma meio atrapalhada, me dar um presente.

Pippa pegou as mãos da Vicky e elas começaram a pular juntas, berrando a letra com os rostos quase colados. Num dos pulos, um dos saltos da Pippa aterrissou bem em cima do meu pé, mas ninguém pareceu notar.

Percebi um pouco tarde demais que Pippa não estava me dando a lata de cerveja de presente, mas sim me usando como um porta-copos de carne e osso. Apenas isso. Aos poucos, aterrissei em terra firme como um boneco de corda que perde a energia.

E, de repente, tive aquela sensação. Eu sempre aquilo, mas não sabia se tinha um nome. Não era *nervosismo* nem *tristeza*, nem mesmo *solidão*. Era tudo isso e um pouco mais.

Um sentimento mais ou menos assim: *eu não pertencço a esse lugar. Não sei como cheguei aqui e não sei por quanto tempo poderei ficar antes que todos percebam que sou uma impostora. Eu sou uma fraude.*

Experimentei aquela sensação em praticamente todos os lugares que tinha pisado em toda a minha vida. Não há nada que se possa fazer a respeito além de beber um pouco d'água e torcer para que a sensação passe. Ou eu poderia ir embora.

Deixei a cerveja da Pippa no chão. Ela e Vicky ainda estavam de mãos dadas e pulavam, cantando em uníssono, dando rodopios. Alguns garotos ao redor as observavam com admiração. O cara com a câmara gigantesca, e que parecia ter custado os olhos da cara, me cutucou para que eu saísse do caminho e ele pudesse bater uma foto delas. Ninguém olhava para mim. Assim, escolhi a opção B e dei o fora.

Um pouco antes de eu escapar pela porta, parei por um momento e olhei para trás mais uma vez, tentando guardar aquela imagem na minha mente. A escuridão e a música, os acessórios na cabeça das meninas que brilhavam quando eram atingidos pela luz, os tênis de cores vivas que deslizavam pela pista de dança.

Do outro lado do salão, Char ergueu os olhos do seu equipamento de dj. Ele segurava um único fone de ouvido com a

mão direita, enquanto a esquerda estava livre e ele investigava a multidão. Ele movia a boca de forma quase imperceptível, como se falasse consigo mesmo ou cantarolasse. Os olhos dele examinaram a pista e depois pararam, brevemente, em mim.

Fixei os meus olhos nos dele por um longo momento. Ele não sorriu, mas achei a sua expressão amigável. Ou, talvez, ele estivesse apenas curioso.

Ele então voltou a olhar para o computador e eu fui embora.

Quando o despertador tocou às 6h35 da manhã seguinte, me senti totalmente lesada. Apesar de eu sempre dormir tarde, não costumava me sentir tão grogue. Eu já estava acostumada a passar dias sem dormir. Na verdade, eu me sentia melhor na escola quando estava assim. Era como ser anestesiada antes de uma cirurgia.

Depois de desligar o despertador, encarei o teto e tentei descobrir o que estava rolando. Eu tinha mesmo descoberto uma festa secreta num galpão? Ou será que eu tinha apenas sonhado com tudo aquilo, um daqueles sonhos patéticos em que realizamos os nossos desejos?

Foi então que Alex entrou no meu quarto berrando:

— A mamãe disse que eu preciso te dizer que está na hora de levantar! E ela disse que vai chover. E ela disse pra eu perguntar o que você quer de café da manhã.

Esse é o problema da vida. Nunca há tempo suficiente para olhar para o teto e descobrir o que está rolando.

Durante o café da manhã, nenhum membro da família Myers me perguntou: “E aí, por acaso você topou com alguma balada à uma da manhã enquanto caminhava pelas ruelas de Glendale?”. Em vez disso, as pessoas disseram coisas como:

Minha mãe: Tenho uma teleconferência com o gestor do fundo às cinco. Você pode buscar as crianças na escola?

Steve: Campeão, juro que esse é o mesmo tipo de *waffle* que comemos toda semana. Só está um pouco mais marrom, mas, se você fechar os olhos, vai ver que o gosto é exatamente o mesmo.

Alex: Eu não vou pra escola. Vou ficar sentada no sofá o dia todo e vocês não vão poder me impedir porque estarei participando do processo democrático.

Neil: Eu não gosto de farinha integral. Vocês *sabem* que eu não gosto de *waffles* de farinha integral.

Logo, obviamente ninguém estava pensando no assunto “balada” naquela sexta de manhã.

Cheguei ao ponto de ônibus com alguns segundos de antecedência e sentei na primeira fileira. Depois daquele dia do primeiro ano, desisti de sentar no meio. Qual é, você acha que só porque se senta seis fileiras mais perto do fundo as pessoas vão se deixar enganar, vão pensar que você é descolada e se sentarão ao seu lado? Eu já tinha tentado aquilo. Não funcionou. Os meus colegas podiam ser idiotas, mas nem mesmo eles eram enganados com tanta facilidade.

Apertei o rosto contra a janela manchada e observei enquanto os galpões passavam por mim, um atrás do outro, tentando encontrar a Start. Só que tudo que descobri é que, numa manhã chuvosa, todos eles pareciam ser exatamente iguais.

Quando o ônibus virou a esquina, tirei a cara da janela e encostei no banco. Se eu não voltasse lá para descobrir onde a festa aconteceu, jamais saberia onde era.

A escola foi normal, o que é sinônimo de dilacerante e deprimente. Sentei na sala e escrevi a letra de “Dancing in the dark” com a minha melhor letra cursiva na borda do caderno. Imaginei Vicky brotando na sala de aula com Pippa atrás dela e anunciando para a turma:

— *A Elise está com a gente! Ninguém aqui gosta dela e, pra falar a verdade, vocês não a merecem. Elise, está na hora. Estamos aqui pra te levar pra vida real. Você já sofreu demais, mas tudo isso era apenas um teste, que acabou agora.*

E então eu me levantaria, daria as mãos para elas e, juntas, correríamos rumo ao pôr do sol.

Desenhei tudo isso no meu caderno. Mas aquilo seria o mais perto que os meus pensamentos chegariam de se tornar realidade. Não só porque eram apenas onze e meia da manhã e o sol não

estava se pondo mas, mesmo que estivesse, não poderíamos fazer nada parecido, pois estava chovendo.

Logo já era hora do intervalo. Os alunos do segundo ano *não* têm permissão para sair da escola e também *não* podíamos circular pelos corredores. Assim, as minhas opções de intervalo eram:

1. Sentar na biblioteca, ler um livro e ouvir o meu iPod, que era basicamente a maneira perfeita de passar trinta e cinco minutos de um dia de aula, a não ser pelo fato de que *não* é permitido comer na biblioteca — nem nos corredores ou nas salas de aula. Então, quando escolho essa opção, me preparo para quase desmaiar de fome até o final do dia.

2. Sentar na sala da senhora Wu e conversar sobre matemática com ela. Na verdade, esse é um excelente negócio, já que ela não parece saber ou ligar para o fato de *não* ser permitido comer dentro das salas. Quando estou com a senhora Wu, como o meu sanduíche sem esbarrar em ninguém popular, já que uma característica definidora dessa galera é que eles não gostam de bater papo com professoras de matemática. Além disso, a senhora Wu me conta coisas interessantes sobre a matéria, algumas das quais se mostrariam até mesmo úteis quando fizesse o teste sat no ano seguinte, e boas notas no sat eram a minha maior esperança para entrar numa boa universidade e dar o fora daquele inferno.

Infelizmente, a senhora Wu dava aula para outro ano às sextas-feiras no horário do nosso intervalo. A sala da senhora Wu era a melhor opção às terças-feiras. Mas não às sextas.

3. Sentar no refeitório na mesa das minhas amigas.

Ah, eu contei que passei a ter amigas? Como fui me esquecer disso? Eu tinha amigas! Olha só que surpresa!

As minhas amigas se chamavam Sally e Chava. Ambas eram menos populares que eu e jamais descobri o real motivo disso, acho que talvez seja porque elas eram inacreditavelmente chatas. As duas tinham apenas um único interesse: a vida das pessoas populares.

Sally e Chava acompanhavam a vida da galera popular como se fosse uma novela. Brooke Feldstein não podia nem fazer um boquete num dos membros do time de basquete da escola sem que Sally e Chava soubessem tudo a respeito, discutissem o assunto por

telefone, antes de uma conversa ao vivo, solicitassem testemunhos de qualquer pessoa que estivesse num raio de dois quilômetros do ocorrido, pesquisassem no Google e apostassem sobre que marca de gloss Brooke usava naquele dia.

Preciso ressaltar que Sally e Chava não eram amigas da Brooke Feldstein. Não acho que elas nem mesmo já tivessem falado com ela. As duas simplesmente acompanham as bizarrices da Brooke à distância. Elas eram o fã-clubes secreto, ainda que apaixonado, da Brooke Feldstein.

A caminhada da noite anterior havia me deixado faminta, então morrer de fome na biblioteca não era uma opção; como as aulas de sexta-feira da senhora Wu tornaram a sala dela uma impossibilidade, fui obrigada a me juntar às minhas amigas queridas no refeitório.

A grande notícia da semana era que Jordan DiCecca havia terminado com a namorada, Laura, para ficar com outra garota, Leah. Todo mundo sabia disso. Mas será que ele *chifrou* Laura com Leah *antes* de terminar o namoro? Essa era a verdadeira questão.

— Ele com certeza chifrou a Laura — disse Sally enquanto comia.  
— Não há a menor possibilidade de ele ter terminado com a Laura sem ter dado uma conferida na Leah pra ter certeza de que ela, vocês sabem, manda bem.

Chava mordida o lábio, aparentando dúvida.

— Ele pode ter simplesmente perguntado a ela uma parada do tipo: “E aí, Leah, se eu terminasse com a Laura, você transaria comigo?”.

— Ah, qual é, você conhece o Jordan — Sally retrucou. Não, nós não o conhecíamos. — Ele não faria nada sem ter uma garantia. — Sally mordeu um pedaço de aipo. Sally e Chava só comiam vegetais crus na hora do almoço porque estavam de dieta. E depois elas dividiam uma caixa de donuts de sobremesa. Elas já haviam declarado explicitamente que, se emagrecessem três quilos (no caso da Sally) ou seis (no caso da Chava), teriam amigos populares e não precisariam sentar uma com a outra e comigo na mesa dos perdedores. Isso soava patético e ilusório, mas eu deixava que elas continuassem a pensar assim porque não havia nada mais patético e

ilusório que eu acreditar que faria amigos por me sentar no meio e não na frente no ônibus da escola.

— A Laura e o Jordan ficaram juntos por mais de um ano — Chava comentou, pensativa.

Sally assentiu:

— Fez um ano em fevereiro.

— Isso é uma eternidade. É uma baita mudança. Muito triste, né?

Dava para ver que ela não estava brincando. Chava parecia com Neil e Alex quando ouviram que íamos comprar um sofá novo. Acho que ninguém lida bem com mudanças.

— Vocês podem organizar uma ocupação — sugeri.

As minhas amigas me olharam sem entender nada.

— Sabe como é. A gente pode ficar aqui plantada nessa mesa no refeitório até que o Jordan e a Laura voltem.

Sally e Chava pareceram ter ficado bem menos empolgadas com a ideia que Alex e Neil.

— Posso fazer placas de protesto pra vocês carregarem — continuei. — Se é que isso vai ajudar em alguma coisa.

Sally se inclinou para a frente e abaixou um pouco o tom de voz:

— Só quero saber quanto tempo ele e a *Leah* vão durar.

Você deve estar se perguntando de onde eu tirei essas amigas. Bem, vou tentar contar. Na verdade, fazer amigos não é assim tão difícil quando você baixa todos os seus padrões.

As mesas do refeitório da nossa escola eram organizadas, não oficialmente, de uma maneira que a galera popular se sentava sempre no meio. À medida que você ia em direção às paredes, as mesas começavam a ser ocupadas por pessoas cada vez menos desejáveis. A mesa da Amelia Kindl, por exemplo, ficava a quatro fileiras do fundo. A mesa da Sally e da Chava se localizava no extremo oposto do refeitório, bem em frente aos banheiros. Em todos os aspectos, a pior mesa de todas.

Quando me cortei, fiquei algumas semanas sem ir à escola. O que não foi tão legal quanto se poderia imaginar, já que passei o tempo todo preocupada com o momento em que teria que voltar. Quando finalmente regresssei e entrei no refeitório pela primeira vez,

procurei por uma mesa em que eu não corresse o risco de alguém me expulsar, me fazer perguntas que eu não queria responder ou me fizesse limpar o lixo dos outros. Sentei na mesa da Sally e da Chava e elas não me mandaram embora, então aparentemente nos tornamos amigas.

— O que será que ela vai usar no baile hoje? — Chava matutou.

— Provavelmente alguma coisa nova — Sally respondeu, sábia.

— A Leah sempre usa um vestido novo nos bailes. — Ela se virou para mim. — Ei, você quer ir lá pra casa pra gente se arrumar pro baile?

— Hein? — Engoli um pouco do meu sanduíche de creme de amendoim com geleia. — Tem baile da escola hoje?

— É a Loucura de Primavera — Chava respondeu e nem mesmo acrescentou nada como um *é óbvio*. Ela era meio burrinha e uma das pessoas mais chatas do mundo, mas sempre se esforçava para ser legal.

— Como assim, você não percebeu todos os cartazes e os anúncios na rádio e no jornal da escola? — Sally perguntou. — Com toda a sinceridade, Elise, às vezes parece que você nem frequenta a escola.

— Bem, esse é um dos meus objetivos de vida — eu disse.

— Mesmo assim você vai lá pra casa pra gente se arrumar juntas? — Sally insistiu. — A minha mãe disse que só essa noite vou poder usar glitter corporal.

— Uau! — Chava comemorou.

Os pais da Sally eram do tipo que a inspecionavam todas as vezes que ela saía de casa para ter certeza de que a filha não estava parecendo com uma "rameira" (esse é o termo que o pai dela usava). Para mim, isso soava como abuso infantil, mas Chava pensava que Sally era sortuda, porque a família dela era tão religiosa que Chava não podia sair às sextas à noite, não importava a roupa que estivesse usando.

— Eles também não me deixam dirigir — Sally continuou. — Só se algum dia eles tomarem um porre.

Sally tinha carteira de motorista, mas os pais dela sempre vinham com desculpas para não permitir que ela dirigisse. Isso

também a deixava à frente de Chava e de mim, já que nenhuma de nós duas tinha carteira.

Na maior parte do tempo, eu me sentia mal por Sally e Chava, mas às vezes chegava a ter inveja delas. Os pais das duas provavelmente arruinaram a vida das filhas, ou pelo menos a adolescência, de forma que elas tinham alguém para culpar por não serem nada populares. Eu não tinha esse luxo. Só podia culpar a mim mesma.

Comecei a picar os restos da casca do meu sanduíche enquanto tentava descobrir como responder a Sally sem ferir os sentimentos dela. Considerei o convite como um sinal de amizade. E, com toda a honestidade, foi isso o que fiz. Essa era a maneira de Sally fazer amizade comigo. Mas a ideia de ir até a casa dela, vestir o que quer que as adolescentes devem vestir nos bailes da escola, receber permissão para usar uma certa quantidade de glitter corporal, pegar uma carona com os pais da Sally de volta para aquele mesmo lugar, onde ficaríamos perto daquelas mesmas pessoas que permaneceriam sem falar com a gente, com a música que eu mais odeio berrando ao fundo... Tipo, nem por todo o dinheiro do mundo. E, na verdade, ninguém me pagaria nem um tostão furado para ir ao baile. Muito pelo contrário. Eu teria que pagar cinco dólares para entrar.

— Obrigada, Sally, mas não vou ao baile hoje.

— Ah, como assim? — Chava lamentou como se alguma coisa muito ruim tivesse acontecido.

Sally fez uma careta.

— Você não gosta de dançar?

Pensei na noite anterior, nas luzes que piscavam, nas batidas da música e em Vicky e Pippa pulando ao mesmo tempo.

— Não tenho nada contra dançar.

— Então você deveria ir — Sally decidiu.

— Não — repeti. — Mas você vai se divertir. Ei, quem será que vai te convidar pra dançar hoje à noite?

E isso as distraiu. Ninguém nunca convidava Sally para dançar naquelas festas, mas isso não faria com que ela e Chava deixassem

de acreditar que algum dia alguém poderia escolhê-la. E aquela podia ser A Noite. O glitter corporal poderia fazer toda a diferença.

Talvez eu devesse me sentir pior por Sally e Chava que por mim, mas não sou assim tão generosa. Tudo bem, elas vivem num mundo de fantasia, mas pelo menos as fantasias delas lhes servem como uma boa rede de proteção. Também tenho fantasias, como aquela em que Pippa e Vicky apareciam no meio da aula de história para me resgatar. Mas, diferentemente de Sally e Chava, eu tinha noção de que as minhas fantasias jamais se realizariam.

Naquela noite, enquanto Sally, Jordan, a nova namorada dele e a ex estavam farreando na escola, fiquei em casa, fazendo uma playlist em homenagem à Loucura de Primavera. Eu a chamei de "Dê o fora da cidade e vá pegar um sol". Deixei a janela aberta, o meu quarto cheirava a ar fresco e eu me sentia feliz porque todos os outros estavam na escola enquanto eu poderia estar onde bem entendesse nas próximas cinquenta e oito horas.

À meia-noite, amarrei os cadarços do meu tênis e saí de casa. Comecei a refazer os meus passos da noite anterior. Segui todo o caminho até a Start. Além do meu iPod, enfiei também um pente no bolso de trás da calça. Sabe como é, para o caso de eu cruzar novamente com eles — Pippa, Vicky ou Char. Eu poderia querer dar uma ajeitada na juba.

Mas não topei com ninguém. Fui até o quarteirão onde a Start acontecera vinte e quatro horas antes e não havia nada além de uma rua horrenda e vazia. Depois de cruzar a rua de um lado ao outro duas vezes, consegui identificar o beco por onde entrei correndo atrás da Pippa e da Vicky, só que, naquele dia, o lugar não passava de uma viela comum. Não havia nenhum Mel no final dele, nenhuma festa para ser protegida.

Fiquei parada, confusa, no meio da rua silenciosa, me sentindo como uma anã diante da altura dos galpões. O baile da escola já tinha acabado havia horas. E a Start ainda não tinha nem começado. A vida noturna não oferecia nada para mim.

Assim, dei as costas para onde a Start deveria estar, aumentei o volume dos meus fones de ouvido e voltei para casa, sozinha.

I would go out tonight, but I haven't got a  
stitch to wear.

"This charming man", The Smiths

## 5

Não vi Vicky nem Pippa durante duas semanas. Se a Start não abria nas noites de sexta (nem nas de domingo, como eu descobri quando fui andando até lá mais uma vez para conferir), pensei que talvez pudesse rolar na outra quinta. Só que, na semana seguinte, eu estava na casa do meu pai, que é onde devo estar todas as quintas de acordo com a Agenda da Elise. O meu pai mora do outro lado da cidade. Seria uma caminhada longa demais até mesmo para mim.

Mas, na outra quinta-feira, o meu pai teve que trabalhar até mais tarde para ajudar num show que aconteceria na loja, por isso fui mais uma vez para a casa da minha mãe, onde tudo continuava do mesmo jeito, a não ser pelo sofá. E ainda há pessoas que acreditam nessa história de desobediência civil. Depois da Conversa da Hora do Jantar (assunto do dia: combustíveis fósseis. Combustíveis fósseis são sempre um assunto-padrão da minha mãe e do Steve) e de fazer o dever de casa, fui andando até a Start.

E lá estava ela novamente. A rua continuava escura e deserta como sempre, só que a balada na Start estava rolando atrás daquelas paredes de concreto sem janelas. Eu podia sentir.

Obviamente, quando virei a esquina e entrei no beco entre os galpões, encontrei Mel de pé em frente à porta. Ele conversava com uma menina que usava uma estola de pele.

— Queridinha — eu o ouvi dizer a ela —, você matou essa coisa com as próprias mãos?

Ela murmurou uma resposta.

— Escuta só. Só existe um jeito maneiro de usar animais mortos: quando você mesma os mata. Ou quando você é uma drag queen e é inverno. Nenhuma dessas situações se aplica aqui.

A garota suspirou e tirou a estola. Mel deu um passo para o lado e deixou que ela entrasse no clube.

— *Meat is murder*. Carne é assassinato.

Dei um passo à frente.

— Você é fã dos Smiths? *Meat is murder* é um dos meus discos preferidos da banda.

— É do meu tempo — ele explicou. — Eu ia a festas como essa aqui quando os Smiths ainda lançavam material inédito. É, eu sou velho *assim*.

— Então... espera aí! Quer dizer que você não deixa mesmo ninguém entrar com casacos de pele?

Mel se inclinou para que os seus olhos ficassem na mesma altura dos meus.

— Pra ser sincero, não temos nenhum *dress code* aqui. É claro que isso não me impede de reforçar os padrões que eu desejo ver, mas não é uma regra oficial. O *flyer* diz apenas: "Mande ver no visual".

Olhei para o meu tênis, o jeans e a camiseta de manga comprida já um pouco suada graças à caminhada.

— Ih, eu definitivamente não fiz isso.

— Não — Mel concordou. — Você podia ter dado um trato nesse visual, mas vou deixá-la entrar dessa vez. Identidade, por favor.

Merda. E lá vinha aquela mesma história de novo.

— Eu... eu não trouxe.

Mel deu de ombros.

— Sem identidade, sem entrada, querida.

Encarei Mel. Ele me encarou de volta. Foi tão fácil quando eu estava com Pippa e Vicky que não tinha pensado no quanto aquilo podia ser complicado. É claro que eu precisava de uma carteira de identidade. É claro que, como sempre, havia uma barreira invisível e arbitrária no meu caminho. Não dava para vê-la, mas é óbvio que

ela sempre me manteria longe dos meus objetivos. Uma cerca que sempre envolvia a felicidade e me deixava do lado de fora.

— Você está chorando? — Mel me perguntou, juntando as sobrancelhas.

— Não. — A minha voz saiu mais alta e anasalada do que eu gostaria. — Estou apenas... Você se lembra de mim, Mel? Vim aqui há duas semanas.

Ele me observou por outro longo momento antes que os seus olhos se iluminassem ao me reconhecer.

— Você é amiga da Pippa e da Vicks.

— Sim. — Senti os meus joelhos bambearem de tanto alívio e não seria eu quem ia dizer que elas não eram exatamente minhas amigas.

— Por que você não disse isso antes? Elas já estão lá dentro. Pode ir encontrá-las. — Ele abriu a porta e olhou novamente para mim. — Você conhece bem essas meninas?

— Não muito — admiti.

Ele assentiu.

— Então vou te contar que a Vicky tem talento e a Pippa, problemas.

— Tudo bem. — Não entendi o que ele quis dizer e fiz um movimento em direção à porta.

— E você, o que tem? — Mel se pôs na frente da porta, bloqueando a minha entrada. — Talento ou problemas?

Parei por um momento e pensei a respeito.

— Os dois — eu disse finalmente.

Mel riu e abriu a porta para mim.

— Boa resposta.

Lá dentro, "Blue monday" explodia nas caixas de som e a pista de dança estava ainda mais lotada que da última vez. Tentei imaginar quantas pessoas se acotovelavam ali. Umas cem, talvez? Duzentas? Era impossível contar, por causa das luzes piscantes e da galera que não parava de ir de um lado para o outro.

Dei uma olhada na multidão e por fim acabei reconhecendo Vicky e Pippa perto da cabine do dj. As minhas amigas! Se Mel falou que elas eram minhas amigas, então deveriam ser mesmo! Vicky usava

um vestido com flores coloridas, muito estiloso. Largo, o vestido ficava pendurado apenas pelos ossos dos ombros dela. O visual era completado por botas cor-de-rosa que fizeram com que por um breve momento eu sentisse saudade das minhas botas de unicórnio. As minhas botas de unicórnio horríveis, nada descoladas.

Pippa estava toda vestida de preto, com as pernas intermináveis contidas pelos seus improváveis sapatos de salto alto numa extremidade e pelo vestido improvavelmente curto na outra. Ela segurava um copo de vidro com um líquido amarronzado. As duas posavam com as mãos para cima para aquele mesmo cara com a câmera imensa.

Abri caminho entre a multidão de dançarinos até alcançá-las.

— Oi! — eu as cumprimentei e só então pensei se talvez elas não teriam esquecido de mim, do mesmo jeito que acontecera com Mel. Não era nada divertido pensar que as pessoas que habitaram os seus sonhos nas últimas duas semanas, que você desenhou no seu caderno de química, poderiam nem mesmo saber quem você era.

Mas eu não precisava ter me preocupado. Vicky me reconheceu na hora.

— Elise! — Ela soltou uma risadinha. Ela até me deu um abraço, como se fosse a minha mãe ou Alex.

Basicamente, o que estou dizendo é que as únicas pessoas que me abraçavam eram aquelas com quem compartilho cinquenta por cento do meu código genético.

— Pra onde você *foi* da última vez? — Vicky quis saber, me pegando pelos ombros. — Quando nós nos viramos, você já tinha ido embora.

Passei os dedos pela parte de dentro do meu braço esquerdo enquanto tentava pensar em alguma resposta que não fosse *Às vezes eu me sinto detonada*.

— Você saiu à francesa — Vicky continuou.

— Como assim? — perguntei.

— É quando você vai embora de repente e não avisa ninguém. — Pippa entrou na conversa. — E esse é um tipo de comentário bem preconceituoso.

Vicky revirou os olhos.

— Primeiro, o que eu disse não teve nada de preconceituoso. E, segundo, você nem é francesa, Pippa. Você veio da Inglaterra.

Pippa deu de ombros.

— Ainda assim, eles são nossos vizinhos queridos.

— “Vizinhos queridos”? — Vicky chiou.

— Ei — interrompi a discussão. — Quem é aquele cara que estava tirando fotos de vocês? Com aquela câmera que parece ter custado os olhos da cara?

Vicky soltou uma gargalhada.

— É o Tommy Flash.

— Esse não é o nome verdadeiro dele — Pippa retrucou.

— Acho que *Tommy* é um nome de verdade — disse Vicky.

— Tommy não é um nome de verdade — Pippa insistiu. — É um *apelido*.

Vicky se voltou novamente para mim:

— O Tommy Flash é um fotógrafo da noite. Ele tira fotos das pessoas em festas e posta no site dele.

— Por quê? — eu quis saber.

— Porque é o trabalho dele — Pippa respondeu como se fosse a coisa mais normal do mundo, como se em qualquer sociedade funcional houvesse médicos, professores e fotógrafos da noite.

— Porque alguém precisa documentar os nossos dias de glória — Vicky completou.

O dj pôs uma música dos Strokes.

— Eu pedi pra ele tocar essa — Pippa disse. — Fui eu que escolhi. Essa é a melhor parte de ser amiga do dj. Você sempre tem um lugar pra deixar o casaco e às vezes ele toca uma música pra você.

O dj pulou da cabine para se juntar a nós.

— Ei. — Ele se virou na minha direção. — Você esteve aqui há umas semanas, né? Eu me lembro de você. Qual é o seu nome?

— Elise — Pippa respondeu por mim. — Como na música do Cure.

Eu entendi totalmente o que Vicky quis dizer quando comentou que Pippa *amaaaaava* o dj. A maneira como ela tinha corrido para responder à pergunta dele, mesmo que não fosse endereçada a ela.

A forma como ela ajeitava o cabelo quando ele estava por perto. O jeito como sorria para ele. Talvez Pippa tenha lido aquela mesma pesquisa sobre como as pessoas gostam mais de nós quando sorrimos.

— Oi, Elise-como-na-música-do-Cure. — O dj abriu o maior sorriso e estendeu uma das mãos para mim. — Eu sou Char-como-na-música-dos-Smiths.

Olhei para ele, sem saber o que dizer.

— Você não conhece os Smiths? — ele me perguntou.

— Eu conheço os Smiths — rosnei, pois só Deus sabe quantas críticas sou capaz de suportar, uma vez que já ouvi todas elas antes, mas que não *ousem* duvidar do meu conhecimento musical. Não sou especialista em muitas coisas nesse mundo, mas música é a única parada em que eu mando bem, portanto ninguém vai tirar isso de mim. — Amo os Smiths — continuei. — Só não sabia que eles tinham uma música chamada “Char”.

— Esse é o nome de dj dele — Vicky explicou, revirando os olhos. — dj This Charming Man.

— Só que é um nome muito comprido — Pippa continuou. — Por isso a gente usa só Char. Apelido de Charming. — Ela piscou para ele.

— Sei. — Apertei os olhos para dar uma conferida no cara. Ele vestia um casaco esportivo justo e aberto, uma gravata fininha listrada de azul e branco, um jeans escuro lavado e calçava um tênis branco muito descolado.

Ele balançou a cabeça.

— Sei o que você está achando e concordo. *Charming*, encantador, é um pouco de exagero. Mas pelo menos me dá um objetivo pra perseguir.

Pippa soltou uma risadinha.

— Quem quer uma bebida? — ela perguntou, mas era óbvio que Vicky e eu não estávamos incluídas no oferecimento.

Char fez que não com a cabeça.

— Preciso mudar a música. Desculpe.

Ele subiu novamente para a cabine e pôs os enormes fones de ouvido na cabeça. Pippa permaneceu onde estava, como se tivesse

mudado de ideia sobre a bebida. Um segundo depois, Char trocou a música dos Strokes por Whitney Houston, "I wanna dance with somebody (who loves me)".

Pippa e Vicky gritaram ao mesmo tempo e começaram a dançar loucamente. Era óbvio que Pippa estava fazendo um showzinho para Char, só que, quando ele desceu da cabine, foi comigo que fez contato visual e não com ela.

— Quer dançar? — Ele estendeu uma das mãos para mim.

— "*I wanna dance with somebody*" — Whitney cantava. — "*I wanna feel the heat with somebody. I wanna dance with somebody, with somebody who loves me.*"<sup>[2]</sup>

Balancei a cabeça, sentindo que começava a corar.

— Na verdade, eu não danço.

Uma ruga se formou na testa do Char.

— Por que não?

— Eu... eu não sei.

Char então começou a dançar, fazendo movimentos idiotas com os braços e batendo os pés em intervalos desajeitados, como se fosse um soldado com ataques espasmódicos.

— Consegue fazer melhor que isso? — ele berrou mais alto que a música.

Assenti, sorrindo mesmo contra a minha vontade.

— Ótimo! Então você sabe dançar. — Ele parou com aquela marcha maluca e pegou a minha mão. — Tudo que você precisa fazer é seguir o líder.

— Mas eu não sei...

Ele começou a balançar a cabeça e cantar junto com a música num falsete:

— "*So when the night falls, my lonely heart calls.*"<sup>[3]</sup>

Char me puxou para perto dele e depois me empurrou novamente para trás. Foi tudo tão rápido que não tive tempo de falar nada até me dar conta de que estávamos dançando. Char fez com que eu me aproximasse dele mais uma vez com um rodopio, depois trocou a mão que pegava a minha e me girou de volta para a frente. Ele passou os nossos braços sobre a minha cabeça e então se pôs ao meu lado. E tudo isso ao mesmo tempo em que fazia uns

passos malucos e supercomplicados. As pernas dele pareciam as patas de uma aranha.

— Olhe pro meu rosto — ele berrava mais alto que a música. — Não olhe pro chão!

— Não consigo evitar. — As minhas palavras saíram como um grito agudo. — Não quero cair.

— Você não vai cair! — ele berrou.

— Parece até que eu estou numa montanha-russa!

Char parou de me fazer rodopiar e me puxou para junto dele.

— Preciso mudar a música — ele disse na minha orelha. — A hora do recreio acabou. Vem comigo até a cabine um segundo.

Ele me levou até a cabine do dj. Ficava a apenas alguns metros do chão, mas de repente me senti como uma rainha, olhando para a festa lá embaixo. A parede atrás da cabine estava coberta de *post-its* com pedidos de músicas ou recados. “Toque uma do Sabbath!” “Toque alguma música com batida eletrônica.” “Você tem alguma coisa dos Bluetones?” “O dj This Charming Man manda ver!” Observei Pippa e Vicky, logo abaixo da gente, ainda dançando como loucas. Vicky pulava e socava o ar, enquanto Pippa balançava sobre os saltos e rodava os ombros e a cabeça. Pippa me encarou por um momento, apertando os olhos como se estivesse me avaliando, embora eu não soubesse por que ela fazia aquilo. Ela então jogou o cabelo para trás e voltou a me ignorar.

— Eu sei dançar! — exclamei para Char, que estava inclinado sobre o laptop.

— Eu te disse. Qualquer um pode dançar.

— Bem, na verdade, *você* sabe dançar. Eu só segui os seus passos. Falando nisso, onde você aprendeu a dançar desse jeito?

— No grupo de jovens da igreja — Char respondeu sem olhar para cima.

— Não acredito em você.

— Isso é bom. É uma boa tática. Tente nunca acreditar em mim a não ser que seja absolutamente necessário.

— E aí, onde você aprendeu a dançar?

— No meu casamento. — Ele pôs uma música do Primal Scream.

— Fui obrigado a fazer um monte de aulas de dança antes da minha

festa de casamento. Sabe como é, pra nossa primeira dança ao som do Elton John.

Por alguma razão, essas palavras me causaram uma pontada estranha que continuou a me incomodar mesmo depois de eu ter dado uma olhada na mão esquerda dele e ter certeza de que aquela história não passava de mais uma brincadeira. Eu sentia meio como se *não pertencesse àquele lugar*. E a pontada me atingia em cheio na boca do estômago.

— Char — perguntei uma terceira vez —, onde você aprendeu a dançar?

Ele então olhou para mim, apesar das suas mãos ainda ajustarem alguns botões.

— Aprendi sozinho — ele declarou finalmente. — Eu saio muito.

Eu assenti como se fosse muito sábia e conhecesse tudo sobre sair muito.

— Quantos anos você tem? — ele me perguntou do nada.

— Dezesseis.

Char pendurou os fones de ouvido no pescoço.

— Gostei disso.

— Gostou do quê? — De repente, me dei conta do que ele queria dizer e cruzei os braços sobre o peito. — De eu ter só dezesseis anos?

Ele soltou uma gargalhada.

— Isso soou meio sinistro. Não, gostei do fato de você ter sido honesta. Outras garotas poderiam falar que eram mais velhas, sabe? Pra parecerem mais maduras ou alguma coisa do tipo. Você não está fingindo ser alguém diferente do que você é.

— Acho podre esse lance de fingir ser uma pessoa que você não é. — Eu me apoiei no corrimão da escada que levava até a cabine. — E falo por experiência própria.

Ele gargalhou de novo.

— Sua vez — eu disse. — Quantos anos você tem?

— Dezenove. Faço vinte em junho.

— E há quanto tempo você faz isso? — Fiz um gesto em direção à pista.

— Já trabalho como dj aqui na Start há um ano e meio. Sou precoce — ele confidenciou.

— Ah, eu também.

— Sério? — Ele ergueu uma das sobrancelhas. — Em quê?

— Em tudo, quase. Comecei a falar frases inteiras quando tinha um ano de idade. Aos seis, já conseguia ler livros que não tinham figuras. Durante as aulas de matemática do quarto ano, eu ficava sentada no fundo da sala com um livro de álgebra que os professores só usavam no oitavo. A minha banda preferida na pré-escola era o Cure porque eu gostava das letras.

“Por que está contando isso pra ele? Você acha que essas coisas irão fazer com que ele goste mais de você? Durante toda a vida, contar essas paradas nunca fez com que as pessoas gostassem mais de você. Você ainda não aprendeu isso?”

— Uau. — Ele apertou os lábios. — Então você é tipo um gênio?

— Não. Sou apenas precoce e me dediquei bastante. Não é a mesma coisa.

— Tudo isso aconteceu no passado — ele disse. — Os livros de matemática do oitavo ano e todo o resto. Em que coisas você é precoce hoje em dia, Elise?

Tentei pensar numa resposta. A última coisa que eu tinha realmente estudado com aquele grau de empenho, a última coisa a que me dediquei de corpo e alma, em que mergulhara de cabeça até quase ficar sem ar e me afogar. A última coisa foi *tentar ser normal*.

— Na verdade, não estou mais nessa — contei a Char. — Estou muito velha pra ser precoce.

— Xiiii! Qual é? Você é um bebê. — Ao ouvir essas palavras, senti a mesma pontada novamente, bem no estômago. — *Eu* sou velho demais pra ser precoce, mas mesmo assim vou continuar a falar isso. — Ele voltou para o computador e deu mais alguns cliques. — Está certo. Já que você é tão esperta, me dá uma ajuda aqui. O que eu devo tocar depois dessa?

— Bem, o que você tem aí? — Tentei dar uma espiada na lista de músicas sobre os ombros dele.

— Tenho tudo — ele garantiu.

— “Cannonball” — sugeri. Aquela tinha sido a última música que ouvi nos meus fones de ouvido antes de entrar ali.

— Breeders? Claro.

Observei Char selecionar a música no computador, pôr os fones de ouvido e ajustar a mesa de som.

Pippa se aproximou e puxou a barra da calça do Char. Ele se abaixou para falar rapidamente com ela. Então se levantou e me disse:

— Ei, você pode me fazer um favor? Vou sair rapidinho com a Pippa. Pega isso aqui. — Ele pôs os fones de ouvido no meu pescoço. — Quando a música acabar, tudo que você precisa fazer é empurrar esse botão pro outro lado.

— O quê?

— É muito fácil. Já está engatilhado. É só você empurrar esse botão aqui que a próxima música vai começar. Vou estar de volta antes que você precise fazer qualquer outra coisa. — Char soltou uma risada. — Não precisa entrar em pânico, Elise.

Olhei para a pista onde as pessoas dançavam, se beijavam e bebiam e perguntei:

— E se eu estragar tudo?

Char pousou as mãos nos meus ombros e olhou bem no fundo dos meus olhos.

— Você não vai estragar nada. Eu confio em você.

E logo em seguida pulou para fora da cabine, deu uma das mãos para Pippa e saiu da pista com ela. E então lá estava eu, sozinha, olhando todo mundo ali de cima.

Qualquer um que dissesse *eu confio em você* obviamente não me conhecia muito bem.

A música do Primal Scream se aproximava do final e eu podia ouvi-la se tornar cada vez mais baixa. No programa do computador do Char, eu via que só restavam mais vinte segundos. Respirei fundo e empurrei o botão para baixo até que ele parasse de se mover, o mais depressa que fui capaz.

A resposta da multidão foi instantânea. Assim que os primeiros acordes de “Cannonball” foram ouvidos, todos na pista começaram a berrar numa só voz. As pessoas ergueram as mãos e as suas

bebidas em direção ao teto. Um grande grupo de garotos no meio da pista começou a pular como se estivesse em trampolins.

Um disco de espelho no teto espalhou milhares de luzinhas sobre cada centímetro do meu corpo.

— Ah, meu Deus — Vicky disse bem na minha orelha. Eu estava prestando tanta atenção na galera que nem percebi quando ela subiu na cabine. — Você não!

— Eu não o quê?

— Você está sorrindo. — Vicky parecia me acusar. — Você está sorrindo como uma maluca. Você *também* está apaixonada pelo Char? Será que todo mundo se apaixona à primeira vista por esse cara?

Eu sorria como uma maluca porque tinha acabado de pôr uma centena de pessoas para dançar, tinha acabado de fazer uma centena de pessoas berrarem, tinha acabado de fazer uma centena de pessoas felizes. Eu, Elise, usando meu próprio poder, tinha feito as pessoas felizes. Só que não tentei explicar nada disso para Vicky. Tudo o que eu disse foi:

— Não estou a fim do Char. Nem conheço o cara.

— Mas agora você entende por que o chamam de “This Charming Man”, né?

Pensei em Char por um momento e olhei para tudo ao nosso redor. Lembrei do jeito com que ele sorriu para mim quando dançamos e a forma como disse “*Eu confio em você*”.

— Acho que ele pode ser mesmo um pouco encantador. — Dei o braço a torcer.

— A-hã. Sei. — Vicky rebateu, sarcástica, e soltou uma gargalhada.

Durante toda a minha infância, abracei vários projetos. Projetos grandes e dos mais variados tipos. Quando tinha oito anos, o meu projeto era fazer uma casinha de bonecas. E, para construí-la, assumi todas as funções: eu era a empreiteira, a arquiteta, a carpinteira, a eletricista, a projetista de móveis e, quando a casa

ficou pronta para que as bonecas se mudassem, eu também fazia os papéis da mãe, do pai e do bebê.

Quando eu tinha onze anos, fiquei fascinada por colagens. Cobri o meu quarto inteiro, do chão ao teto, com catálogos, revistas e amostras de tecidos. Passava horas colando papéis e era muito feliz assim.

Aos treze, o meu grande projeto era animação em *stop-motion*. Eu passava a maior parte do tempo escrevendo scripts, confeccionando os personagens e os cenários, filmando, editando e depois jogando na internet. E apenas três pessoas assistiram aos meus filmes: o meu pai, a minha mãe e Steve.

O meu último grande projeto era me tornar uma garota descolada, só que não funcionou tão bem quanto os outros, embora eu não saiba exatamente onde foi que errei. Eu me esforcei para ser descolada tanto quanto me empenhei nas colagens, só que as últimas ficaram lindas, enquanto o plano de ser popular acabou virando um lance horrível. A partir dali, decidi me focar apenas em projetos menores. Fazer o meu dever de casa. Andar pela cidade no meio da noite. Respirar.

Eu gostava de projetos nos quais eu pudesse desmontar as coisas para entender como elas funcionavam. O problema é que não dá para fazer isso com as pessoas.

Mesmo que já tivessem se passado meses desde o meu último projeto, os meus pais já estavam acostumados com essa minha mania. Por isso, quando pedi um equipamento de dj para o meu pai, ele não me perguntou por que raios eu queria uma parada dessas.

Como ele trabalhava numa loja de música, conseguiu uma mesa de som e um mixer com desconto. Ele trouxe o equipamento para casa numa noite de sexta-feira e na mesma hora corri para o meu quarto, louca para descobrir como mexer nele. Não descii nem para jantar.

Essa é uma das coisas boas da casa do meu pai: lá não existe nenhuma Conversa da Hora do Jantar. Na minha mãe há sempre um monte de conversas, discussões e latidos de cachorros. Já a casa do meu pai é cheia de música, jornais e livros. Ou seja, o lugar era repleto de palavras de outras pessoas e não das nossas. Se eu

quisesse passar a noite inteira tentando mudar de uma música para outra sem deixar um intervalo entre elas e o meu pai estivesse a fim de arrumar a coleção de discos dele em ordem alfabética, sem problema. Nós dois ficaríamos felizes com esse arranjo.

O *único problema* da casa do meu pai era, obviamente, ficar a quilômetros da Start. O que significava que eu teria que inventar uma desculpa para não ficar lá na quinta-feira seguinte. Um pouco do brilho daquela noite já começava a sumir da minha memória. A centelha desaparecia aos poucos, como o esmalte que começa a descascar numa unha. Na sexta de manhã, seis horas depois de eu ter saído da Start, eu andava por Glendale como se ninguém pudesse me tocar. Percebi que Amelia Kindl me observou com o canto dos olhos durante toda a aula de inglês e eu nem mesmo me encolhi. Lembrei daquele momento de poder em que toquei “Cannonball” para uma pista cheia de estranhos e pensei: *Amelia Kindl, você não pode me ferir.*

Isso foi de manhã. À tarde, a minha armadura já começava a ruir. Na hora do intervalo, Emily Wallace parou na minha mesa perto do banheiro e perguntou:

— Você sabe que está usando o meu colete, né?

— Como assim?

Ela soltou uma risadinha e apontou para mim.

— Esse colete. É meu. Eu doei pra caridade ano passado.

— Oh. — Olhei para baixo e toquei os botões do colete, que parecia muito bonito e totalmente normal quando eu o vesti mais cedo. Eu queria mandar um *E daí?* bem na cara da Emily. Tentei resgatar o meu poder da Start, me lembrar do momento em que havia apenas eu, a música e uma pista cheia de gente que amava não apenas a mim, mas também a música.

Mas tudo aquilo parecia muito longe da Emily e de mim naquele refeitório iluminado por lâmpadas fluorescentes. Não falei mais nada além daquele “oh” enquanto minhas amigas Chava e Sally olhavam, caladas, para os seus aipos.

Por isso, eu não via a hora de ir à Start de novo.

Na noite de quarta, enquanto preparava uma caneca de chocolate quente, perguntei para o meu pai:

— Tudo bem se amanhã eu dormir na casa da minha mãe?

O meu pai ergueu os olhos do jornal.

— Por quê?

Eu tinha esperança de que ele não me perguntasse *por quê*. Eu não me importava de omitir algumas coisas, como o fato de eu nunca ter contado que passava horas toda noite perambulando pelas ruas de Glendale. Mas eu preferia não mentir diretamente.

— Porque preciso terminar um trabalho gigante de história pra entregar na sexta. Está tudo lá na casa da mamãe e ia ser um saco trazer tudo pra cá.

O meu pai permaneceu em silêncio por um momento.

— É uma maquete — completei.

Ao ouvir isso, ele balançou a cabeça, concordando. O meu pai já sabia como as minhas maquetes costumavam ser grandes.

— Tudo bem. Espero que o senhor Hendricks goste do seu trabalho. — Ele pegou o telefone e mudou as datas na Agenda da Elise.

E essa acabou sendo a melhor coisa que ele fez, porque aquela quinta-feira... aquela quinta-feira foi terrível. Eu realmente precisava da Start.

Get me away from here, I'm dying.

Play me a song to set me free.

"Get me away from here, I'm dying", Belle & Sebastian

## 6

Tem dias que, sabe como é, desde a hora em que acordamos até a que vamos dormir, tudo em que a gente toca se parte em mil pedacinhos. Então, em dias assim, quanto menos você mexer nas coisas, melhor.

Quinta-feira foi um desses dias.

O meu despertador não tocou, por isso não tive tempo de tomar banho antes de ir para a escola. O meu pai estava megamal-humorado porque o show da banda dele na semana seguinte tinha sido cancelado e ele ficou ainda pior depois que perdi o ônibus e ele teve que me levar de carro para a escola. Na aula de química, me dei conta de que havia esquecido o meu relatório, apesar de eu ter ficado escrevendo o troço até meia-noite, e por isso eu teria um ponto descontado na prova. E, *depois de tudo isso*, ainda tinha exame de escoliose.

Para o exame, todas as garotas deviam fazer uma fila no ginásio e ir, uma por uma, para trás de um biombo. Em teoria, a enfermeira examinava as alunas para saber se elas tinham escoliose, mas também era igualmente possível que ela obrigasse a gente a soletrar o alfabeto de trás para a frente ou fazer alguma dança interpretativa.

Fiquei tensa ao ver que eu estava bem na frente da Amelia Kindl, na fila para o exame. Eu podia ouvi-la suspirar sem parar, mesmo sem olhar para ela. Depois de um tempo, não aguentei mais aquilo e

pus os fones do meu iPod no ouvido, mas ainda assim podia *sentir* os suspiros dela.

Eu estava preparada para ignorar Amelia durante todo o teste, mas ela aparentemente tinha outros planos e acabou cutucando o meu ombro.

Tirei os fones e me virei para trás.

— O que foi, Amelia?

— Por que você está fazendo isso comigo? — ela quis saber.

Eu a encarei. A última conversa que Amelia e eu tivemos havia sido pelo telefone, na noite daquele primeiro dia de aula. Depois de sete meses e meio, eu tinha imaginado que ela poderia ter me dito muitas coisas. Todas elas começavam com a palavra “desculpe”. *Desculpe por eu ter feito você limpar a nossa mesa na hora do almoço, o que provavelmente te levou a se automutilar.* Isso já serviria. *Desculpe por ter surtado e ligado pra emergência pra dizer que você tentou se matar.* Essa também não seria uma opção ruim. *Desculpe por não ter sido a amiga que você queria que eu fosse.* Na verdade, era exatamente essa frase que eu esperava ouvir e não *Por que você está fazendo isso comigo?*

— Por que eu estou fazendo *o quê* com você? — perguntei.

— Você está agindo como se eu fosse algum tipo de *criminosa*.

— Não estou fazendo nada disso.

Amelia brincou com as pontas dos cabelos castanho-claros e ajeitou os óculos na ponta do nariz. Ela respirou fundo e continuou:

— Você passou o ano inteiro me ignorando ou me olhando como se eu fosse uma *serial killer*.

Pensei, pela zilionésima vez, no tipo de garota que Amelia era. Ela era a menina legal, com uma vida legal, por isso as pessoas eram legais com ela. No mundo da Amelia, ninguém a ignorava ou a encarava só porque tinha sentido vontade.

Se Amelia estivesse na minha pele apenas por um único dia, acho que o mundo dela desabaria.

— E, sabe, se é assim que você quer agir, tudo bem. Mas agora *isso*? Não faça isso comigo, Elise.

— Não sei o que você quer dizer com *isso* — falei com a maior sinceridade.

— Ah, por favor. — A voz dela falhou. Eu não fazia a menor ideia do que tinha feito para magoá-la. Uma parte de mim se sentiu mal por isso, mas outra pensou, mais que satisfeita: *Ótimo*. Amelia limpou a garganta. — Se você quiser me olhar desse jeito maldoso durante toda a aula de inglês e ir pro outro lado do corredor sempre que eu passar, sabe como é, essas coisas não fazem a menor diferença na minha vida. Mas pare de espalhar fofocas sobre mim.

— Eu não estou espalhando fofoca nenhuma — eu garanti, enquanto a fila andava. — Nem sei do que você está falando. Mas a verdade é que eu não ligo a mínima. Porque você, Amelia... você me traiu.

Pensei que aquele poderia ser o momento em que Amelia me pediria desculpas, mas, em vez disso, ela falou:

— Isso não é verdade. Nós não éramos nem amigas. Eu não podia trair você. O que eu fiz foi salvar a sua vida.

Voltei no tempo e, de repente, eu estava no meu quarto na casa do meu pai, “Hallelujah” tocava no computador, o meu braço esquerdo estava coberto por um curativo e apertado contra o meu peito enquanto eu discava o número da Amelia pela primeira e única vez na vida.

*O que eu fiz foi salvar a sua vida*, ela disse e continuou a olhar para mim, piscando os olhos castanho-claros, nervosa.

— Não — rebati. — Você não salvou a minha vida.

E então entrei para fazer o exame. Acabei descobrindo que eu não tinha escoliose, o que foi pelo menos um sucesso. Mas eu também não estava usando sutiã naquele dia, o que Lizzie Reardon percebeu enquanto eu vestia a minha camiseta depois do exame. Assim, no final do dia, a escola inteira tinha ouvido que eu provavelmente era lésbica. Porque se existe uma coisa que todo mundo sabe sobre as lésbicas é que elas não usam sutiã.

De qualquer forma, eu já tinha passado por dias piores na minha vida. Mas não muitos.

Eu precisava da Start naquela noite mais que de qualquer outra coisa. Precisava da música tão alta a ponto de estourar os tímpanos. Precisava dos estranhos. Precisava da escuridão.

Aquela noite, parecia que a minha família tinha levado uma eternidade para dormir. Neil acordou chorando por causa de um pesadelo e, quando eu estava prestes a sair de casa, Steve resolveu descer para conferir se tinham desligado o forno (e, de fato, o forno estava desligado). Eu já havia calçado os sapatos e estava parada na porta da frente, então, quando Steve me viu, tive que fingir que verificava se tinham trancado a porta (e, de fato, a porta estava trancada).

Quando todos finalmente foram se deitar, já era meia-noite e meia e eu lutava para manter os olhos abertos. Pensei até em ficar em casa. Só que essa não era uma opção.

Antes de sair, fui até o sótão e tirei as minhas botas de unicórnio do saco de lixo que havia se tornado a casa delas desde setembro. Eu tinha prometido que não usaria mais aquilo. Mas eu precisava de um pouco de magia naquela noite.

Quando cheguei à Start, Mel estava de pé do lado de fora como sempre.

— Olá — eu o cumprimentei toda empolgada.

Ele fez uma careta e me olhou de cima a baixo. Senti o coração disparar. Será que ele ia pedir a minha identidade mais uma vez?

Mas tudo que ele disse foi:

— Elise, querida. A gente já não conversou sobre mandar ver no visual?

Soltei o cabelo e sacudi a cabeça. Os fios caíram em ondas emaranhadas pelos meus ombros.

— Melhorou?

Ele revirou os olhos.

— A gente aqui dá duro pra lhe oferecer uma experiência que mudará sua vida, semana após semana, e você não se dá nem ao trabalho de trocar essa camisetinha de manga comprida de loja de departamentos? Ah, me poupe!

Estendi um dos pés para que Mel pudesse ver a minha bota sob a luz da porta.

— Unicórnios? — tentei.

Mel balançou a cabeça devagar, concordando.

— Você está parecendo uma garotinha de cinco anos, mas pelo menos é uma tentativa. — Ele abriu a porta para mim.

— E aí, como estão as coisas hoje? — perguntei no que deveria ser um tom amigável.

Mel revirou os olhos.

— Uma zona.

Entendi o que Mel quis dizer assim que encontrei Vicky perto do bar.

— Graças a Deus que você está aqui. — Ela me pegou pelos braços.

— Sei como é. — Soltei uma gargalhada. — Estou sentindo o mesmo.

— Não é isso. O que eu quero dizer é que *preciso* de você.

— Agora você me deixou bolada. — Olhei ao redor. — Cadê a Pippa?

— Onde você *acha* que ela está? — Vicky perguntou.

— Não faço a menor ideia. Com o Char?

— Char! — Vicky piou como se essa fosse a ideia mais ridícula do mundo. — Fala sério. A Pippa está ali. — Ela apontou com o dedão para o outro lado da pista e, quando as luzes piscaram, pude ver o corpo pequeno da Pippa encolhido num banco encostado na parede.

— Ela está dormindo? — perguntei.

— Ah, se fosse só isso, seria fantástico. Vou te falar com toda a sinceridade: se a Pippa estivesse dormindo num canto da Start, isso seria o melhor dos mundos. Sonho com esse dia.

— Vicky... — comecei.

— Ela está bêbada — Vicky disse. — E desmaiou.

— Oh! — Olhei para o outro lado da pista mais uma vez. Acho que aquilo fazia mais sentido. Pippa estava meio que sentada. Aquela não parecia ser uma posição confortável para dormir.

Eu não sabia muita coisa sobre pessoas bêbadas. A minha mãe e Steve não bebiam. O meu pai sempre tinha umas latinhas de cerveja na geladeira e às vezes, à noite, ele bebia uma quando chegava do trabalho, mas aquilo não era um hábito. Eu sabia que algumas pessoas da minha escola iam a festas, enchiam a cara e às vezes desmaiavam. Mas eu também só sabia disso porque Chava e Sally

falavam muito sobre o assunto. Mas é claro que eu nunca tinha visto isso acontecer ao vivo, já que ninguém me convidava para as festas.

— Não é melhor você levar a Pippa pra casa? — arrisquei.

— Com certeza. — Vicky ajeitou os brincos com penas imensas. — Uma boa amiga com toda a certeza levaria a Pippa pra casa agora mesmo. Na verdade, uma boa amiga já a teria levado pra casa há horas, teria segurado o cabelo dela pra ela vomitar, faria com que bebesse um copão de água, a teria ajeitado na cama e escrito um e-mail pro professor dela explicando por que ela não vai poder ir à aula amanhã.

— Mas você não está fazendo nada disso.

— Correto. Sabe por quê, Elise? Está vendo aquele cara ali no bar? Que está pagando as bebidas?

Olhei na mesma direção que ela e vi um cara que parecia ter uns trinta e poucos anos. Ele vestia uma camisa social e óculos escuros imensos. Segurava uma lata de refrigerante numa das mãos e uma bebida cor-de-rosa na outra.

— Ele agenda shows — Vicky explicou. — Ele trabalha pra Start, pra festas que acontecem em terraços em toda a cidade durante o verão e também pra dois clubes grandes no centro. E ele quer conversar comigo sobre a Dirty Curtains, a minha banda. E não vou embora até que ele possa falar comigo. Você acha que isso faz de mim uma amiga ruim, Elise?

Dei de ombros. Eu não sabia o suficiente sobre amizade para responder à pergunta da Vicky.

— Sei como ser uma boa amiga — Vicky continuou. — E sei como ser uma boa artista. Só que não é sempre que eu sei como ser as duas coisas ao mesmo tempo.

— Tudo vai ficar bem. Olha só, a Pippa voltou a si, então você não tem com que se preocupar.

Vicky olhou para o outro lado da pista. Pippa despertou o suficiente para ir falar com dois caras. Eles eram muito mais altos que ela e Pippa estava de pé enquanto conversava com eles, mas as suas pernas estavam bambas e ela tinha que se escorar nos braços deles para se manter de pé.

— Ah, que ótimo — Vicky comentou.

O cara que agendava os shows se aproximou da gente. Ele entregou a bebida cor-de-rosa para Vicky.

— Oi. — Ele me estendeu a mão que acabara de esvaziar. — Sou o Pete. Bem-vinda ao meu clube.

— Elise.

Trocamos um aperto de mãos e tentei evitar os olhos do cara, como se ele pudesse ver nos meus que eu tinha só dezesseis anos.

— Elise, desculpe pedir isso — disse Vicky —, mas será que você poderia nos dar um minuto?

Sorri e me afastei, mas não sabia exatamente para onde ir. Tentei dançar durante uma ou duas músicas, mas não era divertido fazer isso sozinha. Dei uma volta sem pressa pela pista. Char estava sozinho na cabine, mas parecia muito ocupado para conversar e, de qualquer forma, eu era tímida demais para ir até lá em cima e puxar papo. Eu não sabia como Pippa conseguia fazer essas paradas.

Falando na Pippa, dei uma olhada nela. Um dos caras altos com quem ela conversava a espremia contra uma parede. Ele a apertava e segurava a cabeça dela para que não caísse.

Voltei para o bar e encontrei Vicky. Ela ainda estava com Pete, mas outro cara e uma menina haviam se aproximado e Pete parecia estar muito mais ocupado dando atenção a eles que conversando com Vicky. Ela estava um pouco mais afastada, como se esperasse por sua vez de falar.

— Vicky? — eu a chamei.

Ela me deu um sorrisinho rápido.

— Desculpe por ter feito você dar o fora antes. Eu só estava tentando... Eu não sei, se ele pelo menos *falasse* comigo...

Balancei a cabeça.

— Esquece isso. O problema é a Pippa.

Vicky olhou para onde Pippa estava e viu o corpo da amiga, que mais parecia o de uma boneca de pano, ser espremido entre a parede e um cara que acariciava o peito dela.

— Merda! — Vicky xingou e em menos de dois segundos já estava do outro lado da pista. Ela puxou o cara, tentando afastá-lo da Pippa. Eu fiquei logo atrás dela.

O cara deu um passo para trás e Pippa, que estava apoiada nele, desabou no chão.

— Tire a porra das mãos de cima dela! — Vicky berrou mais alto que a música.

— Como assim? — Ele levantou as mãos. — Qual é o seu problema? Ela deixou. Não é? — ele perguntou para Pippa, que não respondeu.

— Acho que “deixar” é uma coisa bem diferente disso — Vicky retrucou. — Garotas que “deixam” os caras fazerem isso conseguem muito bem manter os olhos abertos sem precisar de ajuda e são capazes de falar frases inteiras. Já deu pra ver que você não costuma se dar muito bem com esse tipo de garota e eu entendo o motivo. Você é um tarado.

Vicky rebocou Pippa até que ela ficasse de pé.

— Me ajuda aqui — ela me pediu. Juntas, arrastamos Pippa até a cabine do dj.

Vicky cutucou a perna do Char.

— Preciso falar com você.

— Estou meio ocupado, Vicks. Estou trabalhando. Escreve o que você quer me dizer num *post-it*, o.k.? — Ele fez um gesto na direção do bloquinho ao lado de onde a gente estava.

Vicky se ajeitou, de modo que o peso do corpo da Pippa acabou indo parar praticamente todo em cima de mim, e então gritou para Char:

— Ponha a porra de uma música longa e *venha falar com a gente*.

Char deve ter percebido que Vicky não estava brincando, porque pôs “A quick one, while he’s away”, uma música do Who que deve ter uns oito minutos e meio de duração, e pulou da cabine.

— Está tudo bem? — ele nos perguntou.

Vicky balançou o corpo da Pippa bem na cara do Char.

— E por acaso *parece* que está tudo bem?

Os olhos da Pippa tremularam.

— Chaaaaarr. — Ela enrolou a língua. — Eu tôôôô a fiiiiim de você.

— Você devia levar a Pippa pra casa — ele disse a Vicky.

— Eu já fiz isso tantas vezes. Só queria que você quebrasse esse galho pra mim hoje, Char.

— Você está conversando com o Pete? — Ele quis saber.

— Eu estava. Até isso acontecer. Você vai levar a Pippa pra casa?

— Sem chance — Char respondeu. — Estou *trabalhando*. Se você precisa falar com o Pete, é só chamar um táxi, enfiar a Pippa lá dentro e dar o endereço da casa dela.

— Grande ideia — disse Vicky, sarcástica. — Da última vez que fiz isso, ela deu trezentos dólares pro motorista e desmaiou no elevador. Alguém precisa ir com ela, e tem que ser você.

— Não. — Char estava irredutível.

— Tem que ser você — Vicky repetiu. — Não dê uma de idiota, isso não combina nem um pouco com você. Ela não estaria assim agora se não fosse por sua causa.

Eles se encararam por um longo momento. Por fim, Char soltou um suspiro.

— Você sabe que eu a levaria, Vicky. Mas tenho que discotecar até as duas horas. O que você quer que eu faça? Que eu simplesmente ponha um cd com várias músicas e saia porta afora? Esse é o meu *trabalho*. E logo hoje que o Pete está aqui. Quanto tempo você acha que levaria pra eu ser demitido se ele me visse pôr o meu iTunes no *shuffle* e depois dar o fora?

— Eu posso tocar — me ofereci.

Os dois olharam para mim.

— Obrigada, Elise. — Char passou uma das mãos no cabelo. — Mas eu não... Quer dizer, você fez um excelente trabalho tocando aquela música na semana passada, mas isso não quer dizer que você seja capaz de discotecar durante uma hora ou sabe-se lá quanto tempo eu iria demorar pra levar a Pippa até em casa e voltar pra cá.

— Posso fazer isso — insisti. Senti o coração acelerar, desgovernado, no meu peito. — Eu tenho os toca-discos e todo o resto. E andei praticando.

— Qual é, Char — disse Vicky. — Ela vai se dar bem. A Start pode se virar sozinha por uma hora, ao contrário da Pippa.

Ele continuava a fazer que não com a cabeça.

— Lembra de como você confiou em mim? — perguntei.

— Tudo bem. — Ele deu o braço a torcer. — Quando essa música terminar, escolha outra. E, se a coisa funcionar, *talvez* eu acompanhe a Pippa até em casa.

— Sem problema — concordei. Escalei a cabine do dj, que pareceu ficar muito mais longe do chão que na semana anterior. Eu podia sentir os olhos do Char em mim. *Foco, Elise.*

Toquei de leve o dial e as alavancas, reconhecendo cada um deles. Passei uma das mãos pelos toca-discos. Olhei para o computador. Ainda faltava um minuto e meio para “A quick one, while he’s away” chegar ao fim. Um minuto e meio para engatilhar a próxima música.

Eu tinha praticado aquilo durante três noites seguidas no meu quarto. Não é exatamente o que podemos chamar de grande experiência. Char já fazia aquilo havia anos. Ainda assim, não sou considerada precoce de bobeira. Enquanto “A quick one, while he’s away” terminava, soltei os primeiros acordes de “It’s the end of the world as we know it (and I feel fine)”. De repente, todos na pista estavam pulando e cantando numa só voz as letras aceleradas.

— Viu? — gritei para Char, tentando recuperar o fôlego.

Ele suspirou mais uma vez.

— Ótimo. Volto assim que der. — Ele me lançou um olhar que queria claramente dizer: *Tome cuidado pra não ferrar com tudo*, pôs um dos braços nos ombros estreitos da Pippa e a guiou para fora da Start.

— *Yes!* — Vicky socou o ar. Ela se virou para voltar ao bar, mas então olhou para trás e me perguntou: — Tem certeza de que está tudo bem aí em cima?

— Bem... — Eu dava uma olhada na lista de músicas do Char o mais rápido que conseguia. — É difícil dizer.

Vicky assentiu, me deu um tchauzinho e voltou para junto do Pete.

O tempo ali na cabine não passava em minutos, mas em músicas. Não desviei os olhos do equipamento de dj nem uma única vez e mal tirei os enormes fones de ouvido do Char. Não pensei nele,

nem na Vicky, na Pippa, na Amelia ou na Lizzie. Tudo o que eu pensava era na música que tocaria em seguida.

Quinze, vinte músicas depois, senti uma mão nas minhas costas. Eu me virei e dei de cara com Char.

— Você voltou — eu disse.

Tirei os fones de ouvido e os ofereci a Char, mas ele apenas acenou para mim.

— Pode terminar.

Esfreguei os olhos.

— Terminar? Que horas são?

— Quase duas.

Eu não sabia que resposta esperava. Tinha perdido a noção do tempo. Toquei mais algumas músicas, sabendo que Char estava de pé atrás de mim. Às cinco para as duas, pus "Wonderwall", tirei os fones de ouvido e os deixei em cima da mesa. Eu me encostei no corrimão e massageei o pescoço. Estava com torcicolo.

— Me concede essa dança?

Fiz que não com a cabeça.

— Estou cansada.

— Esse não é um bom motivo. — Ele me estendeu uma das mãos.

Eu peguei a mão dele e descemos da cabine. Dançamos juntos, mas de uma forma diferente de quando ele tocou "I wanna dance with somebody". Com menos passos descolados e mais balanço. A música era mais lenta e a noite estava quase no fim. Char pegou as minhas mãos, se inclinou para trás e começamos a girar cada vez mais depressa até que tudo que eu podia ver era o rosto dele emoldurado por um borrão de cores.

Quando a música terminou, as luzes foram acesas para mostrar uma pista quase vazia. As poucas pessoas que restavam terminavam suas bebidas e iam em direção à porta. Char soltou as minhas mãos e voltou para a cabine para pegar as coisas dele.

— Se você puder esperar alguns minutos, te dou uma carona até em casa — ele me ofereceu.

Eu podia ir andando, mas teria que acordar dali a quatro horas e meia para ir para a escola e aquele seria um longo dia. Deixei o meu

corpo cair sobre um banco e dobrei os joelhos junto ao peito enquanto observava Char. Com as luzes acesas, ele parecia mais pálido do que eu esperava. Mais pálido e mais comum. Eu provavelmente devia parecer também mais pálida e comum sob a luz.

Olhei ao redor à procura da Vicky, mas não a achei em lugar nenhum. Com toda a certeza ela tinha saído à francesa. Fiquei ali, olhando os *bartenders* contarem o dinheiro do dia e um casal que ainda dava uns amassos apoiado na parede até que Mel enfiou a cabeça na porta e chamou por eles.

— Pronta? — Char perguntou. Todo o equipamento estava guardado numa grande bolsa pendurada num dos ombros dele.

Caminhamos até a porta, onde a luz da boate foi substituída pela da lua e seguimos pela rua vazia até o carro dele. Era um automóvel pequeno, quase pequeno demais para abrigar as pernas compridas do Char.

— Pra onde? — ele me perguntou enquanto ligava o motor.

— Na esquina da Harrison com a President. Eu te dou as coordenadas. — Seguimos em silêncio por algum tempo. — Como a Pippa está? — perguntei finalmente.

— Ela vai sobreviver.

Observei as sombras passarem pelo rosto do Char enquanto ele se concentrava no caminho.

— Por que a Vicky disse que a Pippa não estaria daquele jeito se não fosse por você?

— Porque a Vicky gosta de culpar as outras pessoas pelos problemas que a melhor amiga dela tem com a bebida.

— Sérió, Char.

— Por que você sempre me diz pra falar *sérió*? Bem, nesse caso, existe uma possibilidade da Pippa estar... louca da vida comigo.

— Por quê?

— Ela tem problemas pra controlar a raiva. Ela simplesmente perde a linha. É muito triste, de verdade.

Revirei os olhos.

— Será que eu sempre vou ter que te fazer a mesma pergunta duas vezes pra conseguir uma resposta direta?

— É isso aí.

— Tudo bem. Então, pela segunda vez, *por que* a Pippa está louca da vida com você?

Char se encostou no assento e manteve os olhos na rua.

— Porque eu dormi com ela.

Eu corei. Nunca havia ouvido ninguém dizer essas coisas de um jeito tão casual. Mais que qualquer outra coisa naquela noite, aquilo fez com que ele parecesse realmente mais velho que eu.

— E por que isso deixou a Pippa tão irritada? — Eu quis saber. — Pensei que ela gostasse de você.

— Ela gosta. É complicado.

— Pode confiar em mim — ofereci. — Adoro complicações.

Ele soltou uma gargalhada.

— Tudo bem. Olha só. Fiquei com a Pippa depois da Start na semana passada. Nessa semana, ela deu a impressão de que esperava que eu... Sei lá, não faço a menor ideia. A convidasse pra sair? Pedisse pra namorar com ela? Tocasse "Chapel of love", ficasse de joelhos na cabine do dj e a pedisse em casamento? Nem preciso dizer que eu não tinha a menor intenção de fazer nada disso. E daí ela ficou maluca. E *então* ela resolveu encher a cara.

— Você gosta dela? — perguntei.

— Alguém já te falou que você faz perguntas demais?

— Sabe, talvez uma ou duas pessoas já tenham comentado alguma coisa assim durante a minha vida. Mas você *gosta* dela?

— É claro que eu gosto da Pippa. Só não gosto dela desse jeito.

Pensei na Pippa com os seus saltos altos, os vestidos incríveis, aquele corte de cabelo tão fofo, a forma sensacional com que ela dançava e o seu sotaque charmoso.

— Por que não?

— Porque ela não é... — Ele fez uma pausa em busca de um motivo, mas então só balançou a cabeça. — Eu só não quero me amarrar.

— Então por que você *transou* com ela?

— Porque a Pippa é gostosa.

Houve um longo silêncio e fiquei olhando pela janela.

— Eu te falei que era complicado — ele finalmente disse.

— Não é pior que trigonometria — murmurei.

Char limpou a garganta.

— Mudando de assunto, acho que eu não agradei por você ter assumido as pickups. Valeu mesmo.

— Foi divertido. Bem, foi difícil, mas divertido também.

— Você mandou bem.

Aquele foi um pequeno elogio, mas veio de alguém que importava e era sobre algo que também fazia a diferença. Senti um sorriso tomar conta do meu rosto.

— Sério?

— É. Foi uma gracinha. Como você aprendeu a tocar?

— Sozinha, no final de semana passado.

Char engoliu levemente em seco.

— Você está de brincadeira.

— Desculpe, mas posso aprender qualquer coisa sozinha. Bem — eu corriji —, *quase* qualquer coisa.

Ele olhou para mim.

— É estranho você se desculpar por isso.

— Não é, não. Vire à direita aqui e siga em frente até o segundo semáforo.

— Mesmo assim, as suas mudanças de uma música pra outra podem melhorar — Char continuou. — Você não faz a menor ideia de como combinar as batidas. E sempre parece que você pode surtar a qualquer momento.

— Ei! Eu tinha no máximo umas oito horas de prática. Dá um tempo!

— Se você quiser, posso te ensinar.

— Sério?

— Claro que é sério. Provavelmente vai ser mais interessante que aprender sozinha. Vou te dar o meu telefone. É só me mandar uma mensagem no final de semana se quiser dar uma passada lá em casa e praticar um pouco.

Salvei o número do Char no meu celular e então olhei para ele por um longo momento. Eu tinha o seu número de telefone. Ele tinha uma casa. Provavelmente ia à faculdade, tinha um emprego, um sobrenome, pais e todas essas coisas. Não era como se ele

brotasse do nada nas quintas à noite e depois desaparecesse às duas da manhã. Ele era *uma pessoa de verdade*.

Eu não tinha certeza se gostava daquela situação.

— Viro aqui? — ele perguntou.

— Pode me deixar na esquina. Vou andando até em casa.

— Não seja ridícula! Não vou deixar você andar por aí sozinha a essa hora.

Pensei em falar para ele que aquela não seria a primeira vez, mas tudo que saiu dos meus lábios foi:

— Tudo bem. Pegue a direita então. É aquela casa branca do outro lado da rua. Número 77.

Char parou o carro e olhou para a minha casa. Fiquei aliviada por ver que tudo estava tão escuro e silencioso quanto na hora em que eu tinha saído. Até aquele momento, os meus pais não tinham flagrado nenhuma das minhas escapulidas, o que não significava que isso não poderia acontecer.

Tentei ver a minha casa através dos olhos do Char. As cortinas de tecido xadrez. O capacho que dava boas-vindas aos visitantes. Os balanços no jardim. Os dois carros com baixa emissão de poluentes na entrada da garagem.

— Casa maneira — ele disse.

— Obrigada.

Ele olhou para mim como se me visse de verdade pela primeira vez.

— O que uma garota bacana como você está fazendo dentro de um galpão às duas da manhã de um dia de aula?

— É complicado.

Desci do carro e entrei em casa.

Às vezes, temos aqueles dias em que tudo dá errado. Mas, às vezes, alguma coisa pode dar certo da maneira mais inesperada possível.

Let your feelings slip, boy,  
but never your mask, boy.

“Born slippy”, Underworld

## 7

As minhas mãos tremiam quando cheguei à casa do Char no domingo de manhã. Mandeí uma mensagem de texto mais cedo naquele dia para perguntar se ele tinha tempo para me ensinar um pouco sobre discotecagem e ele me respondeu: *Claro! Venha às 3 e vamos fazer música :)*. Lembrei a mim mesma que Char tinha me *convidado* para ir à casa dele.

Mas mesmo assim. Isso não significava que ele realmente me *queria* lá. Enquanto eu tocava o interfone do prédio, imaginei que ele poderia estar lá embaixo com um bando de amigos, escondido atrás de um carro, me observando e rindo da minha cara enquanto comentava: “Meu Deus do Céu, não acredito que ela apareceu mesmo. Como assim, ela acreditou que eu falei sério?”.

Mas não foi isso o que aconteceu. O que rolou foi que Char atendeu à porta com cara de quem tinha acabado de acordar, mas mesmo assim estava feliz em me ver.

— E aí? — ele me cumprimentou. — Vejam só se não é a Elise, a dj precoce.

Olhei para ele em silêncio. Eu não precisava pegar um ônibus e cruzar a cidade inteira no final de semana para ser zoada por alguém. Para ter tudo isso, só o que eu preciso fazer é ir até a escola.

Falei para a minha mãe que eu passaria a tarde na casa da Sally. Por um breve momento, considerei contar a ela que havia feito um

novo amigo e que ia sair com ele. A minha mãe ficaria feliz da vida ao saber que a minha vida social finalmente decolava. Mas então decidi que, graças ao fato de o meu amigo ter quase vinte anos e eu nunca tê-lo visto à luz do dia, talvez fosse melhor guardar segredo.

— Você trouxe o seu laptop? — Char perguntou.

Ergui o meu notebook para que ele visse.

— Excelente. Vamos nessa.

Subi quatro andares atrás do Char e então cruzamos um corredor curto. Ele vestia um jeans rasgado, uma camiseta vermelha lisa com um furinho nas costas e tinha um boné de beisebol do Chicago Cubs enfiado sobre o cabelo desgrenhado. Esse visual, ainda que ele continuasse a se parecer com o Char que eu conhecia, também dava a impressão de que ele era outra pessoa. Como se pudesse ser um dos caras da minha escola — um pouco mais velho, é verdade, mas nada de especial. De repente, entendi a razão por que Mel vivia insistindo para eu “mandar ver no visual”. O Char do dia a dia não usava ternos sob medida nem jaquetas de couro. Talvez a Pippa de todos os dias também não usasse saltos doze nem vestidos de lantejola. Assim como a Elise dos dias comuns não tocava músicas em festas que iam até tarde da noite. Eu não era capaz de dizer qual Char era o verdadeiro: o Char da Start ou o Char de casa.

Ele destrancou a porta do apartamento. Bem, chamar aquilo de *apartamento* seria um elogio. Era só um cômodo. Um salão com uma cama num canto e uma pequena cozinha no outro, mas, ainda assim, o lugar não passava de um cômodo.

Havia um monte de caixas empilhadas no chão, no meio da sala, com o equipamento de dj do Char bem no topo: dois toca-discos, um mixer e um laptop, ladeados por caixas de som.

— Quando você se mudou? — perguntei, toda educada.

— Outubro.

Apertei os olhos na direção dele.

— Você sabe que estamos em abril, né?

Ele deu de ombros.

Olhei para o chão, que por sinal fazia muito tempo que não via uma vassoura, para a cama desfeita e as paredes nuas — exceto

pelo pôster de *Trainspotting*, aquele que fala sobre “escolher a sua vida”, e um pôster enorme dos Smiths que dizia “Girlfriend in a coma”.<sup>[4]</sup>

Então, também dei de ombros e liguei o meu computador.

— Tudo bem. Me ensine então alguma coisa que eu ainda não saiba.

Ele soltou uma gargalhada e sentou na cama.

— Nunca ensinei ninguém a discotecar antes. Não quero parecer com o seu professor de biologia.

— Não tenho mais aula de biologia. Agora, só estudo química. Estou no segundo ano.

Ele revirou os olhos.

— Acho que a coisa mais importante que se deve saber a respeito de discotecagem é que não é só pôr uma música atrás da outra, como você fez na quinta. Foi bom e é preciso prática pra usar o equipamento como você fez. Mas isso não é suficiente, porque no fim das contas qualquer um poderia fazer uma lista no iPod, apertar o *play* e roubar o meu emprego. Existem duas coisas que transformam alguém num grande dj. Uma delas é habilidade técnica. Não deixar buracos entre as músicas, não tocar duas músicas ao mesmo tempo por acidente nem começar a música por onde bem entender... Esse tipo de coisa. Uma das paradas mais importantes que você precisa aprender é como combinar as batidas. Você sabe do que eu estou falando?

— É quando você diminui uma música que já está no final e aumenta, aos poucos, o volume da que está começando logo depois.

— Olhei ao redor em busca de um lugar para sentar. Não havia cadeiras, sofás, nem mesmo um tapete. O único assento disponível era na cama, ao lado do Char. Mas só a ideia de me sentar ali já fez com que as minhas mãos tremessem. Será que ele tinha transado com a Pippa ali, naquela cama?

— É isso aí — ele falou como se estivesse respondendo à minha pergunta mental. — Se rolar uma pausa entre as músicas, as pessoas vão aproveitar pra ir ao banheiro, pegar outra bebida ou sabe-se lá o que elas precisam fazer fora da pista de dança. A meta de um dj é fazer com que todo mundo *fique* na pista de dança.

Então, quando você combina as batidas de uma música com a seguinte, rola uma sobreposição, mas a coisa tem que soar harmônica e não uma cacofonia. E ninguém deve notar que já está dançando a música seguinte antes mesmo de se dar conta do que está tocando. Tente fazer isso.

Pluguei o laptop no mixer e ele foi me explicando mais alguns detalhes enquanto eu tentava mudar de "Love will tear us apart" para "Young folks". Só que, ao contrário do que ele sugeriu, a operação não pareceu nada harmônica. Muito pelo contrário: era digna de uma dor de cabeça.

Char se reclinou sobre os travesseiros enquanto me observava. Um sorriso brincava nos lábios dele.

— Tudo bem. O que eu estou fazendo errado? — perguntei, depois de falhar pela terceira vez ao tentar alinhar as duas músicas.

— É difícil mesmo. Pra uma iniciante, você escolheu duas músicas bem complicadinhas de ser combinadas. Comece com alguma coisa menos quebrada. Aprendi a fazer isso treinando a transição de "This must be the place" pra "This must be the place". É mais fácil perceber como combinar as paradas quando se treina com a mesma música.

Então, tentei seguir a sugestão dele por algum tempo, mas mesmo assim eu não conseguia sincronizar as batidas.

— Pra mim, já deu dessa música. Acho que nunca mais vou conseguir ouvi-la de novo — eu disse para Char. — Você está sentindo o mesmo? Desculpe. Eu achava essa música tão legal.

— Uma música tem que ser repetida durante mais que dez minutos pra que eu enjoje dela. Mas há algumas músicas que eu não aguento mais. Tipo "Girls and boys".

— A do Blur? — Descansei os fones de ouvido no pescoço por um momento. — Mas é tão boa!

— Ah, isso só quer dizer que você não sai muito. Tenho saído de três a quatro noites por semana nos últimos três anos. Isso significa, de leve, umas quinhentas baladas. E em *todas as vezes* eu ouvi essa música. Pensa só, a palavra *girls* aparece na música trinta e duas vezes, o que significa que ouvi o Damon Albarn falar *girls* mais de

*dezesseis mil vezes*. Quantos por cento da minha vida você acha que passei ouvindo essa música?

Dei de ombros.

— Matemática.

— Álgebra? — ele perguntou.

— Geometria. Álgebra foi no ano passado. Estou no *segundo ano*, Char. — Pus os fones de volta nas orelhas e tentei mais uma vez fazer a transição de “This must be the place” para “This must be the place”. Não deu em nada.

Char pulou da cama e ficou ao meu lado. Ele esticou uma das mãos para apertar o *pause* no meu computador. Então tirou os fones de ouvido da minha cabeça com toda a delicadeza, encostou um deles na própria orelha e fez com que eu segurasse o outro fone junto à minha. A cabeça dele estava a apenas alguns centímetros da minha.

— Tudo bem. — Ele começou a música do início mais uma vez. Com a mão livre, pegou a minha e a passou por um dos toca-discos. Ele fez com que as nossas mãos se movessem pelo prato para que eu pudesse ouvir a mesma batida várias e várias vezes nos fones de ouvido. — Ouviu isso? É um *kick*, uma batida mais forte. O ideal é que você combine essa batida com o compasso da outra música.

Ele fez um gesto para que eu soltasse a outra música e, então, com a orelha livre, ouvi que Char contava os nossos gestos enquanto as nossas mãos se moviam, juntas, de um lado para o outro sobre o prato.

— E *um*-dois-três-quatro, *um*-dois-três-quatro, *um*...

Ele tirou a minha mão de cima do prato e as duas músicas tocaram ao mesmo tempo, numa sincronia perfeita.

Char soltou a minha mão, mas não se afastou.

— Agora, devagar, continue a escorregar a mão pelo prato, indo de um lado para o outro. — Ele me ensinou e foi o que fiz. — E é assim, Elise — ele concluiu e me encarou —, que se combina as batidas como um dj.

De repente, “This must be the place” deixou a lista das músicas que eu não suportava mais ouvir. De repente, aquela se tornou a canção mais sensacional da história.

— Sabe de uma coisa? — Ele estudou a minha reação. — Você tem um sorriso fantástico. De verdade.

— Resultado de três anos de aparelho de dente — expliquei.

— Eu estou falando sério.

— O dentista também arrancou quatro dentes antes de pôr o aparelho. Isso provavelmente ajudou.

— Por que você não sorri mais?

— Sorrio sempre que estou a fim. Às vezes até me esforço pra sorrir mais, porque li um estudo que diz que as pessoas gostam mais de nós quando sorrimos.

Char soltou uma gargalhada.

— E isso funciona? As pessoas caem nessa assim tão fácil?

— De acordo com a minha experiência, não.

— Que droga! — Ele voltou para a cama.

— E então, como está a Pippa? — perguntei enquanto mudava a música para uma antiga do Smokey Robinson. A transição ficou toda bagunçada mais uma vez, mesmo assim soou melhor que das outras vezes.

Char soltou um suspiro.

— Sabe como é — expliquei. — Já que a outra música também falava de pessoas que querem que os outros gostem mais delas, achei que essa seria uma transição bastante natural.

— Sem querer ofender, mas a sua transição de “This must be the place” pra “This must be the place” ficou muito melhor.

— E como a Pippa está? — repeti.

— A Pippa me enviou uma mensagem de texto pedindo um milhão de desculpas e me agradecendo, já que a Vicky contou a ela que fui eu quem a carregou pra casa. Então essa parece ser uma boa notícia, porque, se ela conseguiu enviar uma mensagem de texto, é sinal de que está viva.

— E o que você respondeu? — eu quis saber enquanto descia o cursor pela lista de músicas no meu computador.

— Não respondi.

— Como assim, você não mandou outra mensagem pra Pippa?

— Não.

— Você foi grosseiro, Char.

Ele apoiou a cabeça na parede.

— Só não quero dar falsas esperanças pra ela, sabe?

— Então essa foi a última notícia que você teve da Pippa?

Char parecia envergonhado.

— Não exatamente.

Soltei um suspiro.

— O que você fez?

— Bem, esbarrei com a Pippa e a Vicky no Roosevelt's na noite passada. — Eu devo ter feito uma cara de quem não entendeu nada, porque Char acrescentou: — É um bar. Uma vez por mês eles organizam uma noite de soul incrível. O dj só toca discos de quarenta e cinco rotações e a coleção do cara é uma coisa do outro mundo. Ontem, ele tocou uma música do Lee Dorsey que eu *nunca* tinha ouvido antes...

— Pippa — eu fiz com que ele voltasse ao assunto.

— Pippa. Tudo bem. Ela veio aqui pra casa.

Parei a música com um guincho.

— Você me disse que não queria dar falsas esperanças pra Pippa e então *traz a garota pra sua casa?*

Ele pôs as costas de uma das mãos sobre a testa.

— Entendo o que você quer dizer. Sei lá. Na hora, a coisa fez todo o sentido.

— Quando ela foi embora?

— Há mais ou menos uma hora.

Olhei ao redor do quarto do Char com novos olhos. A Pippa tinha *acabado* de sair dali.

— A Vicky vai te matar — eu disse.

Char jogou o travesseiro longe.

— A Vicky é superprotetora. Eu não sou nenhum maníaco que quer se aproveitar da ingenuidade da Pippa. Ela sabe como eu me sinto. E a Pippa não estava bêbada na noite passada, ou pelo menos não estava tão bêbada quanto costuma estar. Vir aqui pra casa foi uma decisão dela. Uma decisão racional e adulta. Ela quis vir pra cá.

Pensei no estado da Pippa na quinta-feira, desmaiada num banco.

— Acho que a Pippa quer um monte de coisas que não são boas pra ela.

Char deu de ombros.

— E isso não acontece com todos nós?

Esfreguei o dedão do lado de dentro do meu pulso esquerdo e não respondi.

— Que papo mais caído — Char disse do nada. — Eu não devia sobrecarregar a sua jovem mente com os meus problemas de gente velha.

— Será que você ainda não entendeu? *Estou no segundo ano*. E quer saber de mais uma coisa? Não é preciso ser legalmente um adulto pra ter problemas.

— Sério mesmo? — Char soltou uma gargalhada. — Quais são os seus problemas? A aula de química está difícil?

Mantive o dedão no pulso e não disse nada.

— De qualquer forma — Char continuou —, você veio até aqui pra aprender a discotecar, não pra saber como eu sempre detono as coisas com as garotas.

— Vamos em frente, então.

— Tudo bem. Como eu disse, há duas coisas que um dj precisa saber. A primeira é dominar as habilidades técnicas, o que você já está fazendo. Bom trabalho. Infelizmente, isso é apenas dez por cento do que faz um bom dj. A outra parte, a que realmente importa, é saber decifrar o que a galera quer. Você não pode simplesmente tocar as músicas que gosta. Você precisa decifrar a resposta do público, o que eles querem dançar, quais músicas já conhecem e quais irão gostar quando você apresentá-las a eles. Cada público é diferente do outro. Até mesmo na Start, cada semana é uma semana. *É por isso* que ainda toco "Girls and boys" de vez em quando. Não importa que já ouvi o Damon Albarn cantar a palavra *girls* mais de dezesseis mil vezes. Contanto que as pessoas ainda queiram dançar essa música, ainda vale a pena tocá-la.

— Certo. E como eu faço isso? Como descubro o que as pessoas querem?

— Você as observa — Char explicou. — Você fica na cabine do dj, então está perto do público sem fazer parte dele. E, sempre que

puder, você deve dar uma olhada no que eles estão fazendo e como estão reagindo.

As palavras do Char me fizeram pensar em todas as revistas que eu tinha lido, todos os filmes a que assisti, todos os blogs que estudei quando tentava descobrir o que as pessoas queriam que eu fizesse.

— Não acho que sou muito boa em desvendar as vontades da galera — eu disse.

— Essa é uma habilidade que precisa ser treinada. Você tem que praticar. Às vezes, isso leva anos. Acho que é natural tocar simplesmente as suas músicas preferidas e obrigar todo mundo a amá-las tanto quanto você. E, às vezes, no contexto certo, é exatamente isso o que vai acontecer. Nos dois últimos anos, fiz com que todo mundo na Start virasse fã de uma música antiga que nem chegou a fazer sucesso chamada “Quarter to three”.

— Eu não conheço — confessei.

— Esse é o ponto. E hoje em dia, a galera da Start *implora* pra que eu toque essa música. Mas levou um tempo pra que isso começasse a acontecer. A maioria das pessoas não gosta de coisas novas logo de cara. Elas querem dançar as músicas que já conhecem. Como dj, é claro que você conhece mais músicas, e melhores. Por isso que o seu trabalho é mostrar coisas novas a eles. Só que não dá pra bancar o professor o tempo todo. Às vezes, você tem que dar pro público o que ele quer. É preciso manter um equilíbrio.

— Então tudo o que tenho que fazer é ficar na cabine, olhar a pista e descobrir o que vai deixar as pessoas felizes? — perguntei.

— Basicamente. Então, manda ver. Me mostre do que você é capaz.

— Beleza. — Olhei para o meu computador e depois voltei a encarar Char. — Espera aí. Quem é o público em questão?

— Eu.

— Oh. — Fiz uma careta para ele por um momento e logo em seguida dei o *play* em “Born slippy.nuxx”.

— Eu gosto *muito* dessa música — disse Char. — Como você descobriu?

Apontei para o pôster de *Trainspotting* colado com fita adesiva na parede.

— Grande filme. E grande trilha sonora. O.k., minha vez. Pode me passar o laptop?

Foi o que fiz e, quando “Born slippy.nuxx” chegou ao fim, ele pôs uma música com um compasso todo alegrinho.

— Essa é “Quarter to three”, a música sobre a qual eu tinha falado. É boa, né? Encontrei essa canção numa coletânea de coisas antigas. Não chega nem a ter dois minutos e meio de duração. Quando terminar, você pode tocar outra.

Comecei a revirar a minha coleção de músicas novamente.

— Sabia que você pode sentar? — Char comentou.

— Onde? — Olhei ao redor no caso de ele ter um sofá escondido em algum lugar daquele quarto de dezoito metros quadrados.

— Aqui. — Ele deu um tapinha na cama ao lado dele.

Hesitei, então peguei o meu laptop, o levei para a cama e me sentei ao lado dele. Pensei que eu fosse sentir algo diferente por estar na cama de um menino ou por aquela ser a cama do Char, mas era apenas uma cama como outra qualquer.

— Ei — Char disse do nada ao olhar por sobre o meu ombro para as centenas e mais centenas de músicas no meu computador. — Você quer discotecar na Start? Quero dizer, pra valer, não só quando eu tenho que resolver as crises da Pippa. Tipo, você pode fazer um set como dj convidada toda quinta-feira e tocar o que quiser. Contanto que não seja “Girls and boys”. Ah, tudo bem. Pode tocar essa também se quiser muito.

— Você está falando sério?

— Estou falando cem por cento sério. Eu te vi na última quinta e de cara percebi que discotecar é uma parada totalmente natural pra você. Além disso — ele abriu um sorriso de orelha a orelha —, sou seu professor.

— Mas você não precisa de, tipo, uma permissão? Do Pete ou de alguma outra pessoa? Você pode chegar e simplesmente me deixar tocar?

— Claro que posso. — Char se reclinou, apoiando-se nos cotovelos. — Sou o dj. E, às quintas, a noite é minha. Posso fazer o

que eu quiser.

Pensei no assunto por um momento. Em como eu me senti cansada na sexta depois de dormir apenas algumas horas. Em como as minhas costas doeram de tanto ficar em pé e os meus ouvidos apitavam. Mas também lembrei do quanto tudo aquilo tinha sido empolgante, como eu havia me sentido poderosa sabendo que eu, sozinha, tinha a capacidade de fazer as pessoas dançarem, que eu podia fazê-las felizes.

— Você está sorrindo de novo — Char percebeu. — Você não vai mais me pegar, agora que já conheço os seus truques.

— Char, eu ia *amar* ser dj na Start.

— Então está combinado. Você só tem quatro dias até o seu primeiro set, então é melhor começar a praticar. — Ele me cutucou com um dos cotovelos e meneou a cabeça em direção ao meu computador.

Toquei uma música da Cat Power e Char comentou:

— Essa é boa. É meio triste, mas eu gosto.

Em seguida, ele tocou uma música que não reconheci.

— Não *acredito* que você nunca ouviu Big Audio Dynamite — ele falou. — Você vai amar.

E então eu toquei uma música, ele tocou outra e passamos o resto da tarde assim, tocando músicas de que gostávamos um para o outro. O sol já se punha pelas janelas sem cortinas do apartamento do Char. A cama dele era tão macia e confortável. No futuro, eu me lembraria daquele dia como uma das últimas vezes em que as coisas pareciam perfeitas antes de tudo ao meu redor começar a ruir.

We are far too young and clever.

“Come on Eileen”, Dexys Midnight Runners

8

Quando concordei em ser dj na Start, esqueci de uma coisa importante: os meus pais.

Não que eu fosse pedir a autorização deles para andar sozinha por ruas desertas à uma da manhã de um dia de semana para discotecar numa festa realizada num galpão. Eu achava que nada disso era da conta deles. Mesmo assim, eu precisava da autorização deles para ficar na casa da minha mãe nas quintas à noite. E não apenas naquela quinta em especial. *Todas* as quintas.

Pedi primeiro para a minha mãe, já que imaginei que seria mais fácil convencê-la que ao meu pai.

— Por quê? — ela quis saber.

Essa conversa aconteceu na noite daquele domingo, depois da tarde mágica que passei na casa do Char. Alex e Neil já vestiam pijamas e assistiam à sua meia hora de programas educativos na tv antes de irem para a cama. A minha mãe estava no escritório que ela divide com o Steve, clicando em algo no computador.

— Eu só queria passar mais tempo com você — eu disse.

Cada um sabe o quanto pode ser manipulador. Sempre sabemos. Amo a minha mãe com todo o coração e há dias em que amo até mesmo passar algum tempo com ela, mas até parece que eu sentia esse desejo incontrolável de passar ainda *mais* tempo com ela a ponto de mudar o cronograma da custódia compartilhada com o qual todos nós havíamos concordado quando eu era criança.

Além disso, o tempo que passo com a minha mãe nunca é passado só com ela. Invariavelmente, Steve, Alex, Neil, Osso e

Mordedor também estão por perto. Tínhamos apenas sete minutos para conversar a sós antes de ela ter que ir até a sala para desligar a tv e mandar os meus irmãozinhos para a cama. Caso contrário, eles poderiam ser expostos a mais do que meia hora de televisão, o que provavelmente transformaria o cérebro deles numa geleca na mesma hora.

Eu sabia muito bem que passar mais tempo de qualidade com a minha mãe estava longe de ser o meu objetivo. Só que *ela* não precisava saber disso. Vi as bochechas da minha mãe se iluminarem quando ela ergueu os olhos do computador para olhar para mim.

— Mas aí o seu pai só vai ficar com você às quartas e sextas — ela retrucou. — Não me parece justo.

A minha mãe é muito fã desse lance de igualdade. A ponto de chegar até a alternar a alimentação dos cachorros: quando Osso ganha ração, Mordedor come os restos do jantar, e vice-versa. Ela não acha *justo* um cachorro ter que comer os restos de ração do outro. Ela também deixa que Alex fique acordada exatamente vinte minutos a mais que Neil, porque Alex é dois anos mais velha e isso é *justo*. Só que, nesses vinte minutos extras, ela não pode assistir a nem mais um pouquinho de televisão, porque aí *não seria justo*. Sempre que Steve se nega a dar sobremesa para eles e Alex choraminga que “Isso não é *justo!*”, posso praticamente ouvir o zumbido do cérebro da minha mãe, tentando determinar se Alex está certa ou não.

— Tenho certeza de que o papai vai entender — garanti para a minha mãe, mesmo sabendo que 1) eu não tinha a menor certeza disso e 2) isso não respondia à dúvida dela.

Só que ela me disse o seguinte:

— Bem, tudo bem pra mim se estiver tudo bem pro seu pai. Vou ficar feliz de ter você por perto com mais frequência, meu amor.

Esse é o problema com o senso de justiça da minha mãe. Ela realmente quer ser justa com todo mundo, mas, se existe alguém com quem ela pode ser bem injusta, essa pessoa é o meu pai.

Os meus pais se separaram quando eu tinha quatro anos e a minha mãe diz que a culpa pelo divórcio é toda do meu pai. No verão anterior que passamos na casa do lago, acho que ela sentiu

que eu já tinha idade suficiente para entender o que deu errado entre eles, o que é, diga-se de passagem, uma atitude bem repreensível, já que nunca temos idade suficiente para ouvir detalhes sobre os problemas conjugais dos nossos pais.

Apesar disso, a minha mãe me contou:

— Nós não éramos felizes juntos. Sabíamos que não éramos felizes, mas foi ele que levou a relação até um ponto que se tornou insuportável. Eu era tão ambiciosa e ele era tão... bem, ele se contentava com o que já tínhamos conquistado. O seu pai achava que não precisava fazer mais nada. Quando eu quis criar mais, começar a cocopefi, ter outros filhos, reformar a casa, ele não mexeu uma palha pra transformar essas coisas em realidade. Ele não fazia nenhum esforço *por mim*. Eu teria feito qualquer coisa pro nosso casamento ter dado certo. Mas o seu pai nunca gostou de nada que precisasse de qualquer tipo de *trabalho*. Um conselho que eu te dou: nunca se apaixone por músicos. Tudo o que você vai conseguir é um coração partido.

Ela falava como se o meu pai tivesse feito um favor a ela. Por que ela *queria* ficar com ele se os dois eram infelizes? Mas é assim que a minha mãe via a situação.

Assim, apesar da minha mãe ter Steve, mais dois filhos adoráveis, dois novos cachorros igualmente encantadores, uma casa muito maior e outra no lago, ela jamais se recuperou completamente da forma como o meu pai a tratou doze anos antes.

E acho que foi por isso que a minha mãe não protestou quando lhe fiz aquele pedido, quando falei que queria passar mais tempo com ela. Ela só me disse:

— Fale com o seu pai e, se ele concordar, darei a boa notícia pro resto da família.

Assim, mais tarde naquela noite, quando eu sabia que o meu pai já tinha chegado do trabalho, liguei pra ele.

— Elise! — ele atendeu. — Que bom ouvir a sua voz, querida. Como foi o seu fim de semana?

— Foi legal. Ah, você já ouviu falar de uma banda chamada Big Audio Dynamite?

— Claro — ele respondeu. — Era a banda favorita do Mick Jones, do Clash. Coisa muito boa. Por quê?

— Ouvi uma música deles hoje. Gostei. — Isso era tudo que eu queria contar para o meu pai sobre a tarde que passei no apartamento do Char. E então respirei fundo. — Papai — eu não chamava o meu pai assim desde que tinha a idade da Alex —, você se importaria se eu ficasse na casa da minha mãe nas noites de quinta?

O meu pai ficou em silêncio por um breve momento do outro lado da linha.

— Talvez eu pudesse passar outra noite na semana aí na sua casa pra compensar a quinta. O que você acha? — Só que quando disse aquilo, logo vi que não iria funcionar. O meu pai trabalhava na loja até o fechamento todas as noites da semana, exceto às quartas, quintas e sextas, e é por isso que eu passava essas noites com ele. Nos outros dias, ele chegava em casa muito tarde e ia dormir de madrugada, de forma que, mesmo que eu ficasse na casa dele, não o veria. E os meus pais não gostavam que eu ficasse sozinha, ainda mais depois que me cortei. Depois daquele dia, eu não podia ficar na casa de nenhum deles se não houvesse um adulto presente num horário razoável. Eu não entendia essa regra, já que me cortei no meio da tarde, mas de qualquer modo foi o que eles decidiram.

Como eu já esperava, o meu pai respondeu:

— Não, nas terças esse esquema não funcionaria. Eu fico na loja até tarde.

Houve outra pausa.

— É que tem uma atividade extracurricular nova que eu quero muito fazer — tentei explicar. Olhei pela janela do quarto. — Mas fica aqui perto da casa da minha mãe, então...

— Isso foi sugestão da sua mãe? — ele me interrompeu.

— O quê? Eu ficar com ela às quintas? — perguntei, surpresa. — Não. Ela não tem nada a ver com isso. Foi ideia minha.

— Bem, se foi ideia sua, então tudo bem.

— Sério? — Eu soltei um gritinho.

— É isso o que você quer? — ele perguntou.

— É sim! Muito obrigada, pai. A gente se vê na quarta-feira. Amo você!

E foi assim que eu ganhei um set semanal como dj convidada na Start. A minha atitude não foi nada bonita, eu sei, mas foi o jeito que consegui dar.

Existem algumas pessoas que gostam de ganhar em tudo, até mesmo naquelas paradas em que não há nada para ser ganho.

Eu sou uma delas.

Quando fizemos jardinagem durante a aula de ciências no quinto ano, eu queria ser a *melhor* jardineira. Quando aprendi a bordar na colônia de férias, eu queria ser a *melhor* bordadeira. E quando toquei pela segunda vez na Start, percebi que eu não queria apenas ser dj. Eu queria ser *a melhor* dj.

O meu set era de meia hora. Char me encorajou à beça: me ajudou a plugar o meu laptop, ajustou os monitores para mim e garantiu que não iria deixar a pista de dança nem mesmo para ir ao banheiro, de forma que estaria bem ali por perto caso eu precisasse dele. E tudo correu bem. Só em duas ocasiões tentei combinar as batidas das músicas e em ambas as canções se sobrepuseram fazendo um barulho irritante, ensurdecedor. Na segunda vez, Char chegou a subir na cabine para me ajudar, o que me matou de vergonha, de modo que passei o resto do tempo preocupada apenas em tocar uma música depois da outra, sem deixar buracos entre elas. Tentei decifrar o público, como Char tinha me ensinado, mas tudo que consegui pescar foi que eles não gostavam de "Sweet dreams (are made of this)". Tive a impressão de que metade das pessoas foi fumar do lado de fora quando eu toquei essa música. Não consegui entender o motivo. Eu já tinha visto Char tocar essa música duas vezes e todo mundo dançou.

Char me rendeu à uma e meia todo cheio de elogios e me encorajando sem parar. Eu então guardei o meu computador e fui encontrar Vicky, que fumava do lado de fora, perto do Mel.

— Ei, moça — ela me chamou assim que me viu. — Você foi *incrível*.

— Correu tudo bem.

Vicky balançou o cabelo longo, castanho e pesado.

— Me poupe desse papo de falsa modéstia e aceite logo o meu elogio!

De todas as expressões que eu poderia usar para me descrever, *falsa modéstia* não estava entre elas.

— Obrigada — eu disse. — Mas poderia ser melhor. O Char é melhor.

— Há quanto tempo você está tocando? Uma semana?

— Duas.

— Então. O Char faz isso há *anos*. Pega leve. E, de qualquer forma, o Char é um babaca. Não queira ser como ele.

Eu não achava que Char era babaca, levando em consideração que ele não apenas estava me ensinando a discotecar, mas também deixava que eu tocasse na festa dele. Mas eu podia imaginar por que Vicky pensava assim.

— Você diz isso por causa do lance com a Pippa? — perguntei.

— Por causa de um monte de coisas. — Ela exalou um anel de fumaça e nós duas o observamos rodopiar pelo céu noturno.

— Falando nisso, cadê a Pippa? — Eu esperava que a resposta não fosse algo como “desmaiada num banco”, como da última vez.

— Em Manchester — Vicky me informou.

— Ah, legal. Ela vai voltar a tempo pra Start da semana que vem? Quero que ela me veja tocar. Juro que vou mandar melhor da próxima vez.

— Você já mandou bem hoje — Vicky me lembrou. — E não. Não acho que ela vai estar de volta na semana que vem.

A maneira com que Vicky disse aquilo não soou boa.

— Os pais dela acharam que ela estava saindo demais — Vicky explicou enquanto amassava a guimba do cigarro com o salto de uma das botas de veludo cinza. — A mãe dela surtou porque deu tipo uns duzentos dólares pra Pippa comprar um casaco novo e sabe-se lá como descobriu que a filha gastou todo o dinheiro em bebida e praticamente congelou o inverno inteiro. Por isso, eles a obrigaram a trancar o resto do semestre e voltar pra casa pra que pudessem “ficar de olho nela”, ou alguma coisa do gênero.

Imaginei que Pippa devia estar se sentindo como eu me senti quando soube daquela regra imbecil que os meus pais criaram segundo a qual eu não posso ficar sozinha em casa à noite sem a presença de um adulto. Como se isso fosse me ajudar. Como se eles soubessem exatamente quais eram os meus problemas e fossem resolvê-los.

— *Você* acha que a Pippa sai muito? — perguntei a Vicky. — Quero dizer, *você* é a melhor amiga dela. *Você* saberia. Eles estão há quase cinco mil quilômetros de distância.

Vicky deu de ombros.

— Nós temos dezoito anos. Todo mundo da nossa idade sai muito.

Só que essa não foi exatamente uma resposta.

— O que *você* vai fazer sem ela? — eu quis saber.

Vicky enfiou uma das mãos no bolso como se procurasse por outro cigarro, mas em vez disso balançou a cabeça e fechou a mão.

— Não faço a menor ideia. O dever de casa?

— Pode ser — concordei, mesmo em dúvida.

— Posso arrumar o meu quarto — Vicky sugeriu. — Isso me tomaria algum tempo.

— Outro grande plano, com certeza.

— Fazer compras! — ela anunciou. — Vou fazer compras. Durante todo o tempo em que a Pippa estiver fora, todo dia vou comprar alguma coisa nova que me deixe feliz, até ela voltar.

— E por quantos dias *você* vai conseguir fazer isso? — perguntei. — Quero dizer, antes de ir à falência.

— Acho que... dois. Talvez três. Se eu comprar tipo, meias. Está certo. É pra isso que os cartões de crédito servem. *Você* quer fazer compras comigo?

— Bem... — comecei, mas quase imediatamente Mel me interrompeu.

— Claro que sim.

Nós duas nos viramos e olhamos para ele. Mel estava a apenas alguns metros da gente, bloqueando a porta com o corpo volumoso.

— Nossa, como fui mal-educada — Vicky comentou. — Mel, querido, *você* quer fazer compras comigo?

Mel bufou.

— Obrigado, Vicks, mas já tenho todos os brincos com pingentes e cintos de tachas de que preciso nessa estação. Eu respondi pela Elise. Caso você ainda não tenha certeza, Elise, a resposta é *sim*. — Eu abri a boca para falar, mas ele simplesmente balançou um dos dedos e me advertiu: — Lembre-se, querida, mandar ver no visual não é opcional.

— Eu pensei que você tinha dito que *era* opcional.

Mel suspirou.

— Pelo amor de Deus, será que *pelo menos uma vez na vida* você pode respeitar a sabedoria dos mais velhos?

— Está certo. — Eu me virei para Vicky. — Tudo bem. Eu vou com você.

— Excelente. No domingo, então! — Vicky começou a dar pulinhos. — Pronta pra voltar lá pra dentro?

Mel começou a abrir a porta para nós, mas eu disse:

— Na verdade, já estou de saída. Estou cansada e tenho que acordar muito cedo amanhã. Vejo você no domingo, Vicky!

E caminhei de volta para casa.

Não menti para Vicky. Eu *estava* cansada e *tinha* que acordar muito cedo, mas não era por isso que eu ia embora cedo. Resolvi ir para casa porque eu ainda não estava pronta para parar de discotecar. Eu queria fazer aquilo sem parar até que dominasse toda a prática. Quando cheguei em casa, fiquei acordada no meu quarto, com os fones nos ouvidos, praticando por horas com o meu equipamento de dj até que o sol começou a atravessar a escuridão, varrendo as estrelas e substituindo o negro por azul-marinho, até explodir em tons dourados.

I think everybody here can agree that the party ain't great 'cause the booze is free.

“Whoo! Alright – Yeah... Uh-huh”, The Rapture

## 9

Os professores não falam comigo com muita frequência. Eles falam com a galera que arruma problemas. Eles falam com Chuck Boening a droga do tempo todo. Mas a última vez que um deles me disse “Elise, posso falar com você?” foi no oitavo ano e o meu professor de estudos sociais queria saber se ele poderia enviar o meu ensaio sobre a Juventude Hitlerista para um concurso de textos sobre história. (Só para constar, eu respondi que sim. Só para constar, recebi uma menção honrosa. E também só para constar, o diretor anunciou o prêmio durante a assembleia seguinte e ninguém desviou os olhos do telefone celular por tempo suficiente para se dar conta do que estava acontecendo, a não ser por dois garotos, cujos nomes não me lembro, que berraram “Bu!” e foram expulsos do auditório.)

Então dá para entender por que fiquei tão surpresa quando a senhora Wu pediu para que eu ficasse depois da aula de matemática na sexta-feira. Tentei lembrar se também existia algum tipo de concurso para os alunos que mandavam bem em matemática. Ela poderia querer que eu competisse e logo comecei a tentar inventar alguma desculpa gentil para informar à minha professora que não haveria a menor chance de isso acontecer.

Só que não era isso que a senhora Wu queria saber. O que ela perguntou foi:

— Elise, está tudo bem com você?

Eu pisquei para a professora. Ela estava sentada atrás da mesa e eu, de pé ao lado dela. A minha aula de matemática já havia terminado e tínhamos apenas alguns minutos antes de a próxima turma chegar.

— Você quer sentar? — A senhora Wu arrastou uma cadeira para perto da mesa dela.

— Não, obrigada.

— Elise — a professora continuou. — Eu queria falar com você porque nas últimas semanas você parece estar um pouco... fora do ar e tem se dedicado menos que de costume. Você parece estar exausta. Tem algo sobre o qual você queira conversar? Algum problema em casa?

Ai, essa mulher. A chatona dessa mulher. Com aqueles suéteres de cores apagadas e saltos de tamanho sensato. Todas as vezes em que eu almocei na sala dela enquanto assistíamos a vídeos de conjuntos de Mandelbrot no computador, a senhora Wu me monitorava, secreta e insidiosamente.

*Algum problema em casa?* Por favor. Sally tem pais que não a deixam ler qualquer livro que tenha conteúdo sexual e todo mundo sabe que a mãe da Emily Wallace deu peitos de silicone de presente para a filha quando ela ainda estava no primeiro ano, enquanto o meu pai comprou uma aparelhagem de dj para mim e tudo que a minha mãe quer é que eu me torne um membro culto de uma democracia funcional — e ainda perguntam *para mim* se tenho algum problema em casa?

Aposto que eu parecia mesmo exausta, senhora Wu. Aposto que parecia menos dedicada. Eu tinha passado a noite inteira acordada fazendo uma coisa que *eu realmente amava* e desculpe, mas não reservei energia suficiente para participar cem por cento desse pequeno exercício deprimente e obrigatório na educação pública.

Desde que descobri a Start, eu sentia, pela primeira vez em anos, que coisas boas podiam acontecer comigo. Eu me sentia *feliz*. E então, pela primeira vez em anos, alguém se preocupava em perguntar o que havia de errado. Onde você estava em setembro, senhora Wu? Onde você estava na última primavera? Onde você estava quando eu mais precisava?

— Senhora Wu — eu disse —, agradeço pela preocupação, mas estou bem. Fui dormir tarde e acordei cedo. Tenho certeza de que me sentirei melhor na segunda-feira.

— Tudo bem então — ela disse. — Mas, se houver alguma coisa sobre a qual você queira conversar, sabe onde me encontrar. Você é um talento verdadeiro, Elise, com um futuro brilhante pela frente, e não gostaria de vê-la desperdiçar isso.

Olhei para a senhora Wu, agressiva, imaginando se aquilo era uma referência a quando tentei me cortar. Mas como poderia ser? Ela não sabia nada sobre essa história. Ninguém na escola além da Amelia tinha algum conhecimento sobre o assunto. Amelia que agora aparentemente achava que eu tinha feito algo para machucá-la. Quando tudo que eu quis foi simplesmente fazer amizade com ela.

*Não pense na Amelia.*

— Eu só quero que você saiba que estou do seu lado — a senhora Wu prosseguiu. — Eu confio em você.

*Você e Char, os dois, pensei.*

— Obrigada — eu disse, e pus na minha cabeça que eu precisava parar de almoçar na sala da senhora Wu.

Eu tinha que ir para a aula seguinte. Assim que abri a porta, quase derrubei um cara que corria para não se atrasar, pois o sinal estava tocando. Eu já o tinha visto antes. Ele vivia tentando recrutar gente para o time de lacrosse. As únicas outras coisas que eu sabia sobre ele é que tinha belos olhos verdes e parecia usar sandálias Adidas o tempo todo, até mesmo no inverno.

— Presta atenção por onde anda, sapata — ele rosnou, antes de disparar pelo corredor.

Eu segurei no batente da porta para me equilibrar e quase fiquei sem palavras diante daquela ironia. O que há de errado *comigo*, senhora Wu? O que há de errado com *todas as outras pessoas*?

— Acho que você precisa de uma transformação — Vicky declarou. Era domingo à tarde, logo depois de nos encontrarmos no Garotas do Calendário, um brechó no centro da cidade. Falei para a

minha mãe que ia fazer compras com uma nova amiga, Vicky, uma menina que conheci na minha loja de discos preferida, o que é totalmente plausível, mesmo que não seja cem por cento *verdade*.

E enquanto revirávamos as pulseiras e os cintos baratos, Vicky sugeriu essa transformação como se fosse a ideia mais brilhante e original do mundo.

Fui logo cortando a onda dela.

— Não.

Vicky ergueu as sobrancelhas.

— Por que não?

Abri a boca para começar a responder. Eu queria explicar que era porque, no oitavo ano, as amigas da Emily Wallace fizeram uma vaquinha para comprar um anúncio no livro do ano que dizia: elise dembowski: deixe que a gente te faça uma transformação! você merece! Porque um bando de meninas bonitas economizaram o dinheiro das mesadas só para chamarem atenção para a minha feiura. O conselheiro do livro do ano deixou que o anúncio fosse publicado porque — como Emily me explicou naquele tom de voz meloso tão típico dela — pensou que tinha sido muito gentil da parte das garotas populares serem generosas e me oferecerem a sua experiência em processos de beleza.

Todos viram o anúncio. Até Alex, que na época ainda não sabia ler, mas já conhecia as letras bem o suficiente para apontar o meu nome com um grande sorriso no rosto, maravilhada:

— Olha só, Elise! Você está no *livro do ano*!

— Porque — expliquei para Vicky — não preciso de uma transformação. Estou feliz do jeito que sou.

Esse é o tipo de coisa que a psiquiatra do hospital me pediu para dizer, mesmo que eu não acreditasse nisso. Chama-se *afirmação*.

— É claro que está. — Vicky pegou um casaco de pele, ajeitou-o diante do próprio corpo e se olhou no espelho. — Você é a jovem dj mais descolada de Glendale. O que eu estou dizendo é que você precisa se *vestir* como uma dj, sem parecer uma afetadinha sem noção.

— Não tenho certeza se isso tem muito *a ver* com ser dj...

— Está bem, talvez isso seja tipo, trinta por cento da coisa. — Ela pegou numa prateleira um par de escaarpins vermelho e roxo com várias pedras incrustadas. — A maior parte do meu armário é ocupada por roupas de estrela de rock e eu ainda não sou uma.

— Você canta bem mesmo?

— Canto — ela respondeu simplesmente.

A forma como Vicky falou me lembrou um pouco Alex. *"Você é mesmo um unicórnio, Alex?" "Sou."* Ou de mim mesma, antes de eu aprender a lição. *"Você vai mesmo construir uma casa de bonecas inteira sozinha, Elise?" "Vou."* *"Você vai mesmo fazer, assim do nada, com que todo mundo em Glendale pare de te odiar?" "Sim."*

— Então por que você *não* é uma estrela do rock?

— Porque — Vicky tentava calçar os escaarpins — não basta apenas ser uma boa cantora. Também é preciso uma banda que apareça nos ensaios de vez em quando. Tem que levar a coisa a sério. É preciso que alguém pelo menos marque algum show. E é preciso também ter uma *folga*. Não dá pra controlar tudo sozinha. A única coisa que eu posso decidir sozinha é como a minha voz vai soar. E que roupas de estrela do rock eu posso escolher.

— E o que o Pete disse quando você falou pra ele da Dirty Curtains? — perguntei. — Ele vai conseguir algum espaço pra vocês?

Vicky fez uma careta.

— Depois de eu passar quase duas horas com ele, o Pete me disse pra mandar uma demo e "vamos ver o que vai acontecer". Então, mandei a demo pra ele. E acho que vou ter que esperar pra ver o que vai acontecer. Não estou pondo muita fé.

— Será que o Char não podia convidar vocês pra tocar numa quinta dessas? — eu quis saber. — Ele pode decidir essas coisas ou o Pete precisa aprovar?

— Claro que o Char podia convidar a gente. Só que ele não vai fazer isso.

— Por que não?

A Vicky soltou um suspiro.

— Ele já ouviu vocês? — perguntei. — Talvez se ele ouvisse a banda, quem sabe perceberia o quanto vocês mandam bem...

— Ah, o Char já nos ouviu. Faz um ou dois meses que a Pippa o levou para um dos nossos ensaios.

— E ele não gostou do som de vocês? — eu disse, baixinho. — Que babaca — acrescentei, apesar de nunca ter ouvido a Dirty Curtains e de talvez nem gostar das músicas deles quando as ouviu.

Vicky bufou.

— Ah, faça-me o favor. Ele *amou* o nosso som. É por isso que ele nunca vai nos convidar pra tocar na Start. O Char não divide os holofotes com ninguém. Pelo menos com gente que possa roubar o brilho dele.

— Ele me chamou pra discotecar com ele — lembrei da maneira mais gentil que consegui, para que Vicky não levasse a coisa para o lado pessoal.

— Exatamente. Isso significa que ele não te vê como uma ameaça.

Abri a boca para responder, mas, antes que eu pudesse fazer qualquer outra coisa, Vicky me passou o sapato que ela tentava calçar.

— Acho que você devia comprar este aqui.

— Eu não sei. — Comecei a brincar com uma das pedrinhas na ponta do sapato. — Parece muito anos 80.

— Então. Eles são perfeitos. Você pode tocar Cure e o seu sapato vai combinar com a música. Qual é, Elise. Eu posso não ser uma estrela do rock, mas você é uma dj famosa.

— Acho que famosa é um pouco de exa...

— Cala a boca! — Vicky me disse com jeitinho. — Nós vamos a várias baladas. Isso é só o começo. E agora já para o provador.

Eu obedeci.

Todas as vezes que eu provava alguma coisa e saía da cabine para mostrar a Vicky, ela cantava um trecho de algum hit da Start — Joy Division, Jackson 5 ou Dexys Midnight Runners — e então eu acabava dizendo:

— É, eu posso usar essa roupa enquanto essa música estiver tocando.

Em outras ocasiões, ela comentava:

— Não, esse visual não tem nada a ver com música! Tira logo isso!

E Vicky mandava mesmo bem. Só de ouvi-la cantar algumas estrofes eu já podia dizer: aquela menina era realmente talentosa.

Depois que Vicky aprovou um par de leggings de renda, experimentei um vestido de tule cheio de babados que parecia ter pertencido a Madonna por volta de 1987.

— Tchã-rã! — anunciei ao sair do provador. Pus uma das mãos na cintura e joguei a outra no ar.

Mas Vicky olhava para o nada e não me respondeu de imediato. E, quando achei que ela fosse falar que eu estava parecendo uma figurante de *Footloose*, o que ela disse foi:

— Queria que a Pippa estivesse aqui.

Deixei as mãos caírem junto ao meu tronco.

— A Pippa ia amar hoje — Vicky suspirou. — Ela ia se divertir horrores fazendo compras com a gente. É claro que ir às compras com *ela* pode fazer até mesmo a mulher com a maior autoestima do mundo virar quase uma anoréxica, já que a Pippa passa a maior parte do tempo se queixando de que as lojas nunca têm roupas pequenas o suficiente pra ela. Isso me dá vontade de estrangular a Pippa. Mas pelo menos os sapatos dela são de um tamanho normal.

— Quanto ela calça?

— Trinta e seis. Na verdade, foi por causa dessa parada que a gente se conheceu. Eu vi a Pippa na lavanderia do nosso dormitório. Era outubro, já estava frio, e ela tentava ligar uma máquina de lavar vestindo apenas um moletom e um par de sandálias com um salto gigantesco. — Vicky soltou uma gargalhada. — Então é claro que na mesma hora fui perguntar à Pippa onde ela tinha comprado aqueles sapatos e a única coisa de que me lembro é que eu os provei e eles encaixaram no meu pé como se fossem os sapatinhos de cristal da Cinderela.

Pelo espelho, observei o sorriso que se abriu no rosto da Vicky.

— Então foi amor à primeira vista?

— De jeito nenhum. Pra início de conversa, a gente nem “deveria” ser amiga. Ela morava no sexto andar e eu, no nono.

— E daí?

— Ah, sim. Esqueci que você não estuda com a gente. Vou explicar. O sexto e o nono andar do Murphy Hall têm uma rivalidade sinistra. Porque seis é um nove de cabeça para baixo, o que significa que o sexto andar é... — Vicky revirou os olhos e encarou o teto por um momento, como se pensasse a respeito — ... ruim — ela concluiu. — E o nono andar é bom, claro. E rola sempre uma guerrinha entre os dois andares.

— Eu sempre meio que torci pra que o pessoal da faculdade fosse mais maduro que o do ensino médio — comentei.

— Eu queria acreditar que existe algum lugar no mundo onde as pessoas são mais maduras que no ensino médio, só que ainda não encontrei.

— Então a Pippa era sua inimiga mortal?

— Com toda a certeza deveria ser. Tem essa coisa de ela morar no sexto andar e tal, uma parada que qualquer pessoa do nono andar não suportaria. Além disso, a Pippa pode agir como uma vaca quando conhece uma pessoa nova. Ela foi definitivamente uma vaca comigo no começo. Ela sempre suspeita de quem não conhece bem. Tipo, ela já vivia com uma colega de quarto indicada pela faculdade havia quase *dois meses* e praticamente nunca tinha falado com a menina. As escrivatinhas delas ficavam pelo menos a um metro de distância só pra que elas não tivessem que falar uma com a outra. Por isso, a Pippa é sortuda por me ter por perto. Ela precisava de uma amiga. E acabou que descobrimos que nós duas gostávamos de sair pra dançar, e o resto é história.

— Por que você e a Pippa gostam *tanto* de sair?

— Por que *você* gosta tanto de sair? — Vicky rebateu.

— Porque é escuro e ninguém me conhece — respondi logo de cara.

Vicky inclinou a cabeça.

— Eu não me acostumaria muito com isso se fosse você. Você agora é a dj. Logo todo mundo vai saber quem você é.

— Ah, por favor. Eles não vão nem reparar em mim. *Nem* mando bem como dj — eu lembrei a ela.

Vicky revirou os olhos de novo.

— Olha só, eu não sei por que a Pippa gosta de sair. Às vezes acho que ela sai só pra beber e dar em cima do Char. Mas *eu* gosto de sair pelo motivo oposto do seu. Sinto que as pessoas na balada *sabem* quem eu sou. Elas me veem. Talvez não quem eu seja de verdade, mas como eu quero ser. Elas me veem da mesma forma que eu me vejo. É como se eu me vestisse e agisse como um personagem, como a Vicky Blanchet, estrela de rock, e todo mundo na Start estivesse louco pra ver a Vicky Blanchet, estrela de rock. E essa é a pessoa que eu sou por dentro, mesmo sem ter ainda um contrato com uma gravadora pra provar isso. Ninguém mais está disposto a me ver assim. As pessoas durante o dia veem a Vicky Blanchet, aluna de literatura inglesa, ou a Vicky Blanchet, a gorda. E elas não estão *erradas*, mas ainda assim, de alguma forma, elas *me ignoram*. Será que essa é uma parada idiota? Faz algum sentido?

— Não é idiota. — De repente, eu queria falar mais coisas para Vicky. Queria dizer como Amelia Kindl me via como uma maluca cuja vida precisava ser salva, como a senhora Wu me via como uma aluna-problema, como Lizzie Reardon me via como uma fonte inesgotável de risadas e como eu me via como alguém muito além dessas coisas, uma garota muito mais esperta.

Mas eu não sabia nem mesmo como começar a explicar essas paradas em meio àquelas botas de cowboy e vestidos de baile vintage, eu não sabia como chorar todas as pitangas da minha vida para Vicky de uma forma que tudo isso fizesse algum sentido. Eu não queria contar a ela como Amelia, a senhora Wu, Lizzie ou qualquer outra pessoa me viam, porque não queria que Vicky começasse a concordar com elas.

Por isso, tudo que eu disse foi:

— *Eu* vejo você como Vicky Blanchet, estrela de rock.

— E eu vejo *você* como Elise, uma dj extraordinária. — Ela ajeitou um grande par de óculos escuros sobre o nariz. — Então você tem que comprar aquele escarpim de pedrinhas.

Ela me pressionava para comprar não apenas os sapatos, como também dois pares de brincos, um conjunto de pulseiras, um colete, dois vestidos e uma calça de couro.

— Que *diabos* eu vou fazer com uma calça de couro? — perguntei a Vicky enquanto me retorcia para dar uma conferida na minha bunda no espelho.

— Vesti-la e dançar no seu quarto — Vicky explicou e percebi que ela tentou não acrescentar um *óbvio* no final da frase.

— Mas eu não danço no meu quarto.

— Bem, você deveria começar.

Gastei um dinheirão, mas eu tinha recebido cheques tanto dos meus avós maternos quanto dos paternos de presente de dezesseis anos e, se roupas para discotecar não eram um uso perfeito para esse dinheiro, eu não saberia dizer qual era. E mesmo assim ainda foi menos do que eu torrei nas minhas compras de volta às aulas e aquelas roupas não me trouxeram nada de bom, ao contrário do que comprei naquele dia. Aquelas coisas me fizeram feliz.

Voltei para casa em busca de alguém para compartilhar o meu bom humor e a primeira pessoa que vi foi Alex. Na verdade, eu vi os pés descalços da Alex. O resto dela estava escondido debaixo de um monte de caixas de papelão imensas.

— Projeto da escola? — eu quis saber.

A resposta da Alex saiu abafada.

— É pra feira da primavera. Todo mundo tem que fazer a sua própria construção. Depois, vamos arrumar todas as construções juntas no pátio pra que pareça uma cidade. E aí cada um vai ficar dentro da sua construção pra vender alguma coisa. Mas as pessoas só vão poder comprar essas coisas com dinheiro de mentirinha e não com dinheiro de verdade. Esse dinheiro de mentirinha se chama Grana Berger.

O professor do segundo ano da Alex se chamava senhor Berger.

— Esse cara não se acha um pouco, não? — perguntei a ela. — É esquisito dar o próprio nome pra uma moeda.

— Foi o que eu disse pro senhor Berger — a voz sem corpo da Alex respondeu. — Mas ele falou que era o professor, por isso era ele quem criava as regras. E o dinheiro. Só que ele também disse que, na verdade, ele não ganha tanto dinheiro assim.

— Entendi. E o que vai ser a sua construção?

— Um castelo. — Alex empurrou uma caixa e pude ver a cabeça dela. — Um castelo da poesia. Ali está a minha torre.

Eu não vi nenhuma torre, apenas mais outra caixa, mas mesmo assim eu disse:

— Fabuloso, Alex. Essa é uma torre digna da realeza.

Ela sorriu de orelha a orelha. Subi para o meu quarto, tranquei a porta e fechei as cortinas. Vesti aquela calça de couro ridícula e toquei várias músicas, dançando sozinha até estar cansada o suficiente para apagar na cama. Nem precisei dar a minha caminhada noturna.

If we sleep together would it make it any better?

If we sleep together would you be my friend forever?

“La familia”, Mirah

## 10

Na quinta, depois da minha mãe, Steve, Alex, Neil e os cachorros irem para a cama, botei um dos vestidos que Vicky me ajudou a comprar. Era curto, com um body justo e uma saia estilo tutu. Também resolvi estrear as minhas pulseiras. Cheguei a correr até o sótão para resgatar o cinto que eu tinha bordado com lantejoulas coloridas com todo o cuidado no ano anterior, antes de enterrá-lo num saco de lixo quando decidi que queria parecer com todo mundo.

Naquela noite, eu não queria parecer com todo mundo. Naquela noite, eu queria parecer como eu me sentia por dentro: Elise Dembowski, dj.

— Uau! — Mel exclamou quando cheguei à Start. — Elise, querida, olhe só pra você!

Puxei a saia para baixo e tentei agir como a pessoa mais descolada da face da terra.

— Fui fazer compras com a Vicky.

— Eu sempre soube que essa menina detonava — Mel disse. — Essa filha da mãe é um gênio. Você é só mais uma prova disso. Pode dar uma voltinha pra mim?

Eu corei.

— *Mel...*

— Por que você está me negando esse pequeno orgulho paternal? — Mel pôs as mãos na cintura, fingindo estar bravo.

Tive que abrir um sorriso ao ouvir essa, já que o meu pai de verdade era branco, tinha braços que eram três vezes mais finos que os do Mel e devia estar dormindo àquela hora.

Tirando aquele momento, eu mal tinha pensado no meu pai naquela noite. Sim, era estranho pegar o ônibus da escola na quinta-feira e ir para a casa da minha mãe, em vez de seguir para a dele, só que não pensei muito no assunto. O meu pai ligou para o meu celular depois do jantar, mas eu estava muito ocupada para atender, tentando exercitar a minha discotecagem mais um pouco antes de ir para a Start. Eu estava com os fones nos ouvidos e não escutei o telefone tocar.

Quando entrei na Start, tentei ficar bem em frente à cabine do dj para que Char soubesse que eu já tinha chegado e que estava pronta para tocar assim que ele quisesse. Só que o cara com aquela câmera gigante brotou bem na minha frente. Tommy Flash. Ele não se apresentou, não pediu permissão, nem nada do tipo. Simplesmente bateu um monte de fotos minhas, uma atrás da outra, e deu o fora. O flash da câmera deixou nuvens brilhosas nos meus olhos por algum tempo.

Quando finalmente cheguei à cabine do dj, Char tinha acabado de pôr uma música do Pixies.

— Você está roubando as minhas músicas. — Subi na cabine e me pus ao lado do Char. Dei um empurrãozinho nele com os quadris para abrir espaço. — Agora vou ter que arrumar alguma outra coisa pra tocar hoje.

— Azar o seu. De quanto tempo você vai precisar pra pensar numa música substituta? Tipo, uma hora?

— Ah, me poupe. Estou sempre pronta.

— Está certo, então. Vamos começar a festa. Manda ver.

Char continuou a tocar enquanto eu desempacotava o meu laptop e o plugava no mixer. Engatilhei "Bad reputation", da Joan Jett, pendurei os fones de ouvido no pescoço e dei o sinal para ele:

— Estou pronta.

— É com você, minha senhora. — Ele fez uma reverência.

Apertei o *play*.

"*I don't give a damn 'bout my reputation*",<sup>[5]</sup> Joan rosou e a pista explodiu.

— Você parece ter as coisas sob controle por aqui — Char falou no meu ouvido enquanto eu inspecionava a galera que dançava.

— Você acha?

A risada dele foi uma brisa morna na minha orelha.

— Você está mandando ver. Vou te deixar tocar. Posso te trazer uma bebida?

— Uma água seria ótimo, obrigada. — Desviei os olhos da pista para procurar uma outra música para a galera. Talvez um pouco de punk rock...

— Tem certeza de que não quer uma cerveja nem nada do gênero?

Tirei os olhos da tela do computador e olhei para ele apenas por tempo suficiente para erguer uma das sobrancelhas.

— Eu tenho só dezesseis anos e você sabe disso.

— É, já ouvi essa história.

— Posso estar usando um vestido novo e escarpins em vez de tênis, mas mesmo assim continuo tendo dezesseis anos.

Char piscou algumas vezes, confuso.

— Algumas pessoas de dezesseis anos bebem cerveja. E todas as *suas* cervejas são de graça, já que você está discotecando. Uma das melhores razões pra se tornar dj é a bebida grátis.

— Eu pensei que fossem as roupas de dj.

— O quê?

— Deixa pra lá. Só falta um minuto pra essa música acabar. Me traga só um copo d'água. Mas não se esqueça de falar pro pessoal do bar que é de graça. Porque, você sabe, eu sou a dj.

Char revirou os olhos e me deixou sozinha na cabine. Concentrei toda a minha atenção na discotecagem.

Sei que a humildade é uma característica valorosa, mas não há como ser humilde nessa situação: eu estava detonando. Eu não apenas dominava as habilidades técnicas graças às várias horas que

passsei praticando na semana anterior. Era como se tivesse rolado um clique na minha cabeça e eu passasse a entender o que Char queria dizer quando me falou para decifrar a galera. Eles vão te contar o que querem. Às vezes, eles te dirão isso com pedidos berrados no seu ouvido nas horas mais inconvenientes, bem quando você está fazendo a transição de uma música para a outra, ou com um *post-it*. E eles também podem mostrar o que querem sem falar nada, ao dançarem ou ficarem parados, sorrirem ou fecharem a cara, ouvirem ou não.

Naquela noite, eu tinha a Start na palma da mão. Eles me amavam. E eu também me amava.

Quando Char veio me render algum tempo depois, eu disse a ele:

— Posso continuar. Não me importo.

— Dá pra ver. — Char me envolveu com um dos braços para pegar o computador dele. — Mas por que você também não me dá uma chance? Vai, só porque hoje é tecnicamente a minha noite e tal.

Relutante, preparei a música que estava tocando para que ele fizesse a transição e desci da cabine com um pulo.

— *Ah, meu Deus!* — Vicky comentou quando fui encontrá-la na pista de dança. — Agora você acredita em mim? Que você é a dj mais descolada de Glendale?

Tive que cobrir a boca com uma das mãos de tão gigante que era o meu sorriso.

— Agora eu acredito em você.

Vicky estava com dois caras. Um deles tinha tanta barba que dava até para tricotar um cachecol com todo aquele pelo. Vestia uma camiseta branca onde ele mesmo tinha escrito com caneta para tecido: *Eu compro na Gap*. Não consegui descobrir se ele tentava ser irônico ou o oposto disso. O outro cara parecia um pouco mais novo, um pouco mais pesado e muito menos barbado.

— Esses são os Dirty Curtains — Vicky apresentou. — Essa é a Elise. Galera, eu estou errada ou a Elise é duas vezes melhor dj que o Char?

— Ah, não — eu disse mais que depressa. — O Char é incrível!

— Eu achei  *você*  incrível — o cara mais novo comentou. — E quando você tocou aquela do Buzzcocks? Aquilo foi louco! Você viu como as pessoas dançaram? Como você pensou em tocar essa música?

— Não sei. Acho que é porque sou a dj.

— Você detonou lá em cima — ele continuou. — Não é, Dave?

O barbudo balançou a cabeça, concordando.

— É, detonou.

O mais novo se virou para mim mais uma vez.

— Eu amei — ele disse com toda a sinceridade.

— Olha só quem está parecendo uma  *groupie*  — Vicky zoou.

Ele corou levemente.

— Cala a boca, Vicky. — E voltou a falar comigo. — Tenho esse hábito horrível de dizer exatamente o que passa pela minha cabeça. E agora, o que está na minha mente é... como é maneiro conversar com a dj!

— O Char é o dj. Eu sou, tipo... a convidada.

— Eu sou o Felipe. — Trocamos um aperto de mão. — E você foi incrível.

— Ah, caramba. Como eu pude me esquecer das apresentações formais? Esse é o Dave, o guitarrista. — Vicky apontou para o cara de barba.

— E aí? — Ele ergueu um pouco o queixo.

— Esse é o Felipe — dessa vez, ela apontou para o garoto tagarela. — Ele toca bateria e tem esse nome porque lembra as sobrancelhas dele. Elas são felpudas, sacou?

— E o nome dela é Vicky porque está sempre com cheiro de Vick VapoRub — Felipe rebateu na lata.

Vicky pôs uma das mãos na cintura.

— O nome dele é Felipe porque, quando ele nasceu, era tão horrível que a mãe dele gritou: "Ferrou". Só que ela estava chorando tanto por causa da feiura do bebê que o médico achou que ela tinha dito Felipe.

— E o nome dela é Victoria porque, ela é como a rainha Victoria — Felipe continuou. — Sabe como é. Virgem.

— Primeiro — Vicky corrigiu —, a rainha Virgem não era a Victoria, mas a rainha *Elizabeth*. Segundo, você está mesmo falando da minha vida sexual? Para! Quer que eu vomite aquele milk-shake gigante em cima de você?

— Deixa eu adivinhar... — Eu me meti na conversa. — Vocês são irmãos.

Os dois piscaram para mim como se tivessem esquecido que havia gente ao redor.

— É assim tão óbvio? — Felipe perguntou.

Dave bufou.

— Tubo bem. Vamos à pergunta *que importa* — disse Felipe. — Quem é o mais velho?

Ele e Vicky fizeram uma pose.

— A Vicky — respondi sem hesitar.

Felipe deixou os braços caírem junto ao tronco.

— Que saco! Você sabe todos os nossos segredos.

— O Felipe é dezesseis meses mais novo — Vicky acrescentou. — Ainda está no ensino médio.

— A nossa mãe adorava ficar grávida — Felipe disse.

— Eca de novo — Vicky berrou.

— Eu estou te falando. Digo tudo que passa pela minha cabeça. É uma maldição.

— Os nossos pais não costumam deixar ele vir pra Start — Vicky me explicou. — Sabe como é, porque é dia de semana e eles dizem que o Felipe tem que ir pra escola de manhã cedo, essas coisas. — Ela fez uma voz estridente de bebê e apertou as bochechas dele. — Não é, meu irmãozinho, bebezinho fofinho?

Ele deu um soco no estômago da Vicky e ela soltou as bochechas do irmão.

— Então por que você está aqui hoje? — perguntei.

— Amanhã é dia de conselho de classe — Felipe respondeu. — *Graças a Deus*.

*Eu* tinha aula no dia seguinte, por isso era óbvio que Felipe não estudava na Glendale.

— Eu estudo na Roosevelt — ele falou antes que eu perguntasse.

— Ah, sim. Ouvi dizer que vocês são os nossos rivais no futebol.

— Buuu — Felipe brincou.

— Buuu pra você também.

— Desculpe interromper o papo da galerinha do grêmio — disse Vicky —, mas, por favor, podemos dançar? Ou estamos ouvindo a Robyn<sup>[6]</sup> pra nada?

E então nós dançamos. Ou alguma parada parecida com isso. Eu basicamente joguei o peso do corpo de um pé para o outro, cantei junto com a música e balancei um pouco os braços.

— Como você faz isso? — berrei para Vicky.

— Faço o quê? — ela perguntou, sacudindo os ombros de forma quase imperceptível mas, de alguma forma, fazendo com que todos os caras na pista olhassem para ela.

— Dançar!

— Ah! — Ela soltou uma gargalhada. — Primeiro, fique em pé direito.

— Eu estou em pé direito.

— Ah, gata, não está, não. — Ela empurrou os meus ombros para trás e ergueu o meu queixo, como se eu fosse uma boneca de pano. Felipe parecia tentar não cair na risada enquanto observava.

— Agora — Vicky continuou —, repita.

— Eu não quero repetir nada.

— Só as pessoas que repetem o que eu falo aprendem a dançar como eu — Vicky anunciou, empinando o nariz.

— Eu repito — Felipe se ofereceu.

— Obrigada, Felipe. Elise, sintá-se à vontade pra se juntar a ele. Repita: *Eu mereço estar aqui.*

— Eu mereço estar aqui! — Felipe e Dave declararam e eu murmurei junto com eles.

— *Ninguém pode me tirar a minha dança* — Vicky entoou e nós três repetimos as palavras dela.

— E finalmente: *Eu não ligo a mínima se alguém achar que eu pareço ridícula.*

— Só que eu *pareço* ridícula — eu observei enquanto Felipe soltava um dos seus gritos para mostrar que concordava com cada uma das palavras da irmã.

— Eu também — disse Vicky. — Só que *não estou nem aí.*

E então ela nos ensinou alguns dos seus truques para preservar o seu espaço na pista de dança:

— Se alguém vier atrás de você, dê uma cotovelada na pessoa.  
— Ela fez uma demonstração. — É como se fosse um movimento da sua dança, só que ninguém gosta de levar uma cotovelada no rim. Ou comece a pular e aterrisse bem em cima do pé da criatura.

Todos nós começamos a pular para praticar.

— Basicamente tudo que você precisa fazer é jogar os braços ao redor do corpo e dar passos largos, assim todo mundo vai saber quem é a dona da pista de dança. As pessoas *vão abrir espaço* pra você. Você tem que conquistar o seu espaço.

Um garoto qualquer se aproximou da Vicky e ela não lhe deu nenhuma cotovelada nem pisou no pé dele. Ela simplesmente o ignorou e continuou a dançar. Depois de algum tempo, o cara deu o fora.

— Eu já beijei muitos meninos aqui na Start — Vicky me confidenciou da forma mais indiferente possível. — Na verdade, eu até já estou de saco cheio desses caras. Todos eles têm *banda*.

— Mas você *também* tem — eu lembrei a ela.

— Exatamente. Então por que eu precisaria deles?

Felipe pegou na minha mão e me fez dar um rodopio. Soltei uma gargalhada e ele me fez girar de novo, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo.

Char era um excelente dançarino, ao contrário do Felipe. Ele parecia não conhecer muitos passos e, depois de ficar parado por algum tempo, fez com que eu rodopiasse novamente. Dessa vez, flagrei Char olhando para mim enquanto eu girava. Com um dos dedos, fez um sinal que dizia *venha aqui*.

Felipe abriu a boca como se fosse me dizer alguma coisa, mas antes que ele pudesse começar eu disse:

— Só um segundo, o.k.? — Larguei a mão do Felipe e segui para a cabine do dj.

— Está tudo bem? — perguntei quando cheguei mais perto. — Quer que eu assuma as pickups um pouco?

— Está tudo bem. Só pensei que talvez você estivesse precisando de um resgate.

Olhei para o outro lado da pista. Felipe voltou a dançar com Dave e Vicky.

— Estava tudo bem — garanti para Char. — Mas obrigada.

— Quer ficar aqui em cima? — ele perguntou. — A gente pode alternar uma música minha e uma sua até o fim da noite. O lugar já está esvaziando mesmo.

Eu deslizei para o lado dele.

— Parece ótimo.

Char e eu alternamos músicas por meia hora. Toquei algumas paradas antigas: Contours, James Brown, coisas assim. Aquele era o tipo de música que o meu pai mais gostava de tocar e imaginei como ele tinha passado a noite de quinta em casa sem mim. Char tocou mais anos 80: Prince, Edwyn Collins, Transvision Vamp. Ele pôs "Temptation", do New Order, e ambos tiramos os fones de ouvido e relaxamos por um momento, apoiando o corpo no corrimão da cabine. "Temptation" é uma música longa.

— Essa música podia ser sobre você. — Char olhou para mim.

Eu inclinei a cabeça.

— Por quê?

Ele cantou junto com a música.

— *"Oh, you've got green eyes, oh, you've got blue eyes, oh, you've got grey eyes."*<sup>[7]</sup>

— Os meus olhos geralmente são azuis — eu disse. — Azul-acinzentados.

Ele começou a cantar de novo.

— *"Oh, you've got green eyes, oh, you've got blue eyes, oh, you've got grey eyes."*

— Eles só parecem ser verdes quando visto uma camiseta dessa cor.

— *"And I've never seen anyone quite like you before"*<sup>[8]</sup> — ele cantou.

Eu me juntei a ele.

— *"No, I've never met anyone quite like you before."*<sup>[9]</sup>

Nós dois ficamos em silêncio e olhamos um para o outro por um momento.

E então ele me beijou.

Eu me afastei quase na mesma hora, como se tivesse levado um choque.

— Por que você fez isso? — eu quis saber, e uma das minhas mãos voou até a boca.

Char ergueu um dos braços e, com cuidado, retirou a mão do meu rosto.

— Porque eu quis — ele respondeu baixinho e, ainda segurando as minhas mãos nas dele, me beijou de novo. Aquele beijo foi mais longo que o primeiro e eu não sabia o que fazer com os meus lábios. Mas Char, ao contrário, sabia exatamente como proceder.

Quando ele se afastou de mim, eu o encarei por um momento. O meu coração batia tão depressa que pensei até que ia vomitar ou simplesmente cair dura no chão se ele ainda não estivesse me segurando.

— Você sabe que *não* vou transar com você. — As palavras escapuliram da minha boca. Imediatamente senti o meu rosto ficar vermelho como um tomate. *Você nunca sabe quando calar essa matraca.*

Mas Char soltou uma gargalhada e eu ri também.

— Não se preocupe. — Ele beijou a minha cabeça. — Jamais pensei que você iria.

Apertei os olhos na direção dele, sem saber se aquilo significava um elogio ou uma crítica.

— E a Pippa? — perguntei.

A expressão no rosto dele era indecifrável e os olhos permaneciam perdidos nos meus lábios.

— Isso não tem nada a ver com a Pippa. Tem a ver com você.

— Mas...

— Vem cá — Char pediu. — Está tudo bem. — Ele abriu os braços para mim. Devagar, desabei naquele abraço e ele me embalou para a frente e para trás. Ouvi a música desvanecer e o silêncio que se seguiu. As luzes se acenderam. Escorreguei os braços ao redor do corpo do Char e apertei o rosto contra a camiseta dele, tentando ouvir através do tecido fino se o coração dele batia tão depressa quanto o meu. Só que parecia estar tudo normal com o coração do Char.

— Vamos, Elise — ele falou com suavidade sobre o meu cabelo depois de algum tempo. — Deixa eu te levar pra casa.

# Do you find this happens all the time?

“Age of consent”, New Order

## 11

Quando o meu despertador tocou naquela manhã de sexta-feira, acordei na casa da minha mãe e não na do meu pai, o que ainda me fazia sentir um pouco de culpa. Eu podia ouvir Alex lá embaixo, fazendo a maior zona enquanto construía o castelo da poesia. Também podia ouvir Mordedor arranhar a porta. Mesmo assim, fiquei imóvel na cama por um momento, pensando na noite anterior — que, na verdade, tinha terminado cinco horas antes. As músicas que toquei. As danças bizarras. Char que me beijou. Eu que beijei Char. Char e eu que nos beijamos.

Na escuridão da noite, aquilo fazia algum sentido. Lá estávamos nós, dois djs, um ao lado do outro, compartilhando uma noite em que todas as músicas que tocávamos viravam ouro. Porém, na luz cortante da manhã, eu não conseguia entender mais nada. Ele já tinha quase vinte anos. Eu ainda estava no ensino médio. Ele era descolado, eu não.

Então por que ele tinha me beijado?

Saí da cama, vesti um jeans e a primeira camiseta lisa que encontrei, e fiz uma trança no cabelo para que não ficasse caindo na minha cara. Antes de descer para tomar café, abri o laptop. Fechei o programa de discotecagem que estava usando na noite anterior e abri o navegador. Dei então um Google em “Tommy Flash” e cliquei no site dele.

Estava cheio de fotos. Vi garotos fumando no banheiro, garotas que fingiam tirar a roupa, meninos e meninas que trocavam amassos em todas as combinações possíveis. Vi várias fotos da

Pippa: ela e Vicky dançando, Pippa secando uma taça de vinho, Pippa com os braços ao redor do Char. Ao ver essa última, mais que depressa rolei a página para baixo.

E então achei o que procurava: uma foto minha. Não era a que Tommy Flash tirou logo que eu cheguei naquela noite. Não percebi quando ele tinha tirado aquela. Na foto, eu estava de pé, sozinha, na cabine do dj. Eu só tinha um dos fones apoiado na orelha e olhava para algum ponto ao longe, rindo como se guardasse um segredo. O vestido que Vicky me ajudou a comprar fazia com que eu lembrasse uma bailarina punk e os meus olhos pareciam maiores e mais azuis do que eu me recordava serem.

Eu me olhei no espelho, mas tinha apenas uma semelhança remota com aquela Elise da foto publicada no site. Os meus olhos estavam inchados e a única coisa punk que havia no meu visual era o fato da barra do meu jeans estar puída. Mesmo assim, eu ainda sorria como se guardasse um segredo. Porque essa era a mais pura verdade.

Naquele momento cheguei à conclusão de que aquela câmera do Tommy Flash, não importa o quanto havia custado, tinha valido cada centavo.

Tomei café, fui até o ponto do ônibus da escola e cruzei o corredor até o meu armário no melhor estilo zumbi. Eu tentava destrancar o cadeado quando as minhas amigas apareceram. Você sabe, Chava e Sally. Essas amigas.

— Vocês são exatamente as pessoas que eu queria ver! — eu disse a elas e, pelo menos dessa vez, não estava sendo sarcástica. Eu já tinha visto tantos programas populares na televisão que sabia muito bem que quando um garoto fazia alguma coisa inexplicável, como te beijar do nada, você tinha que discutir o assunto com as suas amigas. Especialmente se as suas amigas são pessoas como Chava e Sally. Não há nada que elas gostem mais na vida do que tentar explicar o comportamento de meninos que elas não conhecem.

Só que nenhuma das duas respondeu nada do tipo: “Amiga! Desembucha!!”, supostamente a fala típica para esse tipo de

situação de acordo com os programas de tv. Em vez disso, Chava parecia muito séria e me disse:

— Elise, a Sally e eu só queríamos que você soubesse que estamos aqui pra você. Somos suas amigas e estamos à sua disposição. — O tom dela se tornava cada vez mais sombrio. — Tipo, nos momentos de necessidade.

— Claro. Isso é ótimo. — Ergui uma das sobrancelhas na direção dela. Pensei que ela não podia estar falando sobre Char, já que aquele não era um “momento de necessidade”.

— E você pode nos contar tudo — Sally acrescentou. — Na verdade, você *tem* que nos contar tudo. É o que as amigas fazem.

— Você tem que contar tudo pra que a gente possa ajudar. Não importa o que você nos conte, sabe?

— Além do mais, a gente te conta tudo — Sally complementou. — Então isso parece mais que justo.

— Eu conto tudo pra vocês — eu disse, apesar de aquilo não ser absolutamente verdade. Mesmo assim, eu contava mais coisas a elas que a qualquer outra pessoa na escola, de forma que isso já parecia ser muito.

— Você não contou que queria se matar — Sally declarou.

Ouvi um zumbido alto nos ouvidos e me senti tonta, como se de repente a Terra começasse a rodar muito, muito depressa. Por reflexo, naquele mesmo instante baixei a camiseta para cobrir o meu pulso.

— Nunca quis me matar. — A minha voz saiu trêmula.

— Viu? Ela não conta nada pra gente — Sally reclamou com Chava.

— Quem disse que eu tentei me matar?

— Você tentou, sim — Sally insistiu.

— Mas vocês acabaram de dizer que eu não conto nada! — Bati o punho na porta do meu armário e Sally e Chava trocaram um olhar de preocupação.

— Nós lemos no seu blog — explicou Chava.

— Eu não tenho blog.

— Tudo bem. O seu “diário virtual”. Que seja. — Sally soltou um suspiro.

— Eu também não tenho essa parada.

— Elise, você pode confiar na gente — Chava disse com delicadeza.

— Então posso confiar em vocês pra saber quem está falando que eu tenho essa merda de blog sobre as minhas tendências suicidas?

Sally torceu o nariz. Como era de esperar, os pais da Sally não permitem que ela fale palavrões. E ela provavelmente tinha que jogar uma moeda de vinte e cinco centavos num pote toda vez que ouvia um.

— Todo mundo. — Chava começou a piscar sem parar, como se tentasse segurar as lágrimas. — Todo mundo leu.

Dei um empurrão nas duas e corri para o laboratório de informática. Eu me sentei diante de um computador e digitei “Elise Dembowski” no Google. A primeira opção a surgir na tela foi “Elise Dembowski, médica”. A segunda foi “Elise Dembowski, Tampa, Flórida, superintendente escolar”. Mas, na terceira, eu li: “Elise Dembowski, suicídio”.

Cliquei no link e comecei a mordiscar os nós dos dedos enquanto esperava pelo carregamento da página. Quando terminou, vi que o esquema de cores da página era composto de estrelas cor de laranja com o título “O Diário Supersecreto de Elise Dembowski”. A justaposição berrante do meu nome com a cor que eu menos gosto me chocou.

Comecei a ler.

*6 de maio: odeio a minha vida e tudo que quero é morrer. ninguém me ama e eu mereço esse destino. por que alguém iria querer ser meu amigo? sou horrível, chata e grudenta. queria poder me matar, mas, desde a última vez que tentei, os meus pais mantêm o armário de remédios trancado e escondem as facas. odeio os meus pais — por que eles simplesmente não me deixam morrer? eu estaria fazendo um favor a eles. bjs elise dembowski.*

1º de maio: *pense só em toda a atenção que eu iria atrair se me matasse. aposto que iam fazer uma assembleia na escola em minha homenagem e as pessoas iam querer dizer coisas legais a meu respeito, mesmo que elas não sentissem nada daquilo. talvez saísse até alguma coisa sobre mim no jornal! bjs elise dembowski.*

27 de abril: *momento da confissão: nenhum garoto nunca me beijou. na verdade, acho que essa não é uma confissão das mais surpreendentes, já que eu sou tão desajeitada e nojenta. sei que vou passar o resto da minha vida sozinha, por isso espero que o resto da minha vida seja curto. bjs elise dembowski.*

21 de abril: *hoje fiz uma lista de todo mundo que eu odeio. o meu próprio nome está no topo da lista, é claro. amelia kindl é a segunda. se ela simplesmente não tivesse me dedurado da primeira vez que tentei me matar, eu poderia estar morta agora e não teria que continuar a viver essa vida patética e sem sentido. mas não. eu contei pra amelia e ela me traiu. ela gosta de dar uma de boazinha, mas tudo isso não passa da mais pura encenação. nunca irei perdoá-la. bjs elise dembowski.*

Parei de ler não porque queria, mas porque não conseguia mais olhar para a tela do computador. Pontos pretos começaram a tomar conta do meu campo de visão e percebi que prendera a respiração desde que comecei a ler. Tirei a mão da boca e soltei todo o ar dos pulmões. Os meus olhos melhoraram, mas só eles.

Alguém pegou a minha vida, a minha identidade, cada um dos pensamentos negativos que eu já tivera e os perverteu, transformando-os em algo grotesco. Uma versão de quem eu era, mas que estava longe de ser a Elise de verdade.

Não havia a menor dúvida na minha cabeça que era sobre isso que Amelia Kindl estava falando durante o exame de escoliose, quando ela conversou comigo pela primeira vez durante todo aquele ano letivo só para dizer: "Não faça *isso* comigo, Elise".

Quem fez isso e por quê? Quem poderia gastar tanto tempo e energia só para me ferir assim?

Mas a resposta para essa pergunta veio instantaneamente: um monte de gente. Jordan DiCecca e Chuck Boening conseguiram se safar sem maiores dificuldades do roubo do meu iPod no ano anterior, então não tinham por que criar um site falso sobre mim, além de ultrapassar a capacidade deles, pois duvido que eles saibam digitar uma frase inteira.

Lizzie Reardon, ao que tudo indicava, tinha um tempo infinito para se dedicar ao meu *bullying*. Escrever uma dúzia de posts num blog durante as últimas duas semanas não chegava nem perto da vez, na sétima série, em que ela orquestrou um suposto encontro entre Mike Rosen e eu que terminou comigo, no meu vestido de renda preferido, sendo bombardeada por balões d'água enquanto esperava, sozinha, na porta de uma sorveteria.

E então houve aquele anúncio que dizia: "Elise Dembowski: Deixe que a gente te faça uma transformação!", que Emily Wallace e as amigas publicaram no livro do oitavo ano. Se elas estavam dispostas a gastar vinte e cinco dólares para rir da minha cara, eu tinha a impressão de que podiam muito bem se reunir para criar um site gratuito que iria fazer com que rissem ainda mais.

Não importava quem havia criado aquele diário falso. De alguma forma, aquela era a pior parte da história: havia *tanta gente* que não gostava de mim que eu não era nem ao menos capaz de listar os suspeitos. Podia ser qualquer um.

Desliguei o computador e fui para a minha aula só porque não sabia para onde mais eu poderia ir. Amelia me encarou da carteira dela e o senhor Hernandez me deu uma advertência por chegar atrasada. Sentei no meu lugar, fiz algumas anotações com uma canetinha e escrevi um punhado de afirmações na margem do caderno como a psiquiatra havia me recomendado. *Sou uma boa pessoa. Gosto de mim do jeito que sou. Muitas pessoas me amam e se importam comigo. Eu tenho um propósito na vida. Não quero me matar.*

Escrevi essas palavras sem parar, pressionando a caneta com a maior força de que era capaz até que rasguei a folha e a tinta vazou

para a outra página.

Durante a aula do senhor Hernandez, olhei ao redor da sala e tentei descobrir quem já tinha lido o diário falso. Chava tinha dito que *todo mundo* havia lido. Mas o que isso significava? Amelia com toda a certeza já tinha lido, dava para ver pelo jeito com que o rosto dela se contorcia numa careta sempre que olhava para mim. O que queria dizer que a amiga dela, a garota do documentário sobre as múmias, também já devia ter lido, porque ela cruzava os braços e olhava feio para mim sempre que me flagrava olhando para Amelia. Algumas fileiras à minha frente, dois meninos sussurravam e ouvi claramente um deles pronunciar as palavras "garota suicida". O senhor Hernandez bateu palmas e deu uma chamada neles:

— Ei, pessoal. Posso ter a atenção de vocês?

Mas, ainda assim, eu continuava a sentir os olhos voltados para mim.

Chava não estava exagerando. Todo mundo tinha lido.

No momento em que a aula terminou, agarrei o braço da Amelia.

— Olha só, Amelia. — A minha voz saiu trêmula. — Sobre aquela parada que você leu... Não fui eu quem escreveu aquilo.

Por alguma razão, senti uma necessidade louca de que ela soubesse daquilo. Queria limpar o meu nome, é claro. Mas também — e essa é a parte patética — havia uma parte de mim que não conseguia desistir daquele sonho, o sonho de ser amiga de uma menina normal, gente boa, feliz. Esse sonho já tinha morrido, e logo no primeiro dia daquele ano letivo, mas mesmo assim eu tinha a impressão de que se eu simplesmente contasse a verdade para Amelia... se ela simplesmente pudesse entender...

Mas Amelia empurrou o meu braço.

— É claro que foi você. Quem mais poderia saber de tanta coisa?

— E como eu não disse nada, ela continuou, com a voz falhando. — Por favor, Elise. Não aguento mais isso. Nunca fiz nada pra você. Por favor, me deixe em paz. — E correu atrás da amiga.

Durante o resto do dia, não consegui parar de remoer as palavras da Amelia. "*Quem mais poderia saber de tanta coisa?*" Porque ela estava certa. Não bastava apenas gostar de me torturar, como Lizzie, Jordan, Emily ou qualquer outra pessoa em quem eu já

tinha pensado. Quem quer que tivesse feito isso, precisava saber que eu um dia havia desejado me matar e que Amelia Kindl me denunciou. Alguém que realmente sabia o que tinha acontecido naquele primeiro dia de aula.

Depois de me cortar, depois de ligar para Amelia, depois de ela ligar para a emergência, uma ambulância estacionou na porta da minha casa, preenchendo o quarteirão tranquilo, onde o meu pai mora, com sirenes e luzes piscantes. Abri a porta para os paramédicos porque não sabia mais o que fazer.

— O que está acontecendo aqui? — um deles perguntou. E eu levantei o braço esquerdo. Não queria fazer aquilo, mas também não tinha planejado nada como uma equipe de resgate do serviço de emergência e parecia que, de alguma forma, seria falta de educação deixar que eles fossem embora de mãos abanando.

Além do mais, eu estava assustada. E se eu tivesse mesmo ferrado com o meu braço? E se eu tivesse cortado um tendão? Tudo abaixo do cotovelo estava dormente. Eu queria ser salva.

A próxima coisa de que me lembro é que os paramédicos me botaram dentro da ambulância e corremos para o hospital. Algum tempo depois, os meus pais apareceram. Ver os dois, na mesma sala, deve ter sido a parte mais assustadora e incoerente de toda a situação. A minha mãe chegou primeiro e estava toda zen, na maior calma. Até que o meu pai cruzou a porta e ela surtou para cima dele, como se ele fosse o grande culpado por tudo aquilo. E o meu pai começou a chorar e a me abraçar sem parar até que o ataque histérico da minha mãe atingiu um nível tão insuportável para o meu pai que ele parou de chorar e me abraçar, e começou a defender a sua capacidade de criar filhos.

Após algum tempo, depois do meu braço ser examinado, desinfetado e a atadura ter sido refeita, uma mulher veio falar comigo. Ela vestia uma saia, saltos altos e não usava jaleco. Ela me explicou que era psiquiatra e que precisava me fazer algumas perguntas.

— Você já tentou se matar? — ela me perguntou.

— Não — respondi com toda a sinceridade.

— Você já se sentiu tão mal a ponto de pensar em suicídio?

E mais uma vez fui sincera:

— Às vezes.

Assim, eles me mantiveram por mais alguns dias no hospital para ficar em observação, já que achavam que eu corria o risco de tentar me matar. Por fim, permitiram que eu voltasse para casa, mas os meus pais não deixaram que eu voltasse para a escola de imediato. Eles queriam ficar de olho em mim. Não discuti, porque também não sentia a menor vontade de voltar para o colégio. As minhas únicas ocupações eram ir para a terapia e baixar músicas novas. Era uma vida boa, mas, depois de umas duas semanas disso, os meus pais decidiram que eu estava pronta para voltar para o mundo. Não sei o que os fez achar isso. Até onde eu sabia, eu nunca estive pronta para o mundo.

Voltar para a escola foi muito difícil, mas de alguma forma estava tudo exatamente do mesmo jeito. O lugar ainda cheirava a produtos de limpeza e bolo de carne. O meu armário continuava emperrando sempre que eu tentava abri-lo. Lizzie ainda me criticava sempre que eu passava por ela. Ninguém perguntou onde eu havia estado porque ninguém nem chegou a perceber que andei faltando. Tudo que eu realmente queria era chamar atenção, mas nem isso eu consegui.

Amelia estava certa. Quem mais sabia daquela história para escrever sobre o assunto? Apenas eu, Amelia e os meus pais. Além de alguns médicos e o coordenador da escola. E mais ninguém. Até mesmo os meus irmãozinhos só sabiam que eu passei um tempo doente e depois melhorei.

Quando as aulas acabaram naquele dia e, graças a Deus, naquela semana, quase enlouqueci com a ideia de que talvez eu *realmente* tivesse escrito aquele diário. Sim, aquelas eram as palavras de outra pessoa, alguma outra pessoa que contava a minha história. Só que era tão semelhante à verdade que quase não parecia ficção. Se todo mundo acreditava que aquela era eu, por acaso importava se era verdade ou não?

À noite, o meu pai e eu pedimos comida chinesa e assistimos a um filme de ação na tv da sala. Se eu parecia mais calada que o normal, o meu pai não comentou nada. Ele também estava quieto, o

que era ótimo. Não queria falar com ele. Não queria falar com ninguém.

Depois que o meu pai foi para a cama, fui também para o meu quarto. Escovei os dentes, lavei o rosto e tentei dormir. Deveria ter sido fácil, já que eu quase não tinha dormido na noite anterior. Só que não foi. Fiquei deitada enquanto observava as luzes no teto quando os carros passavam na rua. O meu cérebro não parava de repetir: *Por que é sempre assim? Por que você é sempre assim?*

Acordei, abri o laptop e voltei para o diário on-line de Elise Dembowski.

*7 de maio: sei que algumas pessoas não gostam das coisas que escrevo nesse diário, mas tudo que tenho a dizer a eles é cale a boca! esse é o meu diário, por isso posso dizer como me sinto de verdade. se não gosta, é só não ler. bjs elise dembowski.*

Fiquei sentada sozinha na minha escrivaninha, no escuro, pensando em suicídio. Às vezes eu pensava em me matar, mas não de uma maneira ativa. Era mais como enfiar uma pedra da sorte no bolso da calça. Era algo reconfortante de carregar comigo, algo em que se pode passar os dedos só para ter certeza de que está à mão caso você precise. Eu não queria tentar me matar, não queria o sangue, os meus pais histéricos, a culpa, nada disso. Só que às vezes eu gostava da ideia de simplesmente não estar mais aqui, não ter que lidar com a minha vida. Como se a morte pudesse ser como umas férias estendidas.

Mas, naquele momento, a minha ideia sobre suicídio era a seguinte: *se eu morresse naquele dia, todos acreditariam que o diário era verdadeiro.*

Amelia, Chava, Sally e todo mundo acharia, para sempre, que eu tinha escrito aquele diário. Todo mundo acreditaria saber como "eu realmente me sentia". E como eles ousavam fazer algo assim?

Quando pensei em suicídio, lembrei da Start. Pensei em Char, Vicky, Pippa, Mel e eu. E pensei em todas as músicas que eu ainda tinha que descobrir e tocar.

Fechei o diário de Elise Dembowski, e na janela anterior apareceu a foto que Tommy Flash tirou de mim. Naquela noite, a internet parecia estar repleta de versões de mim mesma, como uma casa de espelhos. Algumas me faziam parecer mais bonita, outras, mais feia, enquanto algumas me cortavam pela metade, embora nenhuma delas fosse a imagem exata.

Mudei de roupa, peguei o meu iPod e escapuli para a rua. Eu planejava caminhar até que estivesse cansada, como fazia todas as noites.

Mas as músicas tocavam uma atrás da outra, eu andei dois quilômetros, depois três e em nenhum momento me senti cansada. Sempre que eu piscava, o que via por trás dos meus olhos fechados era a página da internet com aquele diário, naquele tom berrante de laranja. Eu não conseguiria dormir. Podia andar até de manhã.

Depois de um tempo, olhei ao redor para os blocos de apartamentos escuros e a ficha caiu: eu sabia onde estava. Já tinha estado ali antes.

Eu estava a apenas alguns quarteirões da casa do Char.

E só então me dei conta: era para lá que eu tinha andado a noite toda.

Encontrei o apartamento do Char quando cheguei a um pátio cercado por prédios que pareciam todos iguais. Virei a cabeça para cima para olhar as janelas. Todas estavam escuras. Apertei o número do apartamento do Char no interfone e esperei por um longo momento.

Silêncio.

Alguns minutos se passaram e eu estava prestes a ir embora quando a porta se abriu.

— Elise? — Char esfregou os olhos. O cabelo dele estava em pé e apontava para todas as direções. Ele não usava nada além de uma camiseta velha do New Order e um par de cuecas boxer. E estava até mesmo descalço. Não consegui me conter e joguei os braços ao redor do Char e afundei o rosto no peito dele.

— O que você está fazendo aqui? — A confusão tomava conta da voz dele. — São quatro da manhã.

Eu não disse nada.

— Está tudo bem?

Dei de ombros.

— Quer entrar? — Ele abriu um pouco mais a porta e entrei no prédio.

Eu o segui escada acima e pelo corredor até o apartamento dele, que claramente não tinha sido limpo desde a última vez em que estive lá. A aparelhagem de dj ainda estava em cima de caixas no meio da sala e a janela ao lado da cama estava aberta, deixando entrar o ar fresco da primavera.

— E então, o que está acontecendo? — Ele trancou a porta.

— Não quero falar sobre isso. — Reuni um fio de voz para responder.

— O.k. — Char passou a mão nos cabelos. — Tudo bem, não vamos falar.

Ele se inclinou para a frente para me beijar. Correspondi ao beijo dessa vez e a boca dele era quente e macia. Sentia como se ele estivesse aspirando a vida de cada parte do meu corpo. Pressionei os lábios com mais força contra os do Char e senti as mãos dele na base da minha coluna, me puxando contra ele.

Nem senti Char me empurrar para trás até que as minhas pernas atingiram a cama e eu caí em cima dela, puxando-o para cima de mim, sem que as nossas bocas se separassem. Eu não sabia o que fazer com nenhuma parte do meu corpo, por isso tentei imitar os movimentos dele enquanto ele corria as mãos dos meus ombros pelos lados do meu corpo, o caminho inteiro até as minhas coxas, antes de subir novamente.

— Um momentinho só — Char sussurrou para mim e se levantou. Eu me ajeitei na cama enquanto ele trazia o laptop. Encarei o pôster gigante de “Girlfriend in a coma” na parede oposta. Aquilo parecia quase uma ameaça, o que era bem sinistro, mas então me lembrei de que eu não era a namorada do Char, o que fez com que eu me sentisse melhor.

Depois de alguns toques no teclado, uma música começou a sair das caixas de som. “A letter to Elise.”

*“Oh, Elise, it doesn’t matter what you do, I know I’ll never really get inside of you, to make your eyes catch fire the way they*

*should.*"[\[10\]](#)

— Você gosta dessa, né? — Char perguntou.

— Sim — sussurrei.

Antes de voltar para a cama, Char tirou a camiseta e, quando deitou de novo, eu podia sentir o calor irradiar do corpo dele. Ele tinha uma pequena tatuagem de um toca-discos alguns centímetros abaixo da clavícula. Passei os dedos por ela, pois tinha medo de tocar o corpo nu dele em qualquer outro ponto. Eu nunca havia tocado uma tatuagem antes. A sensação era a mesma de tocar pele comum.

Char manteve a sua palavra. Não conversamos. Os únicos sons eram a música e a nossa respiração. Ele tirou a minha camiseta e o sutiã e, quando comecei a tremer, ele me puxou para mais perto de si, me cobrindo com o próprio corpo. Perdi a noção do tempo. Nenhum de nós falou nada até que Char começou a tirar o meu jeans e então fui eu quem quebrou o silêncio.

— Eu nem sei o seu nome verdadeiro.

Ele parou com uma das mãos sobre a minha barriga.

— E isso importa?

— Importa, sim. Eu nem sei quem você é.

— Eu também não sei o seu nome completo. Tudo que sei é que você se chama Elise — ele murmurou na minha orelha. — Eu te digo o meu se você me disser o seu.

Pensei a respeito. No fim das contas, para que serve um nome? Para procurar pela pessoa na internet. Pensei no que Char acharia de mim se procurasse na rede. *Elise Dembowski, médica. Elise Dembowski, Tampa, Flórida, superintendente escolar. Elise Dembowski, suicídio.*

— Deixa pra lá. Esqueça os nomes. Só Elise está perfeito.

— Na minha opinião, prefiro dj Elise. — Char tocou o meu nariz com o dele.

Eu o beijei.

— dj Elise também está bom pra mim.

Voltamos a rolar na cama. Aos poucos, me sentia mais corajosa. As minhas mãos exploravam cada vez mais partes do corpo do Char: a cabeça, os ombros, as costas.

Depois de algum tempo, as mãos se tornaram menos inquietas. Char virou o meu corpo para que eu ficasse de costas para ele e pressionou o peito dele contra mim. As minhas pernas estavam dobradas junto às dele. Pela janela, eu podia ver o sol que estava prestes a nascer.

— Elise? — ele me chamou sonolento. — Por que você veio até aqui?

Pensei no assunto. Ir até ali não foi um plano consciente, mas também estava longe de ser uma coincidência. Ainda assim, o que eu esperei que acontecesse? Será que eu achei que Char apagaria o meu falso diário virtual e também as memórias de todos aqueles que leram? Será que eu pensei que despejaria todos os meus segredos em cima do Char e ele me absolveria? Ele não era nenhum padre, psiquiatra ou mágico. Char era só um garoto.

— Eu vim aqui porque não queria mais ficar sozinha — respondi.

— Esse é um bom motivo — ele murmurou.

E depois de alguns minutos senti os braços dele afrouxarem o abraço ao redor da minha cintura e ouvi a sua respiração se tornar cada vez mais profunda e regular. Char caiu no sono. E, por fim, piedosamente, fiz o mesmo.

When you say it's gonna happen "now", well,  
when exactly do you mean?

"How soon is now?", The Smiths

## 12

As três semanas seguintes obedeceram a um padrão. Eu ia para a escola e fazia a lição. Em casa, o castelo da poesia da Alex continuou a crescer e a se tornar cada vez mais elaborado até que, por fim, Steve teve que levá-lo para o jardim de inverno, onde a gente não ficaria tropeçando nele o tempo todo. Na escola, eu me sentava com Chava e Sally durante o intervalo. Quando não estavam adivinhando quem convidaria Sally para o Baile de Verão do primeiro e do segundo ano da escola, elas tentavam me convencer de que a vida valia a pena, pois um belo futuro esperava por mim.

— Algum dia você vai tirar carteira de motorista — Chava me disse.

— Algum dia você vai ao baile de formatura — Sally se juntou à amiga.

— O baile de formatura é ainda *melhor* que o de verão — Chava completou.

Eu não tinha certeza se essas previsões me fariam querer continuar viva, mas não discuti. E mais que depressa aprendi que fazer piadas sobre suicídio com aquelas garotas não me ajudaria em nada. Um dia, levei uma faca afiada para cortar uma laranja na hora do intervalo e Chava começou a tremer como se eu tivesse cortado a garganta e o sangue escorresse pela minha boca. Outro dia, eu disse algo como "Tenho tanto dever de casa, quero morrer" e passei o resto do intervalo tentando convencer as minhas amigas a parar

com aquele papo de “você precisa conversar com a psicóloga da escola”.

— Eu não quero me matar — eu dizia a elas o tempo todo.

Mas todo mundo na escola insistia que era exatamente isso o que eu desejava. E em quem você acha que Chava e Sally acreditariam? Em mim ou no resto da escola?

Na verdade, apesar de elas jamais admitirem, acho que em segredo as duas ficavam empolgadíssimas por serem amigas de uma pessoa de quem os outros falavam. Mesmo que as outras pessoas falassem de mim coisas como: “Se eu fosse Elise Dembowski, também iria querer me matar”. De qualquer forma, os meus colegas de classe sabiam quem eu era, o que significava que praticamente também sabiam quem eram Chava e Sally, o que, por sua vez, significava que era apenas uma questão de tempo até que as minhas amigas ascendessem às suas merecidas posições como damas de companhia de Brooke Feldstein.

Era engraçado. Liguei para Amelia porque eu queria atenção. E quando consegui isso, não era o tipo de atenção que eu queria.

À medida que o mês de maio avançava, a Elise Falsa continuava a atualizar o diário virtual. Em alguns dias eu falava sobre as diferentes maneiras de morrer. Em outros, sobre todos os motivos pelos quais eu me odiava. E ainda havia aqueles em que eu dizia como queria ter o corpo da Ashley Mersky, o namorado da Gina McKibben ou os pais da Alexandra Pleet — o que quer que fosse me tornar alguém diferente de quem eu era, alguém melhor.

O blog não era atualizado diariamente e eu sabia disso porque o olhava todo santo dia.

Eu não sabia por que fazia isso.

Mais de uma vez pensei em mostrar o diário para alguém que tivesse poder. O vice-diretor, talvez, embora eu jamais tivesse interagido com ele novamente depois daquele incidente com o iPod na primavera anterior. E, com toda a honestidade, aquilo não tinha sido resolvido da melhor maneira para mim e eu não tinha motivos para acreditar que dessa vez ele lidaria com o problema de uma maneira mais positiva.

Eu poderia ter mostrado para Vicky ou Char, afinal, não é para isso que servem os amigos? E eles não eram meus amigos? Mas só de pensar em fazer isso eu já sentia vergonha. Seria como dizer a eles: "Olha só. Isso é o que todo mundo acha de mim. E vocês? O que vocês acham de mim agora?".

Pensei em contar para os meus pais, ou para a senhora Wu, que parecia tão ávida para que eu tivesse um problema pessoal que ela pudesse resolver. Mas, no fim das contas, não contei para ninguém. Simplesmente parecia que contar não resolveria nada. De qualquer forma, se eu mostrasse o blog para o meu pai, a minha mãe ou algum professor, será que eles não acreditariam que tudo aquilo era verdade, como aconteceu com Chava e Sally? Será que eles, como Amelia, não acreditariam que aquela era apenas mais uma crise de alguém que queria chamar atenção?

Na noite de quarta-feira, o meu pai estava sentado na sala lendo o *Tribune* e eu resolvia problemas de matemática. Ambos mastigávamos a comida tailandesa que pedimos no *delivery* e a sala estava silenciosa, exceto pelo álbum dos Doors no toca-discos. E, naquele momento, considerei a possibilidade de contar a ele. Se eu abrisse a boca, senti que as palavras que saíam seriam algo como: *Papai, há umas crianças na escola que estão sendo más comigo.*

E aí vem o xis da questão: *o que aconteceria depois?*

Lembrei do sexto ano. O primeiro dia de aula do segundo ciclo do ensino fundamental, o que parecia ser uma grande coisa. A gente ia ter uma *matéria eletiva de artes*. Tínhamos onze anos, de forma que finalmente os adultos confiavam em nós para que fizéssemos nossas próprias escolhas.

Levei a escolha da minha disciplina eletiva extremamente a sério. As opções eram teatro, coral ou leitura. Ler não era exatamente uma arte, e essa matéria era dedicada aos alunos que tinham dificuldades de leitura. Eu me senti mal pela galera que teve que fazer essa aula. Não parecia justo que eles não pudessem pintar até que aprendessem a ler.

De qualquer forma, depois de muito pensar, escolhi teatro. Eu gostava de brincar de faz de conta e as aulas de teatro pareciam ser

uma oportunidade para isso, com a única diferença de que todos estariam prestando atenção em mim.

O que *realmente* acontecia nas aulas de teatro é que nós tínhamos que participar de vários “jogos teatrais”, como aqueles em que os alunos têm que fazer um som e um movimento ao mesmo tempo, andar ao redor da sala em diferentes velocidades ou fingir que são um espelho e copiar todos os movimentos da sua dupla. Depois de três semanas disso, me ocorreu que talvez a nossa professora, a Madame Chevalier, na verdade não entendesse nada de teatro.

Um dia, ela nos fez participar de uma atividade em que tínhamos que aliterar nossos nomes com um adjetivo que nos descrevesse. Tipo, Lizzie Reardon virou “Lizzie Linda” — apesar de eu poder descrever um gambá morto como lindo antes de emprestar esse adjetivo a Lizzie.

Talvez algum dia eu descubra que em todos os testes para as peças da Broadway os atores precisam participar de um jogo em que aliteram seus nomes com adjetivos. Talvez eu descubra que a Madame Chevalier tinha um método de atuação genial. *Só que não acho que isso vá acontecer.*

De qualquer forma, quando chegou a minha vez, eu disse:

— Elise Eloquente.

Bem, eu estava seguindo as regras do jogo, né? Mas então todo mundo começou a rir de mim. E me chamaram de “Elise Eloquente” pelos três dias seguintes. O que na verdade não era ruim, já que *eloquente* é um elogio. Só que posso dizer que ninguém dizia isso como se fosse uma coisa boa, o que me deixou confusa.

Por fim, fui falar com o meu pai e expliquei o que estava acontecendo. Eu me lembro de chorar e repetir sem parar: “Por quê?”.

— Eles estão fazendo pouco de você porque têm inveja. — O meu pai pegou as minhas mãos e me olhou bem nos olhos.

— Por quê? — funguei. Eles tinham inveja porque eu era eloquente? Porque eu sabia o significado da palavra *eloquente*?

— Eles têm inveja porque você é esperta, talentosa e sabe quem você é.

Parei de chorar. As palavras se agitavam no meu cérebro como beija-flores, renovando o ar dentro de mim. *Sou esperta, talentosa e sei quem eu sou.*

Mas então o meu pai pareceu preocupado.

— Venha cá. — Ele me levou até o sótão. O prédio do meu pai tem quatro apartamentos, de forma que há um monte de coisas no sótão: carrinhos de bebê, máquinas de lavar e móveis quebrados.

O meu pai encontrou um taco de *softball* e com ele apontou para um futom velho.

— Quando me sinto mal, gosto de vir até aqui.

O sótão era frio e abracei o meu próprio peito.

— Por quê?

— Porque tira todos os maus sentimentos de mim.

E então ele ergueu o taco de *softball* e começou a golpear o futom como um maluco, berrando e xingando o tempo todo, com os braços se movendo sem parar. O futom envergava com o impacto dos golpes incessantes do taco.

— *Não ouse falar com a minha filha desse jeito!* — ele gritava. A voz dele era gutural, como o rugido de um urso.

Depois de um minuto, ele parou e se virou para mim, respirando com dificuldade.

— Aqui. — Ele passou o taco de *softball* para mim. — Sua vez.

Apertei os braços ainda mais ao redor do peito e dei um passo para trás. Não queria golpear o futom. *Eu não era maluca.* Não precisava berrar e atingir um móvel. Tudo que eu necessitava era de alguém que gostasse de mim.

Depois de um longo momento, o meu pai largou o taco. Voltamos para o andar de baixo. E nunca mais falamos sobre esse incidente, apesar de eu não conseguir afastar a sensação de que ele estava desapontado comigo. Como se o meu pai desejasse que eu fosse tão raivosa quanto ele, quando eu não trazia nem um pingote de raiva dentro de mim.

No dia seguinte, na escola, estávamos formando um círculo para começar a aula de teatro quando Lizzie escapuliu para perto de mim e arrulhou:

— Elise Eloquent, quantas palavras você sabe?

Pisquei os olhos, sem entender nada.

— Um milhão? — ela me pressionou. — Mil? Cem? Você deve saber mais de *cem* palavras, Elise. Afinal, você é *tão* eloquente.

— Eu... não sei.

— Você não *sabe*? — A galera que estava ali por perto começou a soltar risadinhas. — Mas como assim? Elise Eloquente, pensei que você soubesse *tudo*.

Respirei fundo e me ergui até ficar o mais alta que consegui — o que, na época, mal chegava a um metro e vinte —, e repeti:

— Você está só com inveja de mim. Porque sou esperta, talentosa e sei quem eu sou.

Houve um momento de silêncio no qual pensei que talvez, finalmente, eu tivesse alguma vantagem sobre eles. Talvez Lizzie estivesse prestes a dizer alguma coisa como: “Meu Deus, *você está certa*”.

Em vez disso, Lizzie e os amigos dela começaram a se engasgar de tanto rir. Eu me sentia como se estivesse cercada de passarinhos que piavam.

— *Sou esperta, talentosa e sei quem eu sou* — eles cantavam para mim sem parar durante o resto da aula e em cada aula de teatro depois daquela, até que as palavras soassem tão inspiradoras quanto um insulto, uma piada.

No fim das contas, não aguentei mais aquilo e troquei as aulas de teatro por outra eletiva de artes. Só que as turmas de pintura e coral já estavam lotadas. Assim, tive que mudar para leitura para alunos com dificuldade.

Passei o resto do semestre aprendendo a ler um livro com figuras que contava a história da Cachinhos Dourados e dos três ursos. Porque era para essa aula que as pessoas eloquentes iam.

Então, quatro anos depois, quando pensei em confiar no meu pai, tentei imaginar se ele havia mudado, pelo menos um pouco. E a resposta era: claro que não.

Por isso eu não falei nada.

Mas estava tudo bem. O blog, o silêncio, os segredos e a linha de apoio a suicidas da Chava e da Sally durante a hora do intervalo.

Estava tudo bem porque isso não era tudo. Eu também tinha a minha vida noturna e essa era a vida real.

Eu saía cada vez mais com Vicky. Graças às sobrancelhas erguidas e aos sorrisos contidos dos meus pais, eu podia dizer que eles estavam empolgadíssimos com essa amizade e era óbvio que pensavam: *Uma amiga! A Elise tem uma amiga de verdade, de carne e osso!* Só que em voz alta eles agiam como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo, como se “Ah, o.k., a Elise sempre teve um monte de amigos”. E, da minha parte, eu me voluntariava a não dar nenhuma informação sobre Vicky. Ela pertencia a um mundo diferente daquele deles e eu ia manter as coisas do jeito que estavam.

Vicky me levou para as suas lojas de roupas preferidas e eu a levei para as lojas de discos de que mais gostava. Numa sexta à noite, deixei de jantar com o meu pai para encontrar com Vicky no centro para comermos uma pizza e assistirmos a um filme no cinema alternativo. Passamos a maior parte do jantar brincando de Quando Formos Famosas.

— Quando formos famosas — Vicky começou —, vou tocar no Radio City Music Hall e entre os meus pedidos vai estar um balde cheio de jujubas de canela. Só de canela, não pode haver mais nenhum outro sabor. Alguém da produção vai ter que catar todas elas. E se por acidente houver uma jujuba de cereja misturada com as outras porque o cara se confundiu com as cores, ele será demitido na mesma hora.

— Quando formos famosas — eu disse —, as pessoas vão comprar bonecas da gente. Nenhuma menininha vai mais brincar de Barbie. Elas só vão querer bonecas das estrelas do rock.

— Quando formos famosas — Vicky continuou —, podemos abrir uma colônia de férias só pra meninas que são artistas e será tudo de graça, porque, mesmo que os pais delas digam que “Ninguém constrói uma *carreira* trabalhando com música” e se recusem a pagar um centavo sequer pra educação artística das filhas, elas poderão participar.

— Quando formos famosas — falei —, todos saberão nossos nomes.

Na semana seguinte, encontrei com Vicky e Felipe no Teatotaler, que parecia com uma cafeteria com a diferença de que a especialidade deles era chá. Felipe e eu fazíamos anotações sobre *Macbeth*, já que nós dois deveríamos ler o livro para a escola. A minha turma de literatura estava muito mais adiantada na leitura que a dele, por isso eu não parava de mandar *spoilers*.

— Ah, não! — eu murmurei ao virar uma página.

— O quê? — Felipe ergueu o olhar do livro.

— Nada.

Um momento se passou.

— Ah, *não* — eu repeti, soando ainda horrorizada.

— *O que foi?* — tanto Vicky quanto Felipe perguntaram ao mesmo tempo.

— Vocês não vão querer saber.

— Tudo bem — disse Vicky, e voltou a fingir que lia um livro grosso de crítica literária para uma das suas aulas enquanto trocava mensagens de texto com Pippa.

— Eu quero saber — Felipe insistiu.

— Bem, se você tem certeza disso... — Eu me inclinei para a frente e sussurrei. — Toda a família Macduff acabou de ser assassinada.

Felipe gemeu e jogou a sua cópia da peça na mesa.

— Eu te odeio.

Dei de ombros.

— Eu disse que você não ia querer saber.

— Com licença, gatinho — Vicky tirou os olhos do telefone por tempo suficiente para fazer um sinal a um garçom que limpava uma mesa próxima à nossa. — Existe alguma possibilidade de você trazer outro saquinho de chá pra uma boa menina? — Ela bateu os cílios longos. — Alguma coisa *ardente*.

O garçom pareceu confuso.

— Os pedidos devem ser feitos no balcão, senhora.

Vicky suspirou e os seus cílios voltaram ao normal.

— Ninguém aprecia as minhas artimanhas femininas.

Felipe bufou dentro da caneca.

— Ei. — Vicky se virou para mim. — Quer ouvir a música nova da Dirty Curtains? Gravamos no último final de semana.

— Vou amar ouvir — eu respondi.

Ao mesmo tempo, Felipe se queixou:

— Ah, Vicky, *não*.

— Por que não? — a irmã quis saber.

— Porque... — O rosto do Felipe ficou vermelho. — ... *é o maior mico*. Vamos ficar aqui olhando a Elise enquanto ela finge que gosta do nosso som? Quero dizer... ela é dj!

Escondi uma risadinha com a xícara de chá.

— Felipe — Vicky explicou —, não sei como te dar essa notícia, mas você faz parte de uma banda. E isso significa que às vezes as pessoas vão ouvir as suas músicas. Você tem que saber lidar com essa parada.

Ela apertou alguns botões no celular e então começamos a ouvir a bateria que abria a música. Vicky aumentou o volume o máximo possível. Em seguida, entrou a guitarra: rica, crua, poderosa. E, então, veio a voz da Vicky.

*"Que se dane você também*

*Não, não te quero de volta*

*Com o seu sorriso de desdém e o seu deboche*

*E os seus ataques inúteis."*

O garçom se aproximou da gente mais uma vez.

— Ei, vocês poderiam desligar isso? Esse é um lugar público e o som está incomodando os outros clientes.

— Desculpe — dissemos em uníssono.

— Tipo... você gostou? — Felipe perguntou depois que o garçom foi embora.

— Mal posso esperar pra ouvir a música inteira.

Felipe ficou vermelho.

— Tipo... você não é obrigada a dizer isso.

— Mas eu quero — insisti. — Vocês, galera, são bons *de verdade*.

— Bons demais pra esse lugar — Vicky concordou, fechando o livro com toda a força, fazendo um barulhão. — Vamos dar o fora daqui e incomodar estranhos em outro lugar.

Era bom ter Vicky.

E, é claro, havia Char.

Char e eu também seguimos um padrão. Todas as quintas à noite, eu ia andando até a Start assim que a minha família caía no sono. Char me dava “oi” como se fôssemos apenas amigos, nada mais que isso, e eu plugava o meu laptop no mixer dele como se fôssemos apenas amigos, nada mais que isso. Nunca nos cumprimentávamos com abraços ou beijos, nada. Todas as noites de quinta, eu me convencia de que o que tinha acontecido entre Char e eu estava acabado e eu voltaria a pé para casa num horário razoável.

E perto do final de cada noite de quinta, Char e eu nos pegávamos na cabine do dj como se nossa vida dependesse daquilo, com as minhas mãos nos bolsos de trás da calça dele e as mãos dele nos meus cabelos, as nossas línguas explorando a boca um do outro, respirando apenas quando era hora de mudar a música.

E não era porque já estávamos bêbados àquela altura da noite. Eu não enfiava nem uma única gota de álcool na boca e Char não bebia muito porque, como costumava dizer, “Este é o meu *trabalho*. Não dá pra ficar detonado durante o trabalho”.

Não era efeito do álcool. Parecia mais que a gente ficava embriagado pela noite em si.

Invariavelmente, mesmo quando eu já tinha terminado o meu set à uma da manhã, eu ficava por lá até que a festa terminasse, às duas da manhã. Então Char e eu levávamos o nosso equipamento para o carro dele e íamos para o apartamento, onde caíamos na cama e continuávamos o que tínhamos começado na Start, só que com muito menos roupa. Ficávamos acordados até que um de nós, ou os dois, caíssem no sono.

Às cinco e meia, o despertador do meu celular tocava. Eu tinha programado para tocar “Mr. E’s beautiful blues”.

“*Goddamn right, it’s a beautiful day, uh-huh.*”<sup>[11]</sup>

— *Jesus Cristo.* — Char gemia com a cabeça enfiada no travesseiro. — Você acabou com essa música pra mim. Não está um lindo *dia*. Ainda estamos no meio da porra da *noite*.

E então eu fazia Char me levar imediatamente para casa, antes que a minha mãe acordasse e percebesse que eu não estava lá.

Aquilo foi mais fácil naquela primeira noite, quando fui andando da casa do meu pai até o apartamento do Char. O meu pai ia tarde para a cama e também acordava tarde, especialmente nos fins de semana. Assim, quando eu acordei meio assustada às oito da manhã daquele primeiro sábado, com Char beijando o meu pescoço, foi fácil levantar da cama, entrar no carro dele e ir para casa antes que o meu pai tivesse até mesmo saído do quarto para buscar o jornal.

Voltar para a casa da minha mãe antes que ela acordasse, entretanto, se mostrava um desafio diferente. Ela era uma mulher que funcionava com apenas seis horas de sono todas as noites. “Há muitas coisas pra fazer durante o dia”, ela costumava dizer, como se isso fosse uma coisa ruim, apesar de não ser preciso conhecê-la bem para saber que ela *amava* fazer um monte de coisas durante o dia.

Além disso, Char e eu acordávamos às cinco e meia.

— Dá pra me lembrar por que eu estou fazendo isso? — Char perguntou na segunda manhã de sexta em que fui para o apartamento dele, enquanto estávamos sentados no carro frio, com as luzes da rua ainda acesas acima das nossas cabeças.

— Porque você me ama, dã — brinquei. Mas Char estava praticamente dormindo no banco do motorista e não riu da minha piada.

E essa foi a última conversa que tive com Char até a quinta-feira seguinte. Nesse meio-tempo, nada de mensagens de texto nem encontros no sábado à noite, nada. Apenas um cumprimento amigável quando eu aparecia na Start sete dias depois, seguido por centenas de beijos.

Eu sabia que Char não era meu namorado. Mas será que ele significava alguma coisa para mim? E eu para ele? Queria pedir que ele me explicasse isso, só que eu não podia, porque já suspeitava o que eu deveria entender. Suspeitava que o nosso relacionamento, se é que eu podia chamar assim, era apenas mais uma coisa que constava no Guia das Pessoas de Verdade, cujo exemplar eu por acaso nunca tinha recebido.

— Como você sabe tanto de música? — Char me perguntou tarde da noite na quinta-feira seguinte enquanto estávamos deitados

na cama e a minha cabeça repousava sobre o peito dele. Mais cedo na Start, eu havia feito um set só com soul music dos anos 60. Char não reconheceu nenhuma das canções, e eu devo dizer que não gostei daquilo, porque ele disse que estava novamente na vez dele antes que a minha meia hora terminasse. E enquanto a multidão ainda estava dançando, empolgadíssima. Eu queria continuar a tocar, mas não fiz isso. Afinal de contas, aquela era a noite *dele*.

Descobri que Char sabia muito mais de  *fatos* sobre música. Ele sabia o nome dos bateristas de bandas famosas e de que outras bandas eles fizeram parte. Ele sabia o nome de dezenas, possivelmente centenas, de selos ou quem tinha produzido *Rumours*, do Fleetwood Mac, e quais membros dos Beach Boys eram irmãos e quais eram primos.

Eu não sabia nada dessas coisas. Música não era uma aula de história. Eu não precisava memorizar um monte de datas e nomes. Eu *só* me importava — e muito — com a música em si.

Você pode pensar que isso fazia de mim uma pessoa descolada, já que a música é supostamente uma parada descolada, mas as coisas não funcionam assim. A verdade é que ligar demais para uma determinada coisa é considerado, por definição, como algo *nada* descolado e não importa se essa coisa seja música, *Star Wars* ou refinarias de petróleo.

— O meu pai me apresentou a muitas músicas quando eu ainda era bem pequena — contei a Char e depois acrescentei (porque estávamos juntos na cama e parecia ser bacana revelar um lance íntimo): — Ele é membro de uma banda.

Char ergueu o corpo, apoiando-se nos cotovelos.

— Você tem um pai legal. Qual é a banda?

— Os Dukes.

— Não conheço.

— Ah, conhece sim. — Cantei o refrão do maior sucesso dos Dukes. — “Pegue a minha mão, amor, e fuja comigo. Pegue a minha mão e serei o seu homem.”

— Isso é do seu *pai*? — Mesmo no escuro, pude ver como os olhos dele se arregalaram.

— Bem, ele é o baixista — informei.

— Mas os Dukes não se separaram há séculos?

— Nada disso. Os Dukes estão juntos há *décadas*. Eles tocam em cruzeiros, cassinos, festas anos 70, essas coisas. Desde sempre. Os quatro membros cresceram juntos na Filadélfia. Eles começaram os Dukes num show de talentos do ensino fundamental e desde então estão juntos. Há uma eternidade. Meu pai diz que a banda é o relacionamento mais longo da vida dele.

— Mas esse é o trabalho dele em tempo integral? — Char passou uma das mãos pelo meu cabelo e enrolou os fios entre os dedos.

— Bem, fazer parte dos Dukes não dá muita grana. O baterista hoje em dia é advogado, o guitarrista e o vocalista abriram uma empresa de contabilidade e o meu pai trabalha numa loja de música. Eles só fazem shows com os Dukes de vez em quando. Como quando o Frankie Valli and the Four Seasons não está disponível.

Essa última parte foi para fazer Char rir, só que não funcionou.

— Não consigo acreditar que você não me contou isso antes — ele falou como se a gente tivesse sempre conversas longas e significativas sobre a nossa vida pessoal e eu tivesse algum motivo para esconder essa informação em particular como se fosse um grande segredo.

Dei de ombros.

— Eu não sei o que os *seus* pais fazem.

— É, só que eles não fazem parte de nenhuma *banda famosa*.

Apesar da resposta espirituosa, percebi que Char não disse o que os pais dele faziam.

— A banda do meu pai não é famosa. Eles tiveram uma música que foi um grande sucesso nas rádios e depois lançaram dois discos que ninguém nem ouviu. Sinceramente, isso é meio triste.

— Triste?

— É, tipo, algumas vezes há anos esses caras de meia-idade vestem jaquetas de couro franjadas como se fossem trinta e cinco anos mais jovens e cantam sobre “dançar ao som do rádio” ou coisas do gênero. Como se a melhor parte da vida deles tivesse acontecido quando tinham a nossa idade. Eles tocam durante a tarde pra meia dúzia de gatos pingados, pessoas que também têm a mesma idade deles e só conhecem uma música da banda. Eles

fazem isso tudo só pra ganhar uns duzentos paus que podem usar pra consertar o encanamento ou mandar os filhos pra um programa de enriquecimento curricular durante o verão.

Char riu um pouco e a respiração dele fez cócegas na minha orelha.

— Quando você diz as coisas desse jeito, parece mesmo bem triste. — Ele fez uma pausa. — Mas acho que essa não é a impressão que eu tenho. Quer dizer, não conheço o seu pai. Talvez ele esteja apenas lutando contra a maré pra conseguir alguma grana extra. Talvez ele realmente odeie tudo isso e todos os dias deseje ter dezoito anos novamente. Mas *talvez* ele tenha encontrado algo que ama fazer e ainda por cima junto com as pessoas com quem amava fazer essa coisa quando era novo. E ele é sortudo o suficiente pra continuar com a banda tanto tempo depois.

— Se você tiver cinquenta e três anos e ainda discotecar exatamente as mesmas músicas, com a única diferença de que vai estar tocando na Grande Tenda da Feira Estadual de Illinois às duas da tarde, você vai se sentir *triste* ou *sortudo*? — perguntei a Char.

Ele deu de ombros.

— Acho que você vai ter que me fazer essa pergunta novamente daqui a trinta e três anos. Acho que o que me deixaria triste seria ter cinquenta e três anos e *não* discotecar mais.

— Eu também ficaria triste se você parasse de tocar.

Ele rolou para cima de mim e me deu um beijo longo e intenso. E isso não foi nada triste.

Na noite da quinta-feira seguinte, eu estava no meio do meu set e tudo ia bem. As pessoas pulavam ao som de Rolling Stones. Vicky estava lá com o Dave e eles tinham conquistado um espaço bem no meio da pista. Char estava no bar, conversando com uma garota que deveria estar também na faculdade. Ela tinha um cabelo com mechas loiras alisado, mas eu não dei a mínima, porque Char já tinha pressionado os dedos na base da minha espinha mais cedo, o que significava que eu basicamente já tinha garantido que chegaria em casa mais uma vez ao amanhecer. Eu usava os escarpins de

pedraria que Vicky insistiu que eu comprasse, uma das camisetas da banda do meu pai que eu customizei para se adaptar ao meu corpo e uma echarpe multicolorida que a Vicky me emprestou. Nem Mel encontrou alguma coisa para criticar no meu visual daquela noite.

Tudo estava indo muito bem. Até que um pouco antes da meia-noite a porta se abriu e Emily Wallace, Petra Davies e Ashley Mersky entraram na Start.

Fiquei em estado de choque, como uma rainha que vê a fortaleza intransponível que protege o seu castelo ser rompida. *O que elas estavam fazendo ali?* Aquilo não era a escola. Não eram aulas de direção. Aquilo era a Start. Aquilo era *meu*.

Emily e as amigas ainda não tinham me visto. Elas se reuniram num círculo apertado, olhando ao redor, apontando e dando risadinhas. Eu podia ver que tinham se arrumado todas para uma grande balada, como se fosse um baile da escola. Emily usava um vestido preto, justo e tomara que caia, além de cílios postiços. A maquiagem dela estava perfeita.

Elas pareciam ridículas ali. Estava óbvio que eram garotinhas do ensino médio fantasiadas de adultas. Ridículas, mas bonitas. Havia um motivo para Emily ser modelo. Havia uma razão para o peito da Ashley ter sido eleito "a melhor prateleira" pelos meninos do time de lacrosse quando ela estava só no primeiro ano. Elas eram as garotas bonitas.

A música começava a diminuir, por isso pus os meus fones e procurei por outra canção, mas tudo que eu tentava escolher soava subitamente fora de lugar. Tentei focar na tela do computador, mas os meus olhos continuavam a pairar pela pista e eu estava apavorada com a possibilidade de flagrar Emily dando um sorrisinho afetado na minha direção. Queria largar os fones de ouvido e deixar a música rolar, correr porta afora e voltar para casa.

*Mas você é uma profissional.*

Comecei a tocar "How soon is now?", dos Smiths, só que baguncei tudo na hora de combinar as batidas, de forma que a música soou confusa e errada, mas nem liguei. Dei mais uma olhada na pista em busca da Emily e suas amigas. Elas esperavam na fila do

bar. E ainda não tinham olhado para mim. Mas podiam fazer isso a qualquer momento. *A qualquer momento* eu poderia ser descoberta.

E então?

Char deixou a menina com o cabelo cheio de mechas e por um segundo tive certeza de que ele ia andar até Emily, como ele andou até mim algumas semanas antes. Que ia se apresentar a ela, convidá-la para dançar e ir até a cabine do dj. Exatamente como fez comigo, com a diferença de que ela era mais bonita, descolada e normal. Lembrei de como Char tinha me explicado o motivo pelo qual tinha transado com Pippa: "*Porque ela é gostosa*". E se ele achasse que Emily também era gostosa?

Mas Char passou direto por ela, parecendo nem mesmo percebê-la. Ele cruzou a pista de dança e entrou na cabine do dj. Para mim.

— O que está acontecendo aqui? — ele me perguntou.

Pisquei depressa.

— O que você quer dizer?

— *Quero dizer* que esse é o horário nobre da Start, você tinha essa galera toda na palma da mão e agora, do nada, resolve tocar a música mais deprê de todos os tempos.

— Isso é Smiths — eu me defendi. — Todo mundo ama os Smiths.

Char ergueu as sobrancelhas e recitou uma parte da letra para mim:

— "*There's a club if you'd like to go. You could meet somebody who really loves you. So you go and stand on your own, and you leave on your own, and you go home and you cry and you want to die.*"[\[12\]](#)

Dei de ombros.

— Você quer que eu assumo um pouco? — As mãos dele já estavam indo para o mixer.

— Não — respondi.

Ele parou.

— O que eu *quero* — a minha voz se tornava cada vez mais alta — é que você *tire* aquelas garotas daqui.

As sobrancelhas do Char se uniram.

— Que garotas?

— Aquelas garotas! — guinchei, apontando para Emily, Petra e Ashley.

— Como assim? Por quê? — Char me perguntou e eu as vi, só por um milésimo de segundo, com os mesmos olhos que ele: três adolescentes de aparência inofensiva, com feições delicadas e sorrisos lindos. Como se elas não fossem capazes de te cortar até que você ficasse desfigurada e mal conseguisse se reconhecer no espelho.

— Porque elas são *menores* de idade — berrei.

— É... — Char parecia estar em dúvida.

— Será que elas não têm *pais*? — eu me revoltei. — Que diabos de pais deixam as filhas adolescentes irem pra uma boate com aula no dia seguinte? Isso aqui não é a droga de um Baile de Verão do segundo ano. Isso aqui é o mundo real.

Char limpou a garganta como quem zombava de mim.

— Sério?

Peguei Char pela gravata fina, puxei-o para perto de mim e disse bem na cara dele:

— Olha só, Char. *Eu sou a dj*. E não quero elas aqui.

Assim que eu o soltei, Char deixou a cabine. Ele foi direto para a porta. Um minuto depois, voltou com Mel. Char apontou para onde Emily e as amigas dela estavam, com drinques cor-de-rosa nas mãos.

Mais que depressa, Mel foi até elas. Ele era tão alto que se destacava das outras pessoas na pista. Todos abriam caminho para ele. Eu o observei conversar rapidamente com as meninas. Eu as vi rirem para ele e baterem os cílios, tentando flertar com Mel para se livrarem de uma possível encrenca. Então vi as bocas das meninas endurecerem e as sobrancelhas se estreitarem. Mel ficou simplesmente ali parado, com os braços cruzados. Emily tirou um documento do bolso e mostrou a ele. Eu podia apostar que era uma identidade falsa. Mel olhou de relance para o papel antes de espalmá-lo numa das mãos. E as acompanhou até a porta.

Emily deu mais uma última olhada para a boate, de boca aberta, a expressão estupefata de uma menina para quem nada jamais fora negado até aquele momento. E então ela me viu. Os olhos dela

encontraram os meus antes que a pesada porta de metal batesse atrás dela.

Um dia, eu já tinha pensado que, quando morresse, aquela seria a minha vingança. Mas me vingar estando vivinha da silva era muito, muito melhor.

Char voltou para a cabine.

— Você quer me explicar o que foi isso?

— Não.

Ele esfregou as costas de uma das mãos nos olhos.

— Bem, você está feliz agora?

— Sim. — E mudei a música para “Walking on sunshine”. Na hora, a multidão se empolgou. Na pista de dança, Vicky ergueu ambos os polegares para mim.

— Elise — Char se inclinou e ficou mais perto de mim —, tipo, você está bem?

Fechei os olhos.

— Me beija.

E foi o que ele fez.

Lembrei da Pippa e de como ela tinha dito que era maneiro ser amiga do dj. *Você sempre tem um lugar pra deixar o casaco e às vezes ele toca uma música pra você.* Mas aquilo era coisa de criança. Não era nada comparado com o poder de *ser* a dj.

Eu sentia, porém, que o meu teto era de vidro. Há coisas que você não pode mudar. Tudo o que você pode fazer é torcer para que nada o atinja, que nenhum buraco seja aberto e que o seu interior não seja revelado.

Where are your friends tonight?

Where are your friends tonight?

If I could see all my friends tonight.

“All my friends”, lcd Soundsystem

## 13

Na terça-feira, quando cheguei à nossa mesa na hora do intervalo, Sally e Chava já estavam sentadas. Com um cara. Sério. Aparentemente, Sally e Chava conheciam um garoto. Ele tinha o cabelo pintado de verde-limão, um *piercing* falso no nariz e o rosto repleto de marcas de acne.

Não me leve a mal. Não estou culpando ninguém por ter espinhas. Naquele dia em particular, eu mesma tinha uma gigante no queixo e outra que mais parecia um minichifre de unicórnio bem no meio da testa. Não há como mudar essas coisas. Só que havia algumas outras que *podiam* ser evitadas: como tirar o *piercing* falso do nariz e usá-lo para furar as espinhas enquanto se está sentado numa mesa, na hora do lanche, com Sally e Chava.

Mesmo assim, era um garoto.

Eu me sentei.

— Olá, amigos.

— Elise! — Sally gritou, encantada com aquela surpresa. — Você era exatamente a pessoa que eu queria ver.

— Claro — eu disse.

— Esse é o Russell. — Sally ergueu um dos braços para colocá-lo nos ombros do menino, mas então achou melhor só apontar para ele.

— Oi — Russell sibilou com a boca cheia de hambúrguer. Chava começou a rir, toda animadinha. Eu olhei para ela.

— Desculpe. É que o Russell é muito esperto!

Tirei o plástico do meu sanduíche de pasta de amendoim.

— Por que você não conta pra Elise aquela história engraçada que você nos contou mais cedo? — Sally sugeriu.

Conforme Russell começava a descrever a ocasião em que jogou um rpg on-line e a coisa ficou tão violenta que ele teve que apelar para táticas desumanas para salvar o dia, a minha atenção vagou pelo refeitório. Enquanto olhava para o nada, vi ninguém mais, ninguém menos que Emily Wallace passar pela minha mesa. Ela liderava um grupo de cinco pessoas bonitas. O cabelo da Emily balançava e ela carregava num dos ombros uma bolsa de couro brilhante.

Essa era mais uma regra que começou em algum momento, talvez por volta do oitavo ano. Já não era mais legal carregar o material escolar numa mochila. Eu não sabia que não era legal usar mochila. *Costumava* ser legal, eu acho. Mesmo depois que Lizzie Reardon me disse para não fazer mais isso, continuei a usar a minha mochila, porque os livros didáticos eram pesados. Será que as meninas como Emily Wallace nunca sentiam dor por causa de todo aquele peso?

Eu podia ouvir a voz estridente de Emily flutuar sobre o burburinho do refeitório.

— Bem, nós nos divertimos *tanto* — ela contava para as suas seguidoras. — Só que era tudo caro. Tipo, seis dólares por uma vodca *ice*? Mas acabou que uns caras da faculdade se ofereceram pra pagar as nossas bebidas. Mesmo assim fomos embora cedo. A mãe da Petra ia surtar se a gente demorasse mais um minuto pra chegar em casa. Ainda era *quinta-feira*, sabe?

— Ei! — ouvi Petra argumentar.

— O brucutu do segurança é que era meio esquisito. Quero dizer, ele...

E, naquele momento, os olhos da Emily encontraram os meus. Resisti à vontade de olhar para o outro lado, de fingir, mais uma vez, que eu era uma ostra. Em vez disso, continuei a olhar bem nos olhos

dela e tentei enviar uma mensagem: *Não ouse falar do Mel como se você o conhecesse.*

Emily gaguejou. Ela piscou e desviou o olhar. Então fez uma volta abrupta e conduziu o seu bando em direção à mesa deles no centro do salão, longe de mim.

Eu nunca tinha visto nada como aquilo.

— E então, você quer? — Russell me perguntou e levou um momento para eu voltar à terra e perceber que ele falava comigo.

— Eu quero o quê?

Ele tossiu algumas vezes. A tosse seca foi ficando cada vez mais alta até que eu meio que esperei que ele expelisse uma bola de pelos, como um gato. Sally se encolheu como se o garoto tivesse alguma doença contagiosa. Por fim, Russell conseguiu falar, entre uma tossida e outra:

— Você quer ir ao Baile de Verão comigo?

Chava bateu palmas, extasiada. Ela era desesperada por romances.

— Eu? — perguntei.

Russell balançou a cabeça algumas vezes, fazendo que sim, e virou a latinha de coca-cola, o que pareceu ajudar com a tosse.

— Você pelo menos sabe o meu nome?

Ele assentiu novamente, só que com menos energia.

O Baile de Verão do primeiro e do segundo anos era relativamente uma novidade no calendário social da Escola Glendale. Costumava haver apenas um baile no final do ano, o baile de formatura. Somente o pessoal dos dois últimos anos do ensino médio e seus acompanhantes podiam participar, o que levava a galera dos anos abaixo a realizar alguns procedimentos seriamente imorais e ocasionalmente ilícitos para conseguir ingressos. Dois anos antes de eu entrar na Glendale, uma garota do segundo ano contou para todo mundo que tinha feito sexo oral num cara do último ano em troca de ser o par dele no baile de formatura.

Quando isso aconteceu, a administração da escola deve ter se dado conta de que eles precisavam desesperadamente de um evento no qual o pessoal dos dois primeiros anos pudesse gastar seu dinheiro. E assim nasceu o Baile de Verão do primeiro e do

segundo anos, que passou a ser uma importante ocasião para a comunidade que se importava com bailes da escola; e então quase ninguém mais se preocupava em oferecer propinas ou chantagear os outros para participar do baile de formatura.

Respirei fundo, bem devagar.

— Obrigada por me convidar, Russell, mas sinto dizer que já tenho planos pra noite do baile, por isso não vou poder ir.

— Você nem sabe a data do baile — Sally lembrou.

Aquilo era verdade.

— É em duas semanas — Chava fez questão de informar.

— Duas semanas a partir *de sábado* — Sally corrigiu.

Fiz que não com a cabeça.

— Tenho planos.

Russell não pareceu ficar terrivelmente arrasado. Ele não falou nada do tipo “Não me deixe, meu amor!”. Em vez disso, se virou para Sally e perguntou:

— Posso ir agora?

Ela deu de ombros. Ele deu no pé, deixando a embalagem do hambúrguer e a lata de refrigerante para trás.

— Puxa, Elise. — Sally se virou para mim. — *Você é mesmo* uma esnobe, né?

— Como assim? — Eu pisquei.

— Todas as postagens no seu diário são sobre como ninguém nessa escola é bom o suficiente pra você. E eu sempre penso: “Ah, ela não deve estar querendo dizer isso”. Só que essa é a sua opinião *de verdade*.

— Sally, do que você está falando? Você acha que eu sou melhor do que quem?

— Que o Russell.

— Eu nem *conheço* o Russell. De onde você tirou esse menino?

— Ele é do primeiro ano — Chava respondeu.

— Então o que ele estava fazendo aqui? — eu continuei.

— Ele queria te convidar pro baile — Chava explicou.

De repente tudo ficou claro para mim.

— *Vocês* queriam que ele me convidasse pro baile.

As minhas amigas ficaram em silêncio.

— Vocês fizeram o pobre do menino do primeiro ano vir até aqui e me chamar pra sair. Por quê? Se você arranjasse alguma companhia pra si mesma, Sally, não teria que ficar no baile sozinha como sempre, entendeu?

— Não! — Chava parecia chocada.

— Pro seu governo — Sally rosnou —, eu *não* vou sozinha. O Larry Kapur me convidou pra ir com ele.

— Oh! — Eu não sabia o que falar. — Bem, isso é ótimo, Sally.

— Só pensei que seria divertido ter um encontro duplo. Dividir uma limusine. Você sabe, essas coisas que as *amigas* fazem.

— Além disso — Chava completou —, você sempre fala como nenhum menino gosta de você e o quanto você se sente sozinha.

— Isso não é verdade. — A última quinta-feira voltou à minha memória. A boca do Char na minha, os nossos corpos pressionados um contra o outro...

— Está tudo lá no seu diário — Chava insistiu. — Não queríamos mais que você ficasse triste. Só isso. Foi por isso que encorajamos o Russell a te convidar pro baile.

— Encorajamos — Sally repetiu.

— Não *obrigamos* o Russell a fazer nada. Só queríamos que você soubesse que os meninos gostam de você. Como o Russell.

Pensei na respiração do Char na minha orelha, na língua dele no meu pescoço, nas mãos na minha barriga.

— Obrigada. — Balancei a cabeça como se tentasse afastar Char da minha mente. — Foi muito fofo da parte de vocês, meninas.

E foi mesmo. Essa era a surpresa de toda aquela história. Eu deduzi que havia alguma malícia, ou pelo menos um pouco de interesse, em Sally e Chava por “encorajarem” Russell a sair comigo, porque, de acordo com as minhas experiências anteriores, quando os meus colegas de classe agiam como se tentassem me ajudar, eles em geral estavam agindo em seu próprio benefício. Só que as minhas noites como dj me ensinaram a decifrar as pessoas. E quando olhei para Sally e Chava naquele momento, vi que tinham feito exatamente o que diziam: tudo o que elas queriam era me fazer feliz.

Aquilo era estranho. Mas a minha amizade com Vicky me fez ver que algumas pessoas são exatamente desse jeito. Algumas pessoas te tratam bem só porque gostam de você.

— Então quer dizer que você vai ao baile? — Sally perguntou.

Eu sorri e dei uma mordida no meu sanduíche. Não importava o quanto os motivos das minhas amigas eram puros, elas não iam me arrastar para nenhum evento escolar que não fosse obrigatório.

— Eu adorei o que vocês fizeram, meninas. De verdade. Mas não tem a menor chance disso acontecer.

Durante o meu set na quinta-feira, Pete foi até a cabine. Ele escreveu um bilhete num *post-it*, prendeu na barra do meu vestido e deu o fora.

Peguei o papel. Estava escrito: *Quando acabar de tocar, fale comigo.*

Pete não teve que esperar muito. Eu terminaria o meu set vinte segundos depois, quando Char voltou correndo para a cabine.

— O que o Pete queria? — ele me perguntou.

Dei de ombros e mostrei o bilhete para Char.

Uma ruga surgiu na testa dele.

— Eu assumo. Acho que é melhor você ir logo falar com ele. Estarei bem aqui se precisar de alguma ajuda.

Aquilo não soou bem. Abri um meio sorriso e desci da cabine.

Encontrei Pete sentado sozinho num dos bancos do bar.

— Elise! — ele exclamou enquanto ajustava a aba do seu chapéu fedora. — dj Elise. Espera aí, você não tem um nome de dj, né?

— dj Elise está bom.

— Você tem um sobrenome?

Ninguém na Start sabia o meu nome completo. Nem Char, Vicky ou Felipe. Mas Pete era um adulto de verdade. Claramente esperava que eu tivesse um nome e um sobrenome.

— É Dembowski.

— É ótimo te ver de novo, Elise Dembowski.

Eu não via Pete desde o dia em que nos conhecemos, quando Vicky tentava atrair a atenção dele. Ele era o gerente de

programação da Start, mas não ia lá toda semana. Naquela noite, ele usava um jeans largo, camisa social lisa e tinha um corte de cabelo bem careta. A única coisa que destoava do visual de um professor do ensino fundamental era o chapéu.

— Sabe o que quero falar com você, Elise?

Eu era capaz de pensar em várias opções. Nenhuma delas era boa. Ele podia querer conversar porque descobriu que eu tinha apenas dezesseis anos, por exemplo. Ou queria falar comigo porque, no fim das contas, Char *deveria* ter a permissão dele para me deixar discotecar. Ou talvez Pete quisesse me dizer que a pegação entre djs ia contra as regras da casa.

Algumas pessoas costumam dizer que a honestidade é a melhor política, mas não concordo com essa história. Em situações como aquela, eu acreditava piamente que fingir ignorância era a melhor saída.

— Não — respondi. — Sobre o que você quer conversar comigo, Pete?

Ele sorriu.

— Posso te pagar uma bebida?

Apertei os olhos. Se aquele era algum truque para me pegar bebendo sem ter idade suficiente, eu não ia cair nesse papo.

— Estou bem, obrigada.

Pete balançou a cabeça, concordando.

— Eu te entendo. Eu mesmo não bebo.

Os meus olhos se voltaram para o copo sobre o bar, diante dele.

— Refrigerante — ele explicou. — Enfiei o pé na jaca por cinco anos. Eu costumava pegar pesado nas baladas. Hoje, larguei todas as drogas, mas nunca consegui largar a cena.

— O que te fez parar de beber? — eu quis saber, interessada, apesar da minha preocupação que aquilo fosse apenas algum papo inicial muito bem arquitetado para me banir da Start para sempre.

— Bem, eu estava na Mansion uma noite... Você conhece a Mansion? No centro? Não? Bem, deixa pra lá. Você é muito nova. De qualquer forma, eu estava acidentalmente sóbrio na Mansion. Todos nós tínhamos tomado ecstasy, mas eu comprei o meu com um traficante meio duvidoso... mais duvidoso que os traficantes normais,

se é que você me entende... e acho que ele me deu um placebo pensando que eu não ia perceber. Só que eu notei o que o cara tinha feito. Estávamos todos na pista, dançando, conversando e dando em cima das meninas. Só que houve um momento em que olhei pros meus amigos e me dei conta de que *todos eles agiam como idiotas*.

Soltei uma risadinha. Não consegui evitar.

— Eu sei — Pete continuou. — *É óbvio* que todos os usuários de drogas agem como idiotas. Todo mundo não aprende isso na escola? Só que a ficha não caiu pra mim até que eu vi como era. Vou te dizer uma coisa, foi de arrepiar. De qualquer forma, aquele foi o meu momento. Três meses antes, a minha namorada da época teve uma overdose de analgésicos e passou uma semana na uti, toda entubada. Mas não foi por isso que eu me liguei. Eu só caí na real lá na Mansion. No dia seguinte, entrei nos Alcoólicos Anônimos, nos Narcóticos Anônimos e todos os outros clubes de anônimos que encontrei. Eu me lembro até da música que explodia nas caixas de som no momento em que tudo aconteceu, quando decidi que queria largar aquilo, ter uma vida melhor.

— Que música? — perguntei.

— Uma do lcd Soundsystem. "All my friends". Ainda ouço essa música de vez em quando até hoje. Quando fico tentado a fazer alguma coisa que não deveria, ouço essa música e ela me lembra de uma vida que não quero mais.

Contraí os lábios.

— Essa é uma música bem poderosa.

Pete me olhou bem nos olhos, como se procurasse por algo dentro de mim.

— Um grande dj pode fazer coisas muito poderosas.

Eu o encarei de volta, desejando que ele parasse de olhar para mim.

— Elise, você quer ter a sua própria noite aqui?

Eu pisquei.

— Como assim?

— A sua própria noite. Aqui, nesse espaço. O Char toca na Start às quintas e ele faz um excelente trabalho, mas quero expandir o

negócio. Quero uma festa nas noites de sexta. A grande noite. E seria toda sua. O tipo de música que você quiser, o que você escolher. As roupas, as bandas, a decoração, você manda. E você receberá por isso, é claro. Dez por cento da renda do bar, se você concordar. Podemos negociar isso depois. Ou você pode estabelecer um preço na entrada, se preferir receber assim.

— Espera aí. — Ergui uma das mãos. — Era sobre *isso* que você queria falar comigo?

Pete balançou a cabeça, concordando.

— É uma noite no fim de semana, por isso vai estar mais cheio que hoje. As pessoas também ficarão até mais tarde. Preciso saber se você seria capaz de lidar com isso.

— Mas eu sou só... — comecei, mas me contive antes de terminar a frase com “uma criança” — ... uma dj inexperiente. Não faz muito tempo que comecei a discotecar. Tenho certeza de que você pode conseguir alguém com mais bagagem...

Pete tomou um gole de refrigerante.

— Se você está dizendo que posso encontrar um cara de trinta e seis anos que repete “Love will tear us apart” um monte de vezes pra que ele possa ficar jogando Tetris no celular *enquanto* vira uma lata de Red Bull porque só assim ele vai conseguir ficar acordado até as quatro da manhã, você está certa. É claro que posso encontrar um cara assim. Só que eu não quero esse cara. Quero alguém que precise provar alguma coisa. O Char provavelmente te contou que a primeira vez que eu o contratei pra tocar aqui na Start ele tinha acabado de fazer dezoito anos. Isso era quando a Start ainda acontecia nos Harts Lofts, você sabe, antes da polícia bater lá e termos que nos mudar pra cá. O Char não passava de um moleque que gostava de levar todo mundo no papo e que queria muito ser um cara descolado. Eu me lembro de pensar: *eu devia chutar esse cara daqui*, mas dava pra ver que ele realmente amava música. E ele tinha talento. Mas, Elise, acredite em mim quando eu te digo isso: o seu talento, o seu talento natural, deixa o Char no chinelo.

Mudei de posição no meu banco.

— O Char é um dj incrível.

— Não estou falando o contrário. Ele não estaria aqui se não fosse. E isso não é uma competição. Mas você tem todas as qualidades pra ser grande. Grande de verdade. Se você quiser, sei que vai chegar lá. Por isso, me responda: você quer?

Senti como se uma corrente elétrica atravessasse o meu corpo e então abri um sorriso.

— Quero — eu disse baixinho, como se assinasse um contrato com validade legal. — Quero! Quero, sim. Quando eu começo? Amanhã?

Pete soltou uma risada.

— Por que você não me dá um tempinho pra divulgar a festa e criar um nome pra que a gente tenha certeza de que as pessoas vão mesmo aparecer? Vamos transformar você numa estrela. Vamos combinar daqui a duas semanas a partir de amanhã. Às dez. Certo?

— Combinado — respondi. — Muito obrigada. Não consigo nem dizer o quanto isso significa pra mim.

Pete ergueu a aba do chapéu na minha direção.

— Só me garanta que você vai fazer algo poderoso e esse será um agradecimento mais que suficiente.

Eu me afastei do bar quase flutuando. Eu precisava compartilhar aquilo com alguém. Precisava contar para a Vicky naquele exato momento. Tinha que contar para o Char. Felizmente avistei a Vicky parada perto da cabine do dj. Atravessei a pista de dança correndo... mas fui diminuindo o passo quando vi quem estava com eles.

Pippa.

— Você voltou! — exclamei. — Como foi em Manchester?

— Qual é o seu problema? — Pippa rosnou para mim.

Dei um passo para trás. Tentei fazer contato visual com Vicky ou Char, mas ambos olhavam para o chão.

— Eu não... — Naquele momento a eletricidade começou a escapar do meu corpo.

— A minha mãe me obriga a deixar o país por um mês e meio e você achou que essa foi uma boa oportunidade pra brotar aqui do nada e começar a dar em cima do Char?

*Merda.*

— Pippa, não foi assim — tentei argumentar.

— Ah, sério? Então como foi? Você esperou uma semana inteira depois que eu fui embora? Qual é, você está achando que eu sou alguma idiota? Se você queria manter o seu romance em segredo, talvez não devesse deixar o Tommy Flash fotografar vocês. Sabia que a internet já chegou na Inglaterra?

Vi Char recuar.

— Pippa, querida — Vicky disse com toda a delicadeza —, não foi culpa da Elise.

— Ah, então quer dizer que ela agarrou o Char uma noite dessas *por acidente*? E você? — Pippa se voltou para Vicky. — Não me contou nada sobre essa história porque achou que eu não ia ligar ou porque não teve coragem? — A voz dela subiu de tom e as mãozinhas se fecharam em punhos enquanto ela encarava Char e Vicky. — Eu fiquei fora por seis semanas. Vocês dois não podiam me *substituir!*

— Isso não é justo — Vicky praticamente sussurrou. — Você é a minha melhor amiga, Pippa. Senti a sua falta todos os dias.

— Só me diga por que você fez isso — Pippa ordenou para mim e pude ver os seus longos cílios tremularem enquanto ela ficava quase cega ao tentar conter as lágrimas. — Por que você tentou roubar o Char de mim?

Por que eu tinha feito aquilo? Eu não sabia. Na verdade, eu não tive um motivo. Char me beijou, então eu o beijei de volta. Não pensei nisso como um roubo. Ele me disse que não estava interessado na Pippa. Ele não queria namorar com ela. Como eu poderia ter roubado Char se ele nunca tinha sido dela?

— Você o ama? — Pippa perguntou com a voz repleta de dor.

Olhei para Char. Ele continuava a estudar o chão.

Aquela era uma pergunta ridícula. Será que eu *amava* Char? Será que eu sentia por ele o mesmo que sentia pelos Beatles, pelos instrumentos de corda na música pop, pela maneira como Little Anthony cantava as notas mais agudas, por como Jerry Lee Lewis tocava piano?

— Não — respondi.

Pippa fez uma careta.

— Então *por quê*?

*Porque você foi passada para trás por alguém que gosta de você.*  
Respirei fundo e tentei explicar:

— Eu não sei. Às vezes eu me sinto como se... Existem todas essas regras que você precisa seguir simplesmente pra ser alguém. Sabe como é? Você deve carregar uma bolsa, não uma mochila. Você deve usar bandanas, ou não usar bandanas. Não há problema em se descrever como *linda*, mas não é nada legal se descrever como *eloquente*. Você pode se sentar na frente no ônibus da escola, mas não pode se sentar no meio. Você não deve ficar com um garoto, mesmo que ele *queira* isso. Eu não entendo essas coisas. Há muitas regras e elas não fazem o menor sentido. E não consigo aprender a lidar com todas elas.

— Bem, então vou te ensinar uma regra bem simples, Elise — Pippa mandou. — Não se rouba o homem da sua amiga.

Ela deu meia-volta sobre os saltos altos e marchou em direção ao bar.

Vicky correu atrás dela. E Char estava prestes a segui-las.

— Char. — Eu o puxei pela blusa. — Preciso te contar uma coisa. Char fez com que eu o largasse.

— Não é uma boa hora, Elise. — A voz dele saiu entrecortada.

— Oh. — É claro. Ele estava certo. O fato de Pete ter me oferecido a noite de sexta parecia idiota e totalmente irrelevante naquele momento. Ninguém estava interessado.

Tive um lampejo súbito ao imaginar como Char iria reagir ao receber a notícia. Ele ficaria orgulhoso de mim, não é mesmo? Orgulhoso por ter sido um professor tão bom que Pete chegava a confiar em mim naquele nível.

É claro que Char ficaria orgulhoso.

Só que talvez eu não tivesse tanta certeza, porque deixei o assunto morrer.

— Você pode assumir as carrapetas enquanto vou falar com a Pippa? — Char me pediu.

Concordei em silêncio, balançando a cabeça. Ele me deu as costas novamente.

— Char — berrei —, vou dormir na sua casa essa noite?

Naquele mesmo instante, ao olhar para o ombro do Char, virado levemente na minha direção, senti que tinha quebrado outra regra não declarada. Pedir o que eu queria.

A minha pergunta pareceu pairar no ar entre nós enquanto eu imaginava como seria ter um namorado de verdade. Alguém com quem você pudesse fazer planos. Alguém que te ligaria quando lembrasse de você. Alguém que diria querer que você fosse para a casa dele. Pensei em como seria ser Sally e ouvir Larry Kapur dizendo que queria ir ao baile com ela. Alguém que não necessitava que você adivinhasse os pensamentos dele.

— Não acho que seja uma boa ideia — Char respondeu. — Não essa noite. Isso só deixaria a Pippa mais irritada.

— Você está certo.

Char ergueu os braços e apertou levemente os meus ombros.

— Obrigado por me dar cobertura, Elise. Te devo uma.

Ele então foi para o bar lidar com Pippa e eu fui para a cabine lidar com a música. E aquela foi a última vez que nos falamos naquela noite.

Eu gostava de estar lá em cima na cabine, destacada de todo mundo. Pete estava certo. Eu era mesmo boa naquilo e era uma atividade segura. Mas, numa noite como aquela, também era um pouco solitário.

Quando terminei, fui andando para casa pela primeira vez em semanas. Quando cheguei na minha mãe, abri a porta da frente sem nenhuma dificuldade, entrei na sala escura e fechei a porta atrás de mim o mais silenciosamente possível. Apoiei as costas na porta por um momento, descansando a cabeça contra a madeira. Tudo estava em segurança.

E então alguém gritou.

Dei um pulo.

— Alex? — sussurrei.

Por um momento, tudo ficou em silêncio. E então a minha irmãzinha surgiu das sombras, empunhando um rolo de papel-toalha vazio como se fosse uma espada.

— Você está bem? — perguntei baixinho.

— O que você está fazendo aqui? — ela sibilou. — Você me assustou! — Ela praticamente não baixou nem um centímetro o rolo de papel-toalha, como se ainda não tivesse certeza se teríamos ou não uma luta.

— Desculpe, querida. Eu só saí pra dar uma volta.

Alex deu um passo à frente e pude vê-la melhor.

— Agora? Estamos no meio da noite.

Já tinha passado fazia muito tempo do meio da noite.

— Eu não estava conseguindo dormir — expliquei.

Alex piscou algumas vezes.

— Você não está doente de novo, né?

E eu sabia que nós duas estávamos pensando no que tinha acontecido em setembro, quando fui levada às pressas para o hospital e depois perdi semanas de aula porque “estava doente”. Senti uma onda de amor repentina pela minha irmãzinha. Mesmo que ninguém tenha contado para Alex o que estava acontecendo, ela não era nenhuma idiota.

— Não — respondi. — Não estou doente.

— Então por que... — Alex começou e decidi que àquela altura a melhor defesa era o ataque.

— O que *você* está fazendo acordada? — eu quis saber.

Alex girou o rolo de papel-toalha nas mãos.

— Estou trabalhando no castelo da poesia. Vem ver.

Ela me levou para o jardim de inverno. O castelo de papelão estava orgulhosamente instalado no meio da sala. Bandeiras tremulavam nas duas torres. Papéis e canetinhas tomavam conta do que tinha sobrado do chão.

— Está ótimo — elogiei.

Alex olhou para mim com uma expressão crítica.

— Ainda preciso pintar a fachada. E preciso terminar de escrever os poemas. Vou vender poesias e não sei quantas pessoas vão querer comprar. Preciso garantir que vou ter poemas suficientes pra todo mundo. A escola inteira vai estar lá, até o pessoal do quinto ano. E todos os pais. Você vai, né?

— Claro. Eu não perderia por nada.

— Quantos poemas você acha que as pessoas vão querer comprar?

— Bem, eu vou querer pelo menos dez.

Alex balançou a cabeça como se esperasse por um número parecido com aquele.

— Vou ter que escrever mais poemas.

— Mas, Alex, você não tem que escrever todos eles *agora*. Você ainda tem duas semanas. Não precisa escrever os poemas às três da manhã.

— Sei disso. — Alex pegou uma folha de papel e com todo o cuidado a depositou no topo de uma pilha de caixas dentro do castelo. — É que eu queria fazer isso agora.

Olhei para os olhos azul-acinzentados da minha irmã e me vi neles, tão claramente como se me olhasse num espelho. Construindo um toca-discos em miniatura para a minha casa de bonecas quando já tinha passado havia muito tempo da hora de dormir. Aprendendo sozinha a codificar um site debaixo das cobertas, depois de dizer para o meu pai que ia dormir. Discotecando no escuro, trancada no meu quarto. Todas essas coisas podiam esperar até que o dia amanhecesse, mas eu queria fazê-las à noite.

— Vou dormir, poetinha — informei. — Quer que eu ponha você na cama?

Alex bateu com a ponta da canetinha nos dentes, considerando a possibilidade.

— Tudo bem — ela concordou, finalmente. Então largou a canetinha e me seguiu escada acima.

— Alex? — sussurrei na escuridão do quarto da minha irmã. — Será que você poderia não contar pra mamãe e pro Steve que eu saí pra andar essa noite?

— Tudo bem. — Ela se aninhou debaixo das cobertas. — Mas também não conte a eles que eu estava trabalhando no meu castelo.

Passei os braços em volta dela e a beijei numa das bochechas. Ela não era a pessoa que eu achei que estaria beijando no fim da noite. Mesmo assim era melhor que terminar a noite sozinha.

Don't cry, don't raise your eye,  
it's only teenage wasteland.

"Baba O'Riley", The Who

14

No final da tarde do dia seguinte, eu mal conseguia manter os olhos abertos. Estava encolhida no sofá da sala do meu pai, segurando um livro que na verdade nem estava lendo. Passei a maior parte do tempo encarando o meu celular, à espera de uma ligação ou mensagem do Char. Queria saber o que tinha acontecido entre ele e Pippa. Queria contar a ele que eu teria uma noite fixa na Start às sextas. Queria conversar com ele. Mas, até aquela hora, ele não tinha dado nenhum sinal de vida.

Obviamente aquilo era a coisa mais normal do mundo, eu repetia para mim mesma. Char e eu nunca conversamos sobre relacionamento. Tínhamos outro tipo de relação, o tipo sobre o qual não se conversa a respeito. Assim, o silêncio dele não significava absolutamente nada.

O meu pai sentou na sua poltrona e começou a tocar violão. Ele dedilhou alguns acordes e começou a murmurar consigo mesmo alguma coisa como "Humm, hummm, hummm. Iê, iê, iê. Humm, lá, lá. Iê, iê".

— Música nova? — perguntei.

— É. Acho que os Dukes podem tocá-la no Festival do Solstício, se eu conseguir escrever uma letra. O que você acha?

O que pensei comigo mesma era que ninguém no Festival do Solstício, ninguém que importasse, pelo menos, estava interessado

em ouvir as músicas novas dos Dukes. Eles só queriam ouvir “Take my hand” e pulariam todas as outras músicas se pudessem.

Viajei com o meu pai para vários shows da banda. A melhor viagem rolou quando eu tinha doze anos. Fomos para um cruzeiro até a Jamaica cujo tema era músicas antigas. Fiz várias trancinhas no cabelo presas por contas e nadei no mar do Caribe.

Só que a minha lembrança mais nítida daquela viagem foi o show dos Dukes. Eles tocaram várias músicas novas e lados B enquanto a plateia ouvia educadamente, sem se levantar dos assentos. E então eles tocaram “Take my hand” e todo mundo foi ao delírio, é claro.

Quando a música terminou, o vocalista virou para a multidão e disse como se essas palavras tivessem acabado de passar pela cabeça dele:

— Ei, vocês querem que a gente toque essa de novo? Afinal, essa música só tem dois minutos e doze segundos.

A multidão urrou e os Dukes começaram a tocar “Take my hand” mais uma vez, desde o início.

Mesmo que eu tivesse só doze anos e a minha preocupação principal fosse tomar picolé de limão, senti que havia algo de partir o coração naquilo. Porque a banda sabia da verdade: que ninguém dava a mínima para o que eles fizeram nos últimos trinta e cinco anos.

Os Dukes pareciam muito felizes de estar tocando o seu sucesso pela segunda vez, e o público também parecia contente. De certa maneira, eu era a única que não estava feliz.

Depois daquilo, os shows do meu pai não eram mais tão divertidos para mim. Na maioria das vezes, eu tentava não ir. Eu sentia como se estivesse assistindo a um show de mágica depois de já ter aprendido como se faziam todos os truques.

— Gostou? — o meu pai quis saber enquanto dedilhava o refrão mais uma vez.

Chequei o celular de novo. Nada ainda.

— É legal.

— Ah. — O meu pai limpou a garganta. — Ainda estou trabalhando nela.

De alguma forma, perdi a minha deixa.

— Acho que vai ficar muito boa, pai. Tenho certeza de que os hippies do Festival do Solstício vão se amarrar.

Ele abriu um meio sorriso e passou um dos polegares pelas cordas do violão.

— Ei, você quer ir comigo? Pro Festival do Solstício?

— Hum... Quando é?

Ele me lançou um olhar esquisito.

— Durante o solstício.

Acho que aquilo fazia sentido.

— Podemos ir pra lá de carro na sexta à noite e acampar. Acho que o show dos Dukes vai ser por volta do meio-dia no sábado.

— Eu não posso — respondi.

— Oh. É claro que você provavelmente já tem outros planos. Você, a Sally e a Chava vão ao baile da escola?

Contei aos meus pais sobre Sally e Chava porque queria que eles soubessem que sou uma pessoa normal que tem amigos. Jamais mencionei o Baile de Verão do primeiro e segundo anos para os dois porque eu não era maluca. Aparentemente, o meu pai tinha lido a mala direta da associação de pais e mestres.

— O baile vai ser bem nessa noite. — Saí pela tangente.

— Algum garoto convidou você?

— *Pelo amor de Deus*, pai. Não. — Pensei em como uma coisa do tipo pareceria: Char na porta da minha casa vestindo um smoking, prendendo um bracelete com flores no meu pulso e posando para fotos diante da lareira? Ele nem mesmo tinha me ligado.

O meu pai balançou a cabeça como quem sabia das coisas.

— Nós homens, Elise, nos sentimos intimidados com muita facilidade. Quando eu tinha dezesseis anos, não teria coragem de convidar uma garota como você pro baile da escola.

Aquilo era uma mentira em vários níveis, já que 1) o motivo pelo qual os meninos não me convidavam para sair não tinha absolutamente nada a ver com o fato de se sentirem intimidados por mim, e 2) na época em que o meu pai tinha dezesseis anos, ele já fazia apresentações com ingressos esgotados na casa de show local

e qualquer garota da Filadélfia daria o próprio braço para ir ao baile com um dos Dukes.

— Pai, você me deixaria passar a noite de sexta na casa da minha mãe e do Steve?

Ele parou de dedilhar o violão.

— Você está falando sobre o fim de semana do Festival do Solstício? Claro que deixo. Eu mesmo já ia sugerir isso.

— Não. O que quero dizer é tipo... — Aproximei os joelhos do peito e os abracei. — Todas as semanas.

Ele largou o violão.

— Então eu só ficaria com você nas quartas? E você ficaria com a sua mãe seis noites por semana? Todas as semanas?

— Bem, a gente pode mudar a programação pra que eu passe mais uma noite por semana com você... Tipo terça?

— Por quê? — O tom dele foi rude.

Eu não tinha resposta para aquela pergunta. A minha boca se abriu e se fechou, mas eu não tinha nada a dizer.

— Tudo bem — o meu pai declarou. — Esqueça o porquê. Não. Que tal essa resposta?

— O quê? — Eu o encarei.

— Eu disse *não*. A semana tem sete dias e não, você não pode passar seis deles na casa da sua mãe. Não, eu não vou mudar a minha escala no trabalho só porque você quer. Não me importo se você não quer ficar na minha casa ou se quando você está aqui não queira falar comigo ou se lá na sua mãe há todo tipo de crianças e bichinhos de estimação maravilhosos, balanços e comida fresca. Sou o seu pai e isso significa que você é tanto minha filha quanto da sua mãe. Não, você não pode passar as noites de sexta na casa dela.

Eu me levantei.

— Olha, isso não tem nada a ver com a mamãe, balanços, nem esse tipo de coisa. Só quero ficar na casa dela porque a localização é melhor pra... bem, pra... fazer coisas.

O meu pai também se levantou.

— Isso não me interessa. O que estou entendendo é que você não quer passar o seu tempo comigo. E o que eu quero que *você* entenda é que não tem escolha.

Senti o pânico borbulhar dentro do meu peito e a minha respiração começou a acelerar. O que eu deveria fazer? Ir até a Start na quinta seguinte, torcer para o Pete estar por lá e dizer a ele: “Ei, olha só, o meu pai não vai me deixar sair às sextas à noite. Boa sorte pra arrumar outro dj!”. Eu podia também arrumar uma placa daquelas de homem-sanduíche e escrever tenho só dezesseis anos. Na verdade, eu não podia fazer nada daquilo. Eu *não queria* fazer nada daquilo.

— Você não pode me impedir. — A minha voz estava trêmula. — Será que você não me ama nem um pouquinho?

— *Se eu não te amo?* — O meu pai falava cada vez mais alto. — Poxa! Você está de gozação comigo?

Senti o meu rosto se enrugando como se fosse uma ameixa seca.

— A minha mãe não me impede de fazer as coisas que são importantes pra mim. — E mesmo enquanto eu pronunciava essas palavras, eu sabia que aquele era um golpe baixo. Uma das regras não declaradas que eu *tinha* entendido é que os meus pais não criticam um ao outro na minha frente e eu não deveria jogar um contra o outro.

Além disso, a minha mãe com toda a certeza me impedia de fazer as coisas que eram importantes para mim. A única razão pela qual ela não me impedia de ir à Start era porque não sabia de nada. Não porque era ela, e não o meu pai, quem estava no controle das decisões sobre a minha vida.

— Então é por isso que você também quer passar as noites de sexta com ela? — o meu pai perguntou. — Porque ela não fica no seu pé tanto quanto eu?

— Não! — protestei. — É só que... isso é importante pra mim. Você não entende.

— Não entendo mesmo. Me explique.

O meu pai se aproximou para me observar mais de perto e por um momento pensei em contar tudo para ele. O que era a Start, por que eu precisava daquilo. Afinal, ele já fazia turnês pelo país inteiro quando era apenas dois anos mais velho que eu. Talvez ele entendesse a situação.

*Mas e se ele não entendesse?*

Balancei a cabeça.

— Não posso te explicar.

O meu pai chutou o violão e deu um passo para trás ao ouvir o guincho desafinado que as cordas soltaram quando o instrumento bateu no chão.

— Quer saber de uma coisa, Elise? Faça o que você quiser.

Fiquei ali em pé, imóvel, respirando com dificuldade.

— Você quer passar todas as noites na casa da sua mãe? Ótimo. Estarei aqui se algum dia você decidir que precisa de mim.

Ele correu para pegar o violão e o ergueu sobre um dos ombros como se estivesse prestes a golpeá-lo sobre alguma coisa. Cobri a boca com uma das mãos. Então, aos poucos, tomado pela dor, ele jogou o violão na poltrona e saiu da sala. Ouvei os passos pesados nas escadas. Ele foi para o sótão. Um minuto depois, ouvi o som, inconfundível para qualquer um que já o ouvira antes. Um taco de *softball* atingia um futom.

— Olha, se você quiser ir pra Start hoje, vá — Vicky me disse pelo telefone na noite da quinta seguinte.

Sentei na cama com o telefone pressionado contra uma das orelhas e olhei para o relógio na mesa de cabeceira. Nove horas.

— Acho que quero ficar em casa.

— Se você quer mesmo isso, tudo bem. — Ouvei um som de algo sendo borrifado do outro lado da linha, como se Vicky estivesse passando laquê ou perfume. — Mas você não devia deixar de ir só por causa da Pippa. Você é a dj. Você faz o que bem entender.

— Ela quer que eu vá? — perguntei, apesar de já saber a resposta.

— Bem, sempre que a Pippa se referiu a você na última semana foi como “aquela rapariga”, por isso acho que provavelmente ela não quer te ver.

— O que é uma rapariga?

— Também perguntei isso pra Pippa. Lá na terra dela isso é sinônimo de *vagabunda*.

— Como assim eu sou rapariga? O Char foi o primeiro e o único cara que eu já... — Beije. Vi pelado. Com quem eu já dormi na mesma cama. — ... tudo — concluí.

— Não acho que ela quis dizer que você é literalmente uma vagabunda — Vicky garantiu. — E se é que isso serve pra alguma coisa, eu estou do seu lado. Eles não estavam juntos. A Pippa não pode se considerar dona de todo cara que ela acha gato, porque ela considera *qualquer* cara gato. Exceto os membros da Dirty Curtains. Ela acha que o Dave parece um homem das cavernas, e não no sentido de “eu vou proteger a minha presa”. E o Felipe não é “homem suficiente” pra ela. Sabe como é, só porque ele ainda não é legalmente uma pessoa adulta.

— Ah, falando da Dirty Curtains, tenho uma proposta pra vocês.

— Manda.

— Sabe que agora vou ser dj das noites de sexta?

— Não acredito! Estou tão empolgada! Puxa, vou explodir de tanta empolgação. A dj *mais irada de Glendale*. Pode falar, eu não estava certa quando te dizia isso?

— Bem, a dj mais irada de Glendale quer que a Dirty Curtains toque na sua sexta de estreia.

O outro lado da linha ficou em silêncio por um momento.

— O que você me diz? — perguntei.

Vicky deixou escapar um berro que quase me deixou surda.

— Eu digo *sim!* — ela guinchou. — O Felipe e o Dave também dizem que sim, ou irão dizer assim que eu contar pra eles, já que os dois fazem praticamente tudo o que eu mando. Elise, isso é maravilhoso. Não acredito que você vai dividir a sua grande noite com a gente.

— Não tem mais ninguém com quem eu gostaria tanto de dividir essa noite.

— Você *tem* que ir pra Start hoje. Aí a gente vai poder comemorar a nossa fama iminente. Com toda a sinceridade, Elise, não esquenta a cabeça com a Pippa. Você precisa entender que as últimas semanas foram bem complicadas pra ela. — A voz da Vicky se tornou mais baixa. — A Pippa gosta de estar sob os holofotes. Ela acha que é o sol e todo mundo tem que gravitar ao redor dela.

Quando estava em Manchester, acho que ela se sentiu totalmente obscurecida, afastada do seu próprio sistema solar. E quando voltou e descobriu que todos nós continuamos a orbitar sem ela... Bem, a Pippa não ficou nada feliz com isso. Não tem nada a ver com *você*.

— Ela não está no quarto com você? — perguntei. — Vocês não estão se arrumando juntas?

— Eu me tranquei no banheiro. — Escutei o som de uma descarga. — Viu?

Suspirei.

— Não quero que ela me odeie. Já tem muita gente que me odeia nesse mundo.

— Não sei se isso faz alguma diferença, mas *eu* quero que você vá pra Start essa noite.

Cobri a cabeça com o meu cobertor.

— Isso vai se resolver na pista de dança — Vicky declarou.

— Sério? Como? — eu quis saber.

— Como alguém pode odiar outra pessoa que está ali junto com ela, movendo o corpo ao som da mesma música? Como elas não podem se unir? Saia com a gente hoje. Vai te fazer bem. Ah, e use o top que você comprou na Garotas do Calendário. Aquele de renda.

— Faz com que eu pareça um floco de neve — murmurei.

— Confie em mim! — Vicky trinou e desligou o telefone.

Fiquei sentada por um momento debaixo da fortaleza formada pelo meu cobertor. Raios de luz minúsculos se insinuavam pelas costuras. Eu podia passar o resto da minha vida ali debaixo. Podia dar uma grana pro Neil para que ele me levasse comida três vezes por dia.

Soltei um gemido e tirei o cobertor da cabeça. Infelizmente, não tinha lembrado de comer antes de me esconder na minha cama e por isso estava com fome.

Antes de fazer a minha incursão pela casa em busca de um lanche, dei uma olhada no computador para conferir o que rolava com a Elise Falsa. Eu não conferia o blog desde que tinha chegado da escola naquela tarde.

10 de junho: *ninguém gosta de mim. às vezes, penso que as pessoas gostam de mim, finjo que tenho amigos de verdade, mas sei que estou só enganando a mim mesma. por que as pessoas gostariam de mim de verdade? por que alguém gostaria de mim???* sempre que alguém é legal comigo, sei que é por pena. bjs. elise dembowski.

Eu me olhei no espelho atrás da porta do quarto. Afundei os dedos nos cantos da boca e puxei a pele do rosto para formar um sorriso medonho e praticar algumas afirmações.

Um monte de gente gosta de você!

Por exemplo... a sua mãe!

Alex!

Neil!

As pessoas que lhe deram a vida ou que ainda têm a maioria dos dentes de leite quase idênticos aos seus.

Claro que a única coisa que o seu pai te disse durante todo o tempo que você passou na casa dele na noite anterior e naquela manhã foi:

— Bem, só vou ver você daqui a uma semana, já que é isso o que você quer.

Só que isso não significa que ele não *gosta* de você. O seu pai só está irritado, mas vai superar essa fase, mesmo se for só porque ele é o seu responsável legal.

Vicky gosta de você! E não é só porque sente pena. É de verdade. Ela é genuinamente legal com você.

*Como você sabe disso?*

Porque você é ótima em desvendar o público!

Char gosta de você! Tudo bem, ele meio que te ignorou na Start na semana anterior e, tudo bem, ele não deu mais notícias desde então. Mas essa situação com a Pippa é mesmo delicada. Ele não quer machucá-la. E quem iria querer fazer uma coisa dessas? Você também não quer ferir os sentimentos da Pippa. Por que ele te ensinaria a discotecar se não gostasse de você? Por que ele te beijaria? Porque ele gosta de você!

Você é uma garota de quem as pessoas gostam, Elise Dembowski.

Depois de terminar as afirmações, fui para a cozinha para preparar um chocolate quente. No caminho de volta, percebi que a minha mãe estava sentada no sofá do jardim de inverno. Alex estava com ela, o que me surpreendeu. Durante a semana, Neil tinha que estar na cama às 20h15 e Alex às 20h35, de forma que o fato de já serem 21h15 e Alex ainda estar acordada definitivamente *não era justo*.

— O que vocês estão aprontando, meninas? — perguntei.

— Estamos só admirando o castelo da poesia — a minha mãe me explicou. Ela tomou um gole de chá e fez um gesto em direção à criação da Alex.

Sentei no sofá ao lado da Alex e nós três contemplamos o castelo.

Era imenso. Não fazia a menor ideia de como a minha mãe e Steve planejavam transportar aquela coisa para a escola na sexta-feira. A coisa batia na minha cabeça numa confusão de caixas de papelão e fita adesiva. Alex pintou as caixas com todas as cores do arco-íris e uma flâmula pendia de cada um dos cantos. Eu podia ver lá dentro os poemas empilhados no maior capricho, prontos para ser vendidos.

— Está incrível, Alex — elogiei.

— Não terminei — ela me avisou. — Ainda não está perfeito.

— Vai ser o melhor da feira. — A minha mãe estava morrendo de orgulho e me lembrei de todas as vezes em que ela havia me dito essas mesmas palavras. Quando eu desenhei e costurei um vestido para o desfile das escoteiras. Enquanto eu praticava um monólogo para a competição de Shakespeare no oitavo ano. Quando preparei barrinhas de noz-pecã, passas, banana e chocolate, invenção minha, para ser vendidas na escola no dia das eleições. A minha mãe sempre dizia a mesma coisa: *vai ser o melhor*.

— O senhor Berger vai dar algum prêmio pra melhor construção? — perguntei a Alex.

Ela bufou.

— *É claro que não.* — E me olhou como se eu fosse uma idiota por não entender as regras da feira de primavera da segunda série.

— Bem, se ele desse, você ganharia — eu disse.

— Só que agora, Alex docinho, já passou e  *muito* da hora de ir pra cama. — A minha mãe se levantou e pegou a minha irmã no colo.

— Mas eu não estou cansada — Alex se lamentou e imaginei se a maldição das mulheres da nossa família era que nunca nos cansávamos.

— Mesmo assim é hora de ir pra cama — a minha mãe insistiu.  
— Você pode trabalhar mais no seu castelo amanhã. Não é, Elise?

— Claro — concordei. — Até eu estou indo pra cama, Alex. Viu?  
— Peguei o meu chocolate quente, bocejei dramaticamente e segui para o meu quarto.

Duas horas depois, escapuli para a rua e fui andando até a Start. Não menti para Vicky. A minha vontade era mesmo ficar em casa naquela noite. Só que eu queria muito ver Char e não resisti.

Como o próprio Char uma vez me disse, todos nós sempre queremos coisas que não são boas para a gente.

And I was no one, I had nothing.

“I saw her in the anti-war demonstration”, Jens Lekman

15

Quando cheguei à Start, não vi Vicky nem Pippa logo de cara. Char estava na cabine com os fones nos ouvidos tocando uma música do Marvin Gaye, o que parecia ser um bom presságio, pois ele sabia o quanto eu gostava de cantores de soul das antigas.

Escapuli para a cabine e fiquei ao lado dele.

— E aí, estranho? — eu o cumprimentei. — Quanto tempo que a gente não se fala, hein? Sentiu a minha falta?

Tentei fazer uma piada, só que não saiu do jeito que eu queria. Soou sincero demais. Percebi que Char se encolheu um pouco.

*Ninguém gosta de mim*, a Elise Falsa cantarolava dentro da minha cabeça. *Por que ninguém nunca gostou de mim de verdade?*

— Como foi a sua semana? — Tentei puxar assunto.

— Fantástica — Char murmurou.

— Sério?

— Claro. Provavelmente foi a melhor semana da minha vida. Você já foi à Disney?

— Já.

— A minha semana foi como uma viagem à Disney, só que umas oitenta vezes melhor.

Char olhou para a tela do computador. Ele tocava “Panic”, dos Smiths. “*Hang the dj*”<sup>[13]</sup> — ordenava a letra. — “*Hang the dj, hang the dj, hang the dj.*”

— É claro que parece que a sua semana foi oitenta vezes melhor que uma viagem à Disney — concordei. E, como ele não respondeu,

continuei: — E então, o que aconteceu exatamente com a Pippa na semana passada?

— A gente brincou e dançou além do arco-íris — Char respondeu sem alterar o tom da voz.

— Char.

Ele suspirou e passou uma das mãos pelo cabelo, fazendo com que alguns tufos ficassem em pé.

— Não sei, Elise. Ela estava louca da vida.

Lutei contra um desejo intenso de ajeitar o cabelo dele. Eu nunca tocava Char primeiro. Sempre esperava que ele desse o primeiro passo.

— O que você achava que ia acontecer quando ela voltasse? — perguntei. — Você por acaso pensava que ela não ia descobrir sobre a gente? Ou que ela não ia se importar?

— Não pensei em nada disso. De qualquer forma, eu já tinha dito pra Pippa antes de ela viajar que não queria namorar com ela. Você sabe disso. Então por que essa garota queria que eu esperasse por ela durante um mês e meio igual a um celibatário?

— Porque — eu imaginei se no fundo Char não era um idiota por ainda não ter se dado conta disso — você transou com a Pippa *depois* de dizer que não queria nada com ela.

— E daí?

— E daí? O que você acha que ela pensou que isso significava? O que você *acha* que as pessoas pensam quando você fica com elas?

Ele balançou a cabeça.

— Não faço a menor ideia. O que as pessoas pensam?

Respirei fundo.

— Pra alguém que é tão bom em decifrar os desejos do público, você tem alguns pontos cegos bastante graves.

Char girou rapidamente alguns dos botões do mixer.

— Se você é uma especialista no assunto, Elise, por que simplesmente não me diz?

Tentei olhar bem nos olhos do Char, só que ele continuou encarando o equipamento.

— As pessoas acham que isso significa que você quer, na verdade, ficar com elas. Levar a coisa a sério. As pessoas acham que

isso significa que você se importa com elas. Esse é o ponto, né?

Char deu de ombros.

— Os homens não pensam assim.

Não sabia se ele estava certo. Eu não fazia a menor ideia do que os garotos pensavam a respeito do que quer que fosse.

— A Pippa vem hoje? — perguntei, apesar de já saber a resposta pela Vicky.

— Não sei. — Char pôs os fones de ouvido.

Esperiei que ele mudasse para a música seguinte, mas, como Char continuava com os fones de ouvido, cutuquei um dos braços dele.

— O que foi? — Ele afastou um dos fones. — Estou trabalhando.

— Já *percebi* isso. Quero te contar a grande novidade da semana passada.

As coisas estavam estranhas entre mim e Char naquele momento. As coisas estavam estranhas porque a Pippa tinha voltado. Mas, quando contasse a ele a novidade, ele ficaria orgulhoso de mim. Ele lembraria do quanto temos em comum. As coisas ficariam bem de novo.

Não é?

Eu me senti como um gato que voltava para casa com um passarinho morto para o seu dono. "*Você vai gostar, né? Eu matei sozinho, sem a ajuda de ninguém. Você tem que gostar.*"

Será que os gatos domésticos assassinos de passarinhos também sentiam aquela palpitação no estômago?

— Vou discotecar nas noites de sexta! — Um sorriso eclodiu no meu rosto. Sempre que pensava nisso, não conseguia conter o sorriso. — Começo na semana que vem. O Pete falou que eu posso fazer tudo o que quiser. Vai ser o máximo!

Char tirou os fones de ouvido. E me encarou.

— Você vai discotecar nas noites de sexta — ele repetiu, e achei que talvez a música alta tivesse abafado as minhas palavras. — Aqui?

— Isso mesmo! — berrei para ter certeza de que daquela vez ele ouviria.

Só que a expressão no rosto dele continuava confusa.

— O Pete te deu a noite de sexta? Só pra você e mais ninguém?

— Vou ser só eu — confirmei.

A expressão do Char se tornou mais que confusa. Ele ficou louco da vida. E me disse simplesmente:

— Por quê?

— Porque ele acha que eu sou boa.

— Por quê? — Char perguntou de novo e senti o chão se inclinar levemente sob os meus pés.

— Ele disse... que tenho muito talento natural e...

— Você tem ideia da importância de tocar durante o fim de semana num dos eventos do Pete? — Char me interrompeu. — Você tem ideia de quantas vezes eu já pedi pra ele me mudar pra sexta, quando ninguém tem aula nem trabalho no dia seguinte e todo mundo pode sair *de verdade*? E então ele simplesmente chega e dá essa noite pra você? Você, uma garota de dezesseis anos que começou a discotecar dois meses atrás?

Não falei nada por um momento. Até que sussurrei:

— Não é minha culpa eu ter só dezesseis anos. E não é minha culpa ter começado a discotecar só agora.

Char também baixou a voz. Ele soou gentil, solidário.

— Por que você simplesmente não fala pro Pete que não se sente pronta? Diga a ele que precisa de mais prática. Que se preocupa com o que irá acontecer se rolar algum problema técnico e você não souber como resolver. Tenho certeza de que ele vai entender.

— Porque eu *realmente* me sinto pronta. — Limpei a garganta.

— Isso é tão idiota, mas acho que eu esperava que você ficasse feliz por mim.

Char começou a digitar no teclado do computador e ficamos em silêncio por um minuto. Se eu fosse outra pessoa, podia ter ficado impressionada. Só que eu sabia o suficiente sobre discotecagem para saber que na verdade ele não estava fazendo nada.

— Escuta só, Elise — ele finalmente falou alguma coisa. — Eu não queria levar esse papo hoje, mas acho que a gente devia... parar.

— Parar? — repeti.

— É. Tipo, terminar.

E o mundo se inclinou aos meus pés outra vez, só que com mais intensidade.

— Como podemos terminar? Por acaso já estivemos juntos algum dia?

— Acho que a diferença de idade entre a gente é muito grande. Estamos em estágios diferentes da nossa vida e não queremos as mesmas coisas.

— *Agora? Agora* isso te incomoda? — Senti a minha respiração se tornar estranha, como se eu estivesse com dificuldade para conseguir algum ar. — O que eu fiz, Char? O que foi? Você está terminando comigo porque a Pippa está irritada com você? Você está terminando comigo porque... — o ar ficou preso na minha garganta e quase não consegui continuar — ... porque ofereceram a droga da noite de sexta pra mim e não pra você?

— Você disse que não me amava — Char praticamente sussurrou, olhando para a tela do computador e não para mim.

— Quando?

— Na semana passada. Quando a Pippa te perguntou. Você respondeu que não. Você quase *riu* e falou que não.

— Desculpe — eu disse, mas logo me corriji. — Não... você *não tem* que me desculpar. Você também não me ama. Você nunca disse que me amava. Você nunca me ligou ou saiu comigo na luz do dia. Como você poderia me amar? Você me ama?

O meu corpo ficou tenso. Parte de mim esperava que ele respondesse que sim, que ele dissesse: “Sim, eu te amo e é por isso que estou terminando tudo, porque me mata saber que você não sente o mesmo”.

Porque poderia ser isso. A prova final de que as pessoas eram capazes de me amar.

Mas o que Char realmente disse foi:

— Esse não é o ponto.

— Então que diabos é o ponto? — eu já estava quase berrando.

— Você não precisa de mim. *Esse é o ponto.*

Ele pôs os fones de novo nos ouvidos.

*Quando você quer que eu assumo?,* escrevi num *post-it* e grudei na tela do computador dele.

Os cantos da boca do Char se retorceram e ele tirou o bilhete da frente do monitor.

— Não se preocupe com isso. — Ele amassou o papel com um dos punhos. — Você tem toda a noite pra discotecar na próxima sexta. Você merece tirar uma noite de folga.

Fiquei mais um minuto ali parada até perceber que tinha sido dispensada. Até perceber que um relacionamento podia terminar exatamente daquele jeito.

Tonta, deixei a cabine e caminhei até o lado de fora. Eu podia ter continuado a andar. Eu podia ter andado para sempre se Vicky, Felipe e Mel não estivessem lá.

— Oi, Elise! — Felipe me cumprimentou. — Olha só, estou aqui! Os meus pais viajaram a trabalho, por isso estou sob a responsabilidade da Vicky. — Ele fez um gesto como se abrisse aspas ao dizer a palavra “responsabilidade”.

Eu me esforcei para pôr um sorriso no rosto e me juntei ao grupinho deles. Eu não sabia por que me dava ao trabalho de agir como se estivesse tudo bem. A Start era pequena e as novidades se espalhavam depressa. Logo todo mundo descobriria que Char tinha me dado o pé na bunda. Mas eu queria, pelo menos durante o maior tempo possível, fingir que aquilo não tinha acontecido. Não queria estar presente quando eles ouvissem as notícias e eu tivesse que dizer: *Bem, é claro que ele me deu um fora.* Namorados eram para meninas bonitas, normais, que sabiam o que estavam fazendo. Todo mundo sabia disso.

*Ninguém gosta de mim e eu mereço isso.*

Cala a boca, Elise.

— Os Beatles — Vicky dizia para Mel.

— Todos eles pararam — Mel retrucou.

— O John não parou — Vicky contestou.

— Está certo, mas porque ele foi assassinado antes que tivesse a oportunidade.

— O George também não parou — lembrou Vicky.

— E aí ele morreu de *câncer de pulmão* — completou Mel.

— Mas quando ele tinha tipo *sessenta anos*. Eu vou parar *antes dos sessenta*.

— Os sessenta vão chegar antes do que você espera, meu bem — Mel rebateu.

— Estamos fazendo uma pesquisa de opinião — Felipe me explicou — sobre se a Vicky deve ou não parar de fumar. Até agora temos dois votos a favor dela parar e um contra. Você quer empatar o resultado?

— Não — respondi.

— Ah, qual é — Vicky se queixou. — Isso aqui não é uma eleição. É o meu corpo.

Mel limpou a garganta.

— Bem, talvez...

— Ei — eu os interrompi. — Galera, vocês eram populares na escola?

Todos pararam de falar e olharam para mim.

— Vocês sabem — continuei. — Tipo, vocês tinham amigos? Se tinham, quantos eram?

— Bem — Mel esfregou a careca —, agora você me pediu pra voltar demais no tempo.

— Ah, meu Deus, Mel — Vicky reclamou. — Você é tipo um oitavo mais novo do que a idade que você finge ter.

Mel olhou feio para ela e então se virou para mim.

— Meu bem, eu era um adolescente negro e gay no Arkansas. O quão popular você *acha* que eu era?

Tentei imaginar um Mel mais jovem sofrendo *bullying* de versões de Chuck Boening e Jordan DiCecca. Só que não consegui. Se eles tentassem roubar o iPod do Mel, ele teria intimidado os dois. Ele era o Mel. Intimidar as pessoas era o trabalho dele.

— Eu definitivamente sou muito popular entre os jogadores de Dungeons and Dragons na minha escola — Felipe confessou. — Também sou mestre de Descobridores de Catan e isso fez com que eu conquistasse uns dois ou três fãs devotados na minha sala. Ah, e eu *detono* nas cordas da bateria. As garotas ficam loucas com isso.

— Bateria não tem cordas, imbecil — Vicky informou ao irmão.

Felipe piscou para mim, fez uma careta e começou a imitar um set de bateria bastante intenso. Ele parou depois de alguns segundos quando percebeu que eu não estava sorrindo.

— Não acredito que pessoas interessantes sejam populares quando são adolescentes — Mel continuou. — Ou na vida inteira, talvez. A popularidade só recompensa os seres desinteressantes.

— Não me ofenda — Vicky berrou enquanto jogava a guimba do cigarro no chão. — Sou uma pessoa minimamente interessante e *eu* era popular na escola.

Mel e eu suspiramos na direção dela exatamente ao mesmo tempo.

— *Você* era? — Mel perguntou.

— Não precisam parecer tão chocados. — Vicky balançou o cabelo grosso e pesado.

— É que eu simplesmente não consigo imaginar você como a namorada loira e líder de torcida do presidente do grêmio, só isso — Mel explicou.

Vicky bufou.

— A quantos filmes de adolescentes você já assistiu? Você sabe que essas coisas não passam de estereótipos, né?

Mel deu de ombros.

— Sou fã do John Hughes.

— Bem, nunca fui loira, mas fui líder de torcida no segundo ano. E nunca namorei o presidente do grêmio, mas *dei uns amassos* no *quarterback* do time de futebol americano numa festa.

— E também no *wide receiver* — Felipe acrescentou.

— É, nele também — Vicky admitiu.

— E no *tight end* — Felipe continuou.

— Esse não.

Felipe balançou a cabeça para mim e moveu os lábios sem que nenhum som saísse da sua boca, mas me dizendo: *Esse sim*.

— De qualquer forma — Vicky prosseguiu —, eu era popular. Bem, pelo menos durante a primeira metade do ensino médio. Eu era muito popular quando tinha quinze anos.

— E aí, o que aconteceu? — perguntei.

— Bem... — As sobrancelhas da Vicky se uniram. — Não ria de mim, mas eu costumava ser magra.

Ela fez uma pausa e o seu rosto ficou vermelho.

— Por que eu riria? — eu quis saber.

— Não sei. Tipo, talvez você ache ridículo que alguém como eu possa já ter sido magra.

— Você não é *gorda* agora — eu observei.

— Sou gorda o suficiente. Mas, quando comecei o ensino médio, eu era magra. Bem magra mesmo. E eu também vomitava tudo que comia. Todos amam meninas magras. E, com toda a sinceridade, não sou *exceção*. No final do segundo ano, os meus pais me obrigaram a me consultar com uma terapeuta e ela literalmente mudou a minha vida. Depois de alguns meses de tratamento, comecei a parar com essa obrigação de vomitar com tanta frequência. E a coisa foi diminuindo até que eu parei. *Naturalmente*, eu ganhei peso. Pela primeira vez desde que eu tinha doze anos, havia calorias de verdade dentro do meu corpo. E assim as minhas amigas, que, diga-se de passagem, eram umas vacas, simplesmente me deixaram de lado.

— Isso é maluquice. — Tentei imaginar a situação enquanto olhava para Vicky. Como assim aquelas pessoas não queriam ser amigas dela? Eu não conseguiria fazer isso.

— E na verdade foi por isso que comecei a fumar — Vicky continuou. — Porque teoricamente o cigarro inibe o apetite. Só que, como vocês podem ver, a coisa não funciona bem assim. — Vicky acendeu outro cigarro e arqueou as sobrancelhas para Mel, como se o desafiasse a dizer que ela não deveria fazer aquilo. Ele não pronunciou nem uma única palavra. — Pra ser justa com os meus amigos, a questão não era eu não ter mais a mesma *aparência* de antes. Era como se o feitiço tivesse se quebrado e todas as coisas que antes pareciam importantes pra mim simplesmente se tornaram imbecis. Por isso larguei a torcida. E o grêmio. Os meus supostos amigos *não conseguiam descobrir* o que estava acontecendo.

Vicky soltou uma risadinha e acrescentou:

— Os meus pais também não ficaram assim tão empolgados. O plano deles era que eu parasse de vomitar, não que eu *desistisse* de

tudo. Eles chegaram até mesmo a dispensar a minha terapeuta, como se fosse culpa dela eu ter decidido ser eu mesma.

— E isso significa que eu nunca fiz terapia. — Felipe suspirou. — O que é mais uma prova de que a Vicky é a preferida dos meus pais. Isso é tão injusto.

— Mas então — Vicky disse — fiz amizade com outra galera da minha escola. Sabe como é, o pessoal que não era considerado descolado. E calhou de uma das meninas ser louca por música. Ela e eu começamos a escrever músicas juntas e acabamos formando a minha primeira banda. Ela tocava guitarra e eu tocava teclado e cantava. Nunca nos apresentamos em lugar nenhum, mas gravamos algum material nos nossos computadores. E assim — Vicky estendeu os braços para ambos os lados —, foi como descobri quem eu sou. E é *por isso* que estou aqui hoje, saindo com vocês.

Tentei imaginar alguma das meninas da minha escola sendo secretamente como Vicky, se escondendo sob a pele de um clone popular. E se daqui a três anos Lizzie Reardon olhasse para trás, para o tempo que perdeu transformando a minha vida num inferno, e pensasse consigo mesma: *Ela era bem bonita, não é mesmo?* Será que Lizzie algum dia seria legal com um estranho no meio da rua como Vicky tinha sido comigo naquela noite em que eu a conheci?

Só que isso era difícil de imaginar. Eu não conseguia visualizar nada parecido.

— Chega de histórias tristes da minha juventude — Vicky disse. — Agora é sua vez, Elise. Quem é você no filme adolescente da nossa vida?

Eu abri a boca, mas logo a fechei. *Eu sou a dj superdescolada*, eu queria dizer. Mas aquilo não era certo. Char tinha acabado de deixar bem claro para mim que eu não era nada daquilo. *Eu sou a superdescolada namorada do dj underground*. Só que eu também não era aquilo. Então quem eu era?

Estendi o braço esquerdo, com a palma virada para eles, a minha pele pálida foi iluminada pelas estrelas e um único poste solitário.

— Jesus Cristo! — Felipe exclamou. — O que aconteceu com o seu braço?

Vicky deu um soco na cabeça dele.

— Ui! — Felipe reclamou. — Por que você fez isso?

Vicky balançou a cabeça para ele e então pegou o meu braço para examiná-lo. Ela o observou com atenção.

— Por que você não nos contou? — ela perguntou baixinho.

— Contar o quê? — Comecei a balançar o braço para que Vicky o soltasse. — Que eu não sou nada popular? Tudo bem, vou contar tudo agora: eu não sou a dj mais descolada de Glendale. Meu nome é Elise Dembowski. Tenho dezesseis anos e ninguém gosta de mim. Uma vez fingi que ia me matar, mas na verdade nem queria fazer isso. E por um tempo eu fingi que namorava com o Char, mas isso também não era pra valer. Eu finjo ser alguém ou qualquer coisa diferente de mim, só que o problema é que *eu nunca engano ninguém*.

Balancei o braço para que Vicky o soltasse e passei correndo por um Mel boquiaberto e entrei novamente na Start. Minha vontade era me trancar num dos banheiros grafitados e ficar lá até que amanhecesse.

Só que, uma vez lá dentro, não consegui evitar que os meus olhos procurassem por Char. De forma que também não pude evitar encontrar Pippa bem ao lado dele.

O corpo dela estava inclinado na direção do Char. O nariz bem-feito e os lábios que mais pareciam um botão de rosa voltados para o rosto dele. Do outro lado da pista, eu podia ver a boca dele se mover enquanto conversava com ela, com os fones de ouvido sobre a mesa. Ela jogava a cabeça para trás e gargalhava, acompanhada por Char enquanto ele punha uma das mãos no cóccix dela.

Senti o calor e o peso da mão dele de modo tão nítido que parecia que era eu quem estava na cabine naquele momento, não Pippa. Quantas vezes Char já tinha me tocado exatamente daquele jeito? E aquilo sempre me fazia relaxar, porque era a comprovação de que *você vai comigo pra casa essa noite*.

Era Pippa quem provavelmente iria para casa com Char naquela noite. Eu podia perceber isso até mesmo melhor que eles lá em cima, na cabine. Talvez porque eu soubesse decifrar o público. E eu podia decifrar aqueles dois com perfeição.

Senti o estômago revirar, mas não era por causa do Char. Não mesmo. Era porque eu podia perceber exatamente como eu tinha perdido aquele cara. Eu sabia disso porque era o mesmo jeito com que eu perdia todo mundo.

Pete havia me oferecido a minha própria noite às sextas-feiras e eu tinha aceitado. Eu fui muito precoce. De novo. De novo, de novo e de novo.

Eu sempre tinha achado que tudo o que precisava fazer era realizar alguma coisa extraordinária o suficiente para que as pessoas gostassem de mim. Só que isso não era verdade. Essa coisa de ser extraordinária só afasta as pessoas. Eu sempre afastava os meus amigos e colegas de classe e, naquela noite, tinha afastado o Char. Mas eu nunca aprendia a lição. O mundo abraça o ordinário. O mundo jamais abraçará você.

É óbvio que o Char queria a Pippa. Naquele momento, aquilo se tornou extremamente claro para mim. Por que ele terminou tudo comigo, por que ele sempre mantinha a Pippa por perto, independentemente do quanto ele não se importava com ela? O Char queria uma garota que pudesse ser moldada exatamente do jeito que ele desejava. E eu? Ninguém pode me moldar. Eu sei porque já tentei isso.

E assim eu me virei e comecei a correr. Deixei tudo para trás e corri todo o caminho até em casa.

Quando entrei, vi o castelo da poesia se elevar no jardim de inverno, diante de mim. Eu arfava, o meu coração batia descontrolado. Eu me inclinei com as mãos nos joelhos, tentando me acalmar. Só que nada estava calmo.

Já era muito tarde para que eu pudesse me tornar o tipo de garota de quem as pessoas gostavam. Já era muito tarde para que eu me tornasse normal. A Elise Falsa já tinha percebido isso muito antes de mim. Cada uma das palavras naquele diário era verdadeira, mais verdadeira que a forma com que me enganei ao pensar que talvez o novo mundo que se abria na Start me desse um novo começo, uma nova chance de sair do ostracismo.

Elise, sua idiota. É tarde demais para você.

Mas havia uma pessoa para quem não era tarde demais.

Alex.

E, chorando tanto que eu não sabia se seria capaz de parar algum dia, rasguei todo o castelo até que sobrassem apenas alguns pedaços de papelão.

Quando terminei, o silêncio caiu sobre o jardim de inverno. Os únicos sons eram os da minha respiração acelerada e do zumbido do meu celular vibrando. Sentei no chão e abri o aparelho.

Eu tinha três ligações perdidas da Vicky e uma mensagem de texto.

acho que você está errada. eu gosto de você. o felipe e o mel também. somos três, só pra começar.

Lived in bars and danced on tables, hotels,  
trains and ships that sail.

“Lived in bars”, Cat Power

## 16

Acordei com os gritos.

— Eu vou te matar. Vou te cortar em duas metades com uma espada e dar as suas tripas pros cachorros comerem! — Era Alex. É assim que a minha irmãzinha pensa. Ela lê livros demais.

— Não foi culpa minha. Eu não fiz nada! Socorro! — Era Neil.

Os meus olhos estavam colados por causa das lágrimas secas. Eu os esfreguei e olhei para o relógio na minha mesinha de cabeceira: 5h53.

— Alexandra Myers, pare com isso *agora*! — Era Steve.

— A violência não resolve nada! — E essa foi a minha mãe. É claro.

Escorreguei para fora da cama e saí do quarto com passos silenciosos. Parei ao chegar ao jardim de inverno.

As ruínas do castelo da poesia da Alex pareciam ainda piores à luz do dia que algumas horas antes. E o castelo não havia sido apenas despedaçado, mas sim totalmente destruído.

Alex chorava, apertando uma pilha de papelão rasgado contra o peito. Steve carregava Neil no colo, que choramingava num dos ombros do pai. A minha mãe estava sentada no chão ao lado da Alex e eu vi que ela também chorava.

— Se não foi o Neil — Alex disse —, quem *fez isso*?

— Talvez o Mordedor? — Steve sugeriu, esperançoso.

Ao ouvir seu nome, Mordedor veio trotando do hall de entrada com a língua alegremente pendurada para fora da boca.

— Eu te odeio, Mordedor! — Alex berrou. Ela bateu no cachorro uma vez e ergueu a mão para repetir o gesto, mas Mordedor conseguiu fugir antes que apanhasse novamente.

— *Alex, a violência não resolve nada!* — a minha mãe gritou de novo. Ela apertou a minha irmã num abraço de urso, prendendo os bracinhos dela junto ao corpo.

— Talvez tenha sido um ladrão — Steve sugeriu mais uma vez naquele mesmo tom repleto de esperança. Como se ele quisesse muito, muito mesmo acreditar que um ladrão invadiria a nossa casa no meio da noite só para destruir o castelo da poesia da Alex.

Dei outro passo em direção a eles. A minha mãe, Steve e Alex se viraram na minha direção. Neil simplesmente continuou a chorar no ombro do pai.

— Bom dia, Elise — a minha mãe me cumprimentou. E pelo tom da voz eu podia dizer que ela não culpava Mordedor e não esperava que um ladrão fosse dar as caras para ser responsabilizado. A minha mãe sabia exatamente quem era a culpada.

Ela se levantou devagar e veio falar comigo. As palavras saíram trêmulas, quase inaudíveis.

— O que você tem a dizer sobre isso?

Eu me encostei na parede tentando me equilibrar.

— Eu só estava tentando...

— Tentando o quê? — a minha mãe perguntou, sarcástica. — Ferir a Alex? Me ferir? O quê?

— Protegê-la — eu disse. — Como uma irmã mais velha deve fazer.

A minha mãe soltou uma gargalhada amarga, cortante.

— Protegê-la — ela repetiu. — Não consigo acreditar nisso. Essa é realmente nova.

— Como você não consegue enxergar isso? — explodi. Neil parou de chorar. Ele alternava o olhar entre mim e a minha mãe, chupando um dos polegares, apesar de já ter parado de fazer isso havia mais de um ano. — Como você não consegue ver o que a Alex vai se

tornar se você deixá-la continuar com essas coisas? Que tipo de pessoa você acha que ela vai ser?

— Ela pode ser quem ela quiser — Steve respondeu.

— Não — discordei. — Ela não pode. Ninguém pode. E vocês não estarão fazendo nenhum favor à Alex ao dizer que ela pode fazer o que quiser porque é uma pessoa especial. Olhem pra mim. *Olhem* pra mim. Sou feia, ridícula e ainda me acho o máximo. Sou desajeitada e grosseira. Sou patética e inútil. Vocês acham que essa é a pessoa que *eu* queria ser?

Eu pisquei e por trás das minhas pálpebras tudo que eu podia ver era Char me dispensando mais uma vez.

— A Alex não precisa ter o melhor estande da feira do segundo ano — continuei. — Ela precisa de um choque de realidade, que as suas ambições sejam podadas, de alguns amigos que não sejam imaginários. E é isso que estou tentando dar pra minha irmã.

— Foi a Elise quem fez isso? — Os olhos azul-acinzentados da Alex se arregalaram quando ela finalmente descobriu do que estávamos falando. O rosto dela se contorceu num uivo silencioso e terrível. A minha mãe a abraçou ainda mais apertado.

— Você sinceramente acredita nisso? — a minha mãe me perguntou. — Que você é ridícula, inútil e todo o resto? Porque você não é, Elise. Você não é nada disso.

— Abra os olhos! — gritei. — Isso é exatamente o que eu sou. E estou tentando ser uma boa irmã mais velha, assim, em vez de duas filhas detonadas, você vai ter apenas uma. Sinto muito se você não gosta dessa situação, mas estou fazendo o meu melhor. E daqui a dez anos, quando a Alex estiver feliz, talvez você perceba que eu estava certa.

Eu não queria que Alex tivesse que perder alguém da mesma forma que perdi Char. Ela merecia algo melhor que isso.

— Elise, isso é inaceitável — Steve limpou a garganta. — No momento, não consigo ficar tranquilo com você perto dos meus filhos.

As palavras dele foram como um tapa na minha cara. Eu *era* filha do Steve. Já fazia nove anos que ele era meu padrasto. E desde que

o meu pai de verdade andava tão irritado comigo, Steve era o substituto.

— Do que você está falando? — sussurrei. De repente, as minhas pernas bambearam e eu me sentei no chão.

— Quero que você fique com o seu pai até que toda essa situação se acalme. — Steve esfregou um ponto de calvície na parte de trás da cabeça. — Talvez por algumas semanas. Desculpe, mas não posso deixar que você ponha os meus filhos em perigo.

*Os meus filhos.*

— Você vai ficar de castigo por um bom tempo, mocinha — minha mãe acrescentou. — Você só vai pra escola, depois vai voltar direto pra casa do seu pai e não vai sair mais. Ponto final. — Ela se virou para a minha irmã. — Vamos, docinho. Vamos lavar essas lágrimas.

Eu me pus de pé e me arrastei de volta para o meu quarto.

Fiz um favor para Alex. A longo prazo, isso a faria feliz. Eu tornaria a vida de todo mundo mais feliz.

Só que, naquele momento, eu não me sentia nem um pouco mais feliz. Se por acaso alguma coisa tinha mudado, havia sido para pior.

Perto da quinta-feira seguinte, véspera da minha primeira festa, tomei uma decisão: eu ia pular fora. Ia dizer ao Pete que eu não podia pegar aquele trabalho, eu não tinha experiência suficiente, não tinha habilidade técnica. E eu ia oferecer a festa para o Char. Pete tinha me dito que eu podia fazer o que quisesse nas noites de sexta e era isso o que eu queria.

Por eu estar de castigo, não via Vicky fazia uma semana. Os meus pais haviam tirado também o meu celular, então eu não tinha nem mesmo o número da Vicky para ligar para ela. De certa forma, dei graças a Deus por isso, já que eu sabia que, se contasse os meus planos para Vicky, ela ia tentar fazer com que eu mudasse de ideia.

Eu ia para a Start naquela noite e diria ao Char que ele estava certo: eu não era boa o suficiente para tudo aquilo e precisava dele.

E que ele podia ficar com as noites de sexta. Talvez até pudesse ser generoso e me oferecesse uma vaga como dj convidada. E tudo voltaria a ser como antes, quando as coisas ainda eram boas o suficiente, antes de eu estragar tudo tentando deixá-las ainda melhores.

Eu sabia que esse plano era o meu último recurso, muito atrasado, e que provavelmente não iria funcionar. Mas eu também sabia que tinha que tentar. Pois o que mais eu poderia fazer?

O meu primeiro obstáculo foi descobrir como ir da casa do meu pai até a Start numa quinta à noite. O meu pai havia tirado a semana de folga para que pudesse me monitorar com mais frequência. Eu não tinha permissão para sair de casa desde o que havia acontecido lá na minha mãe na última sexta. Não recebi nem mesmo permissão para falar no telefone com Alex.

O problema é que a casa do meu pai ficava a mais de catorze quilômetros da Start. Eu estava de castigo. E caía o maior toró, uma daquelas tempestades que antecedem o verão, quando parecia até que o Deus do Clima urrava para a gente: “Vocês nunca terão um dia de calor!”. Mesmo se eu quisesse sair escondida e andar catorze quilômetros, eu não teria como fazer isso.

Eu precisava de uma carona.

Depois do jantar, sentei na cama e repassei as minhas opções. Vicky não tinha carro. Nem Pippa. E, mesmo que tivesse, ela não me ajudaria em nenhum tipo de plano para reconquistar o Char. Pedir qualquer ajuda para ele estava obviamente fora de cogitação. Eu não tinha o telefone do Mel e, de qualquer forma, ele era adulto o suficiente para não concordar em me ajudar a fugir da casa do meu pai. Na verdade, sem o meu celular, eu estaria em maus lençóis se quisesse entrar em contato com *qualquer um* deles.

Não importa como pensei nisso, mas acabei tendo uma ideia. Ela não ia gostar nada dessa história, porém tempos de desesperos pedem medidas desesperadas.

Peguei o telefone fixo da casa do meu pai e aquele catálogo com os números de todo mundo da minha escola. E disquei.

— Alô?

— Preciso da sua ajuda — eu disse.

— Ah, graças a Deus — Sally comemorou. — Pensei que você nunca me pediria isso. Tudo bem. Primeiro: *você não está sozinha*. Segundo: *suicídio não é a solução*. E terceiro... Espere, esqueci. — A voz dela ficou abafada e a ouvi perguntar: — Chava, qual é a terceira coisa?

— Sally — eu disse —, não é esse tipo de ajuda que eu preciso.

— Oh. Espere. Do que mais você precisa?

— Você tem algum plano pra essa noite?

— *Amanhã tem aula* — Sally respondeu.

Fiquei em silêncio por um momento.

— Então isso é um não?

— A Chava está aqui — Sally explicou. — Estamos fazendo a lição.

— Ótimo. Vocês podem me buscar de carro aqui na casa do meu pai e me levar até um lugar?

— Hum... Por quê? — Quase pude ouvir Sally erguer as sobrancelhas.

— É que tem uma coisa que eu preciso muito fazer.

Sally baixou a voz.

— Tem a ver com drogas?

Suspirei, bem baixinho.

— Não tem nada a ver com drogas.

— Deixa eu perguntar pros meus pais.

Entreouvi alguns passos e uma conversa confusa e abafada. Alguns minutos depois, Sally voltou para a linha.

— Tudo bem.

— Aaaaah! — soltei um gritinho.

— Mas não posso pegar a estrada.

— Você não vai precisar.

— E não posso passar dos trinta quilômetros por hora.

Fiz uma pausa.

— Sally, os seus pais não vão *saber* se você dirigir a...cinquenta por hora!

— Eles me contaram uma história sobre um garoto que resolveu participar de um pega num dia de chuva e bateu o carro.

— Cruzes — eu disse.

— E ele morreu — Sally concluiu.

— Você me convenceu. Pode dirigir a trinta por hora. Vocês podem me buscar às dez? — Passei o endereço do meu pai para Sally e então acrescentei: — Mas você pode esperar na esquina em vez de esperar na porta aqui de casa?

Ela ficou em silêncio por um momento.

— *Tem certeza* de que isso não tem nada a ver com drogas?

— Absoluta.

Dei o endereço do meu pai para Sally, desliguei o telefone e entrei em ação. Falei para o meu pai que eu estaria no meu quarto descansando durante o resto da noite. As minhas palavras soaram como se eu estivesse tanto de péssimo humor quanto exausta, de forma que ficasse bastante claro para ele que eu não queria papo naquela noite. Então caminhei pela casa de pijamas, fazendo barulho, e fui escovar os dentes no corredor para ter certeza de que o meu pai tinha mesmo visto que eu estava pronta para ir para a cama.

— Boa noite, pai — eu disse antes de fechar a porta do meu quarto. Liguei a música e comecei a me arrumar.

Vesti a mesma roupa da primeira noite em que Char me beijou. Sentia que aquilo me traria boa sorte. Talvez, se ele me visse como naquela noite, se lembrasse de como se sentiu.

A última coisa que eu fiz como parte da minha preparação foi dar uma olhada no diário da Elise Falsa.

*17 de junho: hoje é a noite. não quero mais isso. desisto. adeus. bjs elise dembowski*

De certa forma, a Elise Falsa sabia do que estava falando. De certa forma, ela sempre sabia. Eu *estava* desistindo. Só que às vezes é preciso desistir de alguma coisa que você é para se tornar quem você quer ser.

Dei uma última conferida no espelho e sussurrei uma frase do meu diário falso: "*Hoje é a noite*". Peguei então o meu guarda-chuva de joaninhas e saí.

Foi fácil. Eu já tinha feito aquilo antes, só que por causa das minhas caminhadas. Estar oficialmente de castigo não dificultou em nada escapar pela minha janela no primeiro andar e depois pular até o térreo.

Com a cabeça baixa, corri em meio ao temporal até a esquina. Sally e Chava já estavam lá. A luz dos faróis cortava o aguaceiro. Eu me esgueirei pelo banco de trás da caminhonete dos pais da Sally.

— Muito obrigada, meninas — agradecei.

— Você está parecendo uma doida — Sally comentou ao conferir o meu visual.

— Mesmo assim está linda! — Chava acrescentou enquanto Sally começava a dirigir. Ela soltou um rápido suspiro de prazer. — Adoro dirigir à noite. Dá a sensação de que a rua é só sua, sabe como é?

— Sério? — perguntei. Não que dirigir fosse uma coisa tão estranha para se gostar de fazer. Só que nunca tinha me ocorrido quais seriam as coisas que Chava e Sally gostavam de fazer quando não estavam na escola.

— Uma vez — Sally sussurrou, olhando ao redor em busca de câmeras escondidas —, deixei a Chava dirigir esse carro. E ela tem só a carteira temporária.

— E vocês não se meteram em nenhuma encrenca? — eu quis saber.

— *Não!* — Chava exclamou e as duas começaram a dar risadinhas.

— Ei, meninas! — Eu atraí a atenção delas. — Obrigada.

— Pelo quê? — Chava perguntou.

— Por me darem carona essa noite. Eu realmente precisava dessa força.

Um imenso sorriso se abriu no rosto da Chava, como se ela tivesse esperado durante toda a vida que eu lhe dissesse aquilo.

— É isso que as *amigas* fazem — Sally pronunciou as palavras devagar, como se explicasse algo para uma criança com dificuldade de audição. — Elas ajudam umas às outras.

Eu não sabia muito sobre amizade. Só que quanto mais amigades eu acompanhava de perto — com Vicky, Pippa, Felipe e Char —,

mais eu suspeitava que tinha uma noção sobre o que ela estava falando.

— Olha, Elise. — A voz da Sally não deixava escapar nenhuma emoção. — Sabemos que você se acha boa demais pra gente.

Chava balançou a cabeça concordando e também sem nenhuma expressão no rosto.

— O que foi? Vocês também leram isso no meu pseudodiário? — perguntei.

— Não — Sally disse. — Só que não somos *idiotas*. Tudo bem, não somos populares, mas também não somos cegas.

— Não acho que eu seja boa demais pra vocês — comecei, mas as duas agiam como se eu tivesse permanecido calada.

— E você está claramente nos usando nesse exato momento — Sally continuou.

— Só porque a Sally tem carteira de motorista — Chava acrescentou.

— É, por causa da minha carteira.

Eu não tinha argumento contra essas afirmações porque eram todas verdadeiras. Eu tratava Sally e Chava do mesmo jeito com que Amelia e as amigas tinham agido comigo: como se elas fossem descartáveis. A única diferença é que nunca fiz com que elas limpassem o meu lixo.

— Desculpe — eu disse.

Elas deram de ombros ao mesmo tempo.

— Com toda a sinceridade? — Chava começou. — Está tudo bem. Na verdade, a gente não liga.

— Como assim?

— Gostamos de você — Chava simplesmente disse. — Você é interessante. — E mais que depressa acrescentou: — Mas interessante de um jeito bom, é claro.

— Eu não pediria permissão aos meus pais pra usar o carro *numa noite de semana* se eu não gostasse de você — Sally explicou.

— Eu também gosto de vocês — declarei e percebi que, de certa forma, isso era verdade. Eu não sentia por Sally e Chava o mesmo que por Vicky. Isso jamais rolaria. Elas nunca *me conquistaram* como Vicky. E, com toda a sinceridade, eu também não tinha conquistado

nenhuma delas. Só que mesmo assim isso não me impedia de gostar daquelas duas.

— Nós sabemos disso. — Chava balançou a cabeça como se compreendesse muitas coisas. — Você só manda mal na hora de demonstrar que gosta das pessoas. E isso é tudo.

Enquanto passávamos pela rua ladeada por galpões rumo à Start, Sally murmurou:

— Tipo, não há *ninguém* por aqui.

Só que ela estava errada.

Um pequeno grupo de pessoas estava reunido no final do beco esperando que Mel as deixasse entrar na Start. O lugar seria desolado e vazio se não fosse pela galera com os seus guarda-chuvas coloridos que se destacavam como um castelo da poesia num campo de caixas de papelão. Sally diminuiu a velocidade do carro e observamos as meninas que davam risadinhas de cima dos seus saltos ou tênis coloridos. Os garotos de galochas que pulavam nas poças da rua. O casal que dividia um único guarda-chuva. Eles se beijavam, com os corpos pressionados um contra o outro, apoiados num muro de concreto.

Vi Sally olhar para o seu jeans largo e o moletom grande demais e depois voltar a contemplar o que acontecia do outro lado da janela.

— Quem são eles? — ela quis saber.

Pensei em todas as respostas possíveis para aquela pergunta. Estudantes. Artistas. Dançarinos. djs. Guitarristas. Fotógrafos. *Bartenders*. Designers. O povo da balada.

— Pessoas — respondi.

— Que lugar é esse? — Chava perguntou.

Lembrei que nunca fui capaz de explicar para ninguém o que era a Start, mas a minha resposta acabou saindo de uma maneira simples e clara:

— Se chama Start. É a maior festa underground do mundo.

Uma ruga surgiu na testa da Sally.

— Por que nós estamos aqui?

— Bem... — Eu ajeitei a minha saia. Eu não queria explicar sobre Char, não naquele momento, então optei pela explicação mais fácil.

— Porque eu discoteco aqui.

— Você é dj de uma festa underground? — Chava soltou um gritinho.

— Só às quintas — respondi com tristeza.

— Você nunca mencionou isso no seu blog — Sally me acusou.

— Sally, faz semanas que eu te digo a mesma coisa: *eu não escrevo um blog*.

Ainda assim ela continuava chocada.

— Mas você também nunca mencionou isso *pra gente*.

— Eu sei. — Acariciei o pulso esquerdo. — Vocês nunca quiseram ter só um segredinho sobre vocês que ninguém mais soubesse, que ninguém pudesse estragar?

Sally simplesmente continuou a olhar pela janela para a fila na porta da Start e não respondeu. Quando eu estava prestes a dizer “Deixa pra lá”, ela abriu a boca:

— Eu tenho um namorado.

Parei de acariciar o pulso.

— O quê?

— Você está falando do Larry Kapur? — Chava parecia estar tão surpresa quanto eu.

— Não. — Mesmo no escuro, pude ver Sally ficar vermelha. — É um namoro on-line. Nunca o vi pessoalmente. Ele mora na Califórnia. Mas trocamos mensagens o dia todo. Vamos fazer um ano em agosto.

— Como você nunca me contou isso? — Chava exigiu.

— Não quero falar sobre isso — Sally disse. — Eu só estava falando que... Bem, eu entendi. Sobre ter uma parte da sua vida em segredo para que ninguém possa tirar isso de você. — Ela olhou para as próprias unhas curtas e sem esmalte. Sally uma vez me disse que o único esmalte que tinha permissão para usar eram os clarinhos e, como ela mesma observou, qual era o sentido de pintar as unhas de cor da pele?

— Vocês querem entrar na Start? — Do nada, eu convidei as duas. Eu queria lhes dar alguma coisa em troca pelo que elas me ofereciam, não apenas pela carona naquela noite, mas por todas as outras paradas que eu não tinha valorizado: me deixar sentar com

elas quando eu não tinha ninguém, me receberem tão bem no grupinho delas quando todas nós sabíamos que elas não precisavam de mim. — Eu sou a dj — continuei. — Aposto que o segurança não vai ligar se eu levar algumas amigas menores de idade.

Chava olhou para Sally toda cheia de esperança, mas ela fez que não com a cabeça.

— Eu tenho hora pra voltar pra casa.

Assenti como quem entendia a situação e abri a porta.

— Obrigada mais uma vez por me trazer aqui.

— Sem problema — Sally me disse.

Saí do carro e observei enquanto elas se afastavam a trinta quilômetros por hora. A minha amiga Sally estava traindo Larry Kapur. O mundo era mesmo um lugar estranho.

— Você chegou cedo hoje — Mel comentou quando alcancei a porta da Start. — Bem, pros seus padrões, quero dizer.

Dei de ombros.

— Mal posso esperar pra sua apresentação amanhã — Mel continuou. — A divulgação on-line teve um resultado fantástico. Tudo por causa da jovem e vibrante dj sensação da Start, Elise Dembowski, que veio do nada pra fama na vida noturna. Tenho certeza de que você já viu alguma das matérias. Eles pegaram umas fotos suas incríveis do site do Tommy Flash.

— Não — eu disse com o coração apertado. — Não vi nada.

— Vá procurar o que estão falando sobre você, querida!

— Mel... — respirei fundo. — Acho que eu não vou fazer a festa de amanhã.

— Por quê?

— Não acho que eu... tenha técnica suficiente. Quero dizer, não sou boa o bastante, provavelmente... — As palavras foram sumindo do meu cérebro e eu esperava que Mel completasse as lacunas.

Eu não estava sendo nem um pouco convincente. Quando fosse falar com Char e com Pete, teria que estar muito mais convencida da minha incompetência como dj.

Mel fez cara feia.

— Meu bem, quando você chegou aqui naquele dia e eu perguntei se você tinha talento ou problemas, lembra do que você

me respondeu?

Fiz que sim com a cabeça e engoli em seco.

— Os dois.

— Então por que você está deixando os seus problemas ficarem no caminho do seu talento?

— Mel, é o que eu quero.

Quando entrei, Char estava sozinho na cabine do dj. Achei que era muito cedo para Vicky ou Pippa já terem chegado e dei graças a Deus por isso. Seria mais fácil se a coisa ficasse apenas entre mim e Char.

Fiquei parada por um momento no fundo da pista, observando Char. Era cedo e quase ninguém dançava. Os olhos dele estavam focados no computador e ele afastou da testa um dos cachos do cabelo. Eu podia ver os seus dedos tamborilando a batida da música na mesa diante dele.

Pensei uma última vez como seria dali a vinte e quatro horas, na minha apresentação. Se fosse eu que estivesse ali, tamborilando na mesa a batida de uma música. Se Char estaria no meio do público, me observando, balançando o corpo no ritmo da música que eu tocava.

Pela última vez, dei adeus a tudo aquilo e comecei a caminhar em direção à cabine.

*Um pé na frente do outro até você chegar nele. Abra a boca e fale tudo pro Char. Diga simplesmente que você desistiu. É fácil. Se a Elise Falsa também desistiu, você pode muito bem fazer a mesma coisa.*

Eu já estava quase na cabine do dj, quase alcançando Char, quando senti uma mão agarrar o meu ombro. Eu me virei e o globo de espelhos lá no teto iluminou o homem atrás de mim.

Era o meu pai.

Calm down my heart, don't beat so fast,  
don't be afraid, just once in a lifetime.

"Once in a lifetime", Wolfsheim

17

— O que você está fazendo aqui? — perguntei ao meu pai.

— O que você está fazendo aqui? Vamos pra casa.

Ele me empurrou para fora da Start. Passei por Mel e o meu pai me enfiou dentro do carro. Se Char percebeu que eu estava lá ou que fui embora, eu não sei. Nem cheguei a falar com ele.

— Como você me achou? — perguntei.

O meu pai me ignorou e tirou o celular do bolso.

— Danielle — ele falou com a minha mãe. — Encontrei a Elise. — Ele fez uma pausa. — Não, ela está bem. — Outra pausa. — Tudo bem. Vejo você lá.

Ele desligou e olhou fixamente para a rua. Os limpadores do para-brisa se moviam, furiosos, de um lado para o outro.

— Papai, me desculpe. Desculpe por ter fugido de casa. Desculpe por ter mentido pra você. Desculpe, estou tão... — Comecei a chorar. — Desculpe — eu repetia sem parar. — Me desculpe mesmo.

Quando estacionamos na casa do meu pai, a minha mãe já esperava dentro do carro dela. Ela pulou para fora e correu pela chuva para se juntar a nós na porta da frente.

Largamos os guarda-chuvas e sapatos molhados na porta e fomos para a sala. A minha mãe sentou numa poltrona e o meu pai em outra. Eu fiquei sozinha no sofá. Percebi que a minha mãe observava a sala. Eu não sabia se ela já havia estado antes na casa do meu pai. Eles quase nunca se viam, pois não tinham motivos

para isso. Os dois estiveram na minha formatura do ensino fundamental dois anos antes. E no hospital no primeiro dia daquele ano letivo. Eles só se encontravam em ocasiões importantes.

Mas lá estávamos os três, sozinhos, juntos. Igualzinho a uma família de verdade.

Eu ainda chorava, mas parei quando o meu pai abriu o laptop dele e me mostrou a tela.

— Isso soa familiar pra você?

Era o Diário Supersecreto de Elise Dembowski.

O meu estômago revirou.

— Sim.

— Por volta das dez da noite de hoje — o meu pai explicou —, recebi uma ligação de uma menina que, apesar de parecer muito legal, estava em pânico. O nome dela é Amelia Kindl. Ela me contou que não conhecia você muito bem, mas que tinha lido uma coisa na internet que a deixou preocupada. Ela me deu o endereço de um blog, dizendo que não sabia se aquilo era sério ou não, mas que estava com medo. Agradei e fui conferir o site que ela me passou. E foi isso o que eu achei. — Ele leu em voz alta. — Dezessete de junho. Hoje é a noite. Não quero mais isso. Desisto. Adeus. Beijos, Elise Dembowski.

— Ah, meu Deus — sussurrei.

— Como você acha que eu fiquei? — o meu pai me perguntou.

— Preocupado? — sugeri.

— Elise, “preocupado” não serve nem pra começar a descrever como eu me senti. Se alguma coisa acontecesse com você, eu literalmente não conseguiria seguir em frente. Corri lá pra cima e abri a porta do seu quarto, sem fazer a menor ideia do que ia encontrar. Eu estava apavorado. E o que eu achei foi... nada. O quarto estava vazio. Foi então que eu liguei pra sua mãe. Ela não ficou nada feliz por ter sido acordada no meio da noite.

— Só porque eu não sabia o motivo da sua ligação — a minha mãe retrucou. — Assim que o seu pai me explicou o que estava acontecendo, despertei na mesma hora.

— Não sabíamos onde você estava — o meu pai continuou. — Tudo o que sabíamos era que você tinha deixado um bilhete de

suicídio na internet e depois desapareceu.

— Ainda não entendi como ela conseguiu sair sem que você percebesse — a minha mãe disse para ele.

— Ela falou que estava indo pra cama — o meu pai se defendeu.

— E você *não ouviu* nada? Você espera que eu acredite que ela escapou de casa no mais absoluto silêncio?

— Eu não fiquei sentado na porta do quarto dela a noite inteira, pronto pra arrombar a porta se ouvisse qualquer som que não fosse o dos roncos. Acredito que as crianças precisam de um pouco de privacidade.

— Ela estava de castigo. De quanta privacidade uma garota de castigo precisa?

— Como vocês me encontraram? — interrompi a discussão. Não havia nada de interessante nas brigas dos meus pais. Eu já tinha ouvido tudo aquilo antes.

— Em outro site. Tommy Flash? — O meu pai fez um gesto no ar com as mãos como se abrisse e fechasse asas. — Você estava com essa página aberta no seu computador e vi fotos suas numa grande festa. E então fui até o endereço que estava no site. Eu não sabia se você ia estar lá. Foi só uma esperança.

*Muito obrigada, Tommy Flash.*

— Então provavelmente você quer saber o que eu estava fazendo naquela festa, né? — perguntei num tom bem idiota.

— O que nós *precisamos* saber — a minha mãe me corrigiu — é se esse diário é seu.

— Não fui eu quem escreveu isso — contei a eles.

— Foi o que eu pensei — o meu pai murmurou.

A minha mãe olhou feio para ele.

— O que foi? — ele quis saber. — A garota no site do Tommy Flash não é a mesma que escreveu as entradas desse diário. Elas são totalmente contraditórias. E ela já esteve nessa festa várias vezes. Vi as fotos no site. Desculpe por lhe informar isso, Danielle, mas a sua filha também já fugiu da *sua* casa antes. Mais de uma vez.

A minha mãe piscou depressa, mas mesmo assim agiu como se o meu pai não tivesse falado nada.

— Então quer dizer que você não fugiu essa noite com a intenção de se matar?

— Não!

— E você não... nos odeia? — ela continuou.

Mordi a minha língua para não xingá-la.

— Por acaso o blog diz que eu odeio vocês?

Ambos fizeram que não com a cabeça.

— Não — eu disse. — Vocês são os meus pais. Não odeio vocês.

— Então você não deveria fugir de casa, Elise — minha mãe argumentou. — É perigoso. Sem mencionar que se trata de uma falta de respeito enorme. O seu pai e eu impomos regras e esperamos que você as siga. Quando eu digo que você está de castigo, preciso que você me leve a sério.

— Desculpe — sussurrei.

— Quantas vezes você saiu de casa no meio da noite? — a minha mãe quis saber.

— Eu... não sei. Várias, eu acho.

— E você sempre ia pra essa... — Ela apontou para o laptop do meu pai na falta de uma palavra que descrevesse a Start — ... esse lugar de festas?

— Não. — Eu nunca tinha falado aquilo para ninguém, nunca tinha dado explicações sobre as minhas saídas noturnas para quem quer que fosse. Não sabia nem por onde começar. — Às vezes eu só queria dar uma caminhada. Eu não estava tentando magoar ou desrespeitar vocês, nem nada do gênero... Isso não tem nada a ver com vocês. É que eu amo ir na Start. De verdade. Só isso.

— E o que eu quero saber é o seguinte. — O meu pai começou a tamborilar os dedos no computador. — Se não foi você quem escreveu esse blog, quem foi? E por quê?

— Não faço a menor ideia — respondi.

— Então — o meu pai disse — é isso que realmente precisamos descobrir.

Quando entrei na cozinha na manhã seguinte, o meu pai não apenas estava acordado e lendo o jornal, como também vestia um

terno. A última vez que vi o meu pai vestido daquele jeito foi no enterro da mãe dele.

— Deixe-me adivinhar. — Peguei uma banana. — Você está começando uma nova carreira como corretor de imóveis.

Ele ergueu os olhos do jornal.

— Quero que o pessoal da sua escola me leve a sério quando eu for lá transformar a vida deles num inferno. Olha só. — Com todo o cuidado, ele me passou um recorte de jornal por cima da mesa.

Era uma nota breve, mais um tijolinho dos eventos do dia que uma matéria de verdade. Dizia apenas que haveria uma nova festa de música *indie*, *new wave* e soul, dos mesmos produtores da Start, e que o grande destaque era a promissora dj prodígio Elise Dembowski. E acima do texto havia uma foto colorida minha. Era pequena, mas me mostrava, inconfundível, atrás das pickups.

Não era a primeira vez que eu aparecia no jornal da cidade. Participar de alguma matéria da *Gazeta de Glendale* não é nada assim tão extraordinário. Isso pode acontecer por motivos muito menos importantes que discotecar numa festa realizada num galpão. Fui mencionada no jornal quando venci o concurso de soletração no oitavo ano e antes disso, no quinto ano, quando fui uma das jovens voluntárias na campanha para prefeito de um amigo do Steve. O meu pai havia recortado todas essas notícias e eu ainda as guardava numa das gavetas da minha cômoda. Aquela não tinha sido a primeira vez.

Mas era a melhor.

— Então foi por isso que você quis a aparelhagem de dj, né? — O meu pai não tirou os olhos do jornal. — Muito espertinha. Agora, você estava planejando me contar que vai sair hoje à noite ou ia fugir de novo?

— Eu... — Esfreguei os olhos. — Nenhuma das duas opções. Eu estava pensando em não ir.

— Porque a sua mãe ia ter um ataque se soubesse que a filha menor de idade estava numa casa noturna?

— Porque... é complicado, pai.

— Tente me explicar. Sou um cara relativamente esperto.

É, o meu pai era mesmo esperto. Esperto o suficiente para me matar se eu dissesse a ele que estava ficando com um cara que é três anos e meio mais velho que eu. Por isso, respondi:

— Porque algumas pessoas não querem que eu toque. E elas têm bons motivos pra isso.

— O ponto de ser um artista — o meu pai dobrou o jornal e o depositou em cima da mesa — é que sempre haverá pessoas que irão querer que você pare com a sua arte. Só que em geral isso diz mais a respeito deles e dos seus problemas do que sobre você e a sua arte. Acredite em mim. Sou músico desde que era mais novo que você. E se eu recebesse um centavo de cada pessoa que me disse que os Dukes já eram, que a gente deveria parar de tocar, que eu devia fazer alguma coisa produtiva com a minha vida, que eu nunca seria tão bom quanto esse ou aquele outro baixista... bem, hoje em dia eu estaria rico o suficiente pra comprar alguma coisa bem cara pra você. Mas essas pessoas *não me conhecem*. Por isso eu simplesmente continuo a tocar a minha música. É isso que tenho feito nos últimos quarenta anos e sempre funcionou pra mim.

— Então quer dizer que você está me falando que eu *deveria* fugir de casa essa noite pra discotecar num galpão?

O meu pai soltou uma risadinha.

— Nos seus sonhos! Não, Elise. Tudo o que eu estou dizendo é que você não deve deixar que ninguém tome decisões sobre a sua vida no seu lugar. — Ele se levantou e apertou o nó da gravata. — Vamos embora.

O meu pai me levou para a escola. Encontramos a minha mãe no estacionamento e, juntos, fomos para o gabinete do diretor.

É claro que o diretor não podia falar com a gente. Ele nunca fala com ninguém, pois é muito importante para essas coisas. Em vez disso, nos reunimos com o vice-diretor, o senhor Witt, mais famoso pela maneira primorosa como lidou com a crise entre Jordan DiCecca, Chuck Boening e o meu iPod. Os meus pais mostraram ao senhor Witt o Diário Supersecreto de Elise Dembowski e explicaram o que estava acontecendo.

— O que o senhor vai fazer a respeito? — o meu pai quis saber.

O senhor Witt sugeriu as seguintes opções:

Muito provavelmente eu *de fato* tinha escrito aquele diário, mas, como os meus pais haviam descoberto, eu agia como se não tivesse feito nada disso para não me meter em encrenca.

Mesmo que de alguma forma eu não tivesse escrito o blog, não havia motivos para acharmos que o autor era um aluno da Escola Glendale. Podia ser qualquer pessoa do mundo! Na verdade, o blog podia até mesmo se referir a *outra* Elise Dembowski!

A Escola Glendale tinha tolerância zero para o *bullying* e por isso era impossível que qualquer um dos oitocentos e cinquenta anjinhos que estudavam lá fosse o culpado.

— Entendo o que o senhor quer dizer — a minha mãe retrucou —, mas tenho que discordar. Apreciaria muito se o senhor conduzisse uma investigação de verdade sobre o assunto. Isso é assédio. Isso é *bullying*. Precisamos saber que a escola está levando o ocorrido tão a sério quanto nós.

— Se algum dos nossos alunos for o responsável por esse blog, vamos descobrir — o senhor Witt prometeu num tom típico de alguém que tinha apenas mais uma semana de trabalho antes das férias e depois disso só precisaria se preocupar com as questões de adolescentes em setembro.

Após essa reunião, os meus pais deixaram o problema nas mãos hábeis do senhor Witt e foram para o trabalho.

— Busco você às três e vamos pra feira da escola da Alex — a minha mãe informou antes de ir embora.

Eu pisquei.

— Não estou mais de castigo?

— Muito pelo contrário, mocinha. É claro que você ainda está de castigo. Mas você vai à feira da Alex.

— Por quê? — perguntei.

— Porque você disse que queria ser uma boa irmã mais velha e *isso* é o que as boas irmãs mais velhas fazem. — Ela me deu um abraço rápido. — Tenho certeza de que o senhor Witt vai resolver essa questão.

Eu tinha certeza de que ele não resolveria nada, mas pus um sorriso no rosto e dei tchau para a minha mãe.

Enquanto eu ia para o refeitório algumas horas depois do encontro com o senhor Witt, já me preparava para as perguntas de Chava e Sally sobre a Start. Só que não me preparei para o fato de haver mais uma dezena de pessoas na nossa mesa quando fui me sentar.

Emily Wallace escapuliu para o meu lado. Algumas das suas amigas se juntaram a ela. E é claro que aonde Emily Wallace ia, os garotos iam atrás. Um cara que um dia desses me chamou de "sapata" se sentou ao lado da Chava, que parecia estar prestes a desmaiar. Um grupo de outros meninos que vestiam camisetas, calças esportivas e outras peças de roupa que ostentavam a inscrição lacrosse — glendale também se amontoaram à nossa volta.

— O que está acontecendo? — Olhei ao redor em busca de uma rota de fuga. Procurei pelo inspetor do refeitório.

— Nada — uma das garotas respondeu. — Só viemos comer com você.

E você pode até pensar que eu fiquei feliz por ter a galera popular sentada na minha mesa, como se as coisas finalmente estivessem acontecendo para mim, que naquele momento a minha sorte mudaria e os próximos passos seriam ser rainha do baile, presidente do grêmio e sair com três garotos ao mesmo tempo!

Só que não era aquilo o que eu queria. Nunca foi. Melhor deixar esses sonhos para Sally e Chava. Jamais quis popularidade. Eu só queria ter alguns amigos.

— Atum. — Uma outra menina apontou para o meu sanduíche. — Excelente escolha.

— É mesmo — outra concordou. — Queria ter trazido sanduíche de atum hoje.

Olhei para Sally e Chava e ergui as sobrancelhas o mais alto que fui capaz, como se dissesse: *Isso é esquisito, né?* Mas Sally e Chava estavam ocupadas demais sorrindo de orelha a orelha para os nossos convidados, como anfitriãs desesperadas que não tinham certeza se teriam pessoas suficientes para começar a festa.

— Eu também queria ter trazido atum — Chava contribuiu.

A conversa continuou nesse tom por mais alguns minutos até que um dos meninos menos discretos, que obviamente não

conseguia mais segurar o suspense, explodiu:

— Eu te vi no jornal!

— É, eu também. — Comi um pedaço do meu sanduíche e eu podia garantir para aquelas meninas: era o sanduíche de atum mais maravilhoso que já tinha dado o ar da graça no refeitório da Escola Glendale. Eu me perguntei o que aquelas pessoas que não entendiam nada teriam a dizer sobre a Start.

— Você vai mesmo a essas festas nos galpões? — quis saber outro cara.

— É claro que ela vai — o primeiro retrucou. — Tinha uma *foto* dela lá.

— A Chava e eu deixamos a Elise de carro lá ontem à noite — Sally informou, toda orgulhosa. — Ela estava de castigo, por isso teve que fugir de casa. E eu fui a piloto de fuga.

— Que maneiro! — uma garota disse para Sally num tom que dava a entender que ela realmente tinha admirado aquele ato. Sally abriu o maior sorriso. A menina se virou para mim. — Então você é mesmo dj dessa festa?

Tentei sorrir enquanto os muros que eu construía entre a Start e a escola, a minha vida real e a minha vida de sonho, vinham abaixo tijolo por tijolo, a golpes de tacos de lacrosse e pincéis de rímel.

— Eu já fui ver a Elise lá uma vez — Emily entrou na conversa. Todos os olhos se voltaram para ela. — Galera, foi *muito* mais animado que o baile da escola.

Todos soltaram murmúrios de aprovação e inveja do estilo de vida da Emily.

— Mas e então, como você conseguiu isso? — um dos meninos me perguntou. — O que eu quero dizer é: por que *você*?

— Não sei. Um golpe de sorte? — Só que aquilo era mentira e eu não podia insistir nesse tipo de história. Eu simplesmente não podia deixar as coisas daquele jeito. — E sou muito boa no que faço — acrescentei.

*Ah, você acha que é tão boa. Você acha que é tão especial. Você acha que é tão melhor que todas as outras pessoas.*

Só que ninguém falou nada disso. Era só a minha mente.

— Só tem uma coisa que eu não entendo — Emily começou e mais uma vez todo mundo se virou para ouvi-la. — Por que você escreve aquele blog superdeprimente sobre como ninguém gosta de você, o mundo inteiro te odeia e todo esse blá-blá-blá quando na verdade você é uma dj? Eu não reclamaria tanto da vida se fosse você.

— Ah, essa é fácil — respondi. — Porque na verdade não sou eu quem escreve aquele blog.

Emily ficou calada por um único segundo e depois continuou:

— Ah, sim. Isso faz muito mais sentido.

O senhor Witt não conseguia acreditar que alguém escreveria um blog fingindo ser eu porque ele é um adulto e os adultos não fazem coisas desse tipo. E Amelia Kindl não conseguia acreditar porque era uma boa menina e boas meninas também não fazem essas coisas. Mas Emily Wallace acreditou logo de cara. Porque ela é uma menina má, e por isso sabia exatamente todas as coisas que as meninas más costumam fazer.

— Se não é você, então quem é? — uma das amigas da Emily perguntou.

— Não faço a menor ideia — eu disse. — Supostamente o senhor Witt está tentando descobrir.

Todos na mesa soltaram uma risadinha de desdém ao ouvirem essa.

— Ah, até parece — uma das meninas comentou. — Aposto que ele vai mesmo fundo nessa investigação.

— Lembra da vez em que ele achou que eu tinha roubado o telefone do Colin? — disse um dos meninos. — O senhor Witt não sabe porra nenhuma sobre como essa escola funciona.

— Ah, mas nos conte mais sobre a Start — uma das meninas pediu. — Fica escondida num galpão, né? Como você descobriu esse lugar?

E então eu contei a eles. Falei sobre a Start durante o intervalo, mas só as partes seguras: que tipo de som a gente tocava e como as pessoas se vestiam. Não toquei nos nomes do Char, da Vicky nem de ninguém em especial. Sally e Chava compartilhavam, encantadas, os seus palitinhos de aipo com todos os nossos convidados e

contribuíam para a história sempre que podiam, dizendo paradas como: “É, a Elise sempre gostou muito de música!” e outras coisas do tipo.

Essa sensação de poder era boa. Eu tinha alguma coisa ou sabia de algo que aquela galera queria. E por esse motivo eles me tratavam com respeito. Eles tinham visto que eu não era aquela pessoa que eles acreditavam conhecer, por isso me tratavam de forma diferente, de acordo com a nova Elise que eles pensavam que eu era. Talvez fosse essa a sensação de ser popular o tempo todo.

Só que poder não era amizade. E aquelas pessoas não eram minhas amigas.

Quando o sinal tocou, todo mundo levantou para jogar o próprio lixo fora. Mas, antes que eu pudesse deixar a mesa, Sally e Chava me pegaram. Cada uma delas agarrou um dos meus braços.

— Obrigada — Sally sussurrou.

— Foi o melhor intervalo que eu já tive — Chava também falou bem baixinho.

Acho que no fim das contas consegui dar alguma retribuição para elas.

— Obrigada, meninas. Também foi o meu melhor intervalo.

Durante a última aula, os alto-falantes da escola ganharam vida.

— Elise Dembowski, por favor, compareça ao gabinete do senhor Witt — uma voz estática informou. — Elise Dembowski, por favor, compareça ao gabinete do senhor Witt.

Todo mundo na aula de história fez “Oooh”, que é uma reação apropriada apenas para as ocasiões em que um dos seus colegas de classe é chamado na sala do vice-diretor.

Não sabia o que iria encontrar no gabinete do senhor Witt. Mas o que eu sabia é que *não* esperava encontrar a amiga da Amelia Kindl lá. Aquela que tinha ganhado um prêmio pelo documentário sobre convenções de fãs de múmias.

— Ah, e aí? — eu a cumprimentei e então me virei para o senhor Witt. — Oi de novo.

— Elise, temos uma coisa importante para discutir com você. Marissa, você gostaria de começar? — ele fez um gesto para a garota de *Enfaixados*, que era o nome do documentário dela.

A cara da garota já estava quase tão vermelha quanto o cachecol de crochê que ela usava quando começou a falar num tom mecânico.

— Eu queria me desculpar. Pelo blog. O Diário Supersecreto de Elise Dembowski.

— O quê? — perguntei.

Ela olhou para o senhor Witt e ele fez que sim com a cabeça.

— Eu sou a autora — ela murmurou.

— Você... — Eu a encarei.

Ela era baixinha, com cabelo chanel e óculos de gatinho. As unhas das mãos eram bem curtas, com o esmalte lascado, e as pontas do tênis All Star que ela usava estavam arranhadas.

— *Você* escreveu aquelas coisas? Por quê? Você nem me conhece. Eu nem sabia o seu *nome* até dois segundos atrás. — Respirei fundo. — Como assim, você nem me conhece e me odeia a ponto de fazer uma coisa dessas?

Ela se levantou e mesmo assim ficava alguns centímetros abaixo de mim, que continuava sentada.

— Isso é pós-modernismo. — Ela pronunciou a última palavra como se estivesse conversando com alguém que tinha acabado de aprender a falar. — É um trabalho de arte experimental.

— Isso não é arte — informei a ela. — É a porra da minha *vida*.

— Olhe o vocabulário, Elise.

— O senhor quer um bom vocabulário? — rebati. — Que tal esse aqui? “Ninguém gosta de mim. Por que *alguém*, *algum dia*, gostaria de mim?” Esse *vocabulário* soa familiar pro senhor?

Um sentimento cresceu dentro de mim, tão intenso que parecia até que ia escorrer pela minha boca e pelo meu nariz. Era algo violento, mas nada com que eu estivesse acostumada, que levei um momento para identificar o que era aquilo.

Eu sentia raiva. Só que não era de mim mesma, mas de outra pessoa.

— O blog é um exercício narrativo — Marissa apelou para o senhor Witt. — Tentei dar voz a outra pessoa, ver o mundo através dos olhos dela.

— Não *ouse* me dizer o que se passa pela minha cabeça — avisei.

— Estou usando o blog como parte da minha inscrição para a Bolsa Gutenstein de Apoio à Arte — Marissa explicou ao senhor Witt. — Eles gostam muito desse tipo de coisa. Dar voz aos que não podem se expressar. Peço desculpas se você não gostou do que eu escrevi, Elise, mas você precisa se lembrar de que nada daquilo é realmente sobre *você*. É sobre um personagem que por acaso tem o seu nome.

— Marissa — o senhor Witt interveio —, isso é *bullying* e aqui, na Escola Glendale, levamos esses casos extremamente a sério.

Essa era novidade para mim.

— Vou chamar os seus pais para que possamos discutir como proceder — ele continuou. — Mas, por ora, posso dizer que você está suspensa e essa informação irá entrar no seu histórico escolar. Você vai tirar o blog do ar e substituí-lo por uma postagem com uma explicação sobre o que você fez e um pedido de desculpas. O conteúdo dessa mensagem deve ser aprovado por mim antes de ser publicado. Você não está autorizada a participar da cerimônia de formatura nem do Baile de Verão do primeiro e do segundo anos. E a escola não irá mais apoiar a sua inscrição para a Bolsa Gutenstein.

— O quê? — ela soltou um grito. — O senhor está falando sério?

— Totalmente. Agora, vamos deixar que a Elise prossiga com o dia dela enquanto você fica aqui para resolvermos essa situação. Mas, antes que a Elise vá embora, há alguma coisa que você queira dizer a ela?

Marissa permaneceu imóvel por um momento. A boca se mexia como se tentasse descobrir quais palavras deveriam ser ditas. Por fim, ela se decidiu.

— Ninguém nessa escola admira os artistas.

— Dá um tempo! — E saí da sala.

E o que percebi naquele momento, quando dei as costas para a voz por trás da Elise Falsa, foi o seguinte: às vezes, as pessoas

acham que sabem quem você é. Elas sabem de algumas poucas coisas a seu respeito e juntam essas peças de uma forma que faça sentido para elas. E, se você não se conhece muito bem, pode até acreditar que elas estão certas. Mas a verdade é que essa imagem não representa quem você é. Ela não tem nada a ver com você.

Só faltavam alguns minutos para o final da última aula, assim, não vi nenhum sentido em voltar para a sala. Em vez disso, fui para o lado de fora esperar pela minha mãe. Fiquei parada por um momento num dos imensos degraus de pedra que levavam até a escola, com o rosto voltado para o sol de quase verão. E eu sorria. Porque tinha descoberto quem era a Elise Falsa. Ficamos cara a cara. E ela não era *ninguém*.

Ouvi uma voz atrás de mim.

— O senhor Witt falou com você?

Eu me virei e vi Emily. Sozinha. Duas coisas que não combinavam nem um pouco.

— Falou, sim — respondi.

— Legal. — Ela saiu de trás da sombra do prédio da escola e imediatamente pôs os óculos Gucci. — Eu contei pra ele.

— Pro senhor Witt?

— É. contei a ele quem escrevia o blog.

— Você sabia? — Eu estava surpresa por uma pessoa como Marissa discutir a merda dos dons artísticos que ela supostamente possuía com alguém como Emily.

— É claro que não. — Emily fez uma careta como se tivesse comido um pedaço de carne crua. — Nunca falei com aquela garota. Ela é uma esquisita. Eu apenas descobri.

— Como?

— Ora, “como”! Da mesma forma que as pessoas sabem das coisas. Eu perguntei. E as pessoas me contam tudo.

— Bem — limpei a garganta. — Obrigada, Emily. Isso foi mesmo... muito gentil da sua parte. Estou surpresa. Valeu, de verdade.

— Você deve estar imaginando o que eu quero em troca — Emily disse e imediatamente qualquer crédito que eu havia dado à sua surpreendente generosidade caiu por terra.

— Agora estou. — Fechei os olhos por um momento. Se existia uma coisa que eu jamais tinha desejado era vender a minha alma para Emily Wallace.

Emily virou a cabeça para olhar ao redor, como se para ter certeza de que ninguém nos ouviria. Ela então se aproximou de mim e sussurrou:

— Quero ir à sua festa hoje à noite. Você sabe, aquele lance que saiu no jornal. Ah, e a Petra também quer ir. E a Ashley. *Não* ponha a gente pra fora de novo. Isso não é aceitável.

Emily me lançou seu sorriso branco-perolado de modelo adolescente. Se ela estivesse tentando me vender creme dental, provavelmente eu compraria.

Considerarei contar para a Emily que nem sabia se *eu* mesma iria à minha própria festa naquela noite. Não sabia se eu queria, nem se receberia permissão para sair. Mas, francamente, aquilo não era problema dela.

— Só isso? — perguntei.

Emily apertou os lábios, como se não tivesse ocorrido a ela que essa transação tão vantajosa talvez pudesse fazer com que eu lhe devesse mais algum outro favor e queria ter certeza de que usaria esse crédito com sabedoria. Por fim, ela quis saber:

— Você realmente tentou se matar? Ou aquela vaca esquisita inventou tudo?

Sem pronunciar nem uma única palavra, ergui o braço esquerdo. O meu pulso ficou bem na altura dos olhos de Emily. Ela cruzou os braços sobre o peito e continuou a pressionar os lábios enquanto me examinou por um momento, medindo as minhas três cicatrizes perfeitas. Finalmente, comentou:

— Você sabia que deveria ter ser cortado *na horizontal*, né? Você fez errado.

Olhei para Emily e pensei no que poderia ter acontecido se eu tivesse me cortado na horizontal. Ou no que não teria acontecido. Char não teria terminado o nosso lance. Alex não estaria louca da vida comigo. Pippa não me odiaria.

E eu nunca teria conhecido Vicky. Nunca teria dado o meu primeiro beijo. Nunca teria calçado escafpins de pedraria. Nunca

teria ouvido Big Audio Dynamite. Nunca teria descoberto a Start. Nunca saberia que eu podia ser uma dj.

Emily Wallace não sabia do que estava falando. Jamais saberia.

*Você fez errado*, ela disse.

— Não. Não fiz nada errado — respondi. E então o carro da minha mãe parou na frente da escola, dei as costas para Emily e fui embora.

Mis-shapes, mistakes, misfits. Raised on a diet  
of broken biscuits.

Oh, we don't look the same as you, and we  
don't do the things you do,  
but we live'round here, too.

"Mis-shapes", Pulp

18

— Você deveria ter nos contado — a minha mãe disse enquanto dirigia para a feira da Alex. Antes da minha mãe me buscar, o senhor Witt ligou para ela para informar a identidade da autora do blog e assegurar que a Escola Glendale era, mais uma vez, como ele tinha prometido, uma Escola Muito Boa. — Você deveria ter mostrado aquele diário pro seu pai, pra mim ou Steve e já teríamos posto um ponto final em tudo isso há muito tempo.

*Vocês não poderiam ter posto um ponto final em nada disso, eu queria falar para a minha mãe. Vocês não têm o poder da Emily Wallace.*

— Você não acha que uma conversa sobre o que estava acontecendo seria mais produtiva que destruir o projeto da Alex?

— Eu pensei que estava ajudando a minha irmã. Pelo menos naquele momento.

— E agora?

— Agora... não. Eu não acho mais isso.

A minha mãe concordou com a cabeça.

— Você é mesmo um docinho muito esperto, Elise.

Eu adorava quando ela me falava isso, porque a minha mãe era a única pessoa no mundo que podia me dizer uma coisa dessas sem parecer que era zoação.

— Então não estou mais de castigo?

A minha mãe soltou uma gargalhada enquanto freava ao ver uma placa de “pare”.

— Não importa o quanto você tenha percebido que o seu ato foi errado, você realmente feriu a sua irmã. E você realmente feriu essa família. Não posso deixar que você se safe assim tão fácil. Não seria justo. Você ainda está de castigo, mas tem uma coisa que você *tem autorização* pra fazer: voltar pra casa.

A ideia de voltar para a casa da minha mãe depois de uma semana fora, deitar na cama espaçosa que eu tinha lá, brincar de luta com Osso e Mordedor, sentar com Alex, Neil e Steve ao redor da mesa do café da manhã, ter a Conversa da Hora do Jantar... isso tudo me fez sorrir.

— Eu adoraria voltar pra casa — eu disse. — De verdade.

A minha mãe parou o carro no estacionamento da escola da Alex e, juntas, fomos andando até a feira.

Na Escola de Ensino Fundamental Glendale East, todos estavam muito animados. O campo de futebol estava cheio de barraquinhas dos alunos do segundo ano. As crianças mais velhas corriam de um lado para o outro vendendo pipoca e algodão-doce. Havia até mesmo um pula-pula em formato de castelo. Steve, Neil e Alex já tinham chegado e estavam atrás do balcão da barraquinha substituta da minha irmã, que era formada por algumas caixas de papelão presas por fita adesiva, com uma pilha de poemas rabiscados rapidamente. Não era nada comparado ao verdadeiro castelo da poesia. Na verdade, parecia mais um barraco. Isso me deu um nó na garganta.

— Ei. — Eu me abaixei para falar com a minha irmãzinha. — Posso conversar com você um pouco?

Alex fez que não com a cabeça e se escondeu atrás das pernas da minha mãe. Por um breve momento, torci para que o meu código genético não incluísse tanta teimosia.

— Só escute o que a sua irmã tem a dizer, Alex. — A minha mãe deu um passo para o lado. — Deixe que ela se explique.

Alex amarrou a cara e se afastou um pouco da barraca comigo. Ela segurava com força uma das suas Barbies preferidas, me encarando como se eu pudesse, do nada, pegar uma espada e cortar todos os membros da boneca.

— Alex — comecei —, desculpe. Eu não devia ter destruído o seu castelo. Nunca mais farei nada parecido.

Ela fingia me ignorar, murmurando alguma coisa com a Barbie enquanto fazia com que a boneca rastejasse pelo galho de uma árvore próxima, claramente absorta em algum jogo imaginário.

Isso me deu uma ideia.

— Você sabe aquela brincadeira que você gosta, Prisioneiras do Fundo do Mar? — perguntei a ela.

— Não posso mais brincar disso. — Essas foram as primeiras palavras que a minha irmã me falava desde a última sexta-feira.

— Mas você sabe a bruxa má das profundezas do Prisioneiras do Fundo do Mar? — continuei. — Aquela que entra na cabeça das bonecas e as transforma em pessoas do mal?

Alex fez que sim com a cabeça por um segundo, sem olhar para mim.

— Foi tipo o que aconteceu comigo, Alex.

Ela olhou para mim e então uma ruga surgiu na testa da minha irmã.

— Não era uma bruxa do mar de verdade — expliquei. — Foi uma pessoa que eu conheço. Mas foi assim que eu me senti, como se todos esses pensamentos ruins estivessem na minha cabeça e eu não sabia que, na realidade, eles não eram meus. E foi por isso que destruí o seu castelo. Não foi *culpa* da bruxa do mar, já que fui eu a responsável. Mas só fiz aquilo porque estava dando mais ouvidos do que deveria a essa pessoa. Isso faz algum sentido?

Eu não sabia dizer se tinha levado aquela analogia muito longe, nem se pessoas de sete anos são capazes de entender analogias, mas, depois de um momento, Alex assentiu.

— Sinto muito por você ter uma bruxa do mar — ela disse.

— Eu também.

— Mas... — Ela balançou a cabeça de um lado para o outro como se tentasse evitar qualquer tipo de simpatia por mim. — Você *destruiu* o meu *castelo da poesia*. Isso foi mau, Elise. Foi a pior coisa que alguém já me fez. E eu sei que as bruxas do mar são do mal, mas *eu não ligo* pro motivo que você teve pra fazer isso. Você *não devia ter feito*.

— Eu sei. Me desculpe, Alex. Eu sei.

Mas já era tarde demais. Alex já tinha dado o fora.

E, depois disso, eu não sabia o que fazer. O que se faz quando a gente pede desculpas, mas mesmo assim não é o suficiente?

Andei pela feira devagar. Vi uma barraquinha de correios, uma que vendia biscoitos e outra que vendia vermes e centopeias, apesar de o aluno responsável pelo negócio ter me informado que as centopeias estavam em falta.

Sorri para todas as crianças e disse que tinham feito um ótimo trabalho. Mas, por dentro, sentia que o meu coração estava partido. Porque a minha mãe estava certa: a barraquinha da Alex ia ser a melhor de todas.

A questão era que a barraquinha substituta não era pior que metade das outras espalhadas pelo campo de futebol. Numa semana, ela tinha construído algo tão bom quanto o restante dos seus colegas de classe. Só que aquilo era apenas uma fração do quanto ela podia ser impressionante.

E a culpa era minha e do que eu tinha feito para ela.

Naquele momento, parei entre uma barraquinha que vendia flores de papel machê e outra que anunciava esculturas de lama. E, de repente, tomei uma decisão definitiva: eu queria discotecar na minha festa naquela noite. Não para provar que Char estava errado, não para pôr Emily e as amigas dela na lista vip, por nada disso. Simplesmente porque Alex merecia o meu melhor. E eu também.

Quando a feira terminou e todas as barraquinhas foram desmontadas, a minha mãe e Steve levaram Alex, Neil e eu para comprar uma pizza.

Pizza era um petisco raro na família Myers, reservado apenas para ocasiões especiais, como quando alguém vencia um concurso de arte, interpretava o papel principal na peça da escola, conquistava a vitória definitiva contra a indústria do petróleo ou sobrevivia à mais traumática feira do segundo ano da história.

— Vamos pedir uma de pepperoni — Alex sugeriu enquanto caminhávamos até o estacionamento da escola.

— Vamos pedir uma com calda de chocolate — Neil acrescentou.

— Vamos pedir de pepperoni *com calda de chocolate* — Alex decidiu.

O que pediríamos seria uma pizza de queijo de soja, sem nenhum complemento. Como sempre.

Alex e Neil foram no carro do Steve e eu segui para a Pizzaria do Antonio com a minha mãe.

— Mãe — comecei enquanto deixávamos o estacionamento. — Sei que ainda estou de castigo. Mas... posso sair do castigo *só um pouquinho?*

— Diga-me o que isso significa que responderei se você pode ou não.

Respirei fundo.

— Posso, tipo, tirar uma licença, só por uma noite? Juro que volto pro castigo amanhã mesmo. É que essa noite eu... estão esperando que eu discoteque numa festa. No galpão onde o meu pai me pegou ontem.

A minha mãe soltou um suspiro.

— Eu sei.

— Como assim você sabe?

— O seu pai me disse que a sua foto saiu no jornal. — Ela me olhou com o canto dos olhos e a minha expressão deve ter deixado transparecer a minha surpresa, porque ela comentou num tom seco: — Sabe, não é porque nos divorciamos que não somos capazes de trocar e-mails civilizados.

— Então eu posso ir?

As unhas das mãos da minha mãe tamborilaram contra o volante e a voz soou tensa quando ela respondeu:

— Você não deveria ficar na rua tarde da noite. Você é nova demais pra beber...

— Mas eu *não* bebo — protestei.

— ... e também não posso deixar você sair com gente bêbada. E especialmente *jámais* devo deixar que você entre num carro com um motorista que bebeu.

— Eu não fiz nada disso. Nunca faria.

— Fico apavorada só de imaginar você andando pela rua sozinha durante a noite, porque você é uma menina de dezesseis anos, um alvo fácil. E não quero que você passe o seu tempo com tantas pessoas muito mais velhas, pois me preocupa que possam tirar alguma vantagem de você, só porque é bem mais nova que eles. Acho que nem mesmo você aprecia a forma imprudente com que tem agido nos últimos tempos, e olhe que você teve sorte até agora. Não posso deixar que esse tipo de comportamento continue.

Então era assim. O momento em que a minha mãe me proibiria de voltar à Start. Eu queria me sentir chocada, só que, em vez disso, tudo o que eu sentia era apenas tristeza.

E então, o que tinha me sobrado?

Bem, eu tinha Sally e Chava. E valia a pena ter as duas por perto. Pelo menos, valia mais a pena do que eu tinha imaginado até pouco tempo atrás.

Eu tinha o respeito da Emily Wallace e companhia. Na verdade, eu não achava que elas algum dia viessem realmente a gostar de mim, mas estava tudo certo mesmo assim. Eu também não esperava gostar delas. Mas esperava que não fossem me oferecer uma outra transformação tão cedo.

Eu tinha Vicky e Felipe e talvez, algum dia, se ela conseguisse me perdoar, Pippa. Eles não eram amigos de balada. Eles eram amigos da vida real.

Eu tinha lembranças das minhas noites de glória.

Eu tinha menos que duas semanas antes, porém mais que em setembro.

— Mas — a minha mãe começou a dizer quando viramos na rua da Pizzaria do Antonio.

— Mas — repeti, voltando para o planeta Terra.

— Não vou dizer que você não pode ir.

Eu pisquei.

— Como assim?

Ela inspecionou a rua em busca de uma vaga.

— Mais que qualquer outra coisa que eu não desejo pra você, não quero impedir a minha filha de fazer uma coisa que ela ama tanto. Não posso fazer isso. Não seria justo.

Senti as lágrimas surgirem nos meus olhos, só que não eram as mesmas da última quinta à noite, quando cheguei em casa depois da Start.

— Obrigada — sussurrei.

— Mas tem uma condição. — A minha mãe encontrou uma vaga e manobrou o carro para entrar de ré. — O seu pai vai te levar e te buscar.

Esfreguei os olhos para secá-los.

— Você está brincando, né? Você acha que o meu pai está a fim de ir a uma casa noturna que funciona dentro de um galpão abandonado e ficar por lá até, tipo, três da manhã?

— Não. Na verdade, tenho certeza de que ele não sente a menor vontade de fazer isso. Mas ele quer ter certeza de que você está em segurança. Nós *dois* queremos ter certeza de que você está em segurança. Sempre. E se isso significa que o seu pai vai ter que ficar acordado até o sol nascer de vez em quando, então é o que nós iremos fazer. — Abri a boca, mas ela não me deixou falar. — Nem tente argumentar, ou então você não vai a lugar nenhum essa noite.

— Tudo bem — concordei baixinho. — Combinado.

Ela desligou o carro e olhou para mim.

— Estou muito desapontada com você, Elise.

— Eu sei.

— Não só pela maneira como você tratou a Alex. Eu realmente acredito que você está tentando consertar as coisas, mesmo que isso leve algum tempo. Mas sim pela maneira com que você *me* tratou. Se você queria fazer algo como dar uma caminhada no meio da noite ou se divertir numa casa noturna, deveria ter me contado. Sou a sua mãe, mas também sou uma pessoa razoável. Acho que poderíamos ter dado um jeito.

Afastei o cabelo do meu rosto.

— Nem sempre você pode garantir a minha segurança — eu disse. — Não basta só você ou o meu pai estarem em casa todas as noites, me deixar de castigo ou fazer com que eu tenha um acompanhante para me vigiar todas as vezes que eu puser os pés pra fora de casa. Não é assim que as coisas funcionam.

O que eu queria explicar a ela é que existiam perigos por todos os lados. Na escola, no ônibus, no refeitório, na Start, dentro de mim. Nem ela, nem o meu pai, nem ninguém tinha o poder de impedir nenhum deles.

— Sei disso — a minha mãe retrucou —, mas eu *quero* garantir sempre a sua segurança.

Saímos do carro e nos juntamos ao resto da família na fila da Pizzaria do Antonio. Neil conseguiu ficar quietinho por quase três segundos antes de se entediar e começar a rugir e girar pendurado nas pilastras. Alex o convenceu a participar de uma brincadeira em que eles fingiam ser leões que estavam sendo perseguidos por caçadores com arpões. Assim, eles começaram a rastejar pelo chão e a engatinhar, passando por cima dos pés dos outros clientes. Steve tentava dizer coisas razoáveis, como: “Campeão, esse chão está muito sujo. Você quer mesmo toda essa sujeira nas suas mãos?”, enquanto eu pus os fones de ouvido, liguei o meu iPod e fingi que nunca tinha visto ninguém daquela família na minha vida.

Finalmente, chegou a nossa vez.

— O que vocês vão querer? — perguntou o cara do outro lado do balcão.

Ergui os olhos. Eu conhecia aquela voz.

Era Char.

O cara que estava anotando o nosso pedido, o cara que vestia uma camisa branca de botões para dentro da calça e um avental, o cara que falava com a minha mãe naquele exato momento *era Char*.

Quando ele me viu, arregalou os olhos. Ele abriu a boca, mas logo em seguida a fechou novamente.

— *Rrrraarr!* — Alex berrou aos meus pés.

— Uma pizza simples, por favor — a minha mãe pediu a Char enquanto revirava a bolsa em busca da carteira. — Com queijo de

soja.

Fazia só uma semana desde que Char e eu tínhamos nos falado pela última vez, desde que ele tinha me dito que não queria mais me ver. Uma semana não é muito tempo. Geralmente se passam várias e várias semanas sem que nada aconteça.

Só que muita coisa tinha mudado naquela última semana. Até mesmo Char, debaixo das luzes fluorescentes da pizzaria, com o avental manchado de molho de tomate, não era mais o mesmo. E enquanto uma semana antes o fato de perdê-lo tinha partido o meu coração, naquele dia eu o vi e senti apenas tristeza. Char nunca seria a pessoa que eu esperava que ele fosse.

Mas eu também jamais seria a pessoa que ele esperava que eu fosse. E estava tudo bem.

— Vocês aceitam cartão de crédito? — a minha mãe quis saber.

— Desculpe, só trabalhamos com dinheiro — ele informou.

As coisas não estavam indo do jeito que eu imaginava. Só que muitas vezes a imaginação não corresponde ao absurdo, à casualidade e à tragédia da vida real.

— Então, o que traz vocês à Pizzaria do Antonio hoje? — Char perguntou enquanto dava o troco para a minha mãe.

— Estamos apenas celebrando os nossos filhos — ela respondeu.

— Aquela leoa ali no chão construiu a melhor barraquinha da feira do segundo ano.

Alex urrou e se contorceu como se os caçadores do safári a tivessem atingido. Ela caiu aos meus pés, o que poderia ser um progresso, já que mais cedo ela não havia deixado nem que eu a tocasse. Pensei em como era engraçado que a cabana da poesia toda remendada com fita adesiva da Alex ainda fosse considerada “a melhor” pela minha mãe.

— E essa moça aqui — a minha mãe passou um dos braços ao meu redor e me apertou — está prestes a se tornar a disc jockey da melhor festa que essa cidade já viu.

— *Mãe!* — Soltei um assovio e me retorci para escapar do abraço.

No chão, Alex também assoviava. De alguma forma, a leoa morta havia se transformado numa cobra.

— Ela fica envergonhada com qualquer coisa — a minha mãe explicou a Char. — Adolescentes.

Se eu tivesse um dos arpões imaginários da Alex, não hesitaria em golpear a boca da minha mãe naquele momento.

— Parece que vai ser uma grande noite. — Char olhou bem nos meus olhos, como havia feito tantas vezes, e eu quis envolvê-lo nos meus braços tanto quanto senti vontade de dar um soco bem no estômago dele. — Boa sorte.

Soltei a língua do céu da minha boca.

— Obrigada — respondi.

Uma sineta tocou.

— A pizza está pronta. — Char ergueu um dos braços para trás e em seguida passou uma caixa para a minha mãe. — Tenham uma boa noite, pessoal.

— Ah, não se preocupe — eu disse antes de me virar para ir embora. — Eu terei uma noite excelente.

Junta, a família Myers caminhou para fora da pizzaria: os fundadores da cocopefi, uma dj adolescente e duas cobras deslizaram pela porta.

And we're just like how Rousseau depicts man in the state of nature: we're underdeveloped, we're ignorant, we're stupid, but we're happy.

"You! Me! Dancing!", Los Campesinos!

19

Quando o meu telefone tocou algumas horas depois, eu já sabia quem era. Eu sabia porque era o único número salvo no meu celular, que os meus pais gentilmente me devolveram naquela manhã, quando estávamos na escola. Depois do que aconteceu na noite anterior, eles me disseram que queriam ter certeza de que poderiam sempre entrar em contato comigo.

— Oi, Amelia — eu atendi.

— Elise? — A voz dela era hesitante, gentil, esperançosa.

E a simples maneira com que ela disse o meu nome me levou de volta ao passado, a alguns meses antes. Olhei para o canto da sala, como se esperasse ver um fantasma de mim mesma ainda ali, com as costas pressionadas contra a parede, o braço esquerdo aninhado no peito, enquanto a mão direita segurava o telefone que me conectava com Amelia Kindl.

— *Elise?*

— *Oi, Amelia.*

— *O que aconteceu?*

— *Eu me cortei.*

— *Ah, não! Você está bem?*

— *Não sei.*

— *Os seus pais estão aí? O que aconteceu?*

— *Eu me cortei. Três vezes.*  
— *Coitadinha! Como?*  
— *Com um estilete.*  
— *Espera aí. Como assim? Elise, o que foi mesmo que você disse?*

— *O meu pai adora cortar artigos do jornal. Sabe como é, o meu pai dá esses recortes pras pessoas que ele acha que vão se interessar pelo assunto. Bem, na maior parte das vezes, ele dá esses artigos pra mim. Não acho que ele corte matérias do jornal pra outras pessoas.*

— *Elise, o seu pai está aí com você? Há alguma outra pessoa aí?*  
— *Não. O lance é que o meu pai tem um estilete. Pro jornal.*  
— *Você está sangrando?*  
— *Estou, mas não muito, na verdade. É estranho. Não dói tanto quanto eu pensava. Quando eu tinha seis anos, fiquei irritada com a minha mãe e bati a porta, só que, de alguma forma, a porta prendeu os meus dedos. Espirrou sangue pra todos os lados. Doeu muito mais que isso aqui. Apesar de ter sido um acidente.*

— *Elise, vou ligar pra emergência, o.k.?*  
— *Não precisa. Acho que vai ficar tudo bem.*  
— *Não, eu quero fazer isso, certo? Quero ajudar. Você pode esperar um pouco na linha enquanto eu ligo pra eles?*  
— *Você quer me ajudar?*  
— *É, quero sim. É claro que quero. Posso te pôr na espera só por um segundo?*

— *Ótimo. Já que você quer ajudar tanto. Você me vê, Amelia?*  
— *Não estou entendendo o que você quer dizer.*  
— *Você me vê! Vamos pra escola juntas todos os dias desde o sexto ano. Você me entende? Você entende por que fiz isso comigo mesma? Entende?*

— *Claro, Elise, é claro. Me deixe...*  
— *Você pode, por favor, me explicar isso?*  
— *Vou ligar pra emergência agora. O socorro estará aí daqui a pouquinho. Tudo vai ficar bem.*  
— *Mas será que você não podia simplesmente conversar comigo? Nada. Apenas o silêncio. E, então, as sirenes.*

— Elise, você está aí? — Amelia perguntou. A voz dela no meu ouvido foi como um tapa que me trouxe de volta para o presente.

— Estou aqui.

— Ótimo! Olha só, estou ligando pra pedir desculpas por aquela coisa com a Marissa. Só essa tarde descobri que era ela quem escrevia aquele blog e me senti terrível. Simplesmente *terrível*. Eu não devia ter te acusado de ter falado coisas cruéis sobre mim na internet, porque é claro que você não tinha feito nada daquilo, só que eu pensei que tinha sido você. E também não devia ter contado pra Marissa que você me ligou naquele dia em setembro quando... bem, você sabe. Eu não tinha nada a ver com a história, sei disso. Juro que só contei pra poucas pessoas: os meus pais, a Marissa, umas duas amigas. Queria que você soubesse que não andei espalhando pela escola que você... sabe como é, que você se machucou. O problema foi que entrei em pânico quando você me ligou, eu não sabia o que fazer, por isso conversei com algumas das minhas amigas mais próximas. Eu não estava tentando espalhar fofocas sobre você nem nada do gênero.

— Amelia, está tudo bem.

— Sinto muito, de verdade, pela maneira como a Marissa tratou você. Eu não fazia a menor ideia de que ela era assim.

Naquele momento, me ocorreu que a Amelia não era muito boa em decifrar o público.

— Eu simplesmente sinto como se toda essa coisa fosse minha culpa — ela continuou. — Tem algo que eu possa fazer pra te ajudar?

Pensei em todas as respostas que eu teria listado se ela me fizesse a mesma pergunta alguns meses antes. *Deixe eu sentar com você na hora do intervalo. Me convide pra sair nos fins de semana. Me mande uma mensagem de texto de vez em quando. Ouça a seleção de músicas que fiz pra você. Venha jantar com a minha família e, quando terminarmos de comer, vamos fingir que fazemos o dever de casa na sala enquanto a minha irmã e o meu irmão nos distraem e nós fingimos que eles estão atrapalhando.*

Só que Amelia era legal. E isso era tudo. O que não a tornava minha amiga, o que não a tornava especial nem a tornava nada

daquilo que eu queria que ela fosse. Não tinha nada a ver comigo. Ela era apenas legal.

— Amelia, não se preocupe com isso. Não foi culpa sua — eu disse por fim.

— Eu só... quando eu liguei pra emergência daquela vez... Eu estava tentando ajudar. E eu senti que o tiro tinha saído totalmente pela culatra, sabe como é?

— Você fez a coisa certa ao chamar a ambulância. Você não tinha noção da seriedade da coisa. Você não estava aqui comigo. — Pensei no que eu faria se alguém me ligasse do jeito que eu liguei para Amelia. Quão em pânico eu me sentiria? E a responsabilidade? — Eu teria feito a mesma coisa se estivesse no seu lugar.

— Sério mesmo?

— Sério. Eu teria feito a mesma coisa, Amelia. Não estou irritada com você.

Depois que desligamos, fiquei sentada na cama por um momento, com o telefone aninhado nas mãos. Havia mais uma pessoa com quem eu precisava falar. Assim, ergui novamente o telefone e digitei o número da Vicky.

Ela respondeu no primeiro toque.

— Onde diabos você se meteu?

— De castigo.

— Castigo — Vicky repetiu.

— É, eu... É uma longa história. Fiz uma parada cruel com a minha irmã, por isso a minha mãe confiscou o meu telefone.

— Você podia ter me mandado um e-mail ou qualquer coisa do tipo — Vicky lembrou. — Você podia ter encontrado algum jeito de me dizer que estava tudo bem.

— Eu sei. Desculpe.

— Na última vez que nos vimos, você basicamente me disse que era suicida porque ninguém gostava de você. Em seguida, tudo o que eu sabia era que você tinha desaparecido, a Pippa e o Char estavam se pegando e você não deu notícias por uma semana. Eu surtei, Elise. O *Felipe* surtou. E olha que ele *nunca* surta.

— Eu não sou suicida. — Ergui o braço bem na minha frente e o virei para a frente e para trás. Palma para cima. Palma para baixo.

Agora você parece ferrada. Agora você parece inteira.

— Isso não é a história que o seu braço tem pra contar.

— Eu fiz aquilo há muito tempo. Antes de conhecer você, o Felipe, o Mel, a Pippa, o Char, o Pete, a Start. Eu não sabia como a vida podia ser boa. Mas agora eu sei. E jamais faria isso novamente.

— Acho que posso falar como uma especialista em pessoas que causam danos ao próprio corpo. Posso?

— Vá em frente.

— *Isso não vale a pena.* Sério, às vezes, o ensino médio é mesmo podre. Algumas pessoas te sacaneiam, sempre que querem, sem nenhum motivo além do fato de que elas podem fazer isso. Só que machucar a si mesma é dar todo o poder a essas pessoas e elas *não merecem isso*. Por que elas mereceriam ter controle sobre a sua vida? Porque são descoladas? Porque são bonitas? Isso é totalmente ilógico.

— Onde você aprendeu essas coisas? — perguntei a ela.

— É como eu disse. Muita terapia. — Vicky fez uma pausa. — Também já quase morri de desnutrição. Isso me deu outra percepção das coisas.

— Obrigada, Vicky.

— De qualquer modo, agora que você está viva, a segunda coisa mais importante: a festa de hoje ainda está de pé? Você já saiu do castigo?

— Pelas próximas nove horas, mais ou menos — respondi.

— Tudo bem. Então preciso ir procurar alguma coisa que não seja uma camisola. — Ela fez outra pausa. — Tenho uma última pergunta sobre esse lance de automutilação.

— Não estou muito a fim de conversar sobre isso, Vicky.

— Não vamos conversar. Só tenho uma última pergunta. O que o Char falou sobre essa história?

Fiz uma careta, confusa.

— Nada. Quero dizer, ele não sabe. Por que o Char saberia?

— Porque vocês ficaram — Vicky disse com suavidade. — Por semanas.

Pensei no assunto: no número de vezes que ele tirou a minha camiseta, ou pegou as minhas mãos nas dele, beijou os meus

ombros.

— Acho que ele nunca percebeu.

— Não. Acho que ele nunca deve ter percebido mesmo.

— Falando no Char, esbarrei com ele na pizzeria hoje à tarde.

— E o que ele disse? — ela perguntou. — Ele pediu desculpas?

— Não.

— Implorou pra que você desse mais uma chance pra ele?

— Não.

Ela suspirou bem alto.

— Ele é mesmo um desperdício de um bom penteado.

— Ei, você sabe qual é o nome verdadeiro do Char?

Vicky nem mesmo parou para pensar.

— Claro. É Michael. Michael Kirby. Por quê?

— Nada não. Vejo você à noite.

Desligamos depois disso. Então abri o meu computador e dei um Google em “Michael Kirby”.

Eu queria saber quem era o verdadeiro Char. Sem personagens, aparências, fingimento.

Aquilo foi fácil. Tão fácil que fiquei me perguntando por que eu nunca havia perguntado antes o nome dele a alguém. Em dez minutos, eu tinha um retrato completo de Michael Kirby.

Ele tinha dezenove anos e ia completar vinte na semana seguinte. Havia crescido em Westerly, uma cidade a cerca de sessenta e cinco quilômetros de Glendale, e era o irmão do meio de uma família com três filhos. Na equipe de atletismo da escola, ocasionalmente terminava entre os cinco primeiros nos quatrocentos metros, mas não com muita frequência. Era um dos oito trombonistas da banda marcial da escola. Assisti a um vídeo deles tocando numa feira local, mas tive que repeti-lo porque não conseguia dizer qual dos trombonistas de uniforme azul era ele. O pai de Michael trabalhava na construção civil e a mãe era secretária em meio período de Russell Gold, dentista, “Onde o seu sorriso nos faz sorrir”.

No primeiro ano da faculdade, Michael ajudava na estação de rádio universitária e morava no Dormitório Hutton. Havia uma foto dele vestindo uma calça de pijama numa pausa entre os estudos

com uma legenda que dizia: *O lanchinho especial de Michael: cereal!* Ele tinha então passado para o segundo ano e se tornara estudante em meio período, pois trabalhava o resto do tempo como balconista na Pizzaria do Antonio. Ele era responsável pelo site da pizzaria e quando cliquei em "fale conosco", no finalzinho da página, o e-mail que apareceu foi michael@pizzariadoantonio.com.

Aquele era o Char. Estava tudo ali, com detalhes, na internet. Era um retrato simples de uma pessoa comum, como um milhão de outras, e senti a mágica do Char se desfazer no ar, como se eu tivesse soprado um monte de poeira.

Só que você sabe melhor que qualquer outra pessoa como a internet vê tudo e nada ao mesmo tempo.

Depois de tudo o que me dei ao trabalho de descobrir sobre Michael Kirby, resolvi conferir o meu próprio nome.

Por que você fez isso? Por que você quer ver o que as outras pessoas dizem que você é?

Acho que foi porque hábitos antigos são difíceis de ser abandonados.

Os dois primeiros resultados foram os mesmos de sempre. *Elise Dembowski, médica. Elise Dembowski, Tampa, Flórida, superintendente escolar.*

Mas o terceiro foi diferente. *Elise Dembowski, suicídio* caiu na lista. A terceira coisa que apareceu quando digitei o meu próprio nome foi *Elise Dembowski dj.*

Encarei a tela por um longo momento e sorri. Então fechei o computador e fui me arrumar para a Start.

You can't always get what you want.  
But if you try sometimes, you just might find,  
you get what you need.

"You can't always get what you want", The Rolling Stones

20

— Então quer dizer que você resolveu aparecer, né? — Mel perguntou quando cheguei à Start mais tarde naquela noite. — Você não consegue ficar longe desse lugar, não é mesmo?

— O que eu posso dizer? A cena precisa de mim — eu disse a ele.

Mel soltou uma risada.

— Mandou bem, garota! — E só então ele percebeu quem estava atrás de mim. — Olá. — Ele esticou um dos braços, pronto para um aperto de mão. — Sou o Mel.

— Sou Joe Dembowski. Pai da Elise.

Fechei os olhos por um segundo. *Por favor, não faça nada que vá me envergonhar, pai!* Na verdade, a minha esperança mais profunda era que ele não se apresentasse como uma pessoa que tivesse qualquer conexão comigo e ponto final. Que ele deixasse que todos achassem que ele era apenas um cara que queria se dar bem com alguma garota mais nova e gostava de se divertir sozinho em festas realizadas em galpões.

— Veio ver a grande estreia da sua filha? — Mel balançou a cabeça. — Você tem um pai e tanto — ele me disse. — E não se preocupe, Joe. Não preciso ver a sua identidade.

— Você tem tomado conta da Elise? — O meu pai olhou Mel de cima a baixo.

Mel deu de ombros, modesto.

— Quando ela me permite.

O meu pai riu e deu um tapinha no ombro dele.

— Entendo o que você quer dizer.

E, assim, entramos na Start.

— Então é aqui que você vinha passando o seu tempo? — O meu pai olhou ao redor. A festa ainda não tinha começado, de forma que o galpão estava praticamente vazio. O iPod do *bartender* tocava baixinho nos alto-falantes.

— Parte do meu tempo — respondi com cuidado.

O meu pai deu de ombros, como se não estivesse impressionado. E depois caiu na risada.

— Quer saber de uma coisa? Você já foi a tantos shows meus ao longo dos anos que estou feliz por finalmente ter a chance de retribuir.

— Também estou feliz — eu disse, e isso era a mais pura verdade. Feliz por termos voltado a nos falar, por ele entender o que era se apaixonar pela música, feliz por ele não ser como o pai da Sally. Do nada, dei um abraço nele.

— Estou orgulhoso de você, filhota — o meu pai murmurou. — Vá lá e quebre tudo.

— Obrigada, pai. Agora será que você podia, por favor, sentar lá no bar e fingir que não me conhece até o final da noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Você venceu.

Fui para a cabine do dj e comecei a montar as minhas coisas. Char sempre cuidava dessa parte com antecedência, por isso fiz tudo devagar, verificando várias vezes o que eu fazia para ter certeza de que todos os cabos estavam conectados corretamente.

Assim que eu tinha acabado de plugar os últimos cabos, o pessoal da Dirty Curtains chegou.

— Faaaaaala, Glendale! — Felipe berrou, erguendo uma das baquetas no ar. — Tudo bem com vocês essa noite? Glendale detooooona!

— Felipe — Vicky disse, um passo atrás dele. — Já conversamos sobre isso. O baterista não fica de papo com a plateia.

— E o guitarrista? — Dave perguntou enquanto levava a guitarra para o palco. — O guitarrista pode bater papo com o público?

— Não — disse Vicky.

Dave deu de ombros.

— Isso é bem legal. Eu não queria mesmo bater papo com ninguém.

— *Eu* queria — Felipe retrucou e elevou a voz novamente. — Glendale, levantem a mão se vocês são sexys! Quero ver todas as mãos sexys no ar! Mãos que não são sexys, podem dar o fora.

— Juro por Deus — prometeu Vicky — que vou manter as conversas com a plateia sob controle. *Eu vou conversar com a plateia*. Vocês dois vão só tocar a porcaria dos seus instrumentos.

Desci da cabine e dei um abraço na Vicky.

— Sério. Eu estou *surtando*. — Vicky me largou e deu um passo para trás. — Agora me fala a verdade: esses cílios postiços me deixaram parecida com um Meu Querido Pônei?

— Vicky! — Eu ri. — Desde quando você tem pânico de palco?

— Bem... desde que eu nasci?

— Mas você já se apresentou em vários lugares. Você era líder de torcida — lembrei a ela.

— E berrar “Vão, Galos da Roosevelt, vão, vão!” num collant amarelo e verde realmente me preparou pra cantar na frente de toda a Start. Seja como for, essa é a primeira vez que vou tocar as *minhas* músicas. As músicas que *eu* escrevi. Sem falar que essa é a primeira vez na história que a Dirty Curtains se apresenta. É como se, do nada, a Dirty Curtains se transformasse numa banda de verdade, em vez de uns caras que jogam video game na minha tv e espalham pelos de barba por todo o meu tapete enquanto tento fazer com que eles ensaiem.

Olhei para os outros dois membros da Dirty Curtains, que plugavam os seus instrumentos nos amplificadores e diziam: “Testando um, dois, três”, “Essa coisa está ligada?” e “Babaca, babaca, babaca” nos microfones.

— Pra mim, eles parecem uma banda de verdade — comentei.

— Só não quero que você se arrependa por ter nos chamado pra tocar na sua grande noite — disse Vicky. — A gente pode mandar muito mal. Você está pronta pras pessoas nos ouvirem e, tipo, vomitarem por toda a pista de dança?

— Vicky. — Pus as mãos nos ombros dela. — Repita depois de mim. *Eu mereço estar aqui.*

— Eu mereço estar aqui. — Vicky olhou bem nos meus olhos.

— *Eu não ligo a mínima se alguém achar que eu pareço ridícula.*

— Eu não ligo a mínima se alguém achar que eu pareço ridícula.

— Vicky repetiu baixinho.

— Tudo bem. — Tirei as mãos dos ombros dela. — Faça o que você tem que fazer. Manda ver!

E então Vicky foi ajudar os meninos a terminar de montar as coisas enquanto eu voltei para a cabine e pus os meus fones de ouvido. Engatilhei “Teenage kicks”, dos Undertones. E quando deram dez horas, Mel abriu a porta e a galera foi entrando. A noite tinha começado.

A sensação de tocar numa festa minha era muito diferente. Todo o sucesso da noite estava sobre os meus ombros. Se eu mandasse mal, não teria Char para me salvar. Mas também havia alguma coisa naquilo de que eu gostava. Porque, se a noite fosse um sucesso, eu não teria Char para levar o crédito. Aquilo era tudo meu.

E, à meia-noite, eu estava pronta para dizer: a noite foi um sucesso. A pista de dança estava cheia. Uma massa pulsante de corpos se mexia ao som de todas as músicas que eu tocava. Char me ensinou a decifrar a multidão como eu decifrava as palavras quando lia um livro, só que naquela noite eu tinha ido além. Sentia como se veias e artérias invisíveis corresse entre mim e cada uma das pessoas no galpão, trocando informações de forma instantânea e silenciosa. Não era como ler uma história. Era como escrever uma história.

E *todo mundo* estava lá. Vi, é claro, a galera da Dirty Curtains abrindo caminho em meio à multidão, e Pippa, Pete, Tommy Flash, Emily Wallace e as amigas, o meu pai.

Todo mundo estava lá, menos Char. A ausência dele ainda me machucava. Só que doía menos do que eu pensava.

Um pouco antes da meia-noite, Vicky apareceu ao lado da cabine do dj.

— Pronta? — ela me perguntou. A Dirty Curtains estava no palco. Dave prendia a correia da guitarra nos ombros e Felipe ajustava o pedestal do microfone.

— Prontíssima.

Ela abriu o maior sorriso e pulou para cima do palco. Diminuí a música que tocava e Vicky gritou no microfone:

— Senhoras e senhores da Start, tenho uma pergunta pra vocês: *Vocês estão prontos pra dançar?*

— U-huuu! — Algumas pessoas berraram, se aproximando do palco.

— Então vamos lá! — disse Vicky, e a Dirty Curtains começou a tocar.

Eles foram extraordinários.

E digo isso não como amiga da Vicky, nem como a garota que convidou a banda para tocar, mas como uma dj que já ouviu centenas de bandas, que vive com fones nos ouvidos, que foi ao seu primeiro show quando tinha só oito meses de idade porque, como disse o meu pai, “Até mesmo os bebês gostam de James Brown, certo?”. Eu já tinha ouvido de tudo e era difícil me impressionar.

Mas a banda da Vicky me deixou boquiaberta.

Em um vestido que lembrava o de uma melindrosa e sapatos dourados de saltos altos, ela caminhava pelo palco com toda a pompa, como uma Tina Turner depois de tomar uns esteroides. O cabelo caía em ondas pelas costas dela, os olhos flertavam com a multidão, a voz não hesitou em nenhum momento. Atrás dela, os meninos tocavam os seus instrumentos como uns loucos, levantando uma parede sonora para que os vocais da Vicky escalassem até o topo.

Todos na Start se espremiavam na frente do palco e dava para ver os flashes de várias câmeras. A pista ficou repleta de faíscas de luz.

Vicky marchou para a frente do palco e segurou o microfone diante dos lábios pintados de vermelho vivo quase como se o estivesse beijando. As palavras saíam como tiros de canhão.

*Ei. É, você. Você com esses olhos.*

*Você gosta do que vê?*  
*Você gosta do meu peito?*  
*Você gosta? É, você gosta?*  
*Eu passei no teste?*  
*Eu passei? É, eu passei?*  
*Você gosta do meu cabelo?*  
*Bem, vou te mandar a real, queridinho...*

E então ela se inclinou para a frente, como se fosse contar um segredo para a plateia, e mandou o último verso:

*Estou pouco me fodendo.*

A plateia se encheu de gritos animados enquanto a Dirty Curtains mandava as últimas notas da música. Quando terminou, Felipe estava visivelmente coberto de suor e Dave matava meia garrafa de cerveja numa única golada. Mas Vicky parecia tão resplandecente como se tivesse acabado de sair de um dia num spa.

— E aí, Start! — ela disse no microfone enquanto batia os cílios postiços. — Nós somos a Dirty Curtains. E gostamos de vocês.

— Nós também gostamos de vocês! — berrou uma voz no fundo da pista.

Vicky soltou uma risadinha.

— Bem, então acho que vocês estão prestes a gostar da gente um pouquinho mais. Meninos, vamos mandar ver!

Felipe bateu uma baqueta na outra e eles começaram a música seguinte.

Eu estava tão absorta na performance da Vicky que nem percebi quando Pippa se aproximou de mim. Só me dei conta da sua presença quando ela já estava ao meu lado dentro da cabine. Ela vestia um vestido preto estilo camisola e tinha uma grande presilha no cabelo, adornada com pedrarias e penas. E trazia um coquetel numa das mãos, o que me fez suspeitar que, seja lá qual fosse a ética contra baladas que os pais dela tentaram lhe impor durante as últimas semanas, não tinha funcionado assim tão bem.

— Oi, Pippa. — Senti o meu coração bater mais depressa.

— E aí? — Ela piscou rapidamente. — Hã... A Vicky está mandando bem, né?

Fiz que sim com a cabeça e esperei que ela continuasse, porque não havia a menor possibilidade de Pippa ter ido até ali só para me dizer que Vicky estava “mandando bem” — o que era, na verdade, o maior papo furado do ano.

— Olha, Elise, eu só queria dizer... bem, obrigada.

— Pelo quê? — perguntei.

— Por isso. — Pippa apontou para o palco. — Obrigada por dar à Vicky uma oportunidade pra tocar.

Dei de ombros.

— Isso não foi nenhum favor. A Vicky tem um talento inacreditável. Ela merece isso.

— É claro — Pippa concordou. — Mas nem sempre as pessoas recebem o que merecem. — Ela passou o peso do corpo de um pé para o outro. Depois de uma pausa, ela voltou a falar. — A Vicky é a minha melhor amiga. Eu faço qualquer coisa por ela. Qualquer um que faça a Vicky feliz se torna uma boa pessoa pra mim. Não importa o que tenha acontecido.

— Obrigada — agradei baixinho. — E eu peço desculpas. Sobre toda essa coisa com o Char.

— Ah. — As bochechas da Pippa ficaram levemente vermelhas. — Sim.

— Mas, você sabe — continuei, esperando que Pippa fosse capaz de lidar com um pouco de sinceridade —, não foi tudo culpa minha. O Char me beijou primeiro. E eu só o beijei de volta.

Pippa baixou o rosto, como se a ideia do Char me beijar a ferisse fisicamente.

— Eu sei. Quero dizer, imagino que tenha sido assim. Acho que eu disse pra mim mesma que era tudo culpa sua porque assim podia continuar a acreditar que não era isso o que o Char queria. Eu só que... eu queria que o Char fosse alguém que ele não é.

— Eu também. Só que ele não é essa pessoa.

— Só que eu acho, de verdade — Pippa de repente ficou um pouco mais animada —, que ele *poderia* ser essa pessoa, sabe?

— Como assim?

— É claro que o Char cometeu erros. Assim como você e eu. Mas só o que importa é que, se eu der algum tempo pra que ele pense

no que aconteceu e explicar que ele me fez sofrer, o Char vai agir melhor da próxima vez.

— Sério?

Os olhos da Pippa se iluminaram com uma intensidade febril.

— Olha só, Elise. Já conheci um milhão de caras e nunca senti por nenhum deles o que eu sinto pelo Char. Tudo nele é perfeito. Quero dizer, a não ser por umas coisas que ele fez comigo. Mas, com toda a sinceridade, com toda a *sinceridade* mesmo, eu acredito que consigo reverter essa parte.

Eu não disse nada. Porque não acreditava em nada daquilo. As pessoas são aquilo que são. Não importa o quanto você tente, é impossível transformá-las naquilo que você quer que elas sejam.

Pippa e eu assistimos ao resto do show da Dirty Curtains lado a lado. Vicky tinha o público na palma da mão. Ela brilhava mais que qualquer flash de câmera fotográfica.

Quando a última música terminou, a Start foi tomada pelos aplausos. Vicky apontou para mim e berrou no microfone:

— Obrigada, dj Elise, por nos convidar pra tocar e por ser a dj mais irada de Glendale!

Fiquei vermelha na mesma hora e revirei os olhos, mas, de alguma forma, os aplausos se tornaram cada vez mais altos enquanto todos os olhos e câmeras se viraram na minha direção.

— Nós te amamos, Elise — Vicky gritou.

A multidão acompanhou o grito:

— Nós te amamos, Elise! Nós te amamos!

Deixei que os gritos continuassem por mais alguns segundos antes de ajustar mais uma vez os mixers e apertar o *play*. A música escolhida foi “Common people”, do Pulp. Houve gritinhos coletivos de empolgação e então a pista de dança explodiu.

Olhei para a multidão e respirei fundo. Tudo aquilo era meu.

De certa maneira, Amelia Kindl estava certa quando me disse que tinha salvado a minha vida. Amelia estava certa, mas não do jeito que ela pensava. Quando viu o bilhete de suicídio do Diário Supersecreto de Elise Dembowski e ligou para o meu pai, ela deu início a uma cadeia de eventos que me levaram a estar na cabine do dj naquela noite. E isso, de certo modo, salvou a minha vida.

Eu tocava “We are your friends”, do Justice vs Simian, e todo mundo pulava, dançava e cantava junto com a música. “*Because we are your friends, you’ll never be alone again, well, come on!*”<sup>[14]</sup> Foi quando Felipe se aproximou da cabine.

— Ei! — ele berrou para mim. — Tudo bem se eu...?

— É claro! — Fiz um gesto para que ele entrasse.

Ele escalou a cabine e ficou do meu lado.

— Você está fazendo um bom trabalho — ele puxou assunto.

— Vocês mandaram ver! — eu falei ao mesmo tempo que ele.

Nós dois rimos.

— Sério, vocês foram incríveis — continuei. — Eu não fazia ideia de que a Dirty Curtains era tão boa.

— Nem eu! — Felipe abriu um sorriso. — E sabe de uma coisa? Tinha um cara velho lá na plateia, ele é de alguma banda da década de 70, e disse pra Vicky que acha que a Dirty Curtains vai dar mesmo em alguma coisa e quer nos apresentar ao empresário dele. Isso não é muito louco?

Eu fiquei mais que empolgada. Achava que não ia conseguir me segurar. Olhei para o meu pai sentado no bar, conversando com o *bartender*.

— Você está certo, Felipe. É muito louco.

— Tudo bem. Agora vamos falar como essa é a melhor festa a que eu já fui em toda a minha vida. Tipo, está até mesmo melhor que a minha festa de sete anos, quando a minha mãe comprou um bolo do Star Wars e brincamos de “Acertar o sabre de luz no jedi”. O.k., estou brincando. Na verdade, esse foi o meu aniversário de treze anos.

Soltei uma gargalhada novamente.

— Ei, Felipe — eu comecei, mas logo parei de falar.

— O que foi, Elise?

Engoli em seco.

— Você quer ir a uma festa bem menos maneira amanhã à noite?

— Com você? — ele perguntou.

- [1] Letra de "Girls and boys", Blur. "Procurando por meninas que são meninos que gostam de meninos que ajam como meninas que transam com meninos como se eles fossem meninas que transam com meninas como se elas fossem meninos." (N. T.)
- [2] "I wanna dance with somebody", Whitney Houston. "Quero dançar com alguém. Quero sentir o calor com alguém. Quero dançar com alguém, com alguém que me ame." (N. T.)
- [3] "Então, quando a noite cai, meu coração solitário grita." (N. T.)
- [4] "Namorada em coma", título de uma música dos Smiths. (N. T.)
- [5] "Bad reputation", de Joan Jett. "Eu não ligo a mínima para a minha reputação." (N. T.)
- [6] Cantora pop sueca da década de 1990.
- [7] "Temptation", do New Order. "Oh, você tem olhos verdes, oh, você tem olhos azuis, oh, você tem olhos cinza." (N. T.)
- [8] "E eu nunca conheci ninguém como você antes." (N. T.)
- [9] "Não, eu nunca conheci ninguém como você antes." (N. T.)
- [10] "A letter to Elise", The Cure. "Oh, Elise, não importa o que você faça, sei que nunca estarei realmente dentro de você, para fazer seus olhos pegarem fogo do jeito que deveriam." (N. T.)
- [11] "Mr. E's beautiful blues", Eels. "Droga, tudo bem, está um lindo dia." (N. T.)
- [12] "How soon is now?", The Smiths. "Há um clube, se você quiser ir. Você poderia encontrar alguém que te ame de verdade. Então você vai e fica sozinho, e vai embora sozinho, e vai pra casa, e você chora e quer morrer." (N. T.)
- [13] "Enforque o dj." (N. T.)
- [14] "Porque somos seus amigos, você nunca mais ficará sozinho, bem, vamos nessa!"